

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA

Gabriela Schmalfluss Borges

**CONSUMO E IDENTIDADES DE TRABALHADORAS RURAIS
POMERANAS E QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL**

Santa Maria, RS
2023

Gabriela Schmalfluss Borges

**CONSUMO E IDENTIDADES DE TRABALHADORAS RURAIS POMERANAS E
QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso/Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Comunicação**.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS
2023

BORGES, Gabriela
CONSUMO E IDENTIDADES DE TRABALHADORAS RURAIS
POMERANAS E QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL / Gabriela
BORGES.- 2023.
234 p.; 30 cm

Orientadora: Veneza Ronsini
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2023

1. Mulheres rurais 2. Consumo 3. Recepção 4.
Identidades I. Ronsini, Veneza II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, GABRIELA BORGES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Gabriela Schmalfluss Borges

**CONSUMO E IDENTIDADES DE TRABALHADORAS RURAIS POMERANAS E
QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso/Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para a obtenção do
título de **Mestre em Comunicação**

Aprovado em 28 de abril de 2023

Veneza Mayora Ronsini, Prof^a Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)
por videoconferência

Nilda Aparecida Jacks, Prof^a Dr^a (UFRGS)
por videoconferência

Milena Carvalho Bezerra Freire De Oliveira Cruz, Prof^a Dr^a (UFSM)
por videoconferência

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

O processo de pesquisa é um período de entrega, marcado por uma série de momentos importantes. Assim, o conteúdo da dissertação não se constrói apenas nas horas em frente ao computador, mas também nas muitas coragens que são exigidas ao longo do caminho.

Os dois anos de mestrado passaram voando e hoje, ao contemplar o que foi percorrido até aqui, tenho certeza que não sou a mesma que ingressou no Poscom em 2021. Foi um tempo de amadurecimento e fortalecimento interno, onde foi necessário reafirmar valores ligados à esperança, à resiliência e à constância. Um ciclo intenso, transformador e que exigiu uma dedicação imensa.

Por muitas vezes, pensei que não ia dar conta, afinal, a vida continua acontecendo enquanto a gente faz pesquisa. O trabalho formal exige, as contas apertam, a casa precisa ser limpa, a comida deve ser feita, a insegurança bate e vários imprevistos acontecem. Ainda assim, achei digno abrir espaço ao sonho, que nunca foi um título acadêmico em si, mas a oportunidade de mergulhar no processo de pesquisa, na ânsia de investigar uma situação que estava aqui, latente, onde vivo.

Enfrentar as responsabilidades da vida adulta, entre elas uma troca de emprego e o fim de uma especialização, em um período tão atípico, como o da pandemia de Covid-19, conciliando com mestrado - de uma forma que fosse saudável, prazerosa e viável - só foi possível porque muitas pessoas fortaleceram meus passos nessa caminhada, e nunca haverá como agradecer todas elas, mas tento:

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, professora Veneza, por ter acreditado nesta ideia quando ainda era um simples projeto. Agradeço sua confiança, sua generosidade, sua paciência e sua parceria para desbravar o mundo desafiador da pesquisa;

Às professoras Milena e Nilda, agradeço pelas importantes contribuições na banca de qualificação, e por aceitarem integrar a banca de avaliação final;

Às mulheres rurais, protagonistas deste trabalho, agradeço por abrirem as portas de suas casas e suas vidas pra mim. Não há palavras que consigam expressar minha gratidão e o respeito que eu tenho pela vida e pelas batalhas de cada uma;

Ao meu sempre orientador, professor Fábio Cruz, agradeço por despertar em mim a vontade de pesquisar, e me motivar a lutar por isso;

Ao meu companheiro Pedro, agradeço por fazer eu me sentir vista, amada e merecedora de felicidade. Obrigada pela vida que tentamos construir diariamente e por incentivar os meus desejos. Obrigada também à sua família, que há oito anos é um dos meus grandes pontos de apoio;

Aos nossos cachorros, Jango e Darcy, agradeço pelas lambidinhas carinhosas e por me lembrarem que a vida pode ser alegre e bem fácil, às vezes;

À minha avó, Ilma, agradeço pelo amor incondicional;

Aos meus pais, apesar das dores e distâncias que nos atravessam, agradeço pela vida, e por terem tentado nos amar, dentro do possível e com aquilo que conheciam;

Agradeço aos meus irmãos, Rafaela e João, por me motivarem a ser uma pessoa melhor e mais corajosa. Tento sempre construir pontes que mais adiante possam ser úteis para suas vidas;

À UFSM e ao Poscom como um todo, agradeço pela oportunidade de completar mais uma etapa em uma universidade pública, gratuita e de qualidade;

Às amigas que fiz no mestrado, Adriana, Fernanda, Mariângela, Marjorie e Sabrina, obrigada por nossas trocas, que me fizeram muito mais forte. Vocês são muito especiais e com certeza tudo acabou sendo mais bonito por contar com vocês do meu lado. Vibro muito pelo sucesso de todas;

Às muitas outras mulheres que me inspiram, em especial às amigas Djeniffer, Fran e Zilmara, vocês me aumentam de tamanho. Obrigada por fazerem questionamentos necessários e me incentivarem a trilhar caminhos na busca por futuros possíveis,

Talvez esqueça de citar nominalmente alguém aqui, mas de uma forma geral agradeço a todos e todas que se disponibilizaram a conversar comigo sobre a pesquisa, se interessaram pelo assunto e me auxiliaram na busca por possíveis participantes do estudo;

Por fim, agradeço às minhas versões anteriores por enfrentarem medo após medo. Minha versão de hoje se orgulha.

“A pergunta que me move é como cada um inventa uma vida.
Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco.
Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa.
Como cada um habita-se.”

(ELIANE BRUM, *Meus Desacontecimentos*)

RESUMO

CONSUMO E IDENTIDADES DE TRABALHADORAS RURAIS POMERANAS E QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL

AUTORA: Gabriela Schmalfuss Borges
ORIENTADORA: Veneza Mayora Ronsini

O presente estudo é realizado com trabalhadoras rurais de origem pomerana e quilombola, moradoras de São Lourenço do Sul/RS. Por meio de pesquisa empírica qualitativa, buscamos, como objetivo geral, interpretar qual é a imagem que esse grupo de mulheres tem do que é uma mulher rural e qual o impacto da representação construída a partir das mídias televisivas e da internet na autorrepresentação mediada pela sociabilidade, identidade e pelas redes delas como trabalhadoras rurais. Utilizamos, para isso, a metodologia de Retratos Sociológicos, proposta por Bernard Lahire (2004), que possibilita a compreensão das trajetórias de vida das interlocutoras, e de como elas consomem e interagem com a mídia. A pesquisa se alinha com a vertente de estudos culturais, especificamente, a teoria dos usos sociais da mídia, de Jesús Martín-Barbero (1997, 2018), tendo em vista os entrelaçamentos que o autor propõe entre a cultura e os produtos midiáticos no cotidiano dos indivíduos. Como resultados, percebemos que tanto pomeranas como quilombolas consideram que a imagem da mulher rural mostrada pela mídia é de alguém sofrida e trabalhadora, de pele branca. Enquanto as pomeranas não se identificam com esta representação em função da negação de sua classe e por buscarem se vincular a estratos econômicos mais elevados, as quilombolas não se identificam em função da sua cor, e por consequência, se sentem representadas pelas imagens de mulheres negras urbanas. A partir das entrevistas, também constatamos que a mídia cumpre diferentes papéis dentro de cada comunidade, podendo ser vista como uma distração ou como um espaço de aprendizado e inspiração. Igualmente, notamos o papel central que as redes sociais digitais, em especial o Facebook, ocupam na forma com qual as interlocutoras escolhem se autorrepresentar. As pomeranas exaltam o trabalho na lavoura e buscam demonstrar uma possível vinculação com o agronegócio e os grandes produtores. Já as quilombolas evidenciam os papéis de liderança que ocupam junto ao movimento negro. Ainda no Facebook, mulheres de ambas as comunidades exaltam a maternidade e a importância da família. No que concerne ao consumo de mídia, chama atenção a consolidação da internet na zona rural, com seu uso atrelado a atividades de trabalho e lazer de todas as integrantes da pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres rurais. Consumo. Recepção. Identidades.

ABSTRACT

CONSUMPTION AND IDENTITIES OF POMEREAN AND QUILOMBOLA RURAL WOMEN IN SOUTHERN BRAZIL

AUTHOR: Gabriela Schmalfluss Borges

ADVISOR: Veneza Mayora Ronsini

The present study is carried out with rural workers of Pomeranian and Quilombola origin, living in São Lourenço do Sul/RS. Through qualitative empirical research, we seek, as a general objective, to interpret what is the image that this group of women has of what a rural woman is and what is the impact of the representation constructed from television media and the internet on self-representation mediated by sociability, identity and their networks as rural workers. For this, we used the methodology of Sociological Portraits, proposed by Bernard Lahire (2004), which enables the understanding of the interlocutors' life trajectories, and how they consume and interact with the media. The research is in line with the field of cultural studies, specifically, the theory of social uses of the media, by Jesús Martín-Barbero (1997, 2018), in view of the interweavings that the author proposes between culture and media products in everyday life of individuals. As a result, we noticed that both Pomeranians and Quilombolas consider that the image of rural women shown by the media is someone suffering and hardworking, with white skin. While the Pomeranians do not identify with this representation due to the denial of their class and because they seek to link themselves to higher economic strata, the Quilombolas do not identify themselves due to their color, and consequently, they feel represented by images of black women urban. From the interviews, we also found that the media fulfill different roles within each community, and can be seen as a distraction or as a space for learning and inspiration. Likewise, we note the central role that digital social networks, especially Facebook, play in the way in which the interlocutors choose to represent themselves. The Pomeranians exalt work in the fields and seek to demonstrate a possible connection with agribusiness and large producers. Quilombolas, on the other hand, show the leadership roles they occupy in the black movement. Also on Facebook, women from both communities exalt motherhood and the importance of family. With regard to media consumption, attention is drawn to the consolidation of the internet in rural areas, with its use linked to work and leisure activities of all research participants.

Keywords: Rural women; Consumption; Reception; Identity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa de São Lourenço do Sul	36
FIGURA 2 – Mapa da zona sul do estado	37
FIGURA 3 – Primeiro mapa das mediações de Martín-Barbero	60
FIGURA 4 – Segundo mapa das mediações de Martín-Barbero	61
FIGURA 5 – Terceiro mapa das mediações de Martín-Barbero	61
FIGURA 6 – Quarto mapa das mediações de Martín-Barbero e Omar Rincón	62

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Rendimento rural x urbano.....	38
TABELA 2 – Religiosidade do povo lourenciano.....	39
TABELA 3 - Perfis das interlocutoras.....	191

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPCT	Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
EMATER	Instituto De Assistência Técnica E Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira De Pesquisa Agropecuária
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PANC	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PAVE	Programa de Avaliação da Vida Escolar
PRONAF	Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PCT	Povos e Comunidades Tradicionais
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
TICS	Tecnologias da Informação e da Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1 ONDE SE DESENVOLVE NOSSA PESQUISA	36
1.1 O espaço rural de São Lourenço do Sul	36
1.2 Conhecendo a comunidade pomerana	41
1.3 Conhecendo a comunidade quilombola	42
2 AS MULHERES DO CAMPO	45
2.1 O que é ser mulher do campo	45
2.2 Atravessamentos étnico-raciais e de classe no espaço rural	48
2.3 Relações familiares no campo	51
2.4 Espaço e perspectivas para as mulheres rurais	54
3 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	58
3.1 Usos e apropriações da mídia: O que propõe Jesús Martín-Barbero	58
3.2 As mediações de Martín-Barbero no contexto das mulheres do campo	65
3.2.1. Sociabilidade	65
3.2.2. Redes	66
3.2.3. Identidade	68
3.3 Retratos Sociológicos: Como se desenvolve a nossa pesquisa	71
3.4 O caminho até nossas interlocutoras	75
4. CONHECENDO AS MULHERES RURAIS LOURENCIANAS	78
4.1. Pomeranas: a manutenção	78
4.1.1. Fernanda	78
4.1.2. Janaína	92
4.1.3. Lili	107
4.1.4. Dulce.....	118
4.2. Quilombolas: a busca por mudanças	124
4.2.1 NegraX	124
4.2.2 Ágata	137
4.2.3 Pérola Negra	155
4.2.4 Tia	177
4.3. Perfis das interlocutoras	191
5. AS MEDIAÇÕES EM PRÁTICA	193
5.1 Sociabilidade	193

5.1.1 A sociabilidade das trabalhadoras rurais pomeranas.....	193
5.1.2 A sociabilidade das trabalhadoras rurais quilombolas.....	197
5.2 Identidade	202
5.2.1 A identidade das trabalhadoras rurais pomeranas	202
5.2.2 A identidade das trabalhadoras rurais quilombolas	204
5.3 Redes	206
5.3.1 As redes das trabalhadoras rurais pomeranas	207
5.3.2 As redes das trabalhadoras rurais quilombolas	208
5.4 Ecos do campo.....	210
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
REFERÊNCIAS	220
APÊNDICE A - GRADE DE ENTREVISTA 1 - MULHERES RURAIS	226
APÊNDICE B - GRADE DE ENTREVISTAS 2 - Tópicos a serem abordados	230
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO	232

INTRODUÇÃO

Quando e como uma pesquisa começa? Sua ideia não surge ao acaso, mas sim, é o reflexo de uma trajetória construída ao longo dos anos, muitas vezes sem a exata dimensão de seu impacto, enquanto está sendo percorrida.

É difícil demarcar um espaço temporal de quando essa investigação de fato teve início, afinal, ela tem sido pensada a partir de vivências pessoais, relações familiares e experiências de trabalho que me trouxeram até à Universidade Federal de Santa Maria e me motivaram a realizar essa aproximação com as mulheres do campo¹.

Acredito, no entanto, que o fato de os dois lados da minha família possuírem origem na zona rural foi determinante na escolha da temática de estudo, as mulheres do campo. Apesar de ter nascido em Porto Alegre/RS e permanecido lá até os 14 anos de idade, grande parte das memórias da minha infância foram construídas no 3º distrito de São Lourenço do Sul, na localidade de Socorro, município no qual esse estudo será desenvolvido, localizado no Sul do Rio Grande do Sul, e onde eu vivo desde 2010.

Outras circunstâncias de vida também abriram espaço para este caminho. O vínculo forte que tenho com minha avó, uma ex-produtora rural, é uma delas. Os obstáculos que o gênero² me trouxe ao sair de casa em busca de uma nova forma de vida, diferente daquela que havia me sido ensinada, também é um fator preponderante. Junto disso, o longo tempo que trabalhei no comércio de São Lourenço do Sul - inicialmente em loja de bazar e depois em loja de armarinho - atendendo diariamente mulheres do campo, ampliou meu olhar sobre esse grupo.

Nesse período, presenciei muitas situações em que mulheres vindas do interior do município precisavam pedir permissão aos maridos para fazerem suas compras por não terem acesso ao dinheiro da família, apesar de trabalharem igualmente ou ainda mais. Ao atender e criar vínculos com essas mulheres, era perceptível que muitas delas carregavam fisicamente em seus corpos, e até mesmo em suas vozes, as marcas da opressão, vislumbrando no artesanato um “escape” à dura realidade.

A opção pelo campo e, especificamente, mulheres da classe trabalhadora³, também se

¹ Os termos "mulheres rurais" e "mulheres do campo" são frequentemente usados de forma intercambiável para se referir a mulheres que vivem e trabalham em áreas rurais. No entanto, pode haver algumas nuances sutis entre os dois. "Mulheres do campo" é uma expressão mais ampla que se refere a mulheres que vivem em comunidades rurais, independentemente de sua ocupação ou envolvimento na agricultura. Esse termo reconhece a identidade das mulheres que habitam e fazem parte da vida em áreas rurais, levando em consideração suas experiências, desafios e contribuições para a sociedade rural como um todo. Por outro lado, as "mulheres rurais" estariam mais ligadas à atividade produtiva agrícola, especificamente. Considerando que todas as participantes da nossa pesquisa atuam também como trabalhadoras rurais, utilizamos simultaneamente ambos os termos no decorrer do texto.

² Neste trabalho, utilizamos a conceituação de Joan Scott (1995) para o termo “gênero”. Ver mais na página 46.

³ Em relação ao termo classe, utilizamos a conceituação de Veneza Ronsini (2012), sob a perspectiva de Pierre

dá pelo destaque que o espaço agrário representa para o município (dos 43 mil habitantes, mais de 20 mil vivem no interior⁴); e pela desigualdade social enfrentada por grande parte das mulheres rurais, que somente a partir da Constituição de 1988 conquistaram o direito formal à terra e têm, no Brasil, atualmente um rendimento médio 27% inferior aos dos homens, mesmo que trabalhem cerca de 4 a 5 horas a mais por dia⁵.

Outras situações específicas do contexto atual também justificam o interesse na temática de estudo - as mulheres rurais – e podem ou não estar trazendo consequências às trabalhadoras que vivem no campo. Uma delas é a pandemia da Covid-19⁶, que desde março de 2020 têm imposto medidas de distanciamento social para controle do vírus. Neste caso, é de interesse avaliar como isso interferiu nas dinâmicas sociais dessas mulheres, que por residirem no campo, já vivem mais isoladas.

O segundo aspecto relevante é o fato de São Lourenço do Sul ser um dos municípios com maiores taxas⁷ de suicídio do Brasil, principalmente no campo. Enquanto o índice do Brasil é de seis suicídios a cada 100 mil habitantes, o Rio Grande do Sul aparece com 12 e São Lourenço do Sul, com 16.

Outro dado que merece atenção é o fechamento sistemático de escolas rurais multisseriadas⁸ em São Lourenço do Sul, desde 2017, sem diálogo com as populações locais. A medida foi tomada por decisão da Prefeitura Municipal, após o recebimento de recursos destinados ao transporte escolar municipal, provenientes do Governo Federal. Com isso, estudantes foram direcionados para “escolas pólo”, em pontos específicos do interior, e que abrangem alunos de diversas localidades e distritos.

Com o fechamento, crianças em idades regulares têm encontrado dificuldades no deslocamento para escolas maiores e crianças em idades inferiores estão ficando somente sob

de Bourdieu. “A noção de classe social adotada se define pela estrutura das relações entre os capitais cultural, social e econômico, os quais por sua vez dão origem a um determinado capital simbólico, isto é, ao prestígio que cada fração ou classe terá no meio social” (RONSINI, 2012, p.32). Salientamos também que a classificação social para definir as integrantes da pesquisa como pertencentes à classe trabalhadora se baseia na sociologia ocupacional cujo critério é partir da posição ocupada pelo membro da família melhor situado economicamente. (QUADROS; ANTUNES, 2001).

⁴ Disponível em: <<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/portal/secretarias/11/secretaria-municipal-de-desenvolvimento-rural/>>. Acesso em: 26 jul. 2021

⁵ Disponível em <<https://www.canalrural.com.br/noticias/mulheres-do-campo-recebem-27-menos-do-que-homens-do-mesmo-setor/>> Acesso em 17 jan. 2021

⁶ Mulheres rurais em meio à pandemia. Disponível em < <https://mulheresnapanemia.sof.org.br/mulheres-rurais-em-meio-a-pandemia/>> Acesso em 14 fev. 2022

⁷ Disponível em <<https://theintercept.com/2021/06/22/china-tabacos-dividas-exaustao-doencas-cigarro>> Acesso em 18 out. 2021

⁸ Por estarem localizadas dentro de pequenas comunidades do campo, as escolas multisseriadas permitiam que as crianças tivessem acesso ao ensino sem precisar viajar horas de ônibus. Apesar de se denominarem escolas fundamentais, na maioria dos casos os locais aceitavam que crianças abaixo dos seis anos frequentassem as aulas, servindo também como escolas de educação infantil no campo.

os cuidados da família. A mudança pode interferir no rendimento escolar dos alunos, trazer impacto significativo no dia a dia das famílias que vivem no campo e tornar as redes de apoio das mulheres ainda mais precárias. Pais, apesar de terem reivindicado a reabertura ou o não fechamento dos centros educacionais na Câmara de Vereadores⁹, tiveram seus pedidos desconsiderados. Ao todo, foram fechadas 24 escolas rurais¹⁰ de 2017 a 2021.

Em junho de 2022¹¹, São Lourenço do Sul contava apenas com onze escolas de ensino fundamental, cinco delas em território rural e seis em solo urbano. Na data, o município dispunha, igualmente, de nove escolas municipais de ensino infantil, todas elas na zona urbana.

Para além disso, desde o início do ano letivo de 2022, até junho de 2022, estudantes da zona rural matriculados em escolas estaduais ficaram sem transporte¹². O impasse ocorreu porque até 2021, a gestão sobre o transporte era feita pelo município, a partir de repasses financeiros realizados pelo governo estadual. Em virtude dos atrasos nos pagamentos, a Prefeitura deixou de realizar a organização.

Vale salientar, também, que as escolas regulares municipais e estaduais permaneceram praticamente dois anos com aulas remotas, potencializando a sobrecarga física e mental entre as mulheres.

Junto disso, a zona rural lourenciana - assim como grande parte das localidades do interior do Rio Grande do Sul e do Brasil - não dispõe de qualquer tipo de aparato de segurança pública específico para o campo, capaz de agir mais rapidamente em situações de violência contra as mulheres, sejam elas agressões físicas, psicológicas, patrimoniais ou sexuais, por exemplo.

Ainda dentro do mesmo contexto, em junho de 2022, uma reportagem da RBS TV¹³ denunciou que a fome tem assolado o espaço rural da zona sul do Rio Grande do Sul. A contradição é evidente: mesmo produzindo alimentos, os trabalhadores não sabem se terão o que comer. Para a notícia, foram entrevistadas duas famílias agricultoras de São Lourenço do Sul, uma com integrantes brancos e outra com integrantes negros, demonstrando que a situação aflige as duas comunidades do território.

⁹Disponível em <<https://www.jornalolourenciano.com.br/geral/item/7615-sao-lourenco-do-sul-pais-de-alunos-de-escolas-multisseriadas-da-rede-municipal-participam-da-3-sessao-ordinaria-do-legislativo>> Acesso em 14 fev. 2022

¹⁰ Disponível em <<https://www.camarasaolourencodosul.rs.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/15578>> e <<http://servicos.saolourencodosul.rs.gov.br/tlnet/consulta/download/28259>> Acesso em 14 fev. 2022

¹¹ Disponível em <<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/portal/secretarias/12/smecc---secretaria-municipal-de-educacao-cultural-e-desporto/>> Acesso em 14 jun. 2022

¹² Disponível em <<https://www.saolourencoreporter.com/2022/06/02/prefeito-e-categorico-ao-afirmar-que-nao-voltara-a-assumir-o-transporte-escolar-o-estado-nao-cumpre-os-repasses-2/>> Acesso em 05 jun. 2022

¹³ Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/10717079/?fbclid=IwAR2nN6sJX6wBIOQ97bi45Zab98PKb4ttryZoq2rxr7UMkq1osr5rM1O1jnE>> Acesso em 1 jul. 2022

Segundo o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Rio Grande do Sul, ouvido pelos jornalistas para a produção da notícia, um a cada cinco produtores passa fome, e grande parte convive com a insegurança alimentar, ou seja, a incerteza quanto ter ou não alimentos suficientes para as refeições diárias.

A matéria aponta que, atualmente, os trabalhadores utilizam a maior parte do dinheiro da safra na compra de insumos para a manutenção das lavouras. As dificuldades têm sido potencializadas com o aumento do preço dos alimentos básicos, junto ao elevado custo dos insumos, sementes e alimentação animal.

Ao todo, são cerca de cinco mil famílias da região sul nesta situação, de acordo com dados da Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar. O cenário foi agravado, principalmente, por uma das piores estiagens da história (onde mais de 400 municípios decretaram situação de emergência) e pela pandemia, que desestabilizou as cadeias de produção, causando perdas e dificuldade na comercialização dos produtos.

De maneira geral, em um momento de aceleração da fome no Brasil, as zonas rurais são as mais afetadas, em relação aos espaços urbanos do país. Segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil¹⁴, nesses locais, o índice geral de insegurança alimentar chega a 60%, sendo que 18% passam fome.

Dessa forma, a partir de todos os argumentos citados, justifica-se a necessidade de uma maior atenção da academia à zona rural, com pesquisas que avaliem de forma ampla e contextualizada as dimensões presentes nesse espaço.

Logo, me aproximando de forma mais consistente ao tema e às dinâmicas presentes em território lourenciano, passei a dar mais atenção à diversidade cultural e econômica dos grupos de trabalhadoras rurais dessa região, afinal de contas, o município possui duas grandes comunidades tradicionais na zona rural, que povoam o seu território.

Ao mesmo tempo que São Lourenço do Sul é considerado o principal polo de imigração da população pomerana no Rio Grande do Sul, tendo recebido os primeiros imigrantes no ano de 1858, em 2022 o município tem cinco comunidades remanescentes de quilombos reconhecidas pela Fundação Palmares¹⁵, e todas elas são localizadas no ambiente rural.

O grupo de mulheres rurais lourencianas da classe trabalhadora, portanto, é composto por duas comunidades tradicionais: 1) mulheres pomeranas, que compõem uma classe vinculada, principalmente, às pequenas propriedades familiares; e que em alguns casos atuam

¹⁴ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/06/08/inseguranca-alimentar-33-milhoes-passam-fome-no-brasil-diz-pesquisa.htm>> Acesso em 01 jul. 22

¹⁵ Relação de comunidades reconhecidas disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-rs-22082022.pdf>> Acesso em 01 mar. 2023

simultaneamente em ocupações liberais, como atividades relacionadas às áreas de estética ou de costura, por exemplo, 2) e mulheres quilombolas, que vivem em sua maior parte a partir de uma agricultura de subsistência, trabalhando de forma autônoma como bóias-frias¹⁶ em lavouras da região e/ou como diaristas em serviços de limpeza.

Das reflexões acerca dessa realidade, surgiu a chance de inscrever um projeto cultural sobre a temática. Entre 2020 e 2021 realizei o documentário “Mulheres (in)visíveis: a opressão e a luta das mulheres do campo de São Lourenço do Sul”¹⁷, selecionado pelo edital de projetos da Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul de 2020 e financiado pela Lei Aldir Blanc. Com a participação de 17 entrevistadas, o projeto buscou discutir a situação das lourencianas do interior do município compreendendo as lutas e os desafios que têm em função do gênero, além de outros específicos, os de classe ou por motivações étnico-raciais¹⁸.

Foram problematizadas questões como o excesso de horas trabalhadas, a falta de autonomia financeira, as diversas formas de violência e as imposições de uma cultura tradicional no desenvolvimento das meninas e mulheres do campo. O longa-metragem estreou nas plataformas digitais no dia 14/02/2021 e conta com 3.856 visualizações no Youtube¹⁹ até o momento (28/03/2023).

A pesquisa para o documentário e a realização das entrevistas com mulheres do campo de diferentes vivências possibilitaram que eu compreendesse ainda mais as especificidades deste grupo social, bem como a multiplicidade de identidades que o compõem e se interrelacionam.

O projeto do documentário foi viabilizado a partir da minha atuação no Coletivo Vozes em Movimento²⁰, movimento social que há seis anos pauta questões relacionadas à cultura, educação e direitos humanos em São Lourenço do Sul. Foi a partir dessa experiência que estabeleci vínculos com várias mulheres consultadas para a produção audiovisual e, na presente pesquisa, três delas retornam como interlocutoras. A posterior participação no Coletivo Anunciação de Direitos Humanos²¹, criado em 2021, também foi uma importante ponte.

¹⁶ Trabalhadora rural sem vínculo empregatício. O serviço é pago por dia e as tarefas são temporárias. O fluxo de trabalho é mais constante somente no período de safra.

¹⁷ O documentário foi produzido por Gabriela Schmalfluss Borges e Pedro Henrique Farina Soares, lançado em 2021 pelo Coletivo Vozes em Movimento. Disponível em <<https://youtu.be/UsOKRrcFA-A>> Acesso em 28 mar. 2023.

¹⁸ A opção pelo termo "étnico-racial" se dá por considerarmos que o conceito consegue contemplar a diversidade dos grupos populacionais que compõem o território brasileiro, sejam estas físicas, socioculturais, culturais e/ou linguísticas.

¹⁹ Plataforma de compartilhamento de vídeos. Disponível em <<https://www.youtube.com/>> Acesso em 14 mar. 2023

²⁰ Perfil do Coletivo Anunciação de Direitos Humanos no Facebook <<https://www.facebook.com/coletivovozesemmovimento>> Acesso em 14 fev. 2022.

²¹ Perfil do Coletivo Vozes em Movimento no Facebook <<https://www.facebook.com/coletivoanunciacao>> Acesso em 14 fev. 2022.

A inclinação em trazer o tema para a pesquisa acadêmica surgiu espontaneamente. Considerando a minha área de formação, o jornalismo, e a aceleração das tecnologias digitais, que estamos vivenciando neste período, com os aparelhos de comunicação cada vez mais atrelados ao cotidiano dos indivíduos, é importante refletir sobre como isso se coloca no meio rural.

Em análise realizada no estado da arte, percebemos a pouca incidência dos estudos em comunicação direcionados ao ambiente rural e que contemplem gênero no Brasil. Vale destacar que o campo foi, inicialmente, foco de interesse dos estudos de recepção e consumo no país. No entanto, percebemos que, de modo geral, a maior parte da produção acadêmica da área tem temas de análise vinculados às zonas urbanas, apesar do universo rural nunca ter deixado de ser abordado por pesquisadores.

A situação é confirmada a partir do levantamento estruturado pelo “Núcleo de Pesquisa Recepção e Cultura Midiática”, do PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pela pesquisadora Nilda Jacks e divulgado nos três livros da série “Meios e audiências”.

No primeiro volume, Jacks et al. (2008) apontam que a intersecção da comunicação e o meio rural estava surgindo gradualmente entre 1990 e 1999, mas ainda sem produção representativa. Dos 45 trabalhos de recepção e consumo realizados no período analisado, apenas sete voltam sua atenção aos processos comunicativos de moradores da zona rural, sendo que seis deles têm abordagem sociocultural²², adotada na presente pesquisa. Destes, quatro foram direcionados à recepção da televisão, um ao rádio e o último, à recepção da publicidade. Apenas um deles tem como enfoque as mulheres rurais. Trata-se da dissertação “Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras”, de Veneza Ronsini (1993).

Na década seguinte, entre os anos de 2000 e 2009, o número de trabalhos de recepção/consumo que tiveram como foco comunidades do interior do Brasil quase dobrou, atingindo a marca de quinze pesquisas, quatorze delas com enfoque sociocultural. O crescimento acompanha o aumento de investigações na área de estudo, que praticamente quadruplicou, chegando a 209, conforme indicam Jacks et al. (2014).

Considerando as quinze pesquisas, os meios de comunicação analisados foram somente a televisão e o rádio, com prevalência ao último. Ao todo, dez pesquisas buscaram avaliar o papel do rádio no contexto rural, principalmente em um cenário de aceleração da

²² A abordagem sociocultural é entendida como aquela que “abarca uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos onde são consideradas múltiplas relações sociais e culturais. Mais do que o estudo do fenômeno de recepção em si mesmo, pretendem problematizar e pesquisar, seja do ponto de vista teórico ou empírico, sua inserção social e cultural” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 135 apud JACKS, 2014, p. 14)

informação. Destas, cinco explicitam que a análise é direcionada ao público do campo. A outra metade também trabalha com comunidades rurais, no entanto, enfatiza outros aspectos relativos a suas identidades, como o fato de ser uma comunidade ribeirinha, por exemplo, sem abrir espaço para a discussão sobre ruralidade. Já sobre a televisão, foram cinco trabalhos.

Chama atenção que até o fim do segundo volume de “Meios e Audiências”, que verifica teses e dissertações defendidas até 2009, nenhum estudo buscou avaliar o papel da internet e das redes digitais na vida dos moradores da zona rural. Além disso, de todos os trabalhos analisados durante a década, somente “*TV e mulher rural: o programa Globo Rural nas apropriações e produção de sentido geradas por telespectadoras do Assentamento Nova Ramada e Localidade de Santa Teresinha*”²³, de Carmem Rejane Antunes Pereira (2004) volta seu olhar especificamente às camponesas.

Já entre os anos de 2010 e 2015, em um corpus de 173 pesquisas de recepção e/ou consumo midiático avaliadas por Jacks et al. (2017), apenas oito contemplavam o universo rural, todas desenvolvidas em abordagem sociocultural. Destas, cinco eram voltadas ao estudo da televisão; uma ao rádio e duas ao papel dos meios de comunicação no geral no contexto dos indivíduos. Três delas tinham como foco os jovens rurais e nenhum dos trabalhos era específico sobre mulheres. Destacamos a presença de dois estudos voltados ao estudo de comunidades quilombolas, um deles direcionado a um agrupamento rural e outro a um agrupamento urbano. As pesquisas não se detiveram à análise de aspectos relativos ao gênero.

Dando sequência ao estado da arte do nosso trabalho, para verificar, principalmente, o que tem sido trabalhado de 2016 até 2021 – mas não só –, realizamos busca em Currículos Lattes de quatro pesquisadoras que estudam o consumo/recepção e são reconhecidas por investigações que contemplem a zona rural. São elas Prof. Dra. Ana Carolina Escosteguy (UFRGS), Prof. Dra. Nilda Jacks (UFRGS), Prof. Dra. Valquiria Michela John (UFPR) e Prof. Dra. Veneza Ronsini (UFSM).

Nesta ação, foram encontrados sete novos trabalhos, sendo cinco dissertações e duas teses. Apesar de por vezes optarem por um tipo de texto midiático em específico, é interessante perceber que os trabalhos dessa leva, em geral, avaliam a presença da mídia no cotidiano dos indivíduos, em seus diferentes formatos. Três das pesquisas são direcionadas ao estudo das mulheres rurais: “*Mulher rural: consumo e comunicação nas roças de Camboriú/SC*”²⁴, de

²³ O estudo “*TV e mulher rural: o programa Globo Rural nas apropriações e produção de sentido geradas por telespectadoras do Assentamento Nova Ramada e Localidade de Santa Teresinha*”, de Pereira (2004), analisa como as mulheres interpretam e utilizam as informações apresentadas no programa, e como essas informações afetam suas vidas e trabalho na agricultura. A pesquisa também explora a relação entre o programa de televisão e as práticas culturais e sociais das mulheres rurais.

²⁴ A dissertação “*Mulher rural: consumo e comunicação nas roças de Camboriú/SC*”, de Gall (2019), demonstra o avanço da internet na área rural. A autora realiza uma análise de consumo midiático a partir de uma

Joana Gall (2019), “*A dialética rural-urbano em visualidades de mulheres caipiras, em Chocolate com Pimenta, Alma Gêmea e êta Mundo Bom!*”²⁵, de Olívia Érika Alves Resende (2019), de “*Relações de Gênero e Apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação na Agricultura Familiar de Santa Maria-RS*”²⁶, de Clarissa Schwartz (2012). Salientamos que, apesar de ter sido desenvolvido em um Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, a tese de Schwartz avalia o papel das TICs²⁷ no cotidiano de mulheres rurais e por essa razão, integra este corpus de análise.

Destacamos também os projetos de pesquisa “*Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: o caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco*” (MCTI/CNPq No 14/2014) e “*Jovem brasileiro e práticas midiáticas em tempo de convergência, Etapa 2: O Brasil Profundo*” (Edital nº 071/2013 – Procad), desenvolvidos respectivamente por Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks, junto a outros pesquisadores e pesquisadoras.

A partir do cotidiano, o primeiro projeto, desenvolvido por Escosteguy buscou compreender as dinâmicas de apropriação simbólica e consumo das TICs, avaliando como se dão os usos e apropriações dessas tecnologias por famílias agricultoras na zona rural do Vale do Sol (RS), onde ainda é recente o acesso à internet. Especificamente sobre as mulheres rurais, o grupo buscou analisar o que as TICs representavam para as agricultoras, que trabalhavam exclusivamente em lavouras de fumo, dando atenção às mediações de institucionalidade, socialidade, tecnicidade e ritualidade. O celular ganha novamente destaque. Com o trabalho, também foi possível perceber mais uma vez o papel das TICs na condição de integração familiar e, em alguns casos, a apropriação das tecnologias por parte das mulheres como forma de gerenciar as propriedades. Também aparecem relatos sobre o uso de redes sociais²⁸ por parte

estratégia multimetodológica, com aplicação de questionários, observação, entrevistas em profundidade de cunho etnográfico e diário de campo.

²⁵ Em “*A dialética rural-urbano em visualidades de mulheres caipiras, em Chocolate com Pimenta, Alma Gêmea e êta Mundo Bom!*”, Resende (2019) investiga teoricamente as representações visuais de mulheres classificadas como caipiras em telenovelas. Na pesquisa, a autora analisa três personagens femininos - Márcia, Mirna e Mafalda - abordando os usos e apropriações dos sujeitos, vinculando a problemática às matrizes culturais que sustentam as relações entre dominador e dominados e que colocam em cumplicidade a memória popular e o imaginário.

²⁶ No trabalho “*Relações de Gênero e Apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação na Agricultura Familiar de Santa Maria-RS*”, Schwartz (2012) exemplifica o papel que as Tecnologias da Informação e Comunicação assumem na aproximação das pessoas do campo. Em pesquisa com famílias agricultoras de Santa Maria, a autora verificou que uma das tecnologias mais utilizadas por quem vivia no meio rural era o telefone celular pré-pago.

²⁷ Tecnologias da Informação e da Comunicação

²⁸ Compreendemos que o conceito de “redes sociais” ou “rede social” é ampliado e não se restringe apenas às interações online. No entanto, de modo a delimitá-lo, neste trabalho utilizaremos os termos “rede social” ou “redes sociais” para definir apenas as interações virtuais estabelecidas em plataformas como Facebook e Instagram. Baseamos esse entendimento a partir dos estudos de Raquel Recuero (2005), que define que uma rede social é um espaço virtual que permite a conexão entre pessoas, possibilitando a troca de informações,

das agricultoras, principalmente o Facebook.

Já a etapa realizada no segundo projeto, desenvolvido por Jacks, integrou uma pesquisa nacional comparativa sobre o consumo midiático de jovens, realizando avaliações sobre como adolescentes de diferentes municípios da Região Sul do Brasil consomem conteúdos da mídia diariamente. A pesquisa realizou um recorte entre os informantes para que estes integrem a categoria “jovem”, no entanto não restringe a pesquisa a um gênero em específico, entrevistando adolescentes homens e mulheres.

Complementamos a procura realizando também buscas²⁹ no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Nesse caso, restringimos a pesquisa para abarcar apenas estudos que tratam, de fato, de pesquisas com mulheres rurais - não selecionando trabalhos que tivessem outros focos de análise no meio rural – mas sem descartar, no entanto, pesquisas desenvolvidas em outras áreas do conhecimento e que trazem discussões e contribuições importantes no que diz respeito ao uso e apropriações dos meios de comunicação por mulheres rurais.

Dessa forma, integramos ao nosso corpus de análise três dissertações: “*Ruralidades midiáticas: uma análise sociológica da construção de perfis no Facebook*³⁰ por mulheres do campo”³¹, de Eduardo Barbosa (2020), “*Desperta mulher: cartografia sobre comunicação e engajamento no jornal do movimento de mulheres camponesas do RS*”³², de Vera Martins

experiências e conhecimentos.

²⁹ A pesquisa foi realizada ao longo do mês de novembro de 2021. Estabelecemos as seguintes palavras-chave para a consulta dos trabalhos: camponesa; comunicação; consumo; mídia; mulher; mulher do campo; representação, recepção e rural. Buscamos cruzar os termos "mulher rural", "camponesa" ou "mulher do campo" com outros referentes a aspectos teóricos e metodológicos da presente pesquisa. A contabilização dos retornos foi feita manualmente, tendo em vista o grande número de teses e dissertações nas mais variadas áreas do conhecimento, a maioria delas sem relação direta com a nossa investigação. Logo, optamos por não estipular métricas quantitativas em alguns resultados, uma vez que estas poderiam não ser exatas.

³⁰ O Facebook é uma plataforma que permite que os usuários cadastrados conversem entre si, compartilhem mensagens, links, vídeos e fotografias. Ver mais em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1486/como-funciona-o-facebook>> Acesso em 14 mar. 2023

³¹ Na dissertação “*Ruralidades midiáticas: uma análise sociológica da construção de perfis no Facebook por mulheres do campo*”, Barbosa (2020) analisa as formas pelas quais as mulheres da região de Terranova, um bairro rural da cidade de Dourados/MS, produzem narrativas do eu em seus perfis do Facebook. A pesquisa foi baseada na análise de perfis nas redes sociais das entrevistadas, bem como um estudo etnográfico na região. Como resultados, o pesquisador avaliou que apesar do local de moradia ser um dos fatores de estruturação do eu dos indivíduos, este não seria o único, não definindo em totalidade as formas de ser dessas pessoas, que compartilham fotos em academias de ginástica, em redes internacionais de *fastfood*, referências a modelos internacionais e selfies em espelhos de *shoppings centers*.

³² Em “*Desperta mulher: cartografia sobre comunicação e engajamento no jornal do movimento de mulheres camponesas do RS*”, Martins (2010) - a partir da análise de um jornal realizado dentro do movimento social camponês – investiga qual o potencial desse produto de mídia para concretização de um projeto de mulher camponesa. A autora organizou sua pesquisa em três eixos de problematização. O primeiro deles, foi tentar entender como o jornal participa da construção de um ideal de mulher camponesa. Logo após, investigar a partir de que conteúdos o jornal se articula ao projeto político do Movimento de Mulheres Camponesas no Rio Grande

(2010), e “*A memória do presente – entre o trabalho e o lazer – na rede social virtual Facebook de mulheres camponesas do município de Joia/RS*”³³, de Naira Pinheiro (2017).

Fora isso, ao longo do período de mestrado também encontramos o artigo “*Quilombolas no WhatsApp*”³⁴: *o papel do aprendizado coletivo nas lutas por reconhecimento*”³⁵, de Janine Bargas e Rousiley Maia (2017), acrescentando-o ao nosso estado da arte.

Assim sendo, no que se refere a teses e dissertações, percebemos não haver muitas produções que se destinam especificamente ao estudo das mulheres rurais. Desde a emergência do primeiro estudo, em 1993, até 2020, foram apenas oito trabalhos de conclusão de pós-graduação que tratam sobre o papel da mídia no cotidiano de mulheres do campo, uma quantidade ínfima dentro das centenas de teses e dissertações feitas, anualmente, em programas de pós-graduação em comunicação ao redor de todo o país.

São comuns investigações que, de maneira geral, examinam a família como um todo ou aos jovens rurais, sem estabelecer recortes de gênero. Além disso, vale destacar que dentro do campo de estudo dos usos da mídia, apesar de alguns problematizarem questões interétnicas em ambiente rural, nenhum deles vincula essa discussão também ao gênero feminino. No que se refere às comunidades tradicionais escolhidas para nossa análise – pomerana e quilombola – entre os estudos de consumo e recepção, há apenas uma dissertação sobre quilombolas rurais e nenhuma sobre pomeranos. Assim, dentro da comunicação³⁶, também é inexistente outra pesquisa que volte seu olhar concomitantemente para as duas comunidades tradicionais que são o foco da presente dissertação.

A falta de estudos interseccionais também é relatada por Libardi e Jacks (2020). Em um levantamento com corpus de 191 pesquisas de recepção e consumo midiático entre os anos de 2010 e 2015, os autores encontraram apenas 54 trabalhos que utilizaram algum marcador social como categoria de análise, sendo que 15 pautaram reflexões sobre gênero e 39 sobre

do Sul, de combater toda discriminação de gênero e posturas machistas. Por fim, como o material organiza os conteúdos ligados à presença das camponesas nos espaços público e privado.

³³ Já em “*A memória do presente – entre o trabalho e o lazer – na rede social virtual Facebook de mulheres camponesas do município de Joia/RS*”, Pinheiro (2017) versa sobre o acesso de mulheres às tecnologias, algo que é demonstrado em grande escala ao longo da investigação. A pesquisadora utiliza estratégias quantitativas e qualitativas a partir da análise do discurso e da netnografia. Sua análise se dá sobre entrevistas semiestruturadas e print screen de publicações de 14 mulheres rurais.

³⁴ “Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones”. Disponível em <<https://www.whatsapp.com/>> Acesso em 14 mar. 2023

³⁵ O estudo, desenvolvido com uma comunidade do Pará, demonstra como os quilombolas se apropriam do Whatsapp como uma ferramenta fundamental para a organização coletiva, principalmente no que diz respeito ao acesso à universidade.

³⁶ Fora da área da comunicação, destacamos a dissertação “*Identidades em rede: um estudo etnográfico entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes*”, de Maurício Schneider (2017), realizada em um PPG de Antropologia e que investigou as duas comunidades tradicionais abordadas no presente trabalho.

classe isoladamente, sem articulação com debates étnico-raciais. A dupla relata que as pesquisas foram conduzidas, em sua maior parte, levando em consideração apenas dados numéricos, sem adotar um olhar histórico, capaz de unir conhecimentos sociológicos e antropológicos, por exemplo.

Por esta razão, o trabalho se esforçará para compreender como tensionamentos de gênero, étnico-raciais e de classe se articulam, principalmente quando avaliamos a exploração/dominação do trabalho feminino, seja ele remunerado ou não; entendendo que relações étnico-raciais, de gênero e de classe são fenômenos consubstanciais e ambivalentes (KERGOAT, 2010), construídos simultaneamente ao longo da história (SAFFIOTI, 1992).

Salienta-se, no entanto, que dada a complexidade da temática e seus desdobramentos, bem como o tempo que temos para o desenvolvimento da pesquisa, o foco do presente estudo será sobre gênero. Logo, categorias como classe social e relações étnico-raciais serão abordadas mais profundamente empiricamente, na análise das nossas entrevistas, da forma mais comprometida possível, mas percebendo que limitações existirão em meu olhar, enquanto mulher branca, urbana, cis, heterossexual e convivendo em união estável. Compreendendo a impossibilidade de abranger todas as discussões em um único estudo, aliado à perpetuação dos papéis e estereótipos tradicionais empregados aos indivíduos no ambiente rural, optou-se também por não questionar as interlocutoras acerca de sua orientação sexual e identidade de gênero.

Dentro dos oito trabalhos que tratam sobre mulheres rurais selecionados no corpus de análise, autores latino-americanos, como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, aparecem em cinco. Retratos sociológicos, de Bernard Lahire, nunca foram utilizados para tentar compreender essa realidade. Entre os métodos já empregados, estão etnografia (2), análise visual (1), cartografia (1), observação analítica (1), metodologia Q (1) e entrevistas semiestruturadas (2).

As discussões dos trabalhos, até agora, giraram em torno de: 1) compreender as motivações usos da mídia no cotidiano das camponesas; 2) entender o papel que jornais de movimentos sociais exercem dentro de grupos de trabalhadoras vinculadas à Reforma Agrária e se estes discursos constroem um ideal feminino de como vem a ser a mulher camponesa; 3) como as famílias com origem rural utilizam a imagem da realidade veiculada na televisão para construção de uma nova identidade; 4) quais são as representações visuais de mulheres classificadas como caipiras em telenovelas, e 5) como a midiatização de si nas redes sociais digitais proporciona narrativas alternativas ao modelo caricato que o imaginário coletivo imprime sobre os corpos caipiras.

As pesquisas demonstram a chegada e consolidação das tecnologias digitais no

ambiente rural, incorporadas diariamente às rotinas das mulheres do campo. Logo, é necessário aprofundar a investigação dessas novas ferramentas, entendendo como as mulheres rurais se apropriam das redes sociais, em conjunto aos meios de comunicação mais tradicionais, como a televisão e o rádio.

Portanto, diante do discutido até o momento e apresentadas as lacunas no que diz respeito ao nosso objeto empírico, à metodologia e à área de estudos de consumo e recepção da mídia, acreditamos que a presente pesquisa pode contribuir para ampliar a discussão dentre os estudos sobre as mulheres rurais no Brasil, nesse caso, a partir dos usos que estas fazem da mídia.

Considerando que contemplamos duas comunidades de trabalhadoras rurais, com atravessamentos étnico-raciais (pomeranas e quilombolas) o **problema** que se coloca é: afinal, qual a imagem que essas trabalhadoras rurais de comunidades tradicionais distintas têm do que seria uma mulher rural e como elas se autorrepresentam como trabalhadoras rurais, a partir das imagens provenientes da televisão e da internet?

Logo, o **objetivo geral** da investigação é interpretar qual é a imagem da mulher rural para esse grupo de trabalhadoras rurais de São Lourenço do Sul, pertencente a duas comunidades tradicionais – pomerana e quilombola – e qual o impacto da representação construída a partir das mídias televisivas e da internet na autorrepresentação delas como trabalhadoras rurais, mediada pela sociabilidade, identidade e redes.

Para chegar a isto, nossos **objetivos específicos** são: 1) Descrever como se dá consumo cultural e qual o contexto dos dois grupos de mulheres rurais selecionados; 2) Detalhar de que forma se caracteriza a sociabilidade das interlocutoras, especialmente no que diz respeito à família, escola, religião e ao trabalho; 3) Avaliar se e como as mulheres rurais lourencianas formam redes, sejam presenciais ou digitais, e em que medida essas redes atuam em seu cotidiano e concepções de mundo ; 4) Entender qual a leitura das interlocutoras acerca das imagens provenientes das telenovelas e dos telejornais e se e/ou como essas imagens atuam nas representações que elas têm acerca da mulher trabalhadora rural e na construção de suas identidades, considerando questões relacionadas ao gênero, à classe, e às relações étnico-raciais.

O trabalho se organizará em seis capítulos, sendo que os três primeiros terão um enfoque mais teórico, sucedidos pelo capítulo de apresentação das mulheres rurais que contribuíram para a pesquisa, o capítulo de análise, as considerações finais e as referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, situamos o ambiente no qual a pesquisa será desenvolvida, bem como as duas comunidades tradicionais estudadas, a partir de dados Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE) e autores como Maurício Schneider (2017), Ivan Seibel (2016) e Rosane Rubert (2005), entre outros.

No segundo capítulo, nos aprofundamos nas discussões sobre gênero. Assim, abordamos como a questão de gênero se coloca na zona rural, e como os atravessamentos étnico-raciais e de classe se agenciam, também, neste território. Considerando o papel centralizador que por muito tempo foi ocupado pela família no ambiente rural, damos sequência no capítulo trazendo uma discussão sobre as relações familiares no campo, e por fim, refletindo sobre quais são os espaços e perspectivas para as mulheres no contexto atual. Para este apanhado, utilizamos contribuições de diversas autoras e autores como Angela Davis (2016), Clarissa Schwartz (2012), Danièle Kergoat (2010), Ellen Woortmann (1995), Elisa Guaraná de Castro (2005), Emma Siliprandi (2004), Joan Scott (1995), Leandra Fonseca (2020), Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli (2014), Marcela Lagarde (2011), Maria José Carneiro (2001), Nancy Fraser e Rahel Jaeggi (2020), Parry Scott e Rosineide Meira Cordeiro (2013), Silvia Federici (2019) e Simone de Beauvoir (1967). Ademais, a pesquisa nacional “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, realizada em 2001 e replicada em 2010 pela Fundação Perseu Abramo, sob o nome “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, transformada em dois livros (VENTURI et al. 2004; VENTURI E GODINHO, 2013), se configura como um instrumento fundamental para o direcionamento do nosso trabalho.

No terceiro capítulo, explicamos o nosso aporte teórico-metodológico, iniciando pela Teoria das Mediações e de uso social dos meios, de Jesús Martín-Barbero (1997, 2018), pontuando os entrelaçamentos que o autor propõe entre a cultura e os produtos midiáticos no cotidiano dos indivíduos. Nesta parte, também apresentamos as mediações de sociabilidade, identidades e redes, que nos propomos a utilizar para investigar as mulheres de cada uma das comunidades.

Na sequência, apresentamos a perspectiva metodológica de Retratos Sociológicos, proposta por Bernard Lahire (2004), adotada na pesquisa. No tópico, aprofundamos sua visão acerca das matrizes socializadoras de cada indivíduo (como a família, a escola, o trabalho e a religião), que surgem como pauta em nossas entrevistas e possibilitam compreender como as nossas interlocutoras visualizam suas realidades, a partir das mediações selecionadas. Também relatamos os passos dados e as escolhas firmadas ao longo da condução do presente estudo. Finalizamos o capítulo apresentando como chegamos até as mulheres que integram a investigação.

No quarto capítulo, é o momento de conhecer as mulheres rurais que contribuíram para a pesquisa e são protagonistas deste trabalho, esboçando os perfis individuais de cada uma. No quinto capítulo, analisamos o material coletado a partir das mediações de Martín-Barbero. Os

dados comparativos sobre o consumo de mídia entre as interlocutoras igualmente são trazidos aqui. Da mesma forma, buscamos traçar paralelos entre o que percebemos em campo e os estudos que compõem o nosso estado da arte, na tentativa de compreender rupturas e permanências nos processos de uso e apropriação dos meios. Após, são encaminhadas as considerações finais da pesquisa.

1 ONDE SE DESENVOLVE NOSSA PESQUISA

Iniciamos a pesquisa situando onde o estudo foi realizado, o município de São Lourenço do Sul/RS. Na sequência, apresentamos as duas comunidades tradicionais que compõem o território rural lourenciano: comunidade pomerana e comunidade quilombola. Para isso, além de dados estatísticos, utilizamos apontamentos de autores como Maurício Schneider (2017), Ivan Seibel (2016) e Rosane Rubert (2005).

1.1 O espaço rural de São Lourenço do Sul

O nosso estudo se desenvolve em São Lourenço do Sul/RS, cidade localizada na zona sul do Rio Grande do Sul e que é reconhecida dentro do estado por suas belas praias e seu potencial turístico.

A zona rural tem um papel fundamental para a economia do município, sendo responsável por 60% do seu Produto Interno Bruto (PIB), com destaque às plantações de fumo, milho, arroz, batata inglesa e soja³⁷.

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Rural de São Lourenço, dos 43 mil habitantes, mais de 20 mil vivem no interior³⁸. O número contraria a tendência de urbanização do estado, na qual 85,1% da sua população gaúcha vive em áreas urbanas, de acordo com dados do Censo 2010³⁹.

Além da zona urbana (distrito sede), outros sete distritos na zona rural compõem o território lourenciano⁴⁰, cada um deles formado por demais localidades.

FIGURA 1 – Mapa de São Lourenço do Sul

³⁷ Disponível em: <<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/portal/servicos/1001/historia-da-cidade/>>. Acesso em: 26 jul. 2021

³⁸ Disponível em: <<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/portal/secretarias/11/secretaria-municipal-de-desenvolvimento-rural/>>. Acesso em: 26 jul. 2021

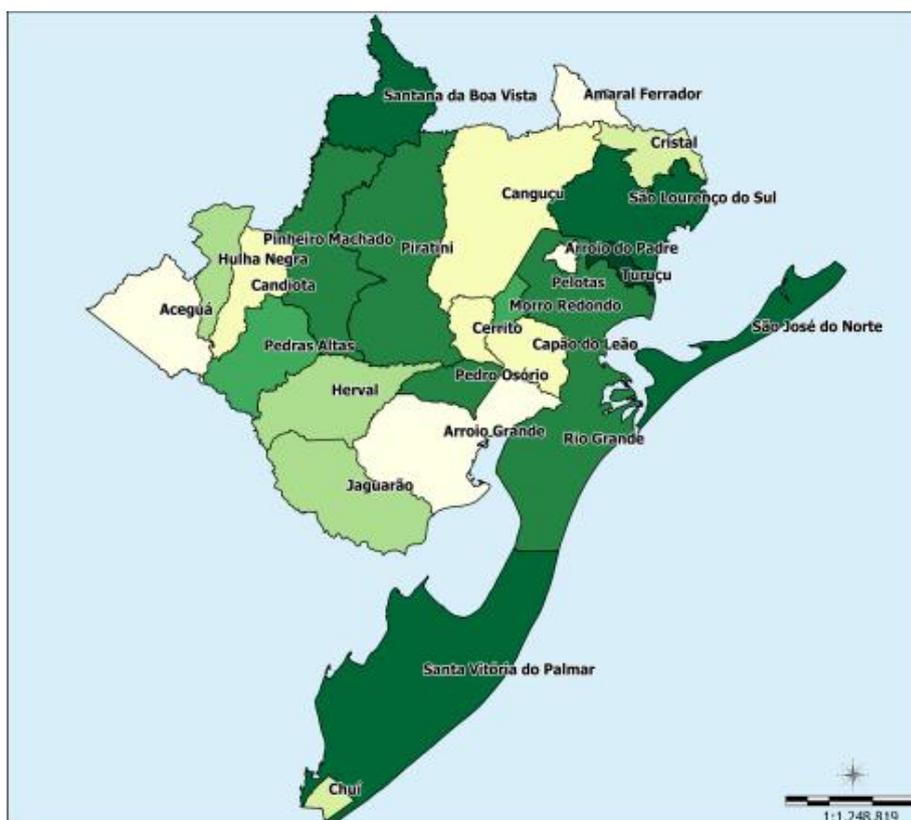
³⁹ Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/grau-de-urbanizacao>> Acesso 09 out 2022

⁴⁰ Disponível em: <https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/publicos/00_decreto_2916.pdf> Acesso em 06 fev 2022



Fonte: Google Maps, registro pela autora.

FIGURA 2 – Mapa da zona sul do estado – Relação geográfica entre São Lourenço do Sul e demais municípios



Fonte: Secretaria do Desenvolvimento Territorial⁴¹

⁴¹ Disponível em:

http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_104_Zona%20Sul%20do%20Estado%20

De acordo com o Sebrae⁴², em 2019, 36,2% dos domicílios lourencianos estavam localizados na zona rural, porcentagem que corresponde a 5.051 residências. Na zona urbana, seriam 8.889 domicílios, com o índice de 63,8%.

Considerando, então, as dinâmicas presentes no território lourenciano, onde o interior do município apresenta população considerável, é importante pensar em como quem mora nas zonas rurais – de São Lourenço do Sul, do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil – pode sofrer com desigualdades em relação às populações urbanas, e como isso pode afetar de forma mais significativa as mulheres rurais.

Utilizamos para essa comparação dados do Censo Demográfico de 2010, último estudo encontrado⁴³ com comparações de rendimentos entre as zonas urbana e rural, com divisões por gênero. O estudo aponta que no Brasil, homens da zona urbana recebem em média R\$1.505,71 e mulheres R\$1.055,10. Analisando os dados de São Lourenço, homens da zona urbana recebem em média R\$1.130,10 e mulheres R\$886,35.

A disparidade entre homens e mulheres é ainda mais evidente quando nos atentamos somente ao contexto rural. A média salarial de homens que vivem no campo, no país, é de R\$691,15 e das mulheres, R\$458,71. Há de se destacar que em São Lourenço do Sul os valores são mais elevados, mas ainda inferiores a quem vive na cidade: R\$978,04 para homens e R\$702,60 para mulheres.

TABELA 1 - RENDIMENTO RURAL x URBANO

	HOMEM URBANO	MULHER URBANA	HOMEM RURAL	MULHER RURAL
BRASIL	R\$1.505,71	R\$1.055,10	R\$691,15	R\$458,71
SÃO LOURENÇO DO SUL	R\$1.130,10	R\$886,35	R\$978,04	R\$702,60

Fonte: Elaborada pela autora, com base em IBGE (2010).

Já no que diz respeito à composição étnico-racial, de acordo com Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 89,03% da população lourenciana autodeclara-se branca e 10,68% autodeclara-se negra (pretos e pardos).

[%20RS.pdf](#)> Acesso em 10 mar. 2022

⁴² Disponível em: <https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Sao_Lourenco_do_Sul.pdf> Acesso em 10 fev. 2022

⁴³ Ainda que existam estudos mais recentes do IBGE específicos sobre gênero, não encontramos em nenhum dados suficientes para que fosse possível realizar o cruzamento proposto entre rendimentos (homem x mulher x urbanos x rurais).

Considerando a população rural em comparação à população total do município, 19,60% são mulheres brancas e 0,97% mulheres negras.

O Instituto também nos fornece dados do Censo 2010 que possibilitam uma maior compreensão da formação religiosa do povo lourenciano, que tem como sua principal matriz o cristianismo.

TABELA 2 - RELIGIOSIDADE DO POVO LOURENCIANO

RELIGIÃO	
1º Evangélica	20.892 pessoas
2º Católica Apostólica Romana	19.200 pessoas
3º Sem religião	1.488 pessoas
4º Espírita	711 pessoas
5º Católica Apostólica Brasileira	325 pessoas
6º Testemunhas de Jeová	152 pessoas
7º Não determinada e múltiplo pertencimento	95 pessoas
8º Umbanda e Candomblé	91 pessoas
9º Umbanda	83 pessoas
10º Tradições esotéricas	76 pessoas
11º Outras religiosidades cristãs	38 pessoas
12º Não sabe	25 pessoas
13º Novas religiões orientais	18 pessoas
14º Outras declarações de religiosidades afrobrasileiras	9 pessoas

PROPORÇÃO

Matriz cristã	41.318 pessoas	95,64%
Sem religião/Não definida	1.608 pessoas	3,72%
Matriz africana	183 pessoas	0,42%
Outras religiões	94 pessoas	0,21%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em IBGE (2010).

Os dados nos fornecem pistas sobre a realidade das mulheres rurais lourencianas e nos

sinalizam aspectos que precisam ser contextualizados em nossa pesquisa, a fim de proporcionar um estudo mais comprometido com as dinâmicas presentes no território.

Destacamos, ainda, o fato da zona rural lourenciana ser composta por duas comunidades tradicionais - pomerana e quilombola – ponto crucial para darmos andamento em nossa problemática de pesquisa. De acordo com a “Política, Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs)” ⁴⁴do Governo Federal, que dá esta nomenclatura para 28 comunidades no Brasil, o conceito se refere à

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2021)

Apontando que o termo “populações tradicionais” pode ser abrangente, por seus integrantes compartilharem diferenças, Carlos Brandão e Alessandra Leal (2012) nos auxiliam a aprofundar qual o entendimento atual acerca do que seriam, hoje, essas comunidades, deslocando, assim, "o eixo de uma tradicionalidade cultural centrada sobre a interioridade peculiar de um modo de vida, para questões que priorizam a questão da ocupação ancestral ou recente de um território" (p. 82).

Considerando que as pessoas que compõem determinado agrupamento tradicional não são mais da geração originária, em quatro tópicos Brandão e Leal (2012) apontam perspectivas que nos auxiliam a definir de forma mais efetiva essas comunidades, de acordo com a particularidade da história de cada uma. Para os autores, as comunidades tradicionais na atualidade devem se relacionar com ao menos uma das premissas abaixo:

- a) São herdeiras de povoadores ancestrais, distantes da atual geração o bastante para que seus nomes, suas datas e seus feitos estejam totalmente apagados de registros históricos e/ou sejam revividos na memória como uma saga fundadora ou um pequeno repertório de mitos;
- b) São herdeiras de povoadores ancestrais reconhecidos, de tal maneira que os dados de origem da geração fundadora estão estabelecidos como registro (não raro, documentos pessoais ou cartoriais de fundação de lugar ou doação de terras) e cuja linha de sucessão de modo geral pode ser traçada até a presente geração;
- c) A geração atual é ou se reconhece, desde um tempo passado, mas ainda presente na vida dos mais velhos ou na memória ativa de seus filhos, como fundadora original do lugar em que vive e da comunidade que constitui;
- d) Uma leva de povoadores chega a um lugar e estabelece ali, em termos de uma 'atualidade presente' uma comunidade com características culturais e identitárias que a aproximam de comunidades tradicionais mais antigas ou mesmo ancestrais. Muda-se, neste caso, um modo atual de vida, mas não um modo antecedente de vida." (BRANDÃO E LEAL, 2012, p. 74)

⁴⁴ Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidadestradicionais>> Acesso em: 06 fev. 2021

Os autores também citam que, atualmente, há uma preocupação teórica em ligar as populações tradicionais ao manejo que estas fazem do meio ambiente, junto aos saberes e práticas interligadas a esse manejo, "para a organização interna das unidades comunitária e sua dependência, sobretudo política e econômica frente aos centros urbanos próximos em mais remotos e, mais ainda, a dimensão identitária alter ou autoatribuída" (BRANDÃO E LEAL, 2012, p. 82).

A partir dessa compreensão, daremos sequência ao trabalho apontando aspectos referentes a cada uma das duas comunidades que serão analisadas, ou seja, as populações pomerana e quilombola de São Lourenço do Sul.

Maurício Schneider (2017) aponta que os dois grupos vivenciaram processos históricos diferentes na forma como se deu a ocupação da região: os quilombolas desvinculando-se de um regime escravocrata, e os pomeranos por meio de projetos governamentais que fomentavam a colonização. Porém, vivendo em um mesmo local, o autor destaca que “no presente, percebe-se que, no contexto estudado, quilombolas e pomeranos partilham diversos espaços, estabelecendo inúmeras conexões” (SCHNEIDER, 2017, p. 16). Ele cita algumas, ficando evidente a relação de trabalho, hierarquia e classe que se estabelece entre ambos:

Na produção de fumo, principal atividade agrícola desenvolvida na região, quilombolas trabalham nas propriedades de colonos pomeranos. Também frequentam as mesmas festas e as mesmas benzedadeiras, utilizam os mesmos equipamentos públicos, como escolas e postos de saúde. Ainda, alguns quilombolas aprenderam o idioma pomerano (Ibidem, 2017, p. 16).

1.2 Conhecendo a comunidade pomerana

São Lourenço do Sul é considerada a principal cidade com imigração pomerana no Rio Grande do Sul (SEIBEL, 2016). A vinda das famílias pomeranas, junto de famílias luso-brasileiras – que se firmaram em outras regiões do estado – fez parte dos projetos de colonização promovidos pelos Governos Imperial e Provincial, ou ainda, particulares (SCHNEIDER, 2017).

Registros apontam que os primeiros imigrantes chegaram no solo do município em 1858⁴⁵. A Colônia de São Lourenço, atual município de São Lourenço do Sul, foi fundada dois anos antes, em 1856. Na ocasião, o empresário alemão Jacob Rheingantz, conjuntamente com o Coronel lourenciano José Antonio de Oliveira Guimarães, passou a instituir o primeiro

⁴⁵ Disponível em: < <https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/portal/servicos/1001/historia-da-cidade/>> Acesso em: 26 jul. 2021

povoado com colonização pomerana da Serra dos Tapes⁴⁶ (SCHNEIDER, 2017).

A Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) salienta que essa comunidade - que tem origem germânica e é originária da Pomerânia, região localizada na região do Mar Báltico, entre as atuais Alemanha e Polônia - se define pela grande ênfase dada ao trabalho, à família e às práticas religiosas, de matriz protestante. Além disso, valoriza profundamente o dialeto próprio - pomerano - com o esforço de manter a língua viva até os dias atuais, apesar dela ser somente falada.

O modo de vida pomerano é austero, com uma rotina pesada de trabalho na lavoura e na criação de animais. Os pomeranos caracterizam-se como produtores rurais, trabalhadores fortes e dedicados. (...) A cultura pomerana, baseada na organização da vida diária familiar e no trabalho na lavoura, pouco mudou desde a chegada dos primeiros imigrantes europeus. É alto o grau de permanência de tradições e valores originais, mantendo o espírito de família, a religiosidade, a língua e o comunitarismo (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2022)

Em São Lourenço do Sul, a cultura pomerana é valorizada a partir do roteiro de turismo rural Caminho Pomerano⁴⁷, que congrega treze empreendimentos abertos à visitação e oito agroindústrias, na busca de reconstituir a história dos primeiros imigrantes que chegaram ao município; e da Südktoberfest, uma festa germânica que acontece em outubro e recebeu, na edição de 2022, cerca de 30 mil visitantes⁴⁸. É considerada a maior festa típica da região Sul.

1.3 Conhecendo a comunidade quilombola

São Lourenço do Sul tem, em 2022, cinco comunidades remanescentes de quilombos reconhecidas pela Fundação Palmares, sendo que todas estão localizadas no território rural. As comunidades negras foram se firmando no município, principalmente, a partir da chegada de escravizados fugidos de Canguçu/RS, em grupos que ocuparam a Serra dos Tapes após 1830 (RUBERT, 2005, p.38). A ida para o local teve viés estratégico, afinal, a região possui relevo íngreme e é distante, dificultando as buscas (SCHNEIDER, 2017)

Apesar de poucos registros sobre o uso de mão-de-obra escrava especificamente em solo lourenciano, o município se localiza a 60km de distância de Pelotas/RS, cidade gaúcha que explorou o povo negro em charqueadas, e foi considerada uma das principais regiões escravistas

⁴⁶ “A Serra dos Tapes é uma região localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul e que compreende parte dos municípios de Pelotas, Canguçu, Arroio do Padre e São Lourenço do Sul, entre outros” (SCHNEIDER, 2017, p. 16-17)

⁴⁷ Disponível em <<https://caminhopomerano.com.br/>> Acesso em: 26 fev. 2023

⁴⁸ Ver mais em <<https://www.saolourencoreporter.com/2022/10/14/sudktoberfest-encerra-comemorando-sucesso-em-seu-novo-parque/>> Acesso em: 26 fev. 2023

do estado⁴⁹, chamada inclusive de “purgatório dos negros” em virtude do alto grau de violência contra a população escravizada. Vale destacar, inclusive, que no Rio Grande do Sul, a maior parte da mão de obra escravizada trabalhava em indústrias charqueadoras e não na agricultura, que correspondia à principal atividade produtiva do Brasil na época (ASSUMPÇÃO, 2016, apud GROSSI et al., 2021).

De acordo com a CNPCT⁵⁰, as comunidades quilombolas se caracterizam principalmente por serem grupos de resistência. Anos atrás, eram locais para onde iam pessoas escravizadas fugidas e recém-libertas. Com o tempo, outros grupos sociais com baixo poder aquisitivo, perseguidos e excluídos também foram se incorporando aos quilombos. As comunidades são reconhecidas pelos laços fortalecidos pela sociabilidade e ajuda mútua.

No entanto, conforme Gabriel Machado e autores (2021) nos alertam, na contemporaneidade os quilombos não devem continuar a ser vistos apenas como um local de escravos fugitivos. Segundo os autores, o termo foi ressemantizado com base nas experiências dos quilombolas ou remanescentes de quilombos. “Hoje, os quilombos constituem um legado material e imaterial de resistência com os quais os quilombolas desenvolvem e reproduzem modos de vida característicos num determinado lugar” (SILVA, 2012, apud MACHADO et. al, 2021, p. 278).

Graziela Rosa e Adriana Ferreira (2021) indicam que São Lourenço do Sul possui cerca de 200 famílias quilombolas. Apontam que quando realizaram sua pesquisa, o Quilombo da Picada era composto por 18 famílias e aproximadamente 30 pessoas; o Quilombo do Torrão, 26 famílias e cerca de 65 pessoas; o Quilombo Coxilha Negra, 29 famílias e não há o número exato de integrantes; o Quilombo Monjolo, 24 famílias e aproximadamente 36 pessoas, e por fim, o Quilombo do Rincão constitui a comunidade mais numerosa, com 103 famílias, sendo que há 97 mulheres.

As autoras apontam que as comunidades são mistas “havendo homens, mulheres e crianças, jovens, adultos e idosos”. Também apontam que “nem todas as pessoas que moram nos quilombos são negras, embora os quilombos sejam predominantemente formados por negros/as” (ROSA e FERREIRA, 2021, p. 43).

Cada comunidade tem suas características, mas todas se assemelham pela mão de obra ofertada dentro das comunidades, tendo poucos/as quilombolas ocupando cargos públicos, e as mulheres atuando, na sua maioria, como domésticas, agricultoras, estudantes, faxineiras, diaristas, pensionistas e aposentadas. Os homens são mecânicos, pedreiros, alambreadores (fazem cercas para guardar o gado), agricultores, empregados de propriedades agrícolas privadas, alguns com salário mensal. Os

⁴⁹ Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/brasil-vida-dos-escravos-angolanos-e-mo%C3%A7ambicanos-na-cidade-de-pelotas/a-3867977>> Acesso em: 05 dez. 2021

⁵⁰ Disponível em <<http://portalypade.mma.gov.br/quilombolas>> Acesso em: 14 fev. 2022

“peões” trabalham de diaristas. Há aposentados e desempregados, e as mulheres são as que mais sentem dificuldades de conseguir emprego (ROSA e FERREIRA, 2021, p. 43)

A partir das informações trazidas pelas autoras no capítulo, é possível perceber que a questão de classe⁵¹ e de hierarquia que se associa na relação da comunidade quilombola em relação à comunidade pomerana novamente se coloca. Assim, os quilombolas, dentro do território lourenciano, ocupam funções menos valorizadas, enquanto os pomeranos se firmam como proprietários das terras.

⁵¹ Quando falamos de classe, vale ressaltar que consideramos a noção de habitus de classe de Bourdieu (2007) e explorada por Ronsini (2012; 2016). Neste sentido, entendemos que o habitus “é o resultado das disposições incorporadas e, ao mesmo tempo, um gerador de manifestações expressas individualmente” (RONSINI, 2016, p. 52), e que “nem sempre ocorre o ajuste perfeito entre posição social e disposição de classe, pois as disposições podem ser incoerentes em função de crises ou da estabilidade do status ocupado, do desacordo em relação às expectativas coletivas de um grupo social ou de uma tomada de consciência” (Ibidem, 2016, p. 52). Não aprofundaremos a discussão porque, como explicamos na introdução, trazemos como recorte da dissertação o foco na questão de gênero, pela impossibilidade de suprir teoricamente todas as lacunas em relação à classe e às relações étnico-raciais, embora sabendo que os três eixos são indissociáveis (FRASER e JAEGGI, 2020; KERGOAT, 2010)

2 AS MULHERES DO CAMPO

Neste segundo capítulo nos debruçamos sobre o tema da pesquisa, as mulheres do campo. Utilizando contribuições de diversas teóricas, inicialmente, contextualizamos como o gênero define o cotidiano das mulheres das mulheres que vivem na zona rural. Em seguida, exploramos como os atravessamentos étnico-raciais e de classe provocam tensionamentos no território; abordamos o papel ocupado pela família; e finalizamos a discussão trazendo perspectivas para as mulheres no contexto atual.

2.1 O que é ser mulher do campo

O Rio Grande do Sul é reconhecido pelo protagonismo que assume na oferta de alimentos ao território nacional. O estado ocupa lugar de destaque na produção e distribuição de diversos produtos agrícolas, como trigo e aveia, ao mesmo tempo em que é considerado um dos principais exportadores de fumo, soja e arroz⁵².

Com o exercício da agricultura presente em praticamente todas as regiões e se firmando como o principal setor produtivo⁵³ da economia gaúcha, evidencia-se também a necessidade latente de dedicação às populações rurais nas pesquisas acadêmicas. Assim, no presente trabalho, a nossa atenção é voltada às mulheres do campo gaúchas, mais especificamente da região Sul.

Os primeiros estudos sobre o campo no Brasil não costumavam realizar recortes sobre quem vivia no espaço, envolvendo a questão de gênero, por exemplo. Como recupera Clarissa Schwartz (2012), as comunidades rurais eram vistas como espaços de solidariedade interna, onde as diferenças não se sobressaíam. Ela explica que foi só com o tempo que o campo deixou de ser visto de forma romantizada, e as disputas e tensionamentos começaram a ganhar maior espaço no ambiente acadêmico, junto com a intensificação de reivindicações de jovens e mulheres por mais autonomia.

Como qualquer espaço de interação social, as zonas rurais do Brasil - e do Rio Grande do Sul - apresentam diversas pluralidades entre seus componentes, fato que também é ressaltado por Parry Scott e Rosineide Meira Cordeiro (2013). Elas citam a enorme diversidade no campo, advertindo contra qualquer tentativa de generalização sobre as mulheres que ocupam os territórios rurais ao redor do país, afinal, segundo as autoras, “a busca das diferenças é muito

⁵² Disponível em: Fundação de Economia e Estatística

<<https://arquivofee.rs.gov.br/sinteseilustrada/caracteristicas-da-agropecuaria-do-rs/>> Acesso em 19 dez. 2022

⁵³ Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/geografia>> Acesso em 19 dez. 2022

mais elucidativa do que a tentativa de qualquer caracterização unificada” (SCOTT e CORDEIRO, 2013, p.129).

Já exposta na introdução deste trabalho, a necessidade de se investigar a realidade das camponesas se justifica pelos muitos obstáculos por elas enfrentados: somente na constituição de 1988, há pouco mais de 30 anos, as mulheres conquistaram o direito formal à terra, a partir de lutas autônomas e reivindicações de movimentos sociais. No campo, o rendimento médio das mulheres é 27% inferior aos dos homens⁵⁴, mesmo que trabalhem cerca de 4 a 5 horas a mais por dia ⁵⁵. Do total geral de propriedades rurais identificadas no Censo Agropecuário 2017 (5,07 milhões), elas são proprietárias de apenas 19%, enquanto eles detêm 81%⁵⁶.

Emma Siliprandi (2004) ressalta a exigência de atentar-se às condições econômicas das mulheres que vivem no campo, avaliando se o acesso a meios de sobrevivência como o trabalho, a propriedade e ao dinheiro é garantido e em caso positivo, em quais condições se dá. De acordo com a última edição publicada do Anuário das Mulheres Brasileiras⁵⁷, veiculada em 2011 pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), 30,7% das mulheres, do campo e da cidade, trabalham sem remuneração financeira, contra 11,1% de homens na mesma situação. O Anuário também indica que 80% das residentes na área rural recebem no máximo um salário mínimo por mês.

Tais disparidades vivenciadas pelas camponesas em relação aos homens se instituem na cultura de forma efetiva a partir do entendimento acerca da divisão sexual do trabalho e desigualdade de gênero. Um exemplo é que, até hoje, além de dividirem o trabalho de força na lavoura, a gestão sobre o cuidado da casa e dos filhos continua sendo direcionada em sua maior parte às mulheres (CARNEIRO, 2001; WOORTMANN, 1995; SILIPRANDI, 2004). Além disso, apesar de toda a família – incluindo essa mulher - trabalhar no campo, geralmente o valor recebido pela venda da produção costuma ser depositado na conta do patriarca, impossibilitando que as esposas tenham acesso ao dinheiro. Outro problema consiste na própria valorização do trabalho por elas realizado.

No campo, principalmente na agricultura familiar, é comum as próprias mulheres não se identificarem como trabalhadoras, sobretudo se realizam apenas algumas tarefas consideradas secundárias com relação aos produtos economicamente mais importantes para a conformação da renda familiar. Ainda que seu trabalho cotidiano

⁵⁴ Disponível em <https://www.canalrural.com.br/noticias/mulheres-do-campo-recebem-27-menos-do-que-homens-do-mesmo-setor/> Acesso em: 17 jan. 2021

⁵⁵ Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-19/sobrecarga-de-trabalho-no-campo-e-obstaculo-para-autonomia-das-mulheres-do-campo-na-america-latina> Acesso em: 15 jan. 2021

⁵⁶ Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais> Acesso em: 16 jan. 2021

⁵⁷ 2011 foi o último ano em que o Anuário foi publicado. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/anuario/2011/anuarioMulheresBrasileiras2011.html> Acesso em: 17 jan. 2021

inclua a elaboração de produtos que serão vendidos e gerarão receitas para a propriedade (sejam não-transformados, como ovos, pequenos animais, verduras etc.; sejam artesanais, como pães, doces, conservas), elas raramente irão considerar estas tarefas como trabalho remunerado. (SILIPRANDI, 2004, p. 127)

Por ser um ambiente tradicional, nota-se que no campo os papéis ocupados pelos gêneros feminino e masculino são mais evidentes. Definimos o termo gênero utilizando a conceituação de Joan Scott (1995), que o divide em dois eixos. No primeiro deles, propõe que o gênero seria “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (p. 21). As diferenças sociais percebidas concernem justo o que está na cultura, no campo das representações. Junto disso, em um segundo eixo, Scott (1995) discute o gênero também como uma forma primária de significar as relações de poder. Ao mesmo tempo que a autora percebe a materialidade dos corpos como evidente quando observada dentro de um sistema patriarcal, cis-heteronormativo, na hora da definição do gênero, ela ressalta que essas diferenças só fazem sentido dentro de uma existência que compreenda os significados e valorações culturais das determinações. Sua legitimação só aconteceria a partir de outras instâncias sociais que institucionalizaram o que seria incumbência de cada corpo em uma sociedade.

Ao explicar que o processo de integrar-se a uma cultura transforma a sexualidade dos indivíduos, Scott (1995) aponta que as oposições entre o que seria “feminino” ou “masculino” legitimam determinadas convenções sociais que não têm a ver com a sexualidade, e restringem os papéis e os lugares de gênero para homens e mulheres ao longo da história.

É por isso que ela propõe que gênero possa ser entendido a partir de quatro elementos relacionados: 1) interligado aos símbolos existentes em uma cultura, que remetem a representações simbólicas e criam dicotomias entre imagens consideradas “boas” e “más”; 2) fundado sob conceitos normativos desenvolvidos a partir de determinados símbolos, como as religiões ou os sistemas educacional e jurídico, por exemplo, onde a posição declarada dominante - no nosso caso, a masculina - é anunciada como a forma de vida possível; 3) analisado com atenção ao contexto político e econômico, bem como às instituições e organizações sociais, e seus respectivos interesses, ressaltando a também a tentativa do patriarcado em “borrar” as mulheres da história, o que reflete diretamente nas relações que serão construídas a partir disso; e 4) que a identidade é subjetiva, ou seja, a negociação e agência é individual.

A teórica ressalta, então, a necessidade de promover um olhar histórico, e como exemplo, cita Bourdieu (1980 apud SCOTT, 1995), relatando que, em determinadas culturas, atividades de agricultura eram organizadas seguindo conceitos de tempo e de estação, estabelecidas a partir de definições específicas da oposição masculino/feminino. Dessa forma,

o calendário e os ciclos da natureza eram explicados a partir de divisões de gênero.

Relacionando este aspecto ao tema estudado na nossa pesquisa, podemos pensar como a legitimação dos gêneros é refletida até hoje na divisão sexual do trabalho expressa na zona rural, onde mulheres são responsáveis, principalmente, por tarefas de cuidado e manutenção da vida, seja dos familiares ou dos pequenos animais da propriedade, limitando sua atuação principalmente ao espaço privado; enquanto os homens têm a oportunidade de expandirem suas ações ao espaço público, ficando incumbidos de tarefas administrativas, que necessitem de articulação financeira para compra e venda, ou de demandas que exijam força física. Mesmo com este paradigma ainda vigente, desde a década de 80 nota-se a intensificação de debates sobre o trabalho e o espaço da mulher rural, como veremos na sequência do trabalho.

2.2 Atravessamentos étnico-raciais e de classe no espaço rural

Adotando uma visão crítica sobre o capitalismo (DAVIS, 2016; FEDERICI, 2019; FRASER e JAEGGI, 2020), compreendemos este sistema econômico como uma das principais forças de manutenção de desigualdades, que atua como uma ordem social institucionalizada (FRASER e JAEGGI, 2020). As diferenças de gênero e étnico-raciais presentes no mundo rural lourenciano - assim como entre as demais populações do país e do mundo - se firmam como pano de fundo na instauração de desigualdades econômicas, capazes de manter em pé a reprodução do capitalismo como um sistema de exploração e de expropriação.

Para Nancy Fraser (FRASER e JAEGGI, 2020), os mercados capitalistas necessitam, para continuarem existindo, de relações sociais não mercantilizadas. Uma dessas relações seria o trabalho de cuidado e de reprodução da vida, que consiste em tarefas de limpeza, alimentação, educação e fortalecimento de laços sociais. No contexto em que vivemos, todas essas demandas se relacionam com a manutenção da força de trabalho e a criação de novos trabalhadores, ficando sob responsabilidade, principalmente, das mulheres (FEDERICI, 2019).

Alinhada à essa visão, Silvia Federici (2019) considera que a divisão sexual do trabalho no capitalismo romantizou o trabalho doméstico, impondo as tarefas como algo “natural” às mulheres, e fazendo com que deixasse de ser visto, muitas vezes, como um trabalho. Para ela, faz parte da socialização feminina o treinamento diário de meninas, desde a infância, por mulheres mais velhas.

Dessa maneira, é possível dizer que a divisão sexual do trabalho fundamenta o acesso diferenciado de homens e mulheres a recursos como tempo, seja de dedicação ao trabalho, ou tempo livre; experiências distintas, e desenvolvimento de aptidões que podem desencadear futuros possíveis (MIGUEL E BIROLI, 2014). Isso se dá a partir da construção diferenciada de

horizontes de possibilidade para homens e mulheres, quando esses ainda são crianças e, segundo Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli (2014), atua diretamente no grau de autonomia que cada indivíduo terá ao longo de sua vida. Para os autores, as mulheres que se dedicam à família, deixando de lado suas ambições profissionais, principalmente depois de casarem e terem filhos, acabam tendo suas redes e aptidões não domésticas e/ou profissionais diminuídas.

Esse direcionamento da vida feminina a partir do homem foi alvo dos esforços teóricos de Simone de Beauvoir (1967), uma das primeiras e mais importantes teóricas feministas. Beauvoir acreditava que a vida social era tecida a partir do homem, o sexo primeiro. O segundo sexo, feminino, era rebaixado e menos valioso. Segundo ela, a mulher é construída para o “outro”, deixando de seguir seus desejos de realização e dificilmente alcançando a expectativa que o “outro” tem de si.

Tal posição servil da mulher, que esquece de si e busca sempre agradar é o que Marcela Lagarde (2011) conceitua como *madresposa*. Para a autora, diversos setores da sociedade acolhem a ideia de que as mulheres têm, como única e fundamental missão, a maternidade, bem como que são direcionadas desde o nascimento à tarefa básica do cuidado, mesmo que não tenham ou não pretendam ter marido e filhos.

Nesse cenário, Federici (2019) aponta que o cuidado passa a ser legitimado como uma aspiração pessoal e visto como um ato de amor. Isso beneficia o sistema capitalista: como é algo feito em prol do outro, como considerá-lo um trabalho, que deve ser remunerado? Assim, cria-se um mito sobre o que é trabalho - com desvalorização ao trabalho reprodutivo e maior ênfase ao produtivo - , quanto deve ser pago e quem deve exercê-lo.

Para Lagarde (2011), o fato é que a sociedade espera que as mulheres amem incondicionalmente e que esse amor lhes submeta a servir voluntariamente pessoas com as quais se relaciona, gastando toda sua energia emocional em busca da satisfação do outro e, segundo a autora, ainda que as mulheres tenham obtido diversas conquistas sociais, o autossacrifício por amor continua a ser naturalizado. Em sua concepção, esta estrutura ocasionaria - além da desvalorização do trabalho feminino - na normatização de suas condutas, assim como na culpabilização de quem não segue a manutenção da lógica patriarcal.

Federici (2019) segue o raciocínio, explicando que além de ser imposto às mulheres, o trabalho doméstico “também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração” (p.42). Assim, completa:

O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido

a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele. (...) Ao negar um salário ao trabalho doméstico e transformá-lo em um ato de amor, o capital matou dois coelhos com uma cajadada só. Primeiramente, ele obteve uma enorme quantidade de trabalho quase de graça e assegurou-se de que as mulheres, longe de lutar contra essa situação, procurariam esse trabalho como se fosse a melhor coisa da vida. (FEDERICI, 2019, p.42 – 43)

Em um sistema de classes, essas tarefas afetam, principalmente, as parcelas de mulheres mais vulneráveis, pertencentes a classes mais baixas, racializadas e/ou imigrantes (FEDERICI, 2019; FRASER e JAEGGI, 2020). Fraser entende que com a intensa comodificação da vida, ou seja, com a transformação de tarefas em serviços pagos, quem tem condições econômicas contrata trabalhadoras - muitas vezes, mal pagas - para esses papéis.

Ao voltarmos nossa atenção para um pequeno território da zona rural gaúcha, é fundamental refletir como essas dinâmicas se desenvolvem no local analisado, compreendendo as duas comunidades étnico-raciais ali presentes. Afinal, quando olhamos especificamente para as mulheres negras, essa opressão ganha contornos ainda mais fortes.

Siliprandi (2004) comenta que ainda que o campo tenha sofrido transformações nas últimas décadas, incluindo um processo de urbanização, é comum que o trabalho assalariado das mulheres rurais seja sazonal, por vezes restrito apenas a determinadas etapas do ciclo produtivo, em oposição ao desempenhado pelos homens, que seria constante. “Não há garantias quanto à existência de maiores oportunidades de empregos permanentes para as mulheres. De uma forma geral, as atividades econômicas continuam sob tutela masculina” SILIPRANDI, 2004, p. 127).

No caso de São Lourenço do Sul, percebemos que esses trabalhos sazonais, ainda que sejam realizados em sua maior parte por mulheres, ficam concentrados na população quilombola (FONSECA, 2020; ROSA e FERREIRA, 2021).

Na zona rural lourenciana, enquanto mulheres brancas acabam se envolvendo em tarefas de menor esforço físico, são mulheres negras as contratadas por dia enquanto bóias-frias no processo de colheita do fumo, afinal, como nos lembram Miguel e Biroli (2014) “raça e classe social incidem, sem dúvida, sobre barreiras e possibilidades” (p. 115).

É a interação entre diferentes ‘traços’ e diversos elementos das suas trajetórias e pertencimentos que define sua identidade. Vantagens e constrangimentos estão associados a esses ‘traços’ distintos. No feminismo, as experiências das mulheres brancas e negras, trabalhadoras e das classes médias, heterossexuais e homossexuais, compõem desafios complexos para a análise das condições de exercício da autonomia. (Ibidem, p. 114)

Ao avaliar o contexto das grandes plantações dos Estados Unidos, Angela Davis

(2016) explica que desde a infância, os corpos de meninas negras escravizadas eram “desprovidos de gênero” no que diz respeito ao trabalho, uma vez que realizavam atividades em pé de igualdade na zona rural com os meninos. Davis (2016) também aponta como historicamente, por estarem em uma posição de vulnerabilidade, as negras também estavam mais expostas a situações de abusos sexuais nas lavouras. “Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa de que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão” (DAVIS, 2016, p. 17).

Leandra Fonseca (2020), que recentemente realizou um estudo antropológico nos quilombos da região sul, incluindo São Lourenço do Sul, confirma esse cenário quando explica que as mulheres negras rurais acabam sendo obrigadas a trabalhar na terra dos outros para garantir sua própria sobrevivência.

A autora aponta que “além da sobrecarga da dupla jornada de trabalho, viver no meio rural e ser negra significa ser alguém que é vista apenas como disponível para o trabalho manual em razão da sua condição racial” (FONSECA, 2020, p. 107). Ela também percebeu, com a pesquisa, o grande envolvimento das mulheres em processos de liderança, principalmente dentro dos movimentos negro e quilombola, como forma de reivindicar seus direitos, fato que gera ainda mais sobrecarga.

2.3 Relações familiares no campo

É importante que tenhamos em vista que o patrimônio territorial assume significados distintos a depender de cada contexto social e cultural, e quando falamos das áreas rurais, o acesso à terra é forjado a partir de barreiras de gênero.

No campo, as relações de trabalho tendem a ser complexas, uma vez que a maioria das propriedades rurais são pequenas e utilizam a mão de obra familiar, como abordado por Ellen Woortmann (1995). Assim, laços de parentesco, que envolvem sentimentos como culpa, pertencimento e afeto, se entrelaçam em uma atividade produtiva e rentável, onde figuras masculinas assumem o papel de chefe/patrão, considerados por eles próprios e pelos outros membros do sistema familiar como a autoridade máxima.

Com essa hierarquização em voga, Siliprandi (2004) nos lembra que tanto as regras de herança como o mercado de terras e as políticas de reforma agrária acabam discriminando as mulheres, o que demonstraria como “não é difícil entender por que as escolhas de vida pessoal e de trabalho no campo se mostram tão fortemente ligadas entre si” (SILIPRANDI, 2004, p. 127). Igualmente, Maria José Carneiro (2001) aponta que “numa sociedade sustentada pelo

trabalho agrícola, o principal bem transmitido é a terra" (p. 31), e as mulheres, neste contexto, são lesadas por costumes⁵⁸ que não neutralizam o gênero.

Apesar da garantia legal, o acesso das mulheres à terra, como proprietárias, na maioria das vezes não se efetiva. A herança das mulheres envolve tanto “a posição específica da mulher no processo produtivo quanto dos valores que sustentam esta posição e, mais particularmente, do valor (econômico e simbólico) da terra” (CARNEIRO, 2001, p. 52).

Sob essa perspectiva, o casamento configura um papel fundamental na definição da vida das mulheres que vivem nesses locais. Para Siliprandi (2004), constituir uma família surge, para muitas das camponesas, como a única possibilidade para que elas continuem no campo, “dentro de um projeto ao mesmo tempo econômico e de futuro pessoal” (p.127). A autora também relata que as rurais relacionam ser mulher com o casamento e a maternidade, que são vislumbrados, por elas, “como uma responsabilidade e um destino e, de certa forma, como um peso em suas vidas” (SILIPRANDI, 2004, p. 130).

Carneiro (2001) complementa, indicando que “nas relações de trabalho familiar a esposa tem sua autonomia econômica neutralizada pelas imposições devidas a um sistema que articula produção e parentesco” (p. 52). A autora também observa que ser agricultora, neste caso, deixa de ser uma profissão e passa a ser um estatuto matrimonial, pois “quando casada, a mulher passa a dever várias obrigações frente ao marido, o que na agricultura implica participar dos trabalhos da lavoura” (CARNEIRO, 2001, p.52).

Assim, nas comunidades camponesas “a família é uma rede que para além das relações familiares, envolve amizade, religião e outras formas de sociabilidade, mas também controle” (CASTRO, 2005, p. 155).

É importante atentar-nos, no entanto, ao fato de que a família pode ter diferentes significados quando observamos a condição racial e econômica dos integrantes. Como apontam Miguel e Biroli (2014) “para mulheres pobres e marginalizadas, a família representa uma rede de apoio muito mais central em suas vidas” (p. 86), fato que deve ser considerado ao longo do trabalho, uma vez que mulheres quilombolas ocupam posições sociais menos favorecidas em relação às mulheres pomeranas de São Lourenço do Sul.

Para as mulheres brancas e de classe média, a compreensão da família como estrutura de opressão é muito mais unívoca. Para negras trabalhadoras, porém, a família pode ser também o local em que ocorre “uma humanização que não é experimentada no mundo externo, em que nos confrontamos com todas as formas de opressão”. (MIGUEL E BIROLI, 2014, p. 85)

⁵⁸ “O direito consuetudinário é o conjunto de costumes e práticas de uma sociedade, comunidade ou agrupamento, os quais são aceitos como se fossem leis, sem que sejam formalizados pela escrita ou por processos legislativos.” Disponível em: <<https://www.projuris.com.br/blog/direito-consuetudinario/>> Acessado em 26 jan 2023

Outra situação que merece atenção são as diversas formas de violência que atingem as mulheres rurais. A partir das duas edições da pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, de 2001 e 2010, analisadas por Siliprandi (2004) e Scott e Cordeiro (2013) fica demonstrado que, embora grande parte das entrevistadas tenham relatado já ter sido vítima de violência por parte de homens, o número das vítimas rurais é mais elevado, o que, por si só, já serve para “questionar a imagem do rural como espaço romântico, da pureza, do convívio harmonioso das pessoas entre si e com a natureza” (SILIPRANDI, 2004, p. 131).

Isso se dá, segundo Siliprandi (2004), pela falta de aparato de segurança pública e o isolamento do campo, assim como pelo fato de que o machismo estaria localizado principalmente nas relações pessoais, configurado a partir do poder dos homens sobre a vida privada das mulheres e o autoritarismo presente nas relações.

A opressão fica evidenciada quando analisamos as respostas sobre o comportamento sexual de mulheres urbanas e rurais: em 2000, 16% das rurais declararam ter relações sexuais apenas por obrigação, o dobro da porcentagem das urbanas. Já em 2011, um quarto dos homens e das mulheres no campo concordaram que as esposas têm obrigação de participar numa relação sexual com o parceiro, ainda que não estejam com vontade (SCOTT e CORDEIRO, 2013).

A falta de liberdade na vivência da sexualidade, onde o sexo por vezes deixa de ser relacionado ao prazer e passa a se constituir uma obrigação e um trabalho, faz com que muitas camponesas assumam socialmente a identidade de recatadas, ainda que busquem, eventualmente, encontrar brechas a partir de uma “retranca” (SCOTT e CORDEIRO, 2013).

Compreendendo que o mundo rural segue polarizado e hierarquizado, com muitos privilégios masculinos e muitas restrições femininas, Scott e Cordeiro (2013) entendem a vivência da sexualidade e da conjugalidade como um divisor que simboliza liberdade, oportunidade e fidelidade. “O homem saliente e a mulher recatada são uma imagem estereotipada que tanto os homens quanto as mulheres usam para orientar as suas atividades e as suas falas” (p.133)

As edições da pesquisa também demonstram que entre as mulheres rurais, em comparação com mulheres urbanas, a falta de informação sobre métodos contraceptivos e de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis é mais alta; e há maior número de mulheres analfabetas, com menor escolarização em comparação com mulheres urbanas. Também verificou-se que o lazer das camponesas geralmente se dá dentro de casa, assistindo televisão, descansando, fazendo trabalhos manuais ou conversando com vizinhos (SILIPRANDI, 2004; SCOTT e CORDEIRO, 2013).

Como indica Siliprandi (2004), “as rurais se ressentem de trabalhos pesados, da dupla

jornada, da falta de apoio ao trabalho doméstico; ao mesmo tempo, aspiram também a um maior acesso ao mercado de trabalho e aos estudos como uma forma de melhorar a vida” (p. 130). Uma vez que a maioria não conta com auxílio para as tarefas cotidianas de manutenção da vida familiar, elas também demonstram o desejo de ter mais opções de serviços disponíveis nas localidades onde moram - como creches e restaurantes - a fim de ter mais conforto em suas rotinas, ainda que o acesso seja efetivado mediante pagamento.

Nas entrevistas que realizamos com mulheres rurais percebemos que, em maior ou menor grau, todas as interlocutoras enfrentaram ou ainda enfrentam diversas dessas opressões, onde a condição feminina, alinhada a entrelaçamentos étnicos-raciais, de classe e da própria ruralidade se colocam como barreiras e por vezes destinos para suas trajetórias. Ainda assim, percebe-se um movimento de busca por maior autonomia, em alguns casos mais singelo, e em outros, bem mais evidente.

Como veremos no decorrer de nosso trabalho, a mídia ocupa um papel ambíguo nesse sentido: entre as que buscam romper com o paradigma vigente, ao estudar e se aperfeiçoar, as representações evidenciadas pela mídia, principalmente pela televisão, tendem a colaborar na construção do imaginário de liberdade; e as mídias sociais ensejam a luta política, possibilitando que elas se articulem em frentes de atuação e/ou movimentos sociais. Já entre as que se conformam – ou lutam para se conformar - com a vida que levam, em geral, há uma desidentificação com as imagens de mulheres representadas na mídia, e o uso das redes sociais surge para reforçar as estruturas familiares e de classe, o papel delas enquanto mãe e a exposição de bens de consumo. Exploraremos cada um destes aspectos de forma mais aprofundada em nossa análise.

2.4 Espaço e perspectivas para as mulheres rurais

Desde a década de 80 nota-se a intensificação de debates sobre o trabalho e o espaço da mulher rural, em grande parte motivadas por discussões fomentadas pelo movimento feminista ao redor do mundo (CARNEIRO, 1994; SCOTT e CORDEIRO, 2013).

Scott e Cordeiro (2013) lembram que a principal pauta das mulheres rurais, inicialmente, era a invisibilidade do seu trabalho na agricultura familiar. “A luta pelo reconhecimento do trabalho foi uma das primeiras reivindicações dos movimentos de mulheres rurais no Brasil” (Ibidem, 2013, p. 135)

Em união com outras frentes feministas, os grupos de mulheres camponesas passaram a reivindicar um espaço onde cada uma pudesse ser vista como sujeita de direito, seja como membro de uma unidade de produção familiar ou como trabalhadora assalariada, com terras

para plantar e com preços justos sendo pagos ao que produzem. Assim, os dois fatores - pertencer ao gênero feminino e estar inserida em uma posição específica na estrutura socioeconômica - passaram a resultar, segundo Carneiro (1994), em identidades múltiplas da mulher rural, fazendo com que atualmente essas mulheres não se restrinjam apenas à definição de mães e esposas.

Entre as conquistas, estão o direito formal à terra independente do seu estado civil, à Previdência Social e a ampliação dos direitos trabalhistas, de modo equivalente aos dos homens. Também foram criados programas e políticas específicas, como Pronaf Mulher, Programa de Documentação da Trabalhadora Rural, Programa de Organização Produtiva de Mulheres e Plano de Diretrizes e Ações Nacionais de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres do Campo e da Floresta (SCOTT e CORDEIRO, 2013).

Apesar disso, ao explorarem novas respostas da pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, que uma década antes já havia sido analisada por Siliprandi (2004), Scott e Cordeiro (2013) relatam que perceberam muito mais permanências do que mudanças envolvendo o cotidiano de mulheres do campo.

Em 2010, mais de um terço das camponesas se definia como dona de casa, sem rendimentos, e 72% afirmava receber abaixo de um salário mínimo, enquanto os homens nesta condição representavam 40%, e as mulheres da cidade, 33% (SCOTT e CORDEIRO, 2013). Segundo Siliprandi (2004), no início do século, de modo geral, os significados de ser mulher para as rurais eram mais negativos do que para as urbanas. “Pela noção de terem que assumir mais responsabilidades e gozar de menos direitos (embora vejam também coisas boas). Ao mesmo tempo, reconhecem-se como lutadoras, como pilares de sustentação dessa mesma família e da sociedade, às quais se sentem fortemente ligadas” (SILIPRANDI, 2004, p. 131).

Scott e Cordeiro (2013) apontam, também, a continuidade do processo de desfeminização do campo, alertado por Siliprandi (2004) uma década antes, e que como consequência tem potencializado a masculinização do ambiente rural.

A julgar pela mobilidade feminina na direção das cidades, há alguma coisa no campo pouco convidativa para as mulheres permanecerem aí. Ao mesmo tempo, há processos em curso que sugerem que a trajetória das mudanças para as que ficam no campo aponta para alguns ganhos contra um modelo polarizado e hierarquizado de relações entre homens e mulheres. (SCOTT e CORDEIRO, 2013, p. 131)

Siliprandi (2004) comenta que a educação é considerada a ferramenta principal para melhoria de vida das mulheres, tanto na concepção das urbanas, quanto das rurais, apesar de se apresentar, muitas vezes, como “um sonho de difícil realização” (p. 132) e aponta que, apesar de todas as discriminações vivenciadas pelas mulheres urbanas, elas ainda teriam maiores vantagens que as rurais, principalmente pela maior autonomia e liberdade.

Isto certamente tem a ver com a maior aceitação (da sociedade e da família), relativa a sua entrada no mercado de trabalho. Não por acaso, as opções que as jovens rurais estão buscando, hoje em dia, passam pela saída do campo, mesmo que para assumir trabalhos não-qualificados e com baixos salários nas cidades. (SILIPRANDI, 2004, p. 132)

A falta de perspectivas quanto à garantia da propriedade no processo de herança também pesa entre os motivos que estimulam a saída das mulheres do campo em direção às cidades, como destaca Elisa Guaraná de Castro (2005). Já os jovens homens, por terem maiores benefícios, costumam preferir seguir no campo. Afinal, "o próprio sentido do 'sair' e 'ficar', precisam ser compreendidos também a partir das relações internas à família, além de em outros espaços 'dentro' e 'fora'" (CASTRO, 2005, p. 152).

As que escolhem ficar ou que não conseguem sair acabam se deparando, então, com um maior tensionamento com os homens com os quais nutrem relações. Essa retransmissão masculina seria fomentada pelo medo dos homens em perderem espaços em que eram maioria e pelos valores familiares e sociais que estão sendo questionados pelas mulheres (SCOTT e CORDEIRO, 2013).

Amedrontam os homens as políticas públicas que estimulam o acesso das mulheres a renda e a programas do governo, "onde o discurso da sexualidade dominante está sendo minado, onde as mulheres estão ocupando cada vez mais cargos nas associações e sindicatos rurais, e onde se esboçam estratégias que punem práticas de subordinação das mulheres" (SCOTT e CORDEIRO, 2013, p. 138). Além disso, a renda própria feminina - obtida muitas vezes a partir do Bolsa Família, pensões ou aposentadoria - age trazendo uma melhora considerável na autoestima das mulheres rurais e na valorização e posição delas no núcleo familiar (SILIPRANDI, 2004). Isto evidencia-se em nossa amostra, onde uma das participantes é beneficiária do Bolsa Família, e outra, a mais velha, já recebe aposentadoria.

As mulheres do campo se habilitam muito mais do que as mulheres da cidade para o apoio do Bolsa Família. O auxílio é uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo em que simboliza a sua condição de empobrecida, coloca um valor monetário em sua mão, já que as normas do auxílio a reconhecem como legítima administradora desta transferência de dinheiro para a família rural. Entre o auxílio e a aposentadoria, as mulheres formam uma freguesia beneficiada pelas políticas de promoção de igualdade. (...) O acesso a mais recursos continua com os homens, mas há um incremento em acesso a fontes de recursos provenientes de poderes externos que permite às mulheres uma ascensão na sua autonomia. (SCOTT e CORDEIRO, 2013, p. 135)

Ainda que a passos lentos, um fenômeno parecido também acontece na estruturação de estratégias de combate à violência no campo. "Edificam-se estratégias de proteção às mulheres e de inibição dos homens que, mesmo diante da precariedade das redes e dos

instrumentos, valorizam as alianças construídas pelas mulheres nos movimentos no campo e na articulação de políticas públicas” (SCOTT e CORDEIRO, 2013, p. 135).

Por essas razões, grande parte das mulheres que vive atualmente no campo está convencida de que suas vidas melhoraram nas últimas décadas, mesmo em um cenário em que elas são mais pobres que as mulheres de áreas urbanas (assim como os homens rurais em comparação com homens das cidades); não ultrapassam os homens em níveis de escolaridade, como ocorre nas cidades, e tenham oportunidades de trabalho, muitas vezes, periódicas, já que o trabalho ativo continua a ser desempenhado pelos homens (SCOTT e CORDEIRO, 2013).

Em São Lourenço do Sul, uma parcela das camponesas se engaja em movimentos sociais como o movimento agroecológico e o movimento negro/quilombola, a partir de uma relação próxima com o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (Capa) e as associações presentes na maioria das comunidades quilombolas. Scott e Cordeiro (2013) destacam que essa atitude acontece nacionalmente, onde mulheres rurais se movem em uma grande agenda de lutas, na busca de mais políticas públicas de reforma agrária e acesso à terra e à água; segurança alimentar e nutricional; direitos trabalhistas; e defesa da agroecologia, da biodiversidade e da adoção de práticas de manejo sustentável dos recursos naturais, por exemplo.

Em todos os movimentos há um ideário de lutas contra o agronegócio, a monocultura e projetos de desenvolvimento que não levam em conta o meio ambiente e a vida, saberes e necessidades das populações ribeirinhas, extrativistas, camponesas, quilombolas e indígenas. (...) Além das lutas citadas, elas realizam oficinas, seminários, encontros sobre a sexualidade, corpo, saúde, violência e direitos reprodutivos e sexuais, entre outros temas. (SCOTT e CORDEIRO, 2013, p. 138).

Tudo isso motivado, claro, pela busca dessas mulheres por modificações nas relações de poder em várias dimensões da vida das mulheres rurais.

3 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

No esforço de encontrar subsídios capazes de atender as demandas da investigação proposta - que consiste, como exposto em nossos objetivos, na avaliação de percepções de mulheres rurais sobre a representação das mulheres do campo em mídias televisivas e de internet, bem como na compreensão de como estas se autorrepresentam como mulheres do campo, a partir das mediações socioculturais que lhes atravessam - expomos neste capítulo o modelo teórico-metodológico que seguimos, que une a **Teoria das Mediações**, de Martín-Barbero (1997, 2018), com a proposta de construção de **Retratos Sociológicos Individuais**, de Lahire (2004). Nos vinculamos ao que Ronsini (2003) nomeia como Estudos Críticos da Recepção, também considerando apontamentos da autora sobre a **totalidade possível da recepção** para aplicabilidade de estudos empíricos.

3.1 Usos e apropriações da mídia: O que propõe Jesús Martín-Barbero

A **Teoria das Mediações**, apresentada por Jesús Martín-Barbero no livro “Dos meios às mediações” em 1987 (na versão em espanhol, 1997 na versão em português) marca a terceira fase dos estudos em comunicação na América Latina. Inicialmente, estes estudos voltavam-se apenas 1) à denúncia sistemática sobre a hegemonia e o imperialismo cultural que os Estados Unidos buscavam promover nessa porção do continente americano, inserindo modos de ser e hábitos de consumo às populações locais (FRANÇA & SIMÕES, 2016), em uma corrente que encontrava limitações ao ver os receptores como passivos e dominados, não abrindo espaços para resistências e contradições no processo de consumo dos produtos midiáticos; ou 2) à proposição de uma teoria de comunicação horizontalizada, que via os indivíduos como sujeitos autônomos, inseridos em uma ordem maior, porém capazes de crítica, baseando-se no modelo dialógico do autor brasileiro Paulo Freire (FRANÇA & SIMÕES, 2016).

Ora direcionando o olhar somente para o campo da produção, ora focando totalmente nas audiências, ambas vertentes, no entanto, não conseguiam dar conta das complexidades existentes no processo comunicativo, superestimando ou invalidando a agência dos indivíduos na interação com os produtos midiáticos.

Trazendo na bagagem as contribuições das correntes anteriores, Martín-Barbero inovou ao deslocar a ênfase dos estudos dos meios para a cultura popular e abriu caminhos para os estudos de recepção, tendência que posteriormente foi amplamente difundida na América Latina.

O autor aponta para a necessidade de pensar o lugar estratégico que a comunicação

ocupa socialmente a partir de uma visão antropológica, que percebe a cultura tecida em toda vida social, pois para ele, “a cultura escapa a toda compartimentalização, irrigando a vida social por inteiro” (1997, p.14), ou seja, não está restrita apenas a espaços reconhecidos, como o terreno das artes e das letras.

Ele menciona a existência de cultura em diversos espaços, citando, como exemplos, o trabalho, a política, a juventude, a ciência, além da própria violência e o narcotráfico, entre outros. Entendendo os meios de comunicação também como instrumentos de reprodução de formas de vida e concepções de mundo, se propôs a olhá-los de forma equilibrada, disposto a analisá-los “em suas atuações e contradições, sem condená-los ou exaltá-los a priori” (JACKS E SCHMITZ, 2018, 115). Dessa forma, muda o foco do processo de comunicação para o receptor, pois considera que é nesse ponto que ocorrem as apropriações e resistências a partir do uso que cada um faz dos meios de informação e comunicação.

A partir disso, o autor propõe considerar os **usos sociais dos meios**, ou seja, as diversas formas de apropriação da mídia por parte dos receptores, de acordo com o contexto no qual estes estão inseridos, uma vez que “diante da observação de que o modo no qual as pessoas produzem o sentido de sua vida, o modo no qual se comunicam e usam os meios não cabia na concepção tradicional da comunicação” (GOMES, 2004, p. 205).

Ele aponta que as lógicas desses usos sociais são múltiplas, e se diferenciam de correntes teóricas funcionalistas anteriores, buscando perceber como os indivíduos, em suas complexidades, agem não só no processo de ruptura de determinados costumes, mas também na reprodução do paradigma vigente. Seu interesse está nos conflitos que, articulados pela cultura “a tecem e dos que a sustentam, e por mestiçagens anacronismos fim do modo com que a hegemonia trabalha e as resistências que ela mobiliza, do resgate, portanto, dos modos de apropriação e réplica das classes subalternas” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 300).

Em sua perspectiva, seria necessário estabelecer uma ruptura com a visão dualista presente na sociedade, compreendendo tanto as dinâmicas que privilegiam a manutenção de um sistema capitalista que busca o lucro, como também as matrizes culturais próprias de cada comunidade, que constituem algo que por vezes não é considerado pelas elites e se firmam também como um lugar de reconhecimento das classes populares (ibidem, p. 17). O cultural, nesse caso, “aparece como campo estratégico de luta pela hegemonia” (GOMES, 2004, p. 205). Isso significa que esses conteúdos nem sempre são moldados para atender a interesses de mercado ou estratégias industriais, mas também para suprir necessidades que surgem dos próprios modos de percepção e apropriação desses produtos pelos consumidores.

Nick Couldry (2018) destaca a sensibilidade da perspectiva de Martín-Barbero, que se interessa pelas formas encontradas por cada indivíduo para se constituir no mundo, e oferece a

possibilidade – ainda pouco utilizada no meio acadêmico - “de que as pessoas nos dias de hoje podem utilizar as mídias como instrumentos para transformar sua vida” (COULDRY, 2018, p. 36).

Em sua produção, Martín-Barbero (1997) argumenta que considerando a existência de um receptor ativo e competente para capturar as mensagens veiculadas nas mídias, a experiência de como esses conteúdos são recebidos pelos indivíduos é um princípio fundamental para definir como eles serão apropriados.

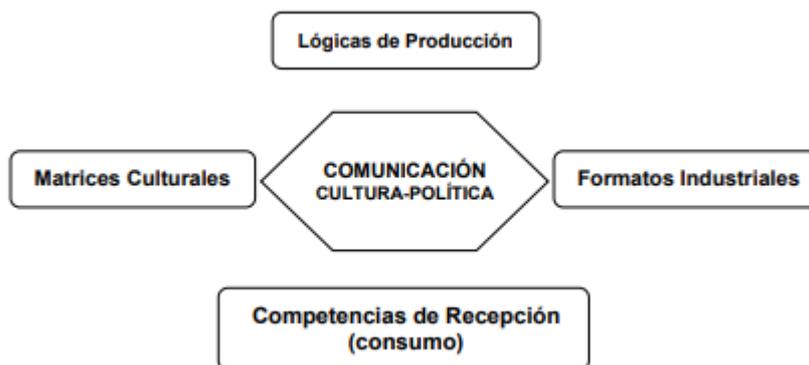
Para captar essas nuances, sugere atenção aos “filtros mediadores”, ou seja, às **mediações socioculturais** existentes tanto no processo de produção dos conteúdos da mídia, como no cotidiano dos indivíduos. As mediações socioculturais incluem a família, a escola, grupos sociais, o bairro, a igreja, entre outros. Essas mediações funcionam como intermediários em uma complexa rede de relações entre os meios de comunicação de massa e a cultura em que estão inseridos.

No entanto, é importante notar que ao longo de toda sua obra, o próprio autor não apresentou uma definição única para o termo "**mediação**", que é fundamental em sua abordagem, pois entendia que a complexidade inerente às mediações não poderia ser resumida em um conceito fechado.

O que Martín-Barbero nos dá são pistas, afirmando que uma mediação “refere-se então mais à linha que conecta os pontos e linhas dispersos, diferentes e distantes que tecem um mapa do que a uma realidade que se verifica ou a um conceito que se tem e se administra” (2018, p.37, tradução nossa). A sua proposta é tentar elaborar essa compreensão a partir do lugar onde se dá uma relação de enfrentamento, ou seja, do espaço no qual se estabelece a relação entre os receptores e os meios de comunicação (GOMES, 2004, p. 206).

Assim, a partir de mapas, buscou desenhar esse processo, que acontece de forma sincrônica e diacrônica. O primeiro deles foi lançado em 1987, e foram apresentados três lugares sujeitos às mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural, atravessados pelos pólos de matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e competências de recepção/consumo.

FIGURA 3 – Primeiro mapa das mediações de Martín-Barbero

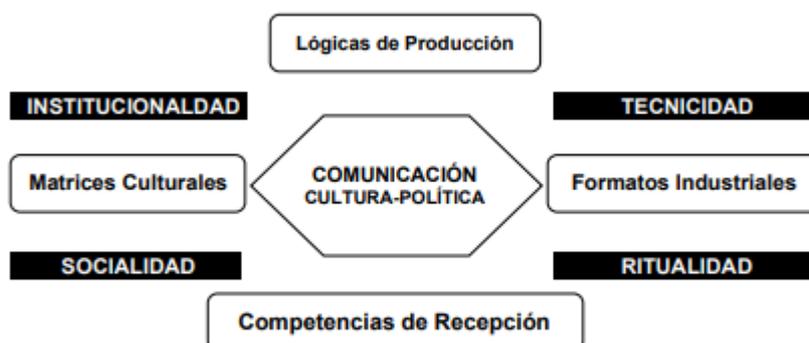


Fonte: RINCÓN, 2019

Ao longo dos anos e com as mudanças sofridas pela sociedade, o pensador foi aprimorando o seu pensamento e trazendo novos mapas para discussão, sem desconsiderar sua produção pretérita. O segundo mapa, de 1998, traz como mediações a institucionalidade, a tecnicidade, a ritualidade e a sociabilidade, imbricadas em eixos de tensionamento entre lógicas de produção, matrizes culturais, competências de recepção e formatos industriais.

FIGURA 4 – Segundo mapa das mediações de Martín-Barbero

1998



Fonte: RINCÓN, 2019

O terceiro mapa, de 2009, retira as mediações de sociabilidade e institucionalidade, alterando-as pelas de identidade e cognição, e tensionadas entre os pólos de espacialidade e temporalidade.

FIGURA 5 – Terceiro mapa das mediações de Martín-Barbero

2009



Fonte: RINCÓN, 2019

Por fim, com Martín-Barbero já afastado do fazer teórico, o seu último mapa foi elaborado em parceria com Omar Rincón (2019), que estruturou as categorias mencionadas pelo pesquisador nos últimos anos. As mediações propostas, então, são identidades, cidadanias, narrativas e redes, tensionadas entre os eixos de temporalidade, sensorialidades, espacialidade e tecnicidades.

FIGURA 6 – Quarto mapa das mediações de Martín-Barbero e Omar Rincón

Mapa 2017: sobre *El Sensorium* contemporáneo para investigar la mutación cultural que habitamos



Fonte: RINCÓN, 2019

Como explica Lopes (2018), Martín-Barbero, assumindo o ofício de cartógrafo, estava disposto a redesenhar constantemente os seus mapas, a fim de conseguir abarcar as complexidades da América Latina. “O olhar rizomático traça uma cartografia, desenhando um mapa como diagrama variável. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (LOPES, 2018,

p. 47)

Lopes (2018) destaca que o olhar aplicado a essa teia de relações estabelecidas pela cartografia sob o campo comunicacional possibilita compreender que “as mediações são dispositivos se entrecruzam em constante movimento de mutação, renovação e atualização. Em outros termos, as mediações são dispositivos historicizados” (p. 48), e que “a incorporação desses mapas das mediações nos estudos de comunicação dá origem a novos lugares metodológicos (p.61)

Nesse sentido, a autora chama atenção que muito mais do que regras metodológicas a serem aplicadas, a perspectiva de Martín-Barbero se orienta a partir de pistas metodológicas. “São pistas para guiar no trabalho da pesquisa, sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa”. (LOPES, 2018, p. 48)

Seguimos a reflexão de Lopes (2018), de que “a apropriação dos mapas pelo pesquisador depende da estratégia metodológica que adotar em uma dada pesquisa empírica, de modo que a escolha pode recair em determinadas mediações e não em outras dependendo do destaque que ganham na abordagem analítica” (p. 60).

A partir desse viés, Lopes (2018) orienta que cada pesquisador seja capaz de “elaborar uma específica estratégia de uso dos mapas das mediações para uma específica pesquisa empírica” (p. 61). Assim, optamos por trabalhar com três mediações, de três mapas distintos. Essa escolha aconteceu considerando que a realidade investigada nesta pesquisa diz respeito a um ambiente rural, que envolve pertencimentos e onde aspectos antigos e contemporâneos se engendram simultaneamente.

Existem tantas cartografias possíveis quanto campos a serem cartografados, o que coloca a necessidade de uma proposição metodológica estratégica em relação a cada situação ou contexto a ser analisado, indicando que dessa perspectiva método e objeto são figuras singulares e correlativas, produzidas no mesmo movimento, e que não se trata aqui de metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica (LOPES, 2018, p. 51)

Também é importante ter em mente que as mediações escolhidas - assim como todas as demais trabalhadas por Martín-Barbero - estão inseridas em espaços de significação dentro de seus mapas correspondentes, com conexões nos eixos vertical e horizontal.

A sociabilidade se coloca entre as matrizes culturais do indivíduo, junto às suas competências de recepção; a mediação de identidade, por sua vez, está disposta entre os eixos de sensorialidades e temporalidade, demonstrando o caráter histórico e a ligação com as

percepções e sentimentos; já a mediação de redes se coloca entre os eixos de espacialidade e tecnicidade, evidenciando que as relações podem se dar em diferentes contextos de espaço-tempo, considerando as possibilidades trazidas pelas novas tecnologias.

Segundo Ronsini (2010), a perspectiva de Martín-Barbero é entendida como um modo de analisar todo o processo de comunicação, ou seja, desde quem produz, até quem recebe, e não apenas uma parte dele. Dessa forma, os mapas propostos pelo autor dariam conta do circuito comunicacional como um todo. Junto, argumenta que:

a pesquisa de recepção tangencia os processos produtivos da indústria cultural, não se dedicando, teórica ou empiricamente, ao exame de suas rotinas, ideologias profissionais, produtos e práticas, embora não possa abdicar do estudo formal do texto midiático e, eventualmente, compile conclusões levantadas por outros pesquisadores acerca do gênero/texto em questão, das características industriais do processo produtivo, etc. (RONSINI, 2010, p. 76).

Considerando o aspecto de gênero, a autora também acredita que um estudo de recepção colabora para captar “os ideais de feminilidade propagados socialmente e que circulam pela mídia (impressa, audiovisual, digital)” (RONSINI, 2016, p.46), uma vez que eles são adotados por mulheres de classes diversas, porém o seu uso na vida cotidiana é pouco estudado.

Em suma, seguimos, epistemologicamente, o que Ronsini (2003) denomina como Estudos Críticos de Recepção, dedicando atenção ao espaço empírico, buscando tensionar, a partir da relação com nossas interlocutoras, como se dá a experiência cotidiana delas com os meios, compreendendo a nossa impossibilidade de abranger todos os aspectos do circuito comunicacional em um único estudo.

A vertente latino-americana dos usos sociais da mídia propõe o estudo das relações entre os meios de comunicação tecnológicos e a sociedade como uma questão de cultura – vale dizer, como produção, regulação, circulação e consumo de objetos simbólicos. Temos defendido, porém, que a feição que essa ampla abordagem assume nos estudos de recepção é a investigação das práticas concretas de consumo e do sentido delas na vida cotidiana. (...) A pesquisa de recepção dirige seu olhar para o poder da esfera da produção enquanto ele atua no momento da circulação dos produtos por ela gerados, examina o sentido reconfigurado pelas apropriações do consumidor e busca alcançar certo grau de generalidade a partir de observações de pequena escala que são remontadas teoricamente em uma análise interpretativa inclusiva. (RONSINI, 2016, p. 49)

Além disso, acompanhamos a proposta de Ronsini (2010) da “**totalidade possível para a recepção**”, ou seja, na busca de uma aplicação da teoria barberiana de um modo “mais restrito” e “menos ambicioso” (p.80), por compreender que esse recorte é necessário visto a amplitude do nosso tema de estudo e o tempo restrito de realização da pesquisa.

Salientamos, ainda, que não nos restringimos apenas a um texto de mídia específico, mas buscamos entender como se dá o fluxo comunicacional de cada interlocutora, de forma ampla, na tentativa de “valorizar o que o receptor espontaneamente apresenta como significativo para ele e não a escolha, mais ou menos arbitrária, de um programa⁵⁹ que o pesquisador entende como significativo na vida deles” (RONSINI, 2004, p. 32).

3.2 As mediações de Martín-Barbero no contexto das mulheres do campo

Visto o cenário já exposto das complexidades e tensionamentos presentes diariamente nas vivências das mulheres rurais de São Lourenço do Sul - entendemos que as mediações de Martín-Barbero que melhor conseguiriam traduzir e trazer pistas sobre esse contexto são as de **sociabilidade⁶⁰, identidade e redes**, que explicamos a seguir:

3.2.1 Sociabilidade

Como aponta Ronsini, a **sociabilidade** se vincula com o cotidiano, ou seja, com a interação dos sujeitos e a maneira na qual estes constituem as suas identidades. É a sociabilidade que conecta “a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva. É o lugar das práticas sociais onde as pessoas estão em constante negociação com a ordem vigente” (RONSINI, 2012, p. 65).

A mediação aparece no segundo mapa de Martín-Barbero, de 1998. Segundo o autor, sociabilidade “é gerada na teia de relações cotidianas que os homens tecem quando se unem” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.32, tradução nossa), dessa forma se firmaria como lugar de ancoragem da práxis comunicativa.

Ronsini (2012) ressalta que a sociabilidade “concerne às relações sociais, ao indivíduo/objeto e seus múltiplos pertencimentos identitários com base em referentes individuais, de gênero, etnia e geração que são estruturados com base em uma posição de classe” (p. 71).

Para nós, a sociabilidade aparece como a mediação chave na compreensão acerca dos

⁵⁹ Nesta citação, Ronsini (2004) se refere especificamente a programas televisivos. No nosso trabalho, exploramos o fluxo comunicacional de forma ampla, considerando as diversas formas das interlocutoras interagirem com a mídia.

⁶⁰ O conceito foi tratado como “socialidade” pelo autor, mas considerando que analisamos duas comunidades tradicionais distintas optamos por utilizar o termo “sociabilidade”, assim como Ronsini (2012), na compreensão que socialidade vincularia o entendimento a algo mais totalizante. O uso de sociabilidade se dá na tentativa de expressar as diferentes formas de se relacionar que podem ser desenvolvidas entre as mulheres rurais que participam da pesquisa.

contextos de cada investigada, afinal, é ela que nos fornece pistas de como se dão as principais relações das interlocutoras, seja junto à família, à Igreja, à escola ou ao trabalho, por exemplo. Será a partir da sociabilidade que poderemos ter um maior entendimento dos afetos, das trocas e das principais forças socializadoras que envolvem o cotidiano de cada uma das pomeranas ou quilombolas que integram essa pesquisa.

A partir da sociabilidade, também podem ser pensados os modos e os usos coletivos da comunicação, “ou seja, da interpelação/constituição dos atores sociais, e suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder” (ibidem, 2018, p. 32, tradução nossa). Nesse caso, podemos estabelecer um paralelo entre a sociabilidade e as matrizes socializadoras de Lahire (2004), conceito que será exposto de maneira mais aprofundada a partir da página 69.

3.2.2. Redes

A mediação **redes** é recente, sendo mencionada por Martín-Barbero em seus últimos anos de atividade, e acrescentada junto ao seu último mapa, desenvolvido com Omar Rincón (2019). Apesar do falecimento de Martín-Barbero em 2021 ter impedido que o conceito fosse mais esclarecido, teóricos ligados aos estudos de mídia latino-americanos têm se empenhado em trabalhá-lo.

Tendo em vista os avanços da internet dos últimos anos, quando pensamos em redes, é fácil conectar o termo imediatamente à rede mundial de computadores e aos fluxos tecnológicos. No entanto, este é um conceito amplo, como apontam Liliane Brignol e autoras (2019).

O conceito – que foi alvo de reflexões em diferentes correntes de pensamento e áreas do conhecimento - abrange não só a web e as redes sociais digitais, mas também "conexões entre indivíduos, redes organizacionais e redes de relacionamentos comerciais entre empresas, redes neurais, redes metabólicas, redes alimentares, redes de distribuição, como as de sangue, navios ou rotas de entrega postal, redes de citações entre artigos" (BRIGNOL et al., 2019, p. 189, tradução nossa). Utilizaremos, assim, o conceito para tratar de redes como um sinônimo para as interações a que um indivíduo pertence, sejam essas interações construídas de **forma presencial**, ou **online**, mediadas pelo uso das novas tecnologias.

As autoras citadas destacam que é importante pensar no conceito de rede a partir de um conjunto de nós “(também chamados de pontos ou vértices), que em uma análise social representam os atores da rede, unidos por linhas que indicam as relações que os conectam” (BRIGNOL et al., 2019, p. 188, tradução nossa); e apontam a necessidade de visualizar as “redes sociais como formas de interação social, espaços sociais de convivência e conectividade,

fundamentalmente definidas pelas trocas dinâmicas entre os atores que as formam” (Ibidem, 2019, p. 188, tradução nossa).

Considerando as mudanças na forma de se comunicar e interagir, Brignol e autoras (2019) acreditam que as mudanças das sociedades contemporâneas se integram a como a noção de redes é trabalhada pelos estudos de mídia e cultura, “envolvendo-se nas formas dominantes de informação, comunicação e conhecimento, bem como mudanças de sensibilidade, relações sociais, narrativas, instituições políticas e mobilização social” (BRIGNOL et al., 2019, p. 193, tradução nossa). Segundo elas, todas as expressões mencionadas auxiliam na constituição de novas expressões de cultura “que envolvem novos conhecimentos, novas formas de ver o mundo, padrões de comportamento, linguagens e ferramentas que afetam todas as áreas da vida” (Ibidem, 2019, p. 193, tradução nossa).

Martín-Barbero (2011, p. 118) explica que “nesse novo espaço de comunicação, tecido menos de encontros e multidões do que de conexões, fluxos e redes, surgem novas 'formas de estar junto' e outros dispositivos de percepção mediados pela aliança acelerada entre as velocidades audiovisual e informacional”.

Vale ressaltar que o teórico nunca pensou em seus mapas e mediações como estruturas fixas, afirmando sempre que estes deviam ser repensados como prova das mudanças sociais e temporais da sociedade. A formulação do conceito de redes como uma mediação, como Lopes indica (2018, p. 59), faz parte e processo das mutações comunicacionais do tempo presente e possibilita que a perspectiva teórica de Martín-Barbero também se transforme.

Atualmente, grande parte da população utiliza o Google⁶¹, se conecta no Whatsapp, ou está cadastrada no Facebook, fazendo com que as redes sociais digitais e as ferramentas de comunicação sejam parte do cotidiano, instituindo novas formas de se relacionar, ampliando a perspectiva do espaço e do tempo, e integrando os mundos online e offline. Junto disso, dentro da lógica das redes, se alinham também interesses políticos e econômicos, que podem fomentar a desigualdade e ameaçar a democracia.

As redes digitais assumem um lugar central na agenda social e política, sendo assim “um espaço de disputa que permite popularizar, ampliar e visibilizar as ações de organizações e grupos sociais, exigindo atenção especial de pesquisadores” (BRIGNOL et. al., 2019, p. 197, tradução nossa). Dessa forma, “os modos de ser, ser e reconhecer-se no mundo contemporâneo são, nessa perspectiva, atravessados pela dinâmica do espaço comunicacional das redes, mediado tecnologicamente” (Ibidem, p. 204, tradução nossa).

Junto disso, é fundamental pensarmos também em outras redes, que não se mobilizam

⁶¹ Plataforma que une serviços de buscas a ferramentas de computação, como e-mail e armazenamento de arquivos.

pela web, ou não têm a internet como uma ferramenta imprescindível. As redes instituídas entre as comunidades pomerana e quilombola, no território da Serra dos Tapes são um exemplo, e foram discutidas por Schneider (2017). O antropólogo avaliou como integrantes dos dois povos interação entre si, constituindo e estabelecendo vínculos. Ele aponta que ao compartilhar espaços do mesmo território, quilombolas e pomeranos estruturam várias redes de relações, sejam entre pomeranos x quilombolas, quilombolas x quilombolas, ou pomeranos x pomeranos.

A partir do olhar voltado a dimensões associadas ao trabalho e às religiosidades, pudemos perceber como são forjadas relações de reciprocidade e de dependência e como são compartilhados circuitos de festas e de um campo religioso em que estão inseridas práticas de benzeção e são pouco precisas as fronteiras entre religiões luterana e católica e entre religião e magia (SCHNEIDER, 2017, p. 135).

Schneider (2017) explica que na esfera do trabalho, redes de trocas de serviço eram forjadas entre pomeranos principalmente dentro das próprias famílias. Já entre quilombolas e pomeranos, as redes se configuravam com contratação de diaristas e no estabelecimento de parcerias, fatos que, segundo o autor, ocasionavam reciprocidades e dependências e influenciavam “também na decisão de quilombolas em optar por não solicitar as demarcações territoriais a que têm direito” (SCHNEIDER, 2017, p. 170).

No caso da religiosidade, o antropólogo percebeu um campo compartilhado, onde não há limites rígidos entre católicos e luteranos, ou entre religião e práticas místicas. Além disso, ele relata a possibilidade de observar a configuração de redes também em torno do parentesco, principalmente no caso dos quilombolas, onde se é nutrido um sentimento de pertencimento uns com os outros – por vezes, apenas simbólico, sejam entre membros da mesma comunidade, ou comunidades quilombolas vizinhas. As redes de parentesco simbólico ou as redes-irmandades “teriam por objetivo garantir ajuda mútua e preservação e acesso à terra, isto é, garantir o projeto de reprodução social camponesa” (SCHNEIDER, 2017, p. 171).

3.2.3 Identidade

Afirmando que “as identidades são construídas em processos sempre históricos, situados politicamente, em espaços de luta” (p. 256, tradução nossa), Sifuentes e Zanini (2019) esclarecem que a noção de identidade sempre foi cara para Martín-Barbero, mesmo que o conceito não tenha sido exaustivamente trabalhado em seus escritos e não tenha aparecido, desde o início, como uma mediação (p. 247).

Mesmo que alguns trabalhos integrem a noção de identidade à sociabilidade, aqui ela aparece como uma mediação específica. Essa opção se dá considerando que, apesar dos dois conceitos se relacionarem no que diz respeito à compreensão de cada indivíduo acerca da sua

realidade, alinhado a formas de vida ensinadas e aprendidas - por tratarmos de duas comunidades tradicionais, com aspectos históricos profundos vinculados à ancestralidade – a identidade difere, em parte, da sociabilidade, entendida aqui como o conjunto de relações que interferem na forma com que cada mulher vai lidar com seu cotidiano.

Essa premissa leva em conta que Martín-Barbero (2006) visualiza três grandes instituições da modernidade em crise (o trabalho, a política e a escola), tradicionalmente consideradas fontes fixas do sentido coletivo da vida, mas que atualmente passam por desestabilizações.

A mudança aponta especialmente para a multiplicação dos referentes, daqueles com os quais o sujeito se identifica como tal, pois o descentramento não é apenas da sociedade, mas também dos indivíduos, que passam a vivenciar uma integração parcial e precária das múltiplas dimensões que os compõem (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 60)

A identidade, neste contexto, se apresenta como um aspecto primordial na busca individual e coletiva por um sentido de vida. Como aponta Jacks, essa mediação “desempenha um papel fundamental na interação entre o sujeito, individual ou social, e a realidade circundante, mediando os processos de produção e apropriação de bens culturais” (JACKS, 1999, p. 65). Além disso, garante também “o sentido da produção cultural e o sentido do consumo de bens simbólicos” (Ibidem, 1999, p. 65). Desta forma, é importante avaliarmos, a partir da pesquisa, se a desestruturação citada Martín-Barbero pode ser percebida, também, no âmbito rural, ou se neste domínio a situação se coloca de maneira diferente.

O autor passa a trazer a identidade com maior enfoque quando se volta à reflexão da comunicação no século XXI. Ele entende que, com o avanço tecnológico, há "explosões e implosões de identidades" (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 38). Desta forma, identidade e tecnologia passam a nutrir uma relação dependente e centrais em sua concepção e a identidade ganha, então, o status de mediação em 2009. Na busca de elucidar o que o termo significa para Martín-Barbero, utilizaremos abaixo uma definição sucinta de Sifuentes e Zanini (2019):

Identidade é sempre poder e disputa pela legitimidade de se reconhecer e se fazer reconhecer, seja individual ou coletivamente. Definir e ser definido (como indivíduo ou como grupo) é sempre um processo político que faz sentido dentro de estruturas de sentido (Geertz, 1989), na interação e percepção de si mesmo e do “outro”. Em grandes contextos políticos, é também uma luta entre hegemonias, sobre construções valorativas e simbólicas, lugares, saberes e modos de ser, e as implicações que isso traz para as construções hierárquicas da sociedade e suas possíveis transformações. (SIFUENTES E ZANINI, 2019, p. 242, tradução nossa)

Nossa concepção acerca da identidade também passa pela perspectiva de Hall (2000). Para o autor, a identidade pessoal é formada por meio do confronto entre o eu e a sociedade, a

partir de noções de diferenciação, considerando as identidades como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (p.112), ou seja, a fixação do sujeito em um discurso.

Como Hall (2000) considera as identidades pós-modernas móveis, híbridas e em constante construção, em virtude da globalização, é importante pensar como as identidades pós-modernas se colocam neste contexto rural, marcado por uma cultura tradicional e com um fluxo comunicacional até então mais lento do que o contexto urbano.

As “posições de enunciação” (HALL, 1996, p.68) são únicas e amparam-se em um contexto individual, que também é público. Ou seja: a identidade cultural individual é construída a partir de processos históricos em constante movimento, que mobilizam todo o campo social. Dito isso, precisamos levar em consideração os complexos espaços de significação que instituem a identidade das mulheres do campo de São Lourenço, compreendendo as nuances familiares, espaciais, étnico-raciais, políticas e econômicas.

Relacionando o conceito de identidade à noção de habitus⁶², Sifuentes e Zanini (2019) acreditam que a dialética entre o eu e o outro, importante na definição da identidade e na compreensão das forças que potencializam esses processos. “O grupo em que o indivíduo se socializa confere gostos, práticas e valores que são internalizados de forma processual, em coletivos que formam identificações, como gênero, religião, etnia, nacionalidade, geração, classe, raça, entre tantas outras” (SIFUENTES E ZANINI, 2019, p. 243 – 244, tradução nossa). As autoras também indicam que alguns pertencimentos já são dados, em razão do nascimento e da classe, por exemplo, e outros são construídos a partir de afinidades e trajetórias de vida individuais (p. 244).

Assim, a memória coletiva de determinado grupo – como no caso das comunidades tradicionais abordadas pelo presente trabalho – é um aspecto considerável nos processos de construção identitária. Segundo Sifuentes e Zanini (2019), as lembranças “trazem e invocam pertencimentos e estruturas de significados de grupos para os indivíduos por meio da socialização” (p. 244, tradução nossa). Também “proporcionam a grupos e indivíduos noções de uma certa estabilidade e a possibilidade de uma ‘narrativa de si’” e “estabelecem as estruturas de sentido que, ao serem compartilhadas, passam a fazer parte da experiência coletiva de participação naquele grupo e naquele mundo particular (um “nós”) coletivo, compartilhando gostos, valores, costumes, práticas” (Ibidem, 2019, p. 244, tradução nossa).

Por fim, Sifuentes e Zanini (2019) reforçam que, para Martín-Barbero, “as identidades

⁶² As autoras utilizam a obra “Habitus, code et codification”, de Pierre Bourdieu, como referência. Ver mais em: BOURDIEU, Pierre. *Habitus, code et codification*. Actes de la recherche en sciences sociales, v. 64, n. 1, p. 40-44, 1986.

culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – são as protagonistas de muitos dos conflitos mais difíceis e complexos da atualidade” (p.250), mas podem ocasionar um movimento duplo: “a busca pelo reconhecimento identitário gera divisão e conflito, mas também fomenta laços sociais notáveis” (SIFUENTES E ZANINI, 2019, p. 250, tradução nossa).

3.3 Retratos Sociológicos: Como se desenvolve a nossa pesquisa

Quando pensava no processo de recepção dos produtos midiáticos, Martín-Barbero (1997) reforçava sempre a importância de visualizar atentamente os contextos de fala dos indivíduos, considerando, principalmente, os processos de sociabilidade.

Pensando em uma metodologia capaz de captar essas nuances e que se atentasse de forma aprofundada às complexas interações de cada indivíduo, nos permitindo interpretar empiricamente como se dá o consumo de mídia e os usos sociais que as mulheres rurais fazem dos meios, a partir de uma perspectiva sociocultural e crítica, decidimos apoiar a nossa pesquisa tendo como principal método de trabalho a construção de Retratos Sociológicos, uma proposta trazida pelo sociólogo francês Bernard Lahire (2004).

A escolha por Retratos Sociológicos se deu a partir da busca de uma estratégia metodológica que conseguisse apontar as complexidades das vidas destas mulheres, compreendendo-as sem reducionismos. Assim, a proposta de Lahire (2004) será colocada em prática a partir de entrevistas com oito mulheres rurais – mesma amostra do pesquisador -, com objetivo de realizar uma imersão acerca das práticas e vivências de cada interlocutora.

Para o sociólogo, “o mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós” (LAHIRE, 2004, p. 12), sendo impossível, assim, que um indivíduo escape ileso das principais matrizes socializadoras de nossa sociedade. Ele entende que, de alguma forma, “cada indivíduo é 'depositário' de disposições de pensamento, sentimento e ação” (p.10), produtos estes das experiências – que podem ser menos ou mais duradouras e intensas - socializadoras múltiplas que cada pessoa teve ao longo de sua vida, em grupos diversos, sejam eles grandes ou pequenos, e em diferentes tipos de relações sociais (LAHIRE, 2004, p.11).

Essa forma de enxergar se une ao pensamento barberiano, que também percebe os efeitos de matrizes socializadoras, como a família, o trabalho, a escola e a religião, por exemplo, na forma de cada ser compreender a si e o mundo, a partir da mediação de sociabilidade.

No caso de Lahire (2004), ele entende que uma disposição individual, traçada a partir de uma gama de fatores, é uma abstração útil, “uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente” (p. 27). Desta forma, o autor compreende que para falar de disposição, é necessário promover um trabalho interpretativo, capaz de reunir comportamentos, práticas e

opiniões das pessoas pesquisadas. "Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. Ao mesmo tempo, essas práticas são constituídas como tantos outros indicadores da disposição" (LAHIRE, 2004, p. 27).

Entendendo que a visão macrossociológica da sociedade pode resumir os indivíduos, Lahire (2004), se vincula a uma sociologia disposicional, ou experimental – como ele mesmo nomeia - que se preocupa em estabelecer uma metodologia capaz de investigar como os indivíduos, de formas singulares, se configuram a partir de fenômenos socialmente produzidos, não sendo limitados somente a um grupo no qual pertencem, pois cada um teve experiências diferenciadas e estímulos diversos durante seus percursos de vida, alterando assim seus modos de pensar, interagir e se posicionar socialmente.

Citando como exemplo o caso de uma pessoa protestante, o autor afirma que "o indivíduo não é redutível a seu protestantismo, ao seu pertencimento de classe, a seu nível cultural ou a seu sexo. É definido pelo conjunto de suas relações, compromissos, pertencimentos e propriedades, passados e presentes". Para o Lahire (2004), "nele sintetizam-se ou se combatem, combinam-se ou se contradizem, articulam-se harmonicamente ou coexistem de forma mais ou menos pacífica, elementos e dimensões de sua cultura" (p.11).

O dispositivo metodológico de Lahire (2004) consistiu na realização de entrevistas profundas com os interlocutores acerca das práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir e agir de cada um dos pesquisados. As perguntas eram variadas, mas dispostas de forma a contemplar e reunir aspectos suficientes acerca da escola, do trabalho, da família, das práticas culturais e de lazer dos participantes, por exemplo (LAHIRE, 2004, p. 32)

Com a pesquisa, o autor buscou esclarecer o “grau de extensão e heterogeneidade dos universos, grupos ou indivíduos frequentados”; “a variação diacrônica das disposições, em função dos momentos no percurso biográfico, e a variação sincrônica das disposições, em função dos contextos”, e “as crises - grandes ou pequenas - ou as tensões que podem ser reveladoras de contradições ou defasagens entre as disposições do pesquisado e as requeridas por uma situação, uma instituição... ou portadas por outros indivíduos frequentados” (LAHIRE, 2004, p. 26-27)

Partindo desse princípio, buscamos olhar para as mulheres rurais investigadas de forma histórica e imersiva, reconstruindo suas trajetórias pessoais, familiares, escolares e profissionais por meio de entrevistas biográficas, nos atentando aos seus deslocamentos, as atividades e dimensões variadas de suas vidas, fundamentais na compreensão sobre seus pontos de vista e diretrizes firmadas acerca de suas realidades.

Assim como Lahire (2004, p. 32), optamos em não tornar explícito às nossas interlocutoras os nossos desafios e as perguntas que buscamos responder com as entrevistas.

Na primeira aproximação, explicamos a cada uma que se tratava de um estudo acerca do consumo de mídia das mulheres rurais, com o objetivo de compreender melhor como elas interagem com os meios de comunicação em seu cotidiano. Para isso, frisamos também a necessidade de fazer perguntas mais aprofundadas sobre suas vidas e famílias, de modo a compreender a realidade local, dando a opção também delas não responderem algum questionamento, caso não se sentissem à vontade. Todas concordaram com a combinação.

Complementaremos a metodologia adotada com a técnica de observação participante, anotações etnográficas, bem como de pesquisa bibliográfica. Antônio Carlos Gil (2008) explica que "a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada" (GIL, 2008, p. 103). Segundo ele, a observação permite o acesso a situações habituais da vida da comunidade, na qual seus membros estão envolvidos; possibilita que o pesquisador tenha acesso a dados que ficam sobre domínio privado do grupo, bem como permite a indagação aos sujeitos pesquisados sobre comportamentos observados.

Assim, procuramos observar mais atentamente a zona rural e as relações que ali se constituem. Isso se deu com a visita aos distritos e comunidades quilombolas do interior do município, conversas informais com pessoas que ali residem e uma aproximação mais intensa da pesquisadora com as feirantes pomeranas (moradoras da zona rural) que duas vezes por semana – nas quartas e sábados – montam suas bancas na Praça Central Dedê Serpa, no centro da cidade, para vender o que produzem em suas propriedades, na Feira Livre Municipal.

Já os registros etnográficos são uma sugestão do próprio Lahire (2004). Em todos os casos analisados pelo autor, ele e os demais pesquisadores do grupo envolvido realizaram anotações etnográficas explicando como tinha se dado o contato com cada integrante, o local das entrevistas e de que forma os encontros ocorreram. Destaca também que os pesquisadores procuraram saber outras informações sobre cada participante a partir de conversas informais com conhecidos ou buscas em jornais, por exemplo. "Esses materiais empíricos, mencionados ou não explicitamente em casa estudo de caso, contribuíram para reforçar as dúvidas ou certezas sobre a recorrência de certas disposições" (LAHIRE, 2004, p. 33). Assim, tentamos incorporar, ao longo da construção dos Retratos Sociológicos, o período em que os encontros foram realizados e informações gerais sobre os contextos de cada visita, salientando, no entanto, que trata-se apenas de uma complementação ao método de Lahire (2004), e não um estudo etnográfico clássico.

Por fim, que diz respeito à pesquisa bibliográfica, inicialmente, investigamos dados que nos dessem pistas sobre o campo, a partir da busca de elementos sobre o município. Foram coletados materiais referentes à aspectos de São Lourenço do Sul no site do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE) e da Prefeitura Municipal. Também foram obtidas informações gerais sobre as mulheres do campo no Brasil, de modo a entender o cenário do local estudado. As informações estão dispostas no início do presente trabalho, junto à contextualização teórica.

Com essas ações, conduzidas ao longo de todo o primeiro ano do mestrado, foi possível compreender um pouco mais sobre as vivências dos grupos de mulheres. Com a base teórica, construída por meio de leituras sobre consumo/recepção e relações de gênero no campo, partimos então para a próxima etapa da pesquisa: a construção e aplicação de grades de entrevistas com mulheres que vivem na zona rural do município, selecionando assim, oito interlocutoras para a construção de Retratos Sociológicos individuais.

A nossa primeira grade de entrevista⁶³ é composta por 59 questões semi-estruturadas. As perguntas iniciais têm viés quantitativo e pretendem capturar dados sociodemográficos sobre as interlocutoras e como é o acesso de cada uma aos meios de comunicação, junto às suas preferências sobre produtos midiáticos. Na medida que as perguntas avançam, aprofundamos a conversa, direcionando-a para questões mais complexas. Assim, nos propomos a olhar subjetivamente para as vivências, sonhos e dificuldades destas mulheres. Além disso, abrimos espaço para o debate sobre como as participantes visualizam a representação das mulheres do campo naquilo que consomem. O objetivo com esse primeiro roteiro foi explorar o contexto geral sobre a vida de cada uma.

Unindo o empirismo de Lahire (2004) aplicado à teoria de Martín-Barbero (1997), buscamos compreender, a partir das matrizes socializadoras, como as mediações de sociabilidade, identidades e redes aparecem dentro do contexto das trabalhadoras rurais pomeranas e quilombolas de São Lourenço do Sul/RS. Além desses três eixos, abordamos em nossa primeira grade de entrevistas, também, questões relacionadas ao contexto socioeconômico, ao consumo midiático e à comunicação. O diálogo com a perspectiva das mediações se estabeleceu na busca por respostas acerca de como se forjam suas relações (sociabilidade); de como elas se enxergam (identidade) e como interagem e estabelecem laços (redes).

Após a aplicação da primeira grade de entrevista e definição das participantes de pesquisa, construímos um segundo roteiro, dessa vez mais aberto. Inicialmente buscamos abordar determinados 19 diferentes tópicos⁶⁴ com todas, mas como já conhecíamos as particularidades da vida de cada interlocutora, também focamos em questões individuais que precisavam ser elucidadas.

⁶³ Roteiro completo disponível na seção de apêndices.

⁶⁴ Roteiro completo disponível na seção de apêndices.

Nossas conversas e questionamentos sempre buscaram levar em consideração as exigências teóricas de Lahire (2004, p. 38-44), que elenca alguns princípios metodológicos a serem seguidos nas entrevistas: no geral, as perguntas tentam reconstruir o percurso de vida de cada mulher; atentam-se ao contexto, pois "quanto mais o pesquisador trabalha com um grande número de indicadores consoantes ou dissonantes, mais seu trabalho interpretativo pode ser facilitado e complexo" (LAHIRE, 2004, p.44); buscam avaliar como se dá a sociabilidade de cada participante da pesquisa, no intuito de entender suas afinidades e gostos, suas personalidades e individualidades; bem como captar os efeitos das principais matrizes socializadoras, como a família, a escola, o universo do trabalho, as instituições culturais, religiosas e políticas, de modo a entender se casa matriz é impermeável ou atua em complementaridade com outra.

Os questionamentos também tiveram pretensão de compreender os diversos ciclos dentro da vida de cada interlocutora, pois Lahire (2004) entende que o diálogo sobre momentos de ruptura⁶⁵ possibilitam um maior entendimento acerca das variações individuais ao longo do tempo. Houve ainda perguntas que tentaram elucidar a compreensão das participantes acerca de pessoas, situações, práticas ou instituições, a partir de tensionamentos que possam evidenciar sintomas, desajustes e contradições. E por fim, houve perguntas que estimularam que a interlocutora narrasse seus sonhos e desejos.

3.4. O caminho até nossas interlocutoras

Nosso grupo de interlocutoras é formado por oito mulheres. Quatro delas pomeranas e quatro delas quilombolas, buscando abranger os dois grupos étnicos presentes do território lourenciano e as especificidades das vidas das mulheres de cada grupo. Todas são maiores de idade, com idades que variam entre os 21 e 58 anos, e residem atualmente na zona rural do município, em minifúndios⁶⁶ ou em pequenas propriedades.

O desafio que logo se impôs foi convidar para participarem da investigação mulheres que fossem minimamente conhecidas por mim, pesquisadora, de modo que elas sentissem

⁶⁵ Como nascimentos, casamentos, início ou fim de um trabalho, divórcio, etc.

⁶⁶ O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), define como **pequena propriedade** o imóvel rural com área compreendida entre 1 e 4 módulos fiscais; **média propriedade** de área superior a 4 e até 15 módulos fiscais, e **grande propriedade**, acima de 15 módulos fiscais. Também define como **minifúndio** área inferior a 1 módulo fiscal, e latifúndio a área superior a 15 módulos fiscais. No Rio Grande do Sul, 1 módulo fiscal costuma significar de 18 a 20 hectares. Ver mais em: <<https://www.canalrural.com.br/sites-especiais/modulo-fiscal-varia-cada-municipio-brasileiro-13970/>>; <<https://www.embrapa.br/en/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal>>, e <<https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/modulo-fiscal>> Acesso em 02 mar. 2023

confiança de compartilhar suas vivências comigo e me receber em suas casas. Ao mesmo tempo, não podíamos nutrir uma amizade profunda, de modo que já fosse sabido de antemão por mim tudo sobre suas vidas.

Iniciamos nosso estudo em contato com doze diferentes mulheres, mas por considerar que dentro desse conjunto, determinadas entrevistas poderiam trazer maiores contribuições do que outras, restringimos o nosso grupo a oito mulheres. Destas, o contato com três interlocutoras pomeranas se deu a partir por intermédio familiar, com pessoas já conhecidas por meus avós. Já a realização prévia do documentário, antes do ingresso no mestrado, assim como a ida semanal à Feira Livre Municipal me aproximou de outras três mulheres, duas quilombolas e uma pomerana, que são também interlocutoras do presente trabalho. Por fim, a aproximação com outras duas interlocutoras quilombolas se deu a partir de amizades em comum com pessoas ligadas ao movimento negro.

A primeira leva de entrevistas aconteceu de janeiro a março de 2022, e a segunda, de novembro de 2022 a fevereiro de 2023. Todos os encontros aconteceram presencialmente, sendo que sete ocorreram nos próprios domicílios das interlocutoras, em diferentes distritos rurais de São Lourenço do Sul, e apenas um ocorreu na zona urbana, junto à Feira Livre Municipal, com uma das feirantes.

Quando dos encontros, eu como pesquisadora explicava o intuito do estudo. Assim, era apresentado um termo de concordância na participação da pesquisa, onde todas aceitaram tranquilamente a realização da conversa, a utilização dos dados informados e o retorno, caso fosse necessário. A fim de preservar suas identidades, pedimos para que escolhessem nomes fictícios, nos referindo a elas desta forma no decorrer do material.

Em consonância com o resguardo de suas identidades, algumas informações específicas suas e/ou dos integrantes de suas famílias⁶⁷ também foram omitidas. Ressaltamos, entretanto, que em alguns casos julgamos necessário manter alguns dados, principalmente ligados à sua ocupação, para situarmos o contexto em que vivem. Assim, preferimos não citar o distrito rural e/ou comunidade quilombola onde cada uma mantém domicílio, nem nome de eventuais empresas e/ou empregadores para a que trabalharam. Também foi necessário fazer algumas pequenas correções ortográficas e gramaticais nas minhas falas e das interlocutoras durante a transcrição das entrevistas, para facilitar a compreensão do texto.

Quando dos convites, foi pedido para que as conversas fossem realizadas individualmente, sem a presença de terceiros. No entanto, recorrentemente os filhos das mulheres interlocutoras se mantiveram presentes no mesmo ambiente. Em alguns casos, os

⁶⁷ Nas falas das interlocutoras, onde elas citam os nomes dos membros da família, trocamos por expressões como “meu filho mais velho”, “meu filho mais novo”, “meu marido”, etc.

esposos, ou familiares, como mães, ingressaram e transitaram no ambiente durante a realização das perguntas, sem questionar a interlocutora em questão sobre o seu consentimento.

Como qualquer pesquisa qualitativa, ressaltamos que os questionamentos, quando necessário, foram adaptados, reduzidos ou ampliados durante a condução de cada uma das entrevistas, procurando aprofundar alguma situação ou evitando repetições, se fosse o caso.

Assim, salientamos que, embora tenhamos buscado equilibrar o espaço de cada Retrato Sociológico, é notável que algumas conversas se estenderam mais tempo, possibilitando maiores desdobramentos em virtude da abertura proporcionada pelas próprias interlocutoras, que em alguns casos se sentiram mais à vontade com os questionamentos, oportunizando entrevistas mais longas.

Como recorte de pesquisa, optamos por não fazer questionamentos específicos acerca da sexualidade das interlocutoras, mas buscamos captar a forma como cada uma se percebe enquanto mulher a partir de perguntas mais gerais, como sobre o que a família lhe ensinou sobre ser mulher e quais são suas expectativas sobre a vida, filhos e casamento, por exemplo.

Também escolhemos não perguntar especificamente assuntos mais delicados, como religião, violência doméstica/sexual ou posição político/partidária, mas tratamos sobre os assuntos em nossas conversas, a partir da inserção das próprias interlocutoras que deram abertura para isso.

Por São Lourenço do Sul se tratar de uma cidade pequena, ao longo dos dois anos de mestrado, as participantes da pesquisa foram vistas em diversos momentos de suas vidas, seja na zona urbana ou rural. Também mantivemos contato por aplicativos de mensagem, como o Whatsapp, onde pudemos elucidar algumas dúvidas.

Conseguimos aplicar o segundo questionário completo a sete das oito participantes. Ágata, entrevistada após a qualificação de mestrado e definição dos tópicos seguintes, já teve as perguntas acrescentadas diretamente em um só encontro, por sua disposição em me receber naquele dia, ao longo de toda uma manhã, e pela dificuldade de nos encontrarmos novamente, compreendendo a indisponibilidade de tempo dela, que trabalha como diarista na lavoura. Assim, ao considerarmos as informações obtidas junto a ela muito ricas, elucidamos as outras dúvidas que surgiram diretamente pelo Whatsapp.

Já no caso de Dulce, que se encontra com problemas de saúde, como explicamos em seu Retrato Individual, não conseguimos realizar todas as perguntas previstas. Apesar disso, a entrevista inicial foi sendo complementada com maiores informações ao longo de todo o ano de 2022, pois nos víamos semanalmente na Feira Livre Municipal, e entendemos que seu Retrato Individual traz dados suficientes para apresentar um panorama sobre sua vida e trajetória.

4 CONHECENDO AS MULHERES RURAIS LOURENCIANAS

No presente capítulo, apresentamos as oito interlocutoras que participam de nossa pesquisa, a partir de seus Retratos Sociológicos Individuais, construídos a partir das considerações trazidas por Lahire (2004). No primeiro bloco, estão dispostos os Retratos das quatro interlocutoras pomeranas: Fernanda, Janaína, Lili e Dulce. Na sequência, os Retratos das quatro interlocutoras quilombolas: Negra X, Ágata, Pérola Negra e Tia.

4.1. Pomeranas: a manutenção

4.1.1. Fernanda

Fernanda⁶⁸ é uma mulher pomerana de 40 anos, que vive em uma localidade do interior distante 60km da zona urbana de São Lourenço do Sul. Casada, ela é cunhada de Janaína - interlocutora que conheceremos no tópico abaixo - e reside em frente à sua casa, do outro lado da estrada. Além de seis hectares no distrito onde mora, possui 44 em outra região próxima, totalizando 50 hectares de terra⁶⁹.

Ela se autodeclara branca e é natural de Canguçu. Atualmente, mora com o esposo, também de origem pomerana; o sogro; e os três filhos⁷⁰, um menino de 20 anos e um de 5, e uma menina de 15, em uma propriedade rural com ampla casa de alvenaria e galpões.

Segundo Fernanda, ela, os filhos e o esposo se mantêm com renda mensal que ultrapassa três salários mínimos. O valor é proveniente do comércio mantido junto à residência, costumeiramente denominado na região como “venda”, gerido por Fernanda e pelos dois filhos mais velhos; e de uma empresa de silagem⁷¹ e uma frota de caminhões, mantidas em sociedade pelo esposo, o cunhado e o sogro; e de aluguel de um imóvel na cidade. A interlocutora explica que é ela quem gerencia o dinheiro do núcleo familiar, que não contempla o sogro, e que o gerenciamento do dinheiro da "casa" seria feito por ele. *“Da minha família sou eu. E da minha casa é o sogro”*.

Peço para ela me explicar melhor, e ela diz que é o sogro que mantém os custos fixos (como energia, comida e produtos de limpeza) das duas casas, tanto dela, quanto da cunhada

⁶⁸ Nome fictício escolhido pela interlocutora. Quando perguntada qual a motivação para a escolha, disse que não tinha nenhum significado, apenas achava bonito.

⁶⁹ Utilizando a classificação adotada pelo Incra, consideramos que Fernanda vive em uma pequena propriedade rural

⁷⁰ Como veremos na sequência, entre os nossos encontros o filho mais velho saiu de casa.

⁷¹ Alimento para animais, conservado por processo de fermentação.

Janaína. O valor que ela e o marido recebem (assim como acontece na casa de Janaína) seria apenas para cobrir os gastos pessoais.

Se a gente quer ir em uma festa, uma roupa, uma coisa assim. Aí a gente tem no nosso bolso, mas a relação de comida, de gastos assim, de casa, limpeza.... Isso aí é tudo por conta do meu sogro. Aí sai tudo dele, aí só os gastos pessoais que é festa, roupa, combustível, isso aí é por nossa conta.

Nossa primeira entrevista aconteceu em uma tarde de sábado bem quente de verão, em fevereiro de 2022. Cheguei à residência logo após o almoço, quando ela e a filha organizavam a cozinha, depois da família ter realizado a refeição. No mesmo momento, o esposo, o cunhado e o sogro assistiam televisão na peça em frente da casa, onde a família mantém o comércio. O local fica aberto o dia todo, do início da manhã até tarde da noite, e comercializa bebidas e gêneros alimentícios diversos. No período da noite, costuma receber grupos de jogadores de cartas da região, em sua maior parte, formados por homens.

Fernanda explica que divide o seu tempo junto ao empreendimento com os cuidados domésticos e com os filhos. Junto com Janaína, quando é época de manejo da silagem, que envolve corte, picagem, enchimento, compactação e vedação do silo, ela auxilia o esposo e o cunhado. Com carteira de motorista, ela também está acostumada a dirigir máquinas, se for preciso.

Quando nos vimos pela primeira vez, Fernanda disse que o filho mais velho atuava consigo na venda e tinha carteira assinada como balconista, porém no referido dia, um sábado, ele não estava trabalhando, e passava o final de semana na casa de sua namorada, em outro distrito rural do município. Já a filha adolescente ainda não tem carteira assinada por ser menor de idade. Ela fica responsável pelos cuidados com a casa e também pelo atendimento no comércio familiar.

Durante a entrevista, enquanto a mãe conversava comigo, a filha se mantinha lavando e secando a louça. Apesar dos três homens (sogro, esposo e cunhado de Fernanda) estarem na venda, era a filha que precisava parar o que estava fazendo para dar atenção aos clientes que chegavam.

Fernanda lembra que os seus pais também mantinham um comércio colonial, dividindo a fonte de renda com a agricultura. Já os seus avós, tanto maternos quanto paternos, atuavam somente com a plantação. A interlocutora afirma que gosta de trabalhar na ocupação atual e nunca pensou em desempenhar outra atividade.

G: Tu gosta de trabalhar no que tu trabalha hoje? Se tu puder escolher, escolheria outra coisa?

F: Sim, não, gosto assim,

G: Nunca pensou em outra coisa?

F: Não. A ideia é continuar nisso aí.

Ela ingressou cedo no universo do trabalho, a partir do núcleo familiar. “*Com doze, treze, por aí. A gente sempre ajuda, né. E aí vai pegando aos poucos, né?*”. Por isso, da mesma forma, incentivou que os filhos assumissem responsabilidades desde novos, também na mesma idade que ela.

Fernanda estudou até a oitava série, sempre em escolas públicas. Depois que se formou, em 1996, nunca mais voltou ao ambiente escolar. Já o seu esposo cursou até a quinta série, mas não conseguiu terminar o ano escolar, tendo então até a quarta série completa. Assim, os dois filhos mais velhos de Fernanda já superaram o ensino formal dela e do esposo: quando da primeira entrevista, o menino recentemente havia se formado no ensino médio, e a menina, no ensino fundamental. Já o caçula se preparava para ingressar no ensino infantil.

Quando fui à sua casa pela segunda vez, em janeiro de 2023, o seu filho mais velho havia se afastado da venda recentemente. Em um relacionamento sério com uma menina de Camaquã, ele se mudou com ela e a mãe da namorada (que é viúva) para uma casa na zona urbana de São Lourenço do Sul, comprada e mobiliada por Fernanda e o esposo, próxima ao centro. Além deste imóvel, a família também tem uma outra casa⁷² próxima à orla da praia, que é alugada por diárias na temporada de veraneio.

Pergunto à Fernanda se o filho não pensava em seguir no interior, e ela diz que ele “*nunca foi muito da colônia*” e que como a namorada era da cidade, não ia vir para o interior com ele. Naquele momento, o filho estava sem ocupação e buscava emprego, entregando currículos em empresas de diversos segmentos. A interlocutora conta que como ele terminou o ensino médio, busca primeiro ser contratado, para ver se vai gostar da área de atuação e então se especializar em cursos.

A gente sempre diz, vai estudar, ele não quis. Hoje talvez faria falta, como ele tá na cidade, né? É como eu digo, depende... Até que foi que ele comentou, depende onde é que entra às vezes no que trabalha. Às vezes faz uns cursos naquele serviço, né? Ele disse, não adianta eu começar uma coisa do nada. Depende aonde eu vou conseguir me encaixar pra ver se eu acabo gostando e enfim, mais tarde... ele diz sempre tem tempo, né, de começar algum curso, alguma coisa.

Pergunto se a filha adolescente já tem algum planejamento do que pretende fazer. Apesar de afirmar que a relação das duas é tranquila, ela diz que a filha nunca compartilhou com ela nada de seus planos para o futuro. “*Nunca comentou muita coisa. Ela gosta de estudar, mas assim tá no primeiro ano, recém vai para o segundo agora, né? Então, assim, eu acho que isso tudo depende muito desses dois anos ainda, né?*”, explica. Ela também considera que a

⁷² Na imobiliária em que a casa está cadastrada, a diária custa R\$290,00.

definição se dará a partir do percurso amoroso da menina, que atualmente não namora. “*Tu sabe, né? Depende de namorado e coisa, vai que arruma ou não arruma*”, salienta. “*Juventude hoje é uma cabeça, amanhã é outra ideia, então tu não sabe o que que eles pretendem realmente, né?*”.

O trabalho doméstico e de cuidado é dividido igualmente com a filha, que limpa a casa, dá atenção ao irmão mais novo e cozinha. O filho mais velho, quando morava junto, segundo Fernanda, também cozinhava para a família. Já o esposo e o sogro, muito raramente. As compras da casa ficam a cargo de Fernanda, do filho mais velho (quando morava junto) e do sogro.

Questiono se ela considera que o filho mais velho e a filha receberam o mesmo tipo de tratamento, durante sua criação, e ela acredita que sim.

Os dois tiveram que ajudar sempre, né? E mesma coisa quando querem sair, um não é mais que o outro. Ah mas hoje um quer um pouquinho mais caro e tal, dependendo da necessidade de cada um, né? Como eu digo, nunca deixei um pra trás do outro. Ah, tu pode e tu não pode. Sempre tentei tratar os dois iguais, né?

Ela acredita que entre a geração dos filhos e a geração dela e do esposo, o que mudou é que atualmente as coisas seriam mais “fáceis”. “*Me parece que a geração de hoje já é tudo mais fácil as coisas, né? Antigamente era tudo mais levado assim... mais na rédea curta, hoje já é tudo mais na esportiva, não levam tudo muito a sério sabe*” diz Fernanda, que logo em seguida completa: “*mas assim pelo contrário não, são bem responsáveis, não são de aprontar, né? Então tranquilo, só assim a geração em si, ela muda, né?*”.

Em comparação com o esposo, ela acredita que o filho já tem mais atenção aos cuidados com a casa, apesar de ter deixado de fazer determinadas tarefas desde que a irmã cresceu, aproveitando-se de sua posição de gênero. Ainda assim, é notável que existe um nível de mudança na educação dos filhos homens de uma geração para outra.

G: E tu acha que nessa parte assim de cuidado da casa assim, ele já tem mais atenção?

F: Sim, sim, isso sim.

G: Do que teu esposo, por exemplo

*F: **Completamente**⁷³.*

G: Mas é tu que puxa?

*F: Não, acho que foi... desde de pequenininho porque ele era mais velho, né? Então pra ajudar e ajudar, e aí ele começou. Claro que depois teve a guria aí já ficou mais “**Ah, agora tu tem uma guria grande**”, já meio que **se prevalece**, agora ela pode ajudar né? Mas ele ajuda muito assim, apesar que agora até tá em São Lourenço, né.*

⁷³ Para destacar aspectos das falas das interlocutoras que consideramos que merecem atenção, eventualmente utilizaremos recursos gráficos como escrita em negrito ou sublinhada em determinados trechos.

Ela também acha que houve mudanças da sua geração para da filha, principalmente em relação à liberdade de sair.

F: Eu acho que hoje tudo já é mais liberal, né? Porque nossa época tu ia em um baile e não podia tá andando só com a gurizada, tu não podia estar muito na rua. Hoje já é... onde é que é os bailes? É na frente do salão.

G: E tu acha tranquilo saírem assim?

F: Acho tranquilo, porque a turma deles é sempre a mesma, né? Por enquanto nunca vi nada demais. Acho muito responsável pela idade que ela tem até. Só gostam de farra, quem não gosta né? Mas desde que seja uma sadia que eu sempre digo, né? Digo, faz parte, né? A idade tá aí pra isso, né?

Durante a semana, as atividades de lazer que Fernanda aprecia ficam restritas ao espaço da propriedade rural. Ela cita que gosta de ir na parte da frente da casa, cortar grama, olhar TV e costurar. A exceção fica à cargo das caminhadas que realiza com a cunhada Janaína e eventualmente com o filho mais velho, ao longo do distrito rural. Ela também diz que essa é a única atividade que participa alguma outra mulher da região (no caso, sua cunhada). Ela acredita que além do núcleo familiar, é mais próxima de Janaína e de uma amiga em comum das duas. Também cita uma turma de casais de um distrito próximo, parceiros de saídas em conjunto.

Fernanda nunca foi ao cinema e não costuma viajar. Quando pergunto se ela participa de eventos culturais, cita festas de comunidades religiosas, parques aquáticos de São Lourenço do Sul e Canguçu no verão, jogos de cartas, visitas a amigos e parentes, e diz que vai pouco a shows.

Na segunda entrevista, o fluxo de eventos sociais que a família participa aumentou, com a flexibilização dos cuidados com a pandemia de Covid-19. Assim, passaram a ir mais em casamentos, festas de quinze anos, salões de baile do interior e partidas de futebol, apesar de ninguém praticar o esporte e participar dos campeonatos. “*A gente vai por ser festa mesmo, por sair*”, explica, e diz que os integrantes da família costumam ir sempre juntos nas atividades.

F: Eu adoro assim.. ir na rua, cortar uma grama, olhar uma TV, festas, fim de semana principalmente né... Ah, sou mais assim da volta de casa, sabe? Porque o horário assim que tu tem livre tu tá na verdade... tu tem e ao mesmo tempo tu tá preso né. Então, não sou muito de começar em outras coisas, não é? Mais assim... Geralmente eu olho uma TV, ou até tem uma roupinha para costurar, os tempinhos livres mais nisso aí, né.

G: Aham.

F: E fins de semana a gente adora uma festa, né?

O fato da venda ser situada em frente à casa, em espaço próximo à cozinha da família, faz com que Fernanda fique sempre em estado de alerta. Assim, ela não consegue focar em atividades que demandem que ela saia do local, restringindo sua mobilidade espacial. A mesma

situação é percebida também com a cunhada Janaína, que dispõe do salão de beleza em peça anexa à sala de estar.

F: Brinco um pouquinho com o pequeno, né? Ai nas horinhas que sobra a gente tá aí na volta com eles. Tem um cachorrinho que a gente adora passear com ele...

G: Tu acorda e aí tipo, coisa de casa assim tu chega a fazer de manhã? Ou vai direto para venda?

F: Não. Eu vou fazendo de manhã.. conforme precisa eu vou para venda, né? Eu atendo...

G: Tá cuidando...

F: Eu cuido das duas coisas. E aí minha guria me ajuda um pouquinho né.

G: Aham

F: A gente faz as duas coisas, então não é assim que bah hoje eu tive um tempo livre, outro dia não e assim então tu vai fazendo assim as coisinhas. Aí a gente volta e meia faz um bolinho, com essas coisinhas assim para matar tempo, né?

Fernanda acredita que trabalha cerca de doze horas por dia, sendo que metade delas seriam dedicadas ao comércio e o restante aos cuidados domésticos e com o filho. “*Eu acho que dá meio a meio. Que na colônia não tem gente todo um tempo assim na venda, né? Então tu tá aqui, lava uma roupa e faz as coisas assim, eu acho que dá meio a meio*”, explica.

Os aparelhos de comunicação que Fernanda possui são: televisão, computador, telefone fixo, smartphone e rádio. Ela e a família também arcam com os custos mensais da rede de internet doméstica e do serviço de streaming Netflix⁷⁴.

Fernanda não tem o hábito de ler jornais, revistas e livros. “*Eu gosto muito de pegar às vezes assim, quando tu tá olhando principalmente o Face, às vezes aparece alguma notícia eu abro aqueles link para ler assim, né? Mas assim jornal, livro, essas coisas mesmo não, não tenho o hábito*”, conta.

Ela lembra que o jornal impresso antigamente era assinado pela família, mas com a presença dos portais de notícias do município na internet e nas redes sociais, eles deixaram de assinar.

G: Jornal impresso?

F: Não tem mais

G: Jornal online?

F: Não, as informações que a gente procura é mais pelo celular, ali

G: O jornal impresso faz tempo que parou de assinar?

F: Deve de fazer um ano talvez

G: Teve algum motivo, assim?

F: Não, é que geralmente era o tio do meu marido [que morava com eles] que mais olhava, né? E aí depois que ele saiu a gente assinou acho que um ano ou dois.. aí a gente era mais só de olhar, né? Olhei as principais assim né. E aí como que tem tudo mais no celular o meu sogro não achou mais necessidade.

⁷⁴ Netflix é um serviço de assinatura que oferece a transmissão online de conteúdos (streaming). Conta com uma ampla variedade de séries, filmes e documentários. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/>> Acesso em 14 mar. 2023

Já a televisão, em nossa primeira entrevista, era bastante assistida por Fernanda, tanto quando ela estava sozinha, como quando estava acompanhada. Quando assiste sozinha, o uso se dá dentro de seu quarto, ou enquanto realiza atividades na cozinha. Quando a audiência ocorre em união com o restante da família, acontece na sala.

Com o aumento das atividades sociais, motivadas pela melhora da pandemia de Covid-19; e o fortalecimento do hábito do uso do celular no período de descanso, diz que nos últimos tempos se desligou “*completamente*” da TV. Mesmo assim, a TV costuma ficar ligada enquanto realiza atividades na casa e se desloca até a venda para atender clientes, mas o grau de atenção ao conteúdo diminuiu.

Seus programas favoritos são novelas, telejornais, *Big Brother Brasil*⁷⁵ (BBB) e filmes, sendo que o que mais gosta, entre os quatro, seria a telenovela; e o canal mais assistido é a Globo. Pergunto se ela está acompanhando o BBB23 e ela diz que sim, mas que não assiste todos os dias: “*Uns 90%, sim, mas dizer todos os dias, não*”. Ainda não tem candidato favorito nesta edição, pois, segundo ela, “*No momento ainda não destacou ninguém*”, e que acha que “*por enquanto tá na fase inicial*”. Não gosta de ver as festas e prefere as provas e o cotidiano. Como participante favorito entre as temporadas, cita Gil⁷⁶, pelo seu “*jeito engraçado de ser*”. Quando pergunto se já se identificou com a vida de algum participante, de modo que lembrasse a sua realidade, ela disse que não lembra. “*Ah isso não, eu não me lembro. Não me recordo*”.

Entre os atores e atrizes mais lembrados, falou de Cláudia Raia e de Lima Duarte. Perguntada por que lembrou deles, diz somente que gosta e que são bons atores. Questionando quais eram suas novelas favoritas, a primeira mencionada foi *Vamp*⁷⁷, porque gostava da história dos vampiros também tem uma memória afetiva por se tratar do seu tempo de escola, em que chegava em casa e assistia, geralmente sozinha. “*A gente chegava em casa e ela passava cinco e pouco, né? Então tu chegava, tomava café e a primeira coisa era aquela novela*”, relembra.

Fernanda também citou *A Favorita*⁷⁸, que tratava “*das duas rivais*” e *O Cravo e a Rosa*⁷⁹, porque é de comédia. “*Era uma novela engraçada, né?*”, explica. Por se passar no

⁷⁵ Produzido pela Globo, é a versão brasileira do reality show internacional Big Brother. Consiste no confinamento de pessoas em uma casa por três meses.

⁷⁶ Participante do Big Brother Brasil em 2021.

⁷⁷ “Comédia sobre vampiros misturou suspense e rock para abordar conflitos familiares e dramas típicos da juventude. Exibida entre 1991 e 1992”. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/vamp/>> Acesso em 14 mar. 2023

⁷⁸ “Ambientada em São Paulo, A Favorita aborda a rivalidade entre Flora (Patrícia Pillar) e Donatela (Claudia Raia), antigas parceiras de uma fictícia dupla sertaneja. Autor fugiu dos modelos habituais de folhetim ao iniciar a novela sem revelar ao público quem era a vilã e quem era a mocinha”. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-favorita/>> Acesso em 14 mar. 2023

⁷⁹ “Comédia romântica inspirada no clássico A Megera Domada, de William Shakespeare, a novela é ambientada na São Paulo dos anos 1920 e narra o tumultuado romance entre o rude caipira Petruccio (Eduardo

interior, pergunto se tem alguma personagem que lembrava a vida que ela leva, e ela diz que não. “*Que eu me lembro agora, assim, não*”. Pergunto novamente se ela se identificava com alguma coisa relacionada ao interior que passava na novela, mas ela explica que não era isso que lhe motivava a seguir assistindo, e sim a trama principal.

F: Assim não, como é que eu vou dizer, são coisas do interior e tudo, mas eu assistia mais era porque a principal ela era meio xucra, né? E não dava bola para o cara que era caipira, né?

G: E tu acha que a forma que aparecia o interior é como é aqui, ou tu acha que tinha alguma coisa diferente?

F: Não, acho que era mais ou menos como era, o interior mesmo.

G: Sim

Ela aprofunda o porquê tem predileção por conteúdos mais leves, focados em um entretenimento não tão crítico, capaz de lhe distrair. No geral, ela busca através do que assiste na televisão, como novelas, filmes e programas, e na internet, pelo smarphone, como vídeos, conteúdos em geral que sejam engraçados, sem grande carga dramática. “*Eu não gosto assim de novelas muito sentimentais, assim não. Eu gosto mais de tudo que é programa de comédia, sabe? A gente é mais tipo... a vida já é tão difícil assim, então a gente tava assistindo tanto para a comédia, né?*”

Apesar de assinar a Netflix, os filmes são assistidos na TV aberta, citando como seus favoritos *Garfield*⁸⁰ e *American Pie*⁸¹. Ela diz que não há nenhuma motivação específica para a escolha, seria porque assistiu trechos de ambos várias vezes na Sessão da Tarde, ou sozinha ou com a filha. Sobre o que lhe chama atenção nas produções, novamente seria o tom engraçado “*As comédias, sei lá. Era mais a comédia mesmo. Era engraçado né*”, diz. Em nenhum deles, porém, encontrou situações que lembravam sua própria vida. Como precisa parar para atender no comércio constantemente, também afirma que é difícil assistir a um filme completo. Não costuma assistir séries.

A audiência ativa do filho caçula, de 5 anos, a vídeos curtos da internet também fez com que Fernanda criasse esse hábito. Quando nos vimos pela primeira vez, ela eventualmente assistia vídeos no Youtube, mas isso foi deixado de lado. Quando nos encontramos de novo,

Moscovis) e a geniosa Catarina (Adriana Esteves)”. Disponível em

<<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-cravo-e-a-rosa/>> Acesso em 14 mar. 2023

⁸⁰ Animação. Sinopse: “Garfield é um gato preguiçoso que adora lasanha e tem a vida que sempre quis: come, dorme e vê televisão sempre que quer. Até que seu dono, Jon Arbuckle (Breckin Meyer), decide adotar um cachorro, Odie. Contrariado com o novo hóspede, que agora divide com ele a atenção de seu dono, Garfield inicia uma disputa particular com Odie. Porém, quando Odie é sequestrado, Garfield sente remorsos e parte para salvar o cachorro”. Disponível em <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-51612/>> Acesso em: 14 mar. 2023

⁸¹ Franquia de filmes de comédia que contam sobre o universo adolescente universitário dos Estados Unidos. Saga trata sobre a sexualidade masculina e é criticado pela objetificação de figuras femininas e minorias sociais. Ver mais em <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-21608/>> Acesso em: 14 mar. 2023

um ano depois, ela criou um perfil no Tiktok⁸², onde não publica nenhum tipo de conteúdo, mas que ela e todos os integrantes da família utilizam o recurso para visualizarem vídeos lotados na plataforma. Sobre o conteúdo acessado, explica:

F: O YouTube até parece meio que ficou de lado agora, com essa moda do Tik Tok.
G: E aí tu tem o Tik tok no teu celular?
F: Tenho
G: É mais ele [filho caçula] que acessa ou tu chega a entrar ali?
F: Não, todo mundo acessa
G: É? e o que que tu gosta de ver ali?
F: É tudo né? Tudo que aparece a gente tá assistindo. Às vezes a histórias que acontece, às vezes comédia, é de tudo. A gente assiste assim de tudo.
G: Eu não tenho Tik Tok, eu não sei como é que funciona. Tu segue alguém?
F: Não
G: Tu só vai entrando?
*F: Só vou entrando e olhando. Conforme aparece a gente vai olhando. Aí **parece que quanto mais tu assiste uns tipos, aqueles aparecem mais pra gente.** Eu não sei como é que funciona aquilo, né?*
G: E o que que aparece mais para ti?
F: Que nem eu disse agora, aparece muito só vídeo de cachorrinho, cachorrinho... aí às vezes umas piadas, coisas assim
G: Aham, sim. Que tipo assim dessas coisas de comédia, de piada que tu gosta, lembra de alguma história? Ou de alguma coisa que tu viu?
F: Olha, assim em especial não, a gente vai olhando
G: É tipo uns causos assim?
F: É, alguns tem uns causos, alguns às vezes ele começa de uma maneira e aí termina em outra, é comédia mesmo. Assim sabe, sem muita lógica muitas vezes, mas é engraçado sabe, mas não tem nada assim especial, não.

Além disso, Fernanda também costuma escutar rádio. O uso se dá dentro da cozinha, com a escuta de programas musicais da Rádio Litoral Sul, como o do comunicador Flávio Luis. O acesso à emissora, entretanto, é feito a partir do computador, pois conta que a região não recebe o sinal da emissora.

Segundo ela, os objetos de comunicação mais acessados são o celular e a televisão. O computador, utilizado junto ao comércio familiar, que possui sistema de estoque e notas fiscais informatizado, também se destaca. Entre os três, entretanto, afirma que o mais utilizado é o celular, principalmente em busca de lazer e informação. Em caso de emergência, também acredita que utilizaria inicialmente o aparelho para ligar para pessoas próximas, seguido do Google e do Whatsapp.

Como possui perfil no Facebook e Instagram⁸³, ela utiliza diariamente as redes sociais (principalmente o Facebook) para saber notícias em geral que estão acontecendo na região - a partir de portais de notícia - e acompanhar promoções de mercados situados na zona urbana e

⁸² Aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos, lançado em 2016 e que virou sucesso no Brasil a partir de 2020, com a pandemia da Covid-19. Disponível em <<https://www.tiktok.com/pt-BR/>> Acesso em 14 fev 2023

⁸³ Instagram é uma rede social digital de compartilhamento de fotos e vídeos. Permite que os usuários interajam entre si e acompanhem contas de pessoas públicas ou não. Famoso por possibilitar a aplicação de filtros em imagens. Ver mais em <www.instagram.com> Acesso em: 14 mar. 2023

rural. Também menciona que costumava clicar nos boletins da Prefeitura Municipal sobre a Covid-19. “Era uma coisa que, aquela época, a gente acompanhava dia-a-dia”, lembra.

Peço para Fernanda citar alguns outros exemplos de informações que consegue consumir a partir do uso do Facebook, e ela explica.

Olha, eu costumo olhar as páginas da Prefeitura muitas vezes, os mercados, as ofertas. Porque hoje o rádio praticamente eu já não escuto mais, então a gente precisa muitas vezes da funerária, porque fica sempre por dentro, antes tu ouvia tudo na rádio, né? As informações, os convites [de enterro emitidos pela funerária]. E aí essas informações, fofocas, né. Informações de Face mesmo, os noticiários, o que as pessoas colocam, os passeios, essas coisas assim, sabe.

Segundo ela, as informações chegam, principalmente, a partir de portais de notícia que segue, como *O Lourenciano*⁸⁴, porque “são as notícias mais aqui da volta”. Além disso, também acompanha páginas de veículos de outros municípios, como o ClicCamaquã⁸⁵ e o Canguçu em Foco⁸⁶. “Ali aparecem as notícias assim daqui, né? Então às vezes aparece um link que tu acaba abrindo e lendo para ver o que que aconteceu”, diz Fernanda.

Também gosta de ver as publicações de amigos, como fotos e vídeos no Facebook. Conta que não chega a seguir pessoas famosas e o círculo de amizade é restrito a pessoas de seu convívio, mas lembra que gosta de acompanhar algumas bandas germânicas conhecidas. “A gente até segue, tipo Sul Brass⁸⁷, mas assim segue por ser conhecido não por... né?”, diz, indicando que a partir do Facebook, também, que fica sabendo a programação de festas do interior. “Segue pra tá por dentro. Às vezes Salão Ziebell⁸⁸ que ali que é um outro lugar que a gente gosta muito, Salão Kunde⁸⁹, o Krumreich⁹⁰, para que a gente possa se preparar”.

Foi na internet, a partir do celular, que procurou modelos de trajes para a festa de quinze anos recentemente realizada para a filha e indicações de lugares que alugavam vestidos, ternos e sapatos. Apesar disso, conta que ainda não confia em realizar pagamentos online, e apesar do auxílio trazido pela internet na busca pelos itens, todas as transações foram feitas presencialmente.

⁸⁴ O mesmo jornal que antigamente a família de Fernanda assinava em sua versão impressa, mas com a facilidade do digital cancelou a adesão. Portal disponível em <<https://www.jornalolourenciano.com.br>> Acesso em 01 mar. 2023

⁸⁵ Portal disponível em <<https://www.cliccamaqua.com.br/>> Acesso em 01 mar. 2023

⁸⁶ Portal disponível em <<http://www.cangucuemfoco.com.br/>> Acesso em 01 mar. 2023

⁸⁷ Página da banda Sul Brass no Facebook disponível em <<https://www.facebook.com/BandaSulBrass/>> Acesso em 01 mar. 2023

⁸⁸ Página do Salão Ziebell no Facebook disponível em <<https://www.facebook.com/SalaoZiebellOficial/>> Acesso em 01 mar. 2023

⁸⁹ Página do Salão Kunde no Facebook disponível em <<https://www.facebook.com/salaokunde/>> Acesso em 01 mar. 2023

⁹⁰ Página do Salão Krumreich no Facebook disponível em <<https://www.facebook.com/SKrumreich>> Acesso em 01 mar. 2023

O uso do aplicativo de mensagens Whatsapp ocorre todos os dias. Por ali, ela realiza a manutenção de laços sociais, ao conversar com a irmã, a cunhada e o filho mais velho. Além disso, é uma ferramenta de trabalho: entra em contato com fornecedores para o comércio que mantém e tem o costume de realizar pedidos.

Verificamos as postagens de suas redes sociais no último ano. No espaço de apresentação do Facebook, Fernanda coloca o nome do comércio familiar onde atua e a escola onde estudou, se descreve como balconista, diz que é natural de Canguçu, que atualmente mora em São Lourenço do Sul e que é casada. É grande o número de publicações realizadas por outras pessoas que lhe marcam e aparecem na linha do tempo, geralmente em fotos com turmas numerosas de amigos e visitas a parentes, ou em compras realizadas com pessoas conhecidas (Ex: Chinelos decorados, roupas para os filhos).

Já o fluxo de postagens feitas por ela própria é um pouco menor, mas constante. Os registros consistem em: 1) Divulgação de sorteios do comércio familiar e premiados; 2) Compartilhamento de imagens de páginas para participação em sorteios, como uma cesta em alusão ao Dia do Produtor de Tabaco; 3) Fotos antigas dos filhos com mensagens saudosas de quando eram pequenos; 4) Fotos com amigos em festas nos salões de baile do interior; 5) Fotos da família completa nos eventos sociais que participam; 6) Selfie agradecendo mensagens recebidas na passagem de seu aniversário; 7) Compartilhamento de imagens com mensagens sobre a maternidade, como "A pior parte em ser mãe é não ter poderes para tirar a dor de um filho" ou orações destinadas aos filhos; 8) Cobrança ao poder público sobre episódios de falta de luz e de uma ponte estragada⁹¹ do interior que liga os municípios de Canguçu e São Lourenço do Sul. Neste caso, compartilhou críticas contra um deputado estadual do PT pela situação. 9) Em 30 de outubro, após o resultado das eleições em que Lula foi definido como o novo presidente do país, postou uma montagem de uma bandeira do Brasil em preto e branco, com o símbolo de luto em frente da mensagem "Consciência limpa, essa culpa eu não carrego", escrevendo como legenda da imagem "*para refletir*". A publicação teve 131 curtidas, 34 comentários e 8 compartilhamentos. Além disso, sua foto de perfil também era com filtro da bandeira do Brasil, demonstrando apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro 10) Fotos de caminhões da empresa da família e mensagens que buscam exaltar o trabalho, como "Todo esforço tem sua recompensa"; 11) Mensagens aos filhos na passagem de seus aniversários. Para a menina, escreveu: "*Que Deus continue sempre guiando seus passos no caminho do bem e sempre lembrando dos conselhos de seus pais. Continue sendo essa menina batalhadora, meiga*

⁹¹ A ponte a que Fernanda se refere caiu em função de uma enxurrada, três anos atrás, e desde lá tem recebido reparos, mas três pontes provisórias feitas após a queda da original já apresentaram problemas. Caso completo foi pauta do Jornal do Almoço, em maio de 2022. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/10541564/>> Acessado em 13 fev 2023

e com essa alegria contagiante. Um pouco tímida as vezes. Uma menina simples mas de um  enorme mas sempre rodeada de amigos.” Para o filho mais velho, aproveitou a oportunidade para falar sobre sua trajetória de mãe: “30 /08/2001. Foi um dia muito especial, o dia em que me tornei mãe... Como o tempo voa, lá se passaram 21 anos. Anos em que a gente vai aprendendo com a vida a construir uma família (...) Sei que muiiitas vezes sou chata, dou umas duras com vocês mas saibam que mãe só quer o bem de seus filhos. Mas quero que saibas que pode contar sempre com o pai e a mãe p tudo. Faremos o possível para te dar o melhor”. 12) Mensagem em alusão ao primeiro dia de aula do filho mais novo. “1º dia de aula do filho. Muito ansioso e feliz por chegar o grande dia. Começa uma nova fase em sua vida, novos aprendizados , novas amizades. Conhecimentos p vida inteira... ”. 13) Mensagem de aniversário para uma amiga, onde também ressalta que ela é batalhadora.

No Instagram, são apenas seis publicações, com o mesmo conteúdo publicado no Facebook; três com mensagens de aniversário para o marido, o filho mais velho e uma amiga; uma com a montagem contra a eleição de Lula, com os dizeres “Essa culpa eu não carrego”; uma de uma saída com amigos em uma festa em salão de baile do interior; e a última com uma selfie sua, agradecendo os cumprimentos que recebeu pela passagem de seu aniversário. O engajamento de seus amigos nas postagens do Instagram é quase nulo.

No Facebook, Fernanda acompanha páginas de diversos segmentos. Entre as principais, estão páginas dos portais de notícias já mencionados, profissionais liberais, empreendimentos locais e regionais (principalmente lojas de roupa), imobiliárias e corretores de imóvel e empresas que vendem implementos e máquinas agrícolas. Também acompanha as páginas da marca *Chevrolet*, do time gaúcho *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, do site de venda de viagem *Decolar*, e de um vereador lourenciano, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)⁹².

Em relação à representação das mulheres na mídia, Fernanda afirma que eventualmente consegue se sentir representada, mas responde de forma evasiva, demonstrando desidentificação, ou seja, que não se sente representada.

F: Às vezes sim. Dependendo da história tu te coloca às vezes no lugar sabe, dependendo da história que tu tá vendo, às vezes até bah "se fosse, eu" sabe?

G: Aham

⁹² Partido se define como de “centro”, mas a nível municipal a orientação política se restringe a apoio de pautas de direita. Um exemplo é a tentativa de implantação do projeto Escola Sem Partido em escolas municipais, com o intuito de restringir a liberdade de cátedra dos professores de ensino fundamental. Levado a votação, São Lourenço do Sul foi a primeira cidade gaúcha a aprovar o Escola Sem Partido, mas a proposta sofreu uma derrota jurídica. Ver mais em <https://sul21.com.br/cidadesz_arezero/2018/07/sao-lourenco-do-sul-e-a-primeira-cidade-do-rs-a-aprovar-o-projeto-escola-sem-partido/> Acesso em 01 mar. 2023

F: Mas assim em específico em alguma coisa. Acho que não. É muito assim como tu disse, tu tá vendo ali e tu às vezes bah, às vezes essa parte até combina contigo sabe e aí outras coisas também, mas nada assim de específico...

G: Mas tu enxerga assim por exemplo a tua vida nos personagens?

F: É, é, isso aí, é.

É importante ressaltar que o mesmo aconteceu acima, quando perguntamos sobre as personagens rurais de “O Cravo e a Rosa”. Sobre as mulheres urbanas, a interlocutora acredita que sejam representadas “bem” na mídia. *"Eu acho que bem, né. Melhor que assim...em aparência é melhor que rural porque rural parece que a pessoa se judia mais, né? Então o corpo parece que fica mais judiado"*, entende.

Assim, Fernanda diz crer que é possível perceber, a partir de uma representação midiática, quem mora no campo e na cidade, por meio da aparência. *"Roupa, que geralmente a pessoa na cidade ela tem um jeito melhor de se vestir, de se comunicar, tem parece uma... convive mais com gente, né? Então parece a tua comunicação é melhor"*, explica.

Quando eu pergunto sobre a sua leitura acerca das representações das mulheres de classes distintas na mídia, ela utiliza o argumento citado anteriormente para a ruralidade, demonstrando que, em sua concepção, as trabalhadoras rurais estão atreladas à uma classe mais baixa.

Acho que quase... É, como eu disse às vezes assim, às vezes a aparência muitas vezes engana né, mas assim eu acho que mais assim é a aparência da pessoa mesmo. Porque hoje já mudou muito, hoje na colônia também o pessoal já é mais assim já se cuidar mais já...só que como eu disse, como é o serviço é abaixo de sol, o teu corpo, a tua pele desgasta mais né... então eu acho que mais é a aparência na pele, no rosto.

Considerando os conteúdos que consome e por não se identificar com as personagens do campo, parece haver uma desidentificação de Fernanda com a mulher rural, que poderia ser um modelo para ela.

Na busca por conteúdos que falem de outras realidades, como desenhos animados, vampiros, ou jovens em reality show ou em uma universidade americana, nota-se que ela não quer se identificar com a mulher rural porque é uma representação negativa com a qual ela concorda: a mulher rural é mais sofrida em função do trabalho pesado. E, a partir do momento que busca esconder a desigualdade, em seu modo de vida, fica mais difícil lidar com essa realidade.

Já entre mulheres brancas e negras, Fernanda não vê nenhum tipo de disparidade nas representações, e considera que elas são representadas do mesmo modo pela mídia.

Na primeira entrevista, quando perguntei se ela tivesse a possibilidade de comprar alguma coisa naquele momento, o que seria, revelou o seu desejo de adquirir uma casa para o

filho mais velho, o que foi efetivado poucos meses depois. Já como sonho a longo prazo, deseja ter a possibilidade de manter o padrão de vida que a família já tem.

F: Ah eu acho que assim a gente já vive bem. Acho que não teria assim nenhum, nada assim dizer que isso eu quero ainda sabe...

G: Sim, aham

F: Eu acho que continuar com o que a gente tem, poder ir mantendo, né?

Pergunto também se ela teria algum outro sonho que não envolva questões materiais, e ela diz que é "*viver tranquila com a família*". Fernanda considera que nunca desistiu de nenhum objetivo que tinha e diz que não se arrepende de nenhuma escolha firmada até agora.

Quando questiono sobre qual foi o momento mais importante de sua vida até agora, primeiro fala do nascimento dos filhos e logo em seguida, do seu casamento. Quando peço para escolher um deles, fica com o primeiro.

Sobre mulheres que não se casam, Fernanda acredita que algumas podem não ter tido a oportunidade.

F: Eu acho que às vezes é, sei lá, de repente até não é que não queiram... de repente não, não surgiu a oportunidade, sei lá.

G: aham

F: Ou não achou a pessoa certa, né?

G: Sim

F: Indecisão, que hoje em dia tem tanta

Sobre os ensinamentos da família sobre ser mulher, menciona a necessidade das mulheres "se darem respeito", demonstrando que se coloca como uma mulher recatada e tem uma visão conservadora acerca da sexualidade. "*Olha, eu acho que para mim, respeito em primeiro lugar, né. Não sendo, como é que eu vou dizer... Eu acho assim a mulher tem que se dar o respeito em primeiro lugar, então acho que para mim é respeito e educação, né?*", afirma.

Sobre os pontos positivos em morar no interior, em sua concepção estaria a flexibilidade de horários e possibilidade de trabalhar para si própria, estendendo o tempo de serviço para aumentar os ganhos. "*Tu trabalha à tarde, mas tu tem o teu horário do meio-dia. O dia que tu quer sair, nem que em um dia tu tem que trabalhar dobrado pro outro dia poder sair, né? Eu acho que isso aí, porque é tu que mantém teus horários, quanto mais tu trabalhar, é pra ti né?*", explica. Ela segue o pensamento, evidenciando em sua fala o valor ocupado pelo trabalho em sua vida e a importância que dá à questão material, alinhada com o capitalismo. "*Tu tá trabalhando pra ti, então o mais o que tu fizer é mais que tu vai ganhar. Por isso muitas vezes **na cidade eles não tão preocupados, se eu fizer mais ou não, o meu salário já está garantido**. Aqui mais que tu faz, mais é o que tu junta. **Melhora a tua vida, né?***". Questiono também se teria algum ponto negativo no interior, e ela diz que não.

F: Acho que não, acho que colônia é bom. Eu sempre digo assim era para eu ir pra cidade, até ia. Mas eu acho que assim, se fosse na hora mesmo, de dizer 'vamos', aí eu não sei.

G: Tu nunca pensou em morar na cidade?

F: A gente às vezes até pensa depois de ter uma certa idade, de repente a gente ia, aposentado sabe. Mas aí fica assim pensando, mas na cidade não é pra tá correndo só na praia. Aqui tu tem a tua festinha, tu tem o teu final de semana, tu pode sair para onde tu quiser. Eu não sei, eu não acho que ia me adaptar na cidade.

Ao final da nossa primeira grade de entrevistas, Fernanda perguntou se a pesquisa seria divulgada no jornal e expliquei que não. Continuamos conversando por um tempo, onde ela falou sobre insegurança quanto ao transporte da filha para o ensino médio, uma vez que a população rural do município enfrentava a redução de linhas da Prefeitura. Quando voltamos a nos encontrar, um ano depois, ela conta que a região em que mora em nenhum momento foi afetada pelas greves e os dois filhos em idade escolar (a filha adolescente, que foi para o 1º ano do Ensino Médio em uma escola estadual, e o caçula, que cursou o 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal) puderam assistir suas aulas regularmente.

Na primeira vez, a interlocutora também falou sobre a espera ansiosa que tinha para que as aulas presenciais retornassem, pelas dificuldades que o ensino remoto traria ao filho mais novo, que iniciaria sua vida escolar no mês seguinte e que, caso o ensino não fosse presencial, a filha ficaria responsável por acompanhar as aulas com ele, pois Fernanda não poderia parar tanto tempo.

Por fim, a interlocutora também comentou que a pandemia e falta de contato com professores e colegas desestimularam o filho mais velho, formado recentemente no ensino médio, a seguir estudando e ingressar no ensino superior. Ela acredita que, caso estivesse indo à escola presencialmente durante o terceiro ano, ele e os colegas se estimulariam mutuamente.

4.1.2. Janaína

Janaína⁹³ tem 41 anos e é natural de São Lourenço do Sul. Ela autodeclara-se branca, com origem pomerana. Residente de um dos distritos rurais de São Lourenço, distante cerca de 60 km do centro urbano, mora com o marido, também de origem pomerana, e os dois filhos do casal - uma menina de 17 anos⁹⁴, e um menino de 11 - em uma casa espaçosa de alvenaria.

⁹³ Nome fictício escolhido pela interlocutora. Quando perguntada se havia algum significado para a escolha, disse que era por achar bonito.

⁹⁴ Como veremos na sequência, entre os nossos encontros a filha saiu de casa.

O pátio é amplo e tem galpões, onde ficam as máquinas e equipamentos agrícolas, e alguns animais da propriedade. Ao todo, são cerca de 50 hectares⁹⁵, sendo que parte da área é utilizada para plantação de milho. O local foi cedido pela família do esposo, após o casamento. Ela é cunhada de Fernanda, uma das outras participantes da pesquisa, que conhecemos acima. As casas de ambas ficam uma em frente da outra, e são divididas apenas pela estrada que corta as propriedades.

Segundo Janaína, a renda da família⁹⁶ de quatro pessoas varia de três a quatro salários mínimos, sendo que o dinheiro é gerenciado por ela mesma. Na frente da residência possui um espaço reservado onde atua como cabeleireira. O local fica ao lado da sala de estar, e é dividido por uma porta. Além dessa função, ela também realiza serviços de costura, trabalha nos negócios da família - auxiliando principalmente na parte administrativa - faz o manejo das cabeças de gado da propriedade e cuida da casa e do filho caçula.

Quando questionada sobre com o que trabalhava, Janaína se declarou apenas cabeleireira. Após interferência da filha, que disse que a mãe trabalhava com “*de tudo um pouco*”, ela relatou as outras funções desempenhadas. Seu trabalho e renda servem como complemento à atividade do marido, considerada a principal, e silencia sobre o trabalho rural que desempenha, evidenciando a falta reconhecimento dado às mulheres agricultoras.

Ela começa o seu dia dando atenção aos animais, tarefa repetida no final da noite. Conta que dá comida, tira leite das vacas e limpa o galinheiro, por exemplo, além de realizar a manutenção do terreiro. Ao todo, isso ocupa cerca de duas horas diárias. Em tempos normais, o restante do dia seria dividido entre atendimentos para cortes de cabelo, costuras e o serviço da casa. Com a pandemia, no entanto, as encomendas de costura - geralmente, consertos e roupas para festas - tiveram uma parada considerável, e estão em processo de retomada.

Geralmente eu, como eu tô mais em casa, faço essas coisas. Se eu não tenho gente para cortar cabelo, quando não tem costura pra fazer, eu faço serviço mais de casa. Limpo o pátio, corto grama e essas coisas assim, limpo o galinheiro, sempre tem essas coisas né em casa pra fazer (...) Eu não vou na lavoura, aí é esses serviços de casa assim que eu faço.

Janaína acredita que utiliza cerca de três horas do seu dia para a organização da casa e a preparação das refeições. Explica também ser impossível mensurar o tempo que trabalha no salão de beleza porque, segundo ela, a atividade, por ser na colônia, é diferente de como

⁹⁵ Utilizando a classificação adotada pelo Incra, consideramos que Janaína vive em uma pequena propriedade rural.

⁹⁶ Apesar de Janaína não ter mencionado, descobrimos posteriormente, a partir de Fernanda, que os gastos fixos (como luz, comida e produtos de limpeza) de ambas as casas, tanto dela, quanto da cunhada, são mantidos pelo sogro. Assim, caberia a ela e ao esposo apenas os custos com gastos pessoais, como roupas, festas e gasolina.

acontece na cidade. *“Na cidade que trabalha por horários, né? Pra nós na colônia eu nem sei quando que vem gente, nem todos os dias vem gente pra cortar, tem dias que enche de gente e tem dias que não tem ninguém, né?”*.

Como não estabelece horário fixo, ela conta que realiza os cortes de cabelo sempre que os clientes batem em sua casa, sendo que geralmente eles vão na “venda” primeiro, o comércio de seu irmão e cunhada, localizado na frente de sua residência. *“No verão chega gente aqui 10 horas da noite, 10:30, muitas vezes (...) chega na venda primeiro, aí vem aqui cortar cabelo”*. O maior movimento é aos finais de semana, ao longo de sábado ou aos domingos de manhã, além dos dias de chuva e das noites, momentos em que os trabalhadores rurais não estão na lavoura. *“Sim, mas eu não critico, calor... eles trabalham, vão na lavoura bem de tardezinha...”*

Já o seu marido, ela define como agricultor, nomenclatura utilizada por ele nos “documentos”, mas se pergunta se esse seria o termo correto: *“No caso, como ele tá junto com a firma seria empresário. Pelo certo, né? Não sei...”*. Empresário, nesse caso, aparenta ser, para ela, uma função mais valorosa e que traz mais reconhecimento. Explica então que o esposo concilia a atividade de plantação de milho e silagem com o transporte de cargas, em sociedade com o cunhado (marido de Fernanda) e o sogro.

Também perguntei se os filhos já trabalhavam e ela respondeu rapidamente que não, resposta que foi modificada após o olhar de reprovação do filho à mãe. A presença e intervenção dos filhos em alguns momentos da entrevista chama atenção, como se eles tivessem determinada autoridade frente à matriarca.

Ele vai na lavoura... ele vai roça sim, isso sim, né? Mas assim... como é que eu vou dizer, não é aquela coisa fixa, né? Mas ele vai na lavoura sim, ajuda, né, a minha filha é a mesma coisa, faz os serviços de casa, ajuda, claro que sim né. Quem mora no interior sempre tá na volta fazendo alguma coisa, né? Sempre tem alguma coisa pra fazer.

A partir desse exemplo, é possível notar o quanto Janaína valoriza as funções desempenhadas pelo marido, e a dinâmica contrária que acontece quando relata o que ela própria faz, assim como o papel desempenhado pelos filhos - que considera apenas uma ajuda.

Quando pergunto se ela considera que o marido valoriza o seu trabalho, Janaína diz que sim. *“Eu acho que sim, porque quando ele não tá, vai viajar, coisa assim, é eu que fico né? Faço tudo, ele sai e nem se preocupa com o que tem em casa pra fazer né? Então eu acho que é **bem tranquilo essa parte**”*, conta. Apesar disso, quando pergunta se ela recebe algum tipo de incentivo do marido à atuação no salão ou nas costuras, ela diz que não, evidenciando uma possível indiferença em relação às suas atividades. *“Não, mas também não tem crítica também não”*.

Muitas vezes nos sábados, dias de maior movimento do salão, o marido solicita sua mão-de-obra junto às etapas de silagem, mas ela conta que se posiciona junto ao cônjuge e prioriza os seus atendimentos.

J: Ai o meu marido diz assim pra mim "Ah, vamos fazer silagem hoje ainda e amanhã", eu disse "olha, sábados eu não sei, pra mim sábado fica ruim, geralmente sábado é o dia de tarde vem bastante gente cortar cabelo, né?". E eu disse pra ele "olha, sábado de tarde eu não vou ajudar". Depois que tu tá ali, tá na lavoura, tem que vir para casa, né? Eu disse "sábado de tarde eu não vou ajudar porque tu nunca sabe se vem gente ou não vem, né?"

G: E ele entende?

J: Sim, sim

Ela lembra que começou a trabalhar na agricultura com dez anos, quando junto de seus pais e seus avós, se mudou para o município de Camaquã. *"Eu ia meio turno na escola e meio turno eu tinha que ir junto na lavoura"*, explica, contando que tanto os pais, como os avós, atuavam como agricultores. A mãe da interlocutora dividia o ofício agrícola com a costura.

O ofício de cabeleireira surgiu inesperadamente, a partir da divulgação de um curso de corte de cabelo em um comércio local. Incentivada pela mãe, viu nesta uma ocupação possível, em que não precisaria se deslocar da colônia para realização dos treinamentos.

G: Foi tu que decidiu que tu ia abrir o salão e fazer as costuras?

J: Sim, sim. Porque o salão já tinha em casa, né, na minha mãe quando eu tava em casa, eu já cortava o cabelo e costura foi automaticamente aos poucos assim depois.

G: Como é que foi assim que antes... tu trabalhava na lavoura quando era criança, né? Como é que tu passou pra essa função de cabeleireira, foi mais por causa da tua família mesmo?

*J: É que no caso acabou surgindo de uma senhora vindo da cidade lá pertinho pra mãe, ela pegava a condução da Prefeitura pra dar o curso pra nós, aí eu tive fácil o acesso pra fazer. E aí eu decidi fazer o curso, né? Foi por ela vir para colônia lá num comércio perto lá de casa pra dar o curso pra nós. **Se não, talvez eu nunca teria feito. Foi por ela ter vindo pra colônia e eu poder fazer né?** Porque se era para eu me deslocar pra cidade pra fazer talvez eu não teria feito, né?*

G: E aí tu nunca tinha pensado antes?

J: É, e aí como deu essa oportunidade dela vir pra lá e fazer eu acabei fazendo sabe, né?

G: E tu gosta?

*J: Sim, **hoje eu gosto**. No momento quando a mulher ia vir pra lá e aí a mãe disse. "Ah, tu não quer fazer?" eu nunca tinha me passado pela cabeça e ser cabeleireira. De cortar cabelo, né? E aí para mim foi tudo novo, foi tudo surpresa assim, né? Mas depois com o tempo **tu vai te acostumando** e acaba gostando, né?*

Janaína não terminou o ensino fundamental, tendo estudado até os onze anos, cursando até a quinta série. Ela conta que hoje gosta do que faz, mas que o seu sonho de infância sempre foi ser professora. *"Só que naquela época a gente não tinha oportunidade de... não tinha o primeiro grau completo na escola no interior, se tinha era longe pra se deslocar, né? Eu não tive oportunidade de poder estudar, mas eu sempre quis ser professora"*, conta Janaína, rindo. O seu riso parece mascarar a dor que a confissão do desejo traz: o seu sonho de ser professora

aparece mais de uma vez ao longo da nossa entrevista. Assim, questiono se hoje ela estaria disposta a trocar de profissão, e ela diz que não mais.

Eu acho que em função da idade já e a gente chega num ponto e desiste né? Porque aí eu tenho só até quinta série, pra eu hoje começar a estudar, teria que terminar o primeiro grau, terminar e fazer o segundo, aí investir numa faculdade, aí já não... (...)Até eu passar tudo isso já estaria velha, né? Não adianta, não ia adiantar mais.

Assim como Janaína, o seu marido também estudou somente até a quinta série, na escola rural multisseriada que existia ao lado da residência deles. Mas como acontece no núcleo familiar da cunhada, que relatamos acima, os filhos de Janaína e do marido já ultrapassaram a escolaridade dos pais: a filha recentemente concluiu o ensino médio e o menino está matriculado no sétimo ano. Todos são oriundos de escolas públicas.

Na primeira entrevista, mesmo dizendo que seus filhos não têm trabalho fixo, ela cobra a filha por não ter realizado a limpeza da casa em dois finais de semana. Janaína também responde inicialmente que é ela própria quem faz a faxina da casa, mas após interjeição de contrariedade da adolescente, reconhece que as duas dividem igualmente as tarefas de limpeza. Assim, percebe-se um movimento seu na busca por reconhecimento dentro da família, a partir da negação do que é realizado pela filha, incorporando um papel de excelência exercido na esfera privada como mãe e esposa e evidenciando o medo que possui de perder esse reconhecimento.

G: A parte de cuidado de limpeza da tua casa, quem faz?

J: É eu que faço.

G: Só tu?

J: É, eu e a minha filha

G: Mas é mais tu?

J: Não, até já levei um tapa aqui [a filha responde que não]. Não, é as duas né...

G: É parêlo assim?

J: É, a gente vai revezando quando uma tá... [filha faz interjeição] Dois fins de semana tu não limpou, né? Tu te escapou

Janaína explica que quando as crianças eram pequenas, só ela ficava encarregada pelo cuidado com eles. “O meu marido só de noite, enquanto eu fazia janta, né? No máximo”, relembra. Na nossa primeira entrevista, ela era a única responsável por cozinhar para todos os integrantes da família, e a filha, por lavar a louça.

J: Cada um com sua parte. Eu disse, além de eu fazer a comida... eu disse a louça é contigo

G: Os guris não se envolvem?

J: Não, os homens não

O filho e o marido não têm nenhum compromisso a cumprir na esfera privada, em trabalhos de reprodução da vida, tendo responsabilidades só com o trabalho considerado produtivo socialmente, que acontece fora da residência da família.

O nosso primeiro encontro aconteceu em fevereiro de 2022. Naquele momento, a interlocutora estava atendendo um cliente no salão de beleza, e eu fui recebida pela filha. Já a segunda entrevista foi realizada em janeiro de 2023.

No intervalo entre nossas duas visitas, sua filha passou em um processo seletivo para trabalhar como jovem aprendiz em um supermercado e desde agosto passou a morar na cidade com a avó, mãe de Janaína. A menina alia o trabalho como jovem aprendiz a um outro trabalho de meio turno restrito à temporada de verão como balconista em uma loja de artigos para artesanato.

A oportunidade surgiu por acaso. Cursando o último ano do ensino médio em uma escola rural, a menina viu a seleção para o supermercado pela internet e se inscreveu. Logo foi selecionada. “*Ela sempre queria seguir estudando, né? Sempre aquela coisa de ‘eu não vou ficar na colônia, quero ir pra cidade’*”, conta Janaína, que afirma ainda estar se adaptando à ausência dela em casa. “*No início foi... como é que eu vou dizer, foi... a gente estranha muito*”. Mesmo assim, conta que incentivou a participar do processo seletivo.

E aí quando vê “Mãe, me chamaram pra fazer a entrevista”. Eu disse “Sério? Tá, e agora? Ué, faz”, nós já tava em maio e junho, eu disse ué, “Vamo lá, então, já que tu vai no ano que vem, se tu vai uns meses antes, uns meses depois, dá no mesmo também”. E aí ela foi, tinha 25 eu acho lá pra fazer entrevista. “Ah mãe era 25 que tinha lá, é muita gente”. Eu disse “ah, não gastamos nada além da viagem que fomos pra São Lourenço, né?”. E ela foi, foi selecionada. (...) E aí desde primeiro de agosto que ela começou presencial lá e ela gostou bastante. E aí não precisou mudar de escola, né? Aí ela conseguiu vaga com os professores, ela seguiu estudando onde estava. Como já tinha viagem programada, moletom, camiseta, tudo feito... eu disse que ia ser muita mudança, né? Então eu disse “segue estudando lá, então”. Aí o transporte no caso era pago, porque aqui era de graça, né e lá era pago por ser Estadual, né? [Cerca de R\$220 mensais]. E eu disse “não faz mal, esses poucos meses não é um bicho de sete cabeças, né?”.

Enquanto Janaína relata que sentiu muito a mudança da filha, diz que o contrário aconteceu com o companheiro, que teria lidado de forma “*muito tranquila*” com a situação. “*É que a convivência de homem muda, né. Quem sempre tem mais convivência com os filhos acho que sempre é mais a mãe, né? E pra ele é tranquilo*”, conta, explicando que seu estranhamento é fruto, também, da sobrecarga que passou a ter ao assumir novamente a integralidade das tarefas domésticas da casa.

*J: No início quem estranhou fui eu né? Porque aqui tem alguém em casa que te ajude a fazer faxina, carnear pato, fazer essas coisas, né? E aí eu acho que eu estranhei mais do que ela. (...) agora **sobrou tudo pra mim, é tudo eu**. Porque homens não olham pra faxina, não olham pra essas coisas, né? Pelo menos aqui em casa não.*

G: Mas tu chega a pedir pra eles fazerem alguma coisa assim ou não?

J: Peço, mas não fazem [rindo muito]. O meu marido nunca fez, né, mas aí o meu filho podia ajudar a fazer alguma coisa, né? Mas não faz, não adianta, não...

Quando eu vejo ele tá indo lá no meu sogro já. “Eu tô indo lá no pai”, já se mandou.

G: E ela fazia assim?

J: Sim, sim. Ela fazia tudo pra mim, tudo, ajudava em tudo.

A partir da fala de Janaína, é possível perceber o quanto o espaço fora da residência ainda é visto como um lugar para os homens e as tarefas domésticas, restritas ao espaço do lar, direcionadas à mãe e repassadas, à filha, até o momento da ruptura da primogênita com o destino esperado.

No início, a menina vinha todos os finais de semana, mas ao assumir o segundo emprego e trabalhar também aos sábados, ficou mais difícil se deslocar ao interior com frequência, conseguindo a partir disso visitar a família geralmente uma vez ao mês. Apesar de aumentar a distância entre as duas, o trabalho temporário foi incentivado pela mãe. *“Eu disse pra ela, tu que sabe, se quer trabalhar em dois lugares, por mim pode ser um lugar só. Pode ser um só. E aí ela disse que agora não tem aula, não tem nada né. Ela disse “agora eu vou aproveitar”. Eu disse ‘tu que sabe, né? Então aproveita’”*.

Com o fim do ensino médio no primeiro semestre de 2023 a filha iniciará um curso técnico em contabilidade em uma instituição pública da zona urbana, mas realizou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Programa de Avaliação da Vida Escolar (Pave)⁹⁷ e também pretende concorrer a uma vaga no curso de Administração da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas. Janaína, entretanto, demonstra que não concorda com a decisão, principalmente em função dos custos.

Quase no momento de ir embora, ao final da nossa segunda entrevista entrevista, ela diz que por ter poucos anos de estudo não entende como funcionam os processos seletivos de ingresso ao ensino superior, e pede que eu lhe explique as opções disponíveis no município, para que a menina não precise ir à Pelotas. Falo dos cursos existentes na cidade, mas ela afirma que o foco da menina é Administração, graduação que não é ofertada na universidade pública presente na cidade. Assim, ela comenta sobre universidades à distância com atuação local e as possibilidades que o ensino online traria à menina, que não precisaria ficar em Pelotas, além da economia que geraria à família.

Quando cheguei na residência de Janaína pela primeira vez, a Rádio São Lourenço AM estava conectada na televisão da sala, a partir do sinal de internet, e tanto ela, como a filha, relataram que isso é um hábito cotidiano. Segundo elas, o maior uso da televisão pela família é nesse tipo de transmissão do rádio, que acontece ao longo de todo o dia.

⁹⁷ Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE) é uma modalidade alternativa de seleção para os cursos de graduação da universidade. A seleção é feita a partir de um processo seletivo seriado, com provas aplicadas nos três anos do ensino médio.

De objetos de meios de comunicação, Janaína tem televisão, smartphone e rádio, e considera que utiliza mais os últimos dois. Quando questionada sobre qual seria o meio de comunicação imprescindível em seu dia-a-dia, aponta que é o rádio. "*O rádio é ligado de manhã, quando eu levanto e desligado de noite, quando eu vou dormir...*". Segundo a interlocutora, suas motivações para utilizá-lo seriam a comunicação e o lazer. "*Escutar músicas, gosto muito*".

Sua emissora preferida é a Litoral Sul FM, que tem extensa programação musical. Também escuta *O Mensageiro*, da rádio São Lourenço AM, veiculado diariamente das 12h às 13h. O programa se estrutura como um “mural de recados” da comunidade lourenciana, trazendo informações sobre internados em hospital, obituário e solicitações de cobranças, por exemplo.

Janaína enfatiza que não tem o costume de assistir televisão, e quando faz, é à noite, acompanhada da família. Ela também diz que não tem o hábito de assistir a filmes ou seriados, e que não lê livros, jornais ou revistas.

J: Quando a gente assiste de noite um pouquinho mais... tá com celular na mão né, e a TV simplesmente tá ligada. Porque olhar, olhar TV aqui em casa... tem dias que a TV nem é ligada, sabe?

G: Aham

J: Perdeu, sabe com o celular tu tá ali olhando, aí o rádio vem aquelas música boa que a gente possa escutar, o rádio tá ligado e a TV nem é ligada.

(...)

G: E aí a TV aí quando vocês assistem junto é aqui na sala?

J: É, é. Eu tenho TV no quarto, aquela deve de fazer uns três anos que nem foi ligada mais, se não mais.

G: A gente vai perdendo o hábito, né?

J: Sim, aí eu tô, a gente tá aqui, tá mexendo no celular, bah já é tão tarde, tá na hora de dormir.. Sim, quando eu vou pro quarto é pra ir dormir, não pra olhar TV né.

Questionada se ela tem algum programa de TV favorito, diz que gostava de assistir novelas. "*Eu sempre gostava muito de olhar novela, né, mas nos últimos tempos nem isso eu tenho olhado*". Após interferência do filho, que a interrompe para dizer que ela gostava de olhar "*coisa de mulher*", Janaína fala que também assiste programas de receitas e artesanatos no canal religioso Século XXI. "*Noticiário, essas coisas não*", completa.

Mesmo não tendo o costume de parar para prestar atenção na televisão, diz que quando o aparelho está ligado, geralmente fica conectado no canal Globo. Questionada se ainda acompanha alguma novela, Janaína diz que no momento não olha nenhuma. Já quando pergunto se ela lembra de alguma que gostou, cita imediatamente *O Rei do Gado*⁹⁸. "*O que eu gostava*

⁹⁸ “O Rei do Gado’ mostra o romance do latifundiário pecuarista Bruno Mezenga (Antonio Fagundes) com a boia-fria Luana (Patrícia Pillar), ambos descendentes de duas famílias de imigrantes italianos rivais, os Mezenga e os Berdinazi, que fizeram fortuna no Brasil com criação de gado e plantações de café, respectivamente”. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-rei-do-gado/noticia/trama->

da história da novela era por causa do gado, do campo, assim essa rotina mais colonial assim, sabe?” explica.

Quando pergunto se teria algum personagem da novela que a faça lembrar de sua própria vida, ela cita o latifundiário pecuarista *Bruno Mezenga*⁹⁹, interpretado por Antônio Fagundes, também mencionando a aproximação dele com o campo. Pergunto se entre as personagens femininas da trama ela conseguiria se identificar com alguém, e Janaína diz que não. Em seguida, peço para ela mencionar algum ator ou atriz que goste, e novamente aponta Antônio Fagundes.

Em seu tempo livre, Janaína afirma que gosta de acessar as redes sociais. Ela explica que tem o costume de fazer isso todos os dias, a não ser que a residência esteja sem sinal de internet, o que é comum onde mora. A família paga por serviços de internet pré-paga no celular e rede de internet wi-fi.

Ela informa que não leva o celular para o espaço do salão de beleza e que o uso do celular fica restrito à residência. Segundo Janaína, o principal uso que ela faz da internet é para a comunicação interpessoal e de negócios. Entre os aplicativos de mensagem que utiliza, cita o Messenger e Whatsapp.

Quando pergunto o que ela costuma pesquisar, a interlocutora exemplifica que no dia da entrevista buscou informações sobre vacinas de gado, “*se tinha carência ou não tinha*”. Ela diz que as buscas acontecem quando ela precisa de uma informação, e que geralmente procura isso diretamente no Google. “*Quando tu precisa alguma coisa específica, né, sobre uma vacina, sobre algum remédio pro gado, qual é a dosagem, é mais assim pro trabalho, vamos dizer, pra essas coisas assim*”, relata Janaína.

Ela diz que utiliza “*bastante*” tanto o Whatsapp, como o Messenger. Além do uso para questões de trabalho, os aplicativos cumprem a função de aproximá-la de quem está longe. “*Eu tenho uns parentes em Pelotas, né? A gente tem grupos no Whats também e é nessa parte também. Tem minha prima que mora em Tapes, a gente se comunica. Às vezes não dá pra ir visitar né, a gente se comunica*”.

Janaína tem conta no Facebook e no Instagram. Ela conta que costuma abrir o Facebook todo dia, mas o Instagram não, utilizando a rede social aproximadamente três vezes

[principal.ghtml](#)> Acesso em 14 mar. 2023

⁹⁹ “Descendente das levas de italianos que chegaram ao Brasil no finalzinho do século XIX. Atravessou o Atlântico na barriga da mãe, mas nasceu no Brasil, por volta de 1890. O pai morreu na travessia, vítima, como tantos outros, da peste que assolou o navio. Homem forte, determinado, mas muito sofrido. Sua lavoura de café, conquistada com muito sacrifício, é a sua vida. É casado com Nena (Vera Fischer) e pai de um único filho, Henrique (Leonardo Brício), a quem chamam de Henrico, com o devido sotaque. É do tipo que não leva desaforo para casa, e chega a ser passional se precisar defender os próprios interesses e os da sua família” Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-rei-do-gado/noticia/personagens.ghtml>> Acesso em 14 mar. 2023

por semana, porque segundo ela, "*o que tem no Face, tem no Instagram*". Ela explica que no Instagram costuma acompanhar só postagens sobre a vida de pessoas próximas, enquanto o Face também é utilizado para obtenção de notícias. Sobre o que gosta de olhar nas redes sociais, diz que é "de tudo", e que busca não se expor demasiadamente, demonstrando preocupação com a imagem construída de si.

J: Tanto as informações, como a gente não tem jornal impresso, geralmente eu olho essas notícias dos jornais e de tudo assim sabe? Tanto as notícias como as outras postagens assim também, né?

G: E tu publica coisa no teu Face?

J: Publico

G: Que que tu publica mais assim?

J: Como é que eu vou dizer, muitas vezes nossas rotinas do dia a dia e às vezes umas mensagens. Sei lá, às vezes umas coisas engraçadas, essas coisas assim.

(...) Nada de, como é que eu vou dizer, de me expor muito. Muitos colocam ali, ah tão triste e tão publicando, né? Tão... se ofenderam com alguma coisa, tão publicando. Não, essa, essa parte, eu acho que não, não cabe ali, né? (...) Não é pra ficar se expondo né?

Quando peço para ela me dar um exemplo do tipo de notícia que lhe interessa e costuma acessar pelo Facebook, cita casos de acidente, como um acontecido na cidade de Camaquã. Pelo Facebook, ela também descobriu que a vítima tratava-se de alguém conhecido.

*Foi através das redes sociais que eu fiquei sabendo que o cara do mercadinho pertinho do vô e da vô tinha falecido, né? Se eu tivesse escutado o rádio ou TV talvez não teria visto, né? E aí foi através das redes sociais que eu vi. **Eu achei interessante, assim. É através de lá que a gente vê.** Se não eu não teria nem ficado sabendo.*

Diz que não costuma acompanhar famosos, com exceção de algumas bandas germânicas da região. "*Geralmente só pessoal assim do interior e gente conhecida assim, né? Não sou muito de acompanhar outros. A única coisa assim eu curto umas bandas, coisa assim (...) Sul Brass, Sétimo Sentido¹⁰⁰, essas assim*", relata.

Verificamos as postagens de seu perfil no Facebook no último ano. Entre as interlocutoras, é a que mais utiliza a plataforma. No espaço de apresentação da rede social, Janaína se define como cabeleireira e casada. Suas publicações giram em torno de: 1) Fotos com a família em eventos sociais em que participam e passeios que realizam, como ida à festa germânica lourenciana Südoktoberfest, e ao circo; 2) Fotos com amigos e parentes em visitas, festas, bailes de igreja, piqueniques e/ou churrascos, exibindo bebidas alcoólicas e grandes pedaços de carne. Em mais de uma ocasião, chamou atenção que para as fotos são formados dois grandes grupos, um das mulheres, em um agrupamento, e um dos homens, em outro; 3)

¹⁰⁰ Página da banda Sétimo Sentido no Facebook disponível em <https://www.facebook.com/bandasetimosentido> Acesso em 14 mar. 2023

Mensagens parabenizando pessoas próximas sobre a passagem do aniversário; 4) Postagens que dialogam com o fazer rural, seja no sentido de promover as atividades que exerce hoje, com fotos andando em cima do trator, dos caminhões da família e do comércio em que a cunhada trabalha, dos animais da fazenda nascendo e da tabela de preços da safra de tabaco, por exemplo, como para lembrar um passado privado de consumo, com mensagens de como era a infância na zona rural; 5) Mensagens religiosas e convites para culto de comunidade luterana; 6) Fotos suas, de amigos e do namorado na juventude, tiradas mais de 20 anos atrás; e 7) Marcação de lojas, mostrando as roupas que Janaína adquiriu para os filhos.

Ela também mantém um alto fluxo de postagem nos stories¹⁰¹, onde compartilha imagens da lida diária no campo, como os pés embarrados do trabalho com o gado e o processo de vacinação do rebanho, sempre com dizeres exaltando o trabalho e afirmando que a vida no campo não é fácil. Já no Instagram, o fluxo de postagens é um pouco menor, mas geralmente com os mesmos conteúdos publicados no Facebook. Já a interação é quase nula.

É notável, a partir da avaliação do seu uso do Facebook, que ela busca expressar uma imagem de pecuarista, que dialoga mais com os grandes proprietários de terra e pertencentes à classe média rural, e se afasta dos pequenos agricultores. Além das fotos de seu próprio núcleo familiar nas festas em que são convidados, Janaína também costuma publicar algumas fotos das decorações e de quem está promovendo a festividade, como os noivos, elogiando o evento e agradecendo o convite, na tentativa de construir sua pertença junto a um nicho específico.

Na rede, a interlocutora reforça, a partir de suas publicações, a importância que as conquistas de bens materiais e serviços têm em sua vida (planos de uma viagem para São Paulo, caminhões da firma da família, idas a parques aquáticos, idas à confeitarias localizadas no centro da cidade para tomar chocolate quente), em uma visão meritocrática, onde demonstra que isso só foi conquistado porque ela se esforçou demasiadamente.

O mesmo raciocínio é utilizado quando compartilha publicações que versam sobre o seu papel de mãe: é aquela que se esforça e dá tudo de si para os filhos, e que na maioria das vezes não é reconhecida. Nas mensagens que compartilha dedicadas à sua própria mãe, também reforça a visão de que deve honrar tudo o que recebeu: "*Devemos sempre agradecer por aquela que, além de nos dar a vida, nos deu educação e amor*"; "*Tudo que somos e conquistamos devemos a você!*", são algumas frases presentes nos escritos.

É interessante ver o que é ressaltado por Janaína nas mensagens que escreveu para os filhos, em relação à passagem de seus aniversários. Para a filha, escolheu encorajar seus passos e demonstrar que se sente orgulhosa por sua movimentação

¹⁰¹ Publicações com duração de 24h, que se apagam automaticamente após esse período.

*Esse ano que passou foi de várias mudanças em sua vida... mudanças essas que me enchem de orgulho pela sua **coragem e determinação!** Que nesse novo ciclo consiga alcançar seus sonhos e objetivos....e sei bem que és capaz... és estudiosa e dedicada no que faz!*

Já para o filho, reforça sua expectativa de que o menino permaneça no campo, e estimula que se dedique mais aos estudos.

*Que vc consiga realizar todos os seus sonhos .Sonhos esses que tudo indicam vais se tornar **meu menino do Agro** um super colonão Que vc continue sempre sendo esse menino **trabalhador**....(jovem aprendiz Mas também deverias te dedicar um pouco mais aos estudos ...enfim..*

Sua visão política é conservadora e de apoio ao ex-presidente, Jair Bolsonaro. Em algumas publicações, ela reclama do preço da gasolina. Ela também utiliza a imagem do político em um meme sobre tarefas domésticas: "*O que o Bolsonaro decretou sobre você? Tá decretado. A [nome ocultado] não vai cozinhar, lavar e passar. Agora o marido que vai*".

Janaína se declara uma pessoa simples, que precisa de pouco para ser feliz, e que isso é trazido, principalmente, pela família. "*De tudo que a vida nos proporciona, a nossa família é a parte mais importante*", diz uma publicação. O núcleo familiar está sempre unido nas fotografias compartilhadas no Facebook.

No Facebook, acompanha páginas de diversos segmentos, entre as quais estão: 1) portais de notícia de São Lourenço do Sul e cidades próximas; e de telejornais regionais e nacionais, como *Jornal Hoje*¹⁰² e *Jornal do Almoço*¹⁰³; 2) páginas de dicas, como de artesanato e receitas, 3) páginas com mensagens religiosas ou de paróquias do interior 4) profissionais liberais, lojas de roupa, restaurantes, salões de beleza e empreendimentos comerciais no geral do município, 5) páginas relacionadas à lazer, como de parques aquáticos e divulgação de pacotes de viagem; 6) páginas que exaltam o fazer rural, como *Rural Memes*, *Mulher, essência do agro*, várias páginas de implementos e insumos, de caminhões e que envolvem a cultura do tabaco, como *Fumicultores Brasil* e empresas ligadas à cadeia de produção, como a multinacional de tabaco *Philip Morris* 7) Páginas que valorizam a cultura alemã/pomerana, como *Bíblia em língua pomerana*, *Alemães brasileiros*, *Colonada do Brasil*, além de cortes de festas coloniais e cantores e bandas germânicas; 8) páginas que exaltam a família, como *Casar*

¹⁰² Telejornal nacional da Globo, exibido de segunda à sábado, das 13h25 às 14h45. Ver mais em <<https://g1.globo.com/jornal-hoje/>> Acesso em 15 mar. 2023

¹⁰³ Telejornal regional da RBSTV/Globo, exibido de segunda à sábado, das 11h45 às 12h50. Ver mais em <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/videos-jornal-do-almoco/>> Acesso em 15 mar. 2023

é um barato, Eu amo minha família e Mãe coruja sim, 9) Muitas páginas de funerárias, que divulgam convites de enterro de pessoas falecidas na região; 10) Páginas de marcas famosas, como Polar, Chevrolet, Fiat, Havaianas, Natura, Sadia, Seda e Toyota; 11) Outras páginas que também acompanha, com menor repetição: Signos, Ceee, Caixa Econômica Federal, letra de músicas, Grêmio, Somos Todos Bolsonaro, e memes da região como Coisas de Canguçu.

O youtube ela afirma utilizar "*muito pouco*", assistindo apenas o que o filho caçula acessou, geralmente vídeos considerados "engraçados". Depois, complementa a resposta, lembrando que também utiliza a plataforma para aprender artesanatos. "*Às vezes no Youtube eu olho quando eu quero essas flores, essas coisas de artesanato, são as duas coisas que eu olho né? Vídeo engraçado e artesanato*".

Peço alguns exemplos de vídeos engraçados e ela diz que tratam-se de vídeos que retratam o próprio cotidiano no campo com humor. "*Muita coisa de lavoura assim que ele olha, muito de seifa, de trator, e essas coisas assim, né? E ele vive me mostrando... aí às vezes acontece uns acidente com trator, né, de uns incidente, umas coisas assim, umas atrapalhação e ele vem e mostra*", explica. "*Ele adora lavoura né? Eu gosto que ele olhe esse tipo de vídeo, né*", complementa, dizendo que em sua visão, sem dúvidas o filho continuará no campo. "*Pretende [seguir no interior] não tenho dúvida nenhuma (...) ele adora essas coisas, eles estavam roçando lá em cima. Aí ele vai junto, roça campo e adora essas coisas. Nunca fala em caminhão, essas coisas, só lavoura e trator, né? A paixão dele é trator*".

Janaína nunca foi ao cinema e não costuma viajar. Ela conta que gosta de participar de festas, como shows e bailes, e que o fluxo de eventos aumentou novamente, após o período de distanciamento social imposto pela Covid-19. "*A gente muito pouco teve em casa. A gente saía, mas assim sempre era de visita pra um lugar pra outro, assim na casa de amigos, né. Hoje sim, hoje a gente não pára em casa, né? Tá todos os finais de semana na rua*", relembra. "*Festa de comunidade na colônia, muito, muito assim. Essas coisas eu gosto bastante, quando tem (...) casamentos, festas, futebol, e parque [aquático] e assim vai indo, né? Todo fim de semana tem alguma coisa*".

No momento, Janaína diz não participar de atividades com outras mulheres da região. Antes da pandemia, ela relata que tinha reuniões frequentes na Igreja Luterana da comunidade, sendo que uma vez por ano era realizado um encontro específico para mulheres, geralmente em agosto, com trocas de mudas de plantas, chás e exposição de artesanatos.

Cada mulher leva uma muda do que tem em casa e lá trocavam, né? E assim lembrança também, cada um levava um presentinho, lá trocavam, né? Aí todo mundo ganhava uma coisa, né? (...) Aí tinha palestra... geralmente vinha um psicólogo às vezes, alguma coisa assim, tinha uma palestra. E aí o pastor fazia umas palestras às vezes também, era bem legal, bem interessante assim.

Ela, a cunhada Fernanda e o sobrinho mais velho (enquanto estava morando na localidade) também realizam caminhadas diárias nas estradas ao redor das propriedades. Quando peço para citar as pessoas de quem é mais próxima, com exceção do núcleo familiar, fala de sua irmã, que mora em um distrito rural próximo, e uma amiga, que também vive no interior. Ela diz que fala com ambas praticamente todos os dias, geralmente por Whatsapp.

Perguntada sobre por que algumas mulheres optam por não casar, Janaína citou que poderia ser em razão da busca por independência. Pergunto então o que a família lhe ensinou sobre ser mulher, e a sua resposta mostra que o núcleo familiar reforçou a ela padrões de gênero.

Como é que eu vou dizer, a mulher é aquela que faz toda rotina de casa, né? E os homens, principalmente aqui em casa, aqui em casa assim... dentro de casa os homens não ajudam em nada, né? Então a rotina de casa é da mulher e da rua é dos homens, né? Então é, a rotina de casa é toda, toda da mulher.

Sobre o momento mais importante de sua vida, cita o nascimento dos filhos. "Ah, eu acho que os filhos né. Quando a gente tem os filhos, né? É um momento único assim". Questionada se já desistiu de alguma coisa ou objetivo que tinha, Janaína cita novamente não ter sido professora, mas em momento posterior diz que não tem nenhuma escolha de vida pela qual se arrepende.

Quando questionada onde buscaria informações, em caso de emergência, afirma que inicialmente tentaria informações com a família. "A gente sempre opta pela família", explica. Em segundo lugar, elenca o rádio e em terceiro, a internet. Afirma também que, caso acessasse a internet, buscaria informações em redes sociais, como o Facebook.

Em relação à representação de mulheres na mídia, quando questionada se considera que mulheres brancas e negras são representadas da mesma forma nos produtos midiáticos, Janaína respondeu que sim. Sem falar sobre mídia, ela aproveitou a questão para expressar seu posicionamento acerca da população negra. Em sua fala, Janaína repetiu quatro vezes que os negros não se aceitam, reafirmando seu posicionamento.

Simplesmente os negros não se aceitam, não se aceitam... porque eles falam tanto em racismo, mas como é que eu vou dizer, eu sou alemoa, se me chamam de alemoa, eu não me ofendo. Eles são negros, se chamam eles de negros eles se ofendem, então o problema tá neles, né. Eles que não se aceitam, porque eu não me sinto ofendida né se me chamarem de alemoa, eu acho que é eles que não se aceitam. Acho que é a aceitação, cada um tem que se aceitar né.

Janaína também afirma que nunca se sentiu discriminada. Apesar disso, diz que se sente *"muito pouco"* representada nos conteúdos midiáticos que consome. Em seguida, fala sobre a estética da mulher rural, em relação à mulher urbana. Para ela, a distinção de classe aparece entre as representações do urbano e do rural, onde as mulheres urbanas configurariam uma classe mais elevada, capaz de dispensar atenção à estética, e as rurais, uma classe inferior, impossibilitada de ter vaidade.

*Olha, a mulher rural geralmente tá com... nunca tem unha pintada, nunca tá bem vestida, quando passa uma foto tá de chapelão e essas coisas... já na cidade é **totalmente diferente**, né, **totalmente o oposto**, né, geralmente tão de unha pintada, geralmente tão com cabelo arrumado, sobrancelha feita. E é **totalmente diferente** né?*

Quando questionada se haveria disparidades entre mulheres de classes distintas representadas pela mídia, ela entende que não há, reforçando uma perspectiva meritocrática.

*J: Hoje até não dá para dizer assim, né? Porque às vezes tem mulheres pobres que andam mais chiques do que uma que pode né? Então não, não tem nem como distinguir uma da outra assim
G: Não tem como saber só vendo?
J: Não, não, realmente não tem*

O seu sonho de consumo é ter uma casa na cidade, e ela tem dificuldade de pensar em um sonho de vida que não esteja ligado aos bens materiais. Quando peço para ela falar de algum objetivo que não fosse relacionado ao consumo, afirma que seu maior sonho é ter saúde entre os entes da família. *"Uma coisa assim que não é sonho, mas é uma coisa que é o principal, né? O resto a gente **corre atrás** a gente vai **realizando as coisas** conforme a gente consegue e pode né?"*.

Janaína acredita que o ponto positivo de morar no interior é a liberdade.

Tu vai onde tu quer, tu sai onde tu quer, tu sai de dentro de casa, tu vai, tu caminha e sei lá tu tem a tua criação. Tu quer comer um ovo? tu tem. Tu quer carnear uma galinha? Tu tem né? (...) a liberdade de poder sair de dentro de casa e tu não poder dar um passo de mais porque tu tá no terreno do vizinho, né? Acho que mais essa questão da liberdade, assim.

Já como ponto negativo, fala da distância até a zona urbana. *"Porque aqui como que a gente mora 60 km da cidade. Se tu tem uma coisinha ou outra pra fazer não tem como tu ir pra cidade só por causa de uma coisinha e outra né? (...) A gente não tem acesso fácil às coisas assim, sabe"*. Pergunto se ela acredita que deixa de realizar algo que precisa ou tem vontade em função da distância, e Janaína diz que não. *"Não, aí eu só vou acumulando, vou juntando, aí*

no dia que agora tem que ir, aí tu vai, faz tudo, né? Vai anotando, faz tudo. Faz uma listinha e vai né?”, explica, afirmando também que nunca pensou em morar na zona urbana.

4.1.3. Lili

Lili¹⁰⁴ tem 21 anos e é natural de São Lourenço do Sul. Solteira, não possui filhos, tem origem pomerana e se autodeclara branca. Ela reside em um dos distritos rurais, localizado 60 km distante do centro urbano do município, morando atualmente com o noivo - que também tem origem pomerana e com quem namora desde os catorze anos - e com a sogra, que é viúva. Os três atuam juntos na cultura do fumo, de onde retiram sua renda, e residem em uma casa ampla de alvenaria. A área que contempla a residência e a plantação tem, ao todo, aproximadamente 47 hectares¹⁰⁵.

Nossa primeira entrevista aconteceu em um sábado à tarde de verão, em fevereiro de 2022. Nesse dia, pouco antes de eu chegar, ela havia limpado a casa para receber a visita da tia do noivo, que reside em outro município da região. Voltamos a nos encontrar em janeiro de 2023, também em um sábado. Naquele dia, sob sol quente e temperaturas acima dos 30°, ela e o noivo passaram a manhã colhendo fumo.

Após a primeira entrevista, nos vimos novamente em agosto de 2022, quando um conhecido em comum faleceu. Ele morava na propriedade ao lado da residência de Lili e, por costume da cultura pomerana, por residir lado a lado, sua família é que ficou responsável por limpar a casa do falecido e preparar ali refeições aos que compareciam ao velório, oferecendo janta, café e lanches aos que estiveram presentes. O companheiro de Lili, apesar de estar junto no local, não participou do trabalho, ficando restrito às duas mulheres, Lili e a sogra dela.

Lili se mudou para a casa da família do namorado há aproximadamente dois anos, após completar o ensino médio. Desde lá, não voltou mais a estudar. Antes disso, vivia com os pais e a irmã em uma propriedade rural próxima. A jovem sempre estudou em escolas públicas, assim como o namorado, graduado como Técnico em Agropecuária após a finalização do ensino médio.

Juntos, os três (ela, sua sogra e seu companheiro) costumam ter uma renda média mensal de cerca de dois ou mais salários mínimos, valor que sofre alterações de acordo com o montante da safra anual. O dinheiro arrecadado é gerenciado pela sogra, porém as compras da casa, segundo ela, são realizadas por todos os integrantes.

¹⁰⁴ Nome fictício escolhido pela interlocutora. Questionada sobre a motivação para a escolha, relata que é um de seus apelidos, que foi dado por um empregado de seus pais, quando ainda era criança.

¹⁰⁵ Utilizando a classificação adotada pelo Incra, consideramos que Lili vive em uma pequena propriedade rural.

Suas atividades diárias giram em torno do manejo do fumo e dos cuidados com a casa. *"Agora é colher fumo, colher fumo ou quando a gente não pode o fumo, aí tem que ser dentro de casa, né? Tem que limpar o pátio, limpar a casa e a estufa fica ligada em sete dias da semana e tem que cuidar da estufa"*. Na época de secagem das folhas a estufa da propriedade fica acesa sem interrupções. Como o fogo é mantido com a lenha, ela e os demais tinham, também, que ficar alerta durante a madrugada, para abastecer a combustão.

Enquanto Lili cuida da limpeza de dentro do domicílio, a sogra fica responsável pela limpeza do terreiro. Também é Lili que, simultaneamente às atividades do fumo, cozinha para a família. Ela diz que ocasionalmente, o namorado lhe *"ajuda"*. A escolha do termo, logo, deixa claro que em sua concepção, essa não é uma responsabilidade do parceiro e ele faz apenas para contribuir.

Em seu tempo livre, conta que gosta de visitar os pais e os avós, geralmente aos finais de semana. A casa deles fica cerca de 15 minutos distante de onde vive atualmente. *"É só aqui na volta, né"* frisa, destacando que os passeios não se estendem para regiões mais afastadas.

Também diz que tem amigas de sua idade e que nenhuma ainda é casada, mas que todas estão em relacionamentos amorosos. *"Moram juntos, mas casar mesmo eles não são casados"*, explica. Os casais geralmente se encontram nas casas uns dos outros aos finais de semana para jantar. Além da família e do companheiro, as amigas seriam as pessoas mais próximas com quem Lili se relaciona.

Na primeira entrevista quase não estava saindo em função da pandemia, mas no segundo encontro diz que os locais mais frequentados eram eventualmente a praia de São Lourenço do Sul (mais difícil) e parques aquáticos de Canguçu e São Lourenço do Sul (mais frequentes), principalmente em função do calor. Em dias quentes, quando a estufa de fumo está acesa e precisa ser alimentada com lenha, Lili e o namorado se encontram com amigos em uma represa próxima, situada no mesmo distrito rural, ou no córrego que passa atrás da propriedade.

No verão de 2023, conta que ela e os demais agricultores da região encontram dificuldades na produção, em função da estiagem. A lavoura de milho, plantada para alimentação dos animais da propriedade, ficou arrasada, e a nutrição dos porcos, galinhas e cabeças de gado dependerá da compra de rações externas.

O abastecimento de água para dentro do domicílio e produção de alimentos para subsistência da família, entretanto, não foi afetado. Na casa, eles costumam produzir mandioca, batata-doce, abóbora, melancia branca (para geleias), chuchu, pepino, tomate e verduras no geral. Além disso, a propriedade dispõe de diferentes tipos de árvores frutíferas, como laranjeiras, macieiras e ameixeiras.

Sua família de origem também sempre atuou com a fumicultura, atividade que era desempenhada inicialmente pelos avós e foi repassada aos seus pais. Ela lembra que desde criança costumava acompanhá-los na lavoura, mas que passou de fato a assumir a função de forma mais consistente aos quinze anos.

Quando pergunto se ela gosta de trabalhar nisso, no nosso primeiro encontro, Lili confessa que gosta, mas que desejava atuar em outra função que lhe permitisse continuar seus estudos na zona urbana da cidade.

G: Tu gosta de trabalhar nisso? Tem vontade de trocar?

*L: Eu gosto, mas eu **tenho um pouco de vontade, mas acho que vai ser difícil trocar.***

G: Com o que tu gostaria se fosse trocar, outra coisa?

L: Ah eu gostaria de ir para a cidade, é, estudar mais.

O tema volta a ser assunto da nossa conversa mais ao final da entrevista, quando questiono se ela já desistiu de algo que queria. Ao mesmo tempo, na sequência das perguntas, ela diz não se arrepender de nenhuma decisão tomada.

G: Teve alguma coisa assim que tu já desistiu? De algum objetivo que tu desejava?

L: Morar na cidade. Eu queria, mas o meu noivo não vai.

G: Ele prefere ficar aqui fora?

L: Sim

Um ano depois, durante a aplicação da segunda leva de perguntas, questiono sobre o seu desejo de morar na cidade e ela diz que a ideia foi descartada.

G: Naquela vez tu comentou que gostaria de morar e trabalhar na cidade, mas que acabou desistindo. O que tu acha que te impede de ir, e se tu ainda tem essa vontade?

*L: Sabe, naquela época como fazia menos tempo que eu tava aqui, eu preferia ir para cidade, mas agora eu já me adaptei aqui, já gosto daqui. **Bem tranquilo, assim.** E a gente tem tudo, né?*

G: Há quanto tempo tu tava, antes?

L: Não tava bem um ano ainda.

G: Hoje tu não pensa mais assim?

L: Não

Percebe-se, entre os jovens pomeranos, tanto a partir da vida de Lili, quanto nos filhos adolescentes das outras interlocutoras que já conhecemos, Janaína e Fernanda, que a decisão entre ficar ou sair do campo, muitas vezes, é motivada por relacionamentos amorosos, demonstrando o papel que a constituição familiar tem em suas vidas. Também chama atenção na entrevista de Janaína e Lili o uso de termos como “me acostumei” (quando Janaína fala sobre sua profissão de cabeleireira) e “já me adaptei” (quando Lili fala de morar na propriedade rural do noivo), seguidos da expressão “bem tranquilo” demonstrando uma luta interna na

conformação delas com o fluxo dos acontecimentos, onde vão silenciando possíveis desejos a partir de decisões tomadas por terceiros.

A situação de Lili, além de demonstrar que suas expectativas profissionais reproduzem as condições de classe, sobretudo a do capital econômico e cultural necessários para o investimento em outra ocupação, também manifesta a lealdade familiar de Lili aos pais, e a preocupação que ela tem em frustrar a expectativa que a família tem sobre seu futuro. Ela conta que a família lhe apoia em suas decisões, e que o pai e a mãe gostaram dela ter ido morar com o companheiro. Sem tanta ênfase, também diz que os pais lhe apoiariam caso desejasse ir para a cidade, mas o silêncio de reflexão que se prolonga após a sua resposta atesta que talvez não seria tão fácil assim.

G: Tua família assim, ela te apoia nas decisões, quando tu resolveu morar aqui?

L: Sim, muito.

G: Aham

L: Em tudo.

G: Se tu fosse, se tu decidisse não morar aqui, se tu quisesse ter ido pra cidade também apoiariam?

L: Aham... [Grande tempo em silêncio]

Nota-se a prevalência que o relacionamento amoroso tem em detrimento de sua atuação profissional. Além disso, o papel que o parceiro tem na definição dos rumos do casal, que tem o casamento em seus planos. A cerimônia, inclusive, já estava marcada, mas foi adiada em virtude do período de isolamento social, ocasionado pela Covid-19. *“A gente até tava com tudo marcado para novembro, né, aí por conta da pandemia não... a gente teve que cancelar de novo”*, explica.

Quando nos encontramos em fevereiro de 2023, perguntei se o evento já havia sido remarcado e ela conta que se realizará em 6 de maio. O casamento respeitará a tradição pomerana, sendo bem típico: a cerimônia acontecerá no período da manhã em uma igreja próxima e logo após, antes do almoço, os convidados serão recepcionados em um salão paroquial de outra comunidade. A celebração segue durante todo o dia, com sopa, mocotó e churrasco, no almoço; banda de música germânica durante a tarde; dança do bolo, e café colonial. Para a festa, vizinhos e conhecidos se unem na preparação dos pratos, e dois novinhos oferecidos por convidados estão sendo engordados, e serão carneados para o churrasco no referido dia.

Lili diz que no momento a maioria das coisas já foram organizadas, mas que ainda faltam alguns detalhes. *“As coisas assim pro dia. Mas que nem comida, bebida, salão... tá tudo organizado. Os convites já tão em casa, tudo encaminhado”*, conta. Apesar dela afirmar que

está na expectativa, ela diz que a empolgação da família é maior. “*Eu acho que eles estão mais empolgados que eu*”.

Quando questionada de por que acha que algumas mulheres não se casam, ela responde que atualmente a união matrimonial não é vista mais como algo necessário. “*Eu acho que hoje em dia não é mais visto como uma coisa necessária, né? De primeiro era uma obrigação, tem que, tem que casar.*”

Lili nunca foi ao cinema e não costuma viajar. Antes da pandemia, conta que costumava sair para festas e shows em todos os finais de semana. Ela também não participa de atividades com outras mulheres da região, e não costuma ir na casa de amigas. Na semana que nos encontramos pela segunda vez, ela havia sido aprovada no exame de direção e estava habilitada a dirigir de carro. Em breve, também realizaria a prova para moto.

Segundo ela, sua família lhe ensinou que ser mulher é assumir a dualidade de alguém que é educada, sem ser submissa. “*Que a gente tem que ser muito respeitosa, educada... deixa eu ver o que mais... e não tá sempre baixando a cabeça, né?*”, explica.

Interpelada se pudesse comprar qualquer coisa hoje, o que compraria, Lili afirma que compraria terras ou uma casa na cidade. Também diz que o seu sonho de consumo é ser rica. “*Ihh, ser rica... Ah eu acho ter uma vida boa... viver bem e conseguir adquirir, que nem a terra, casa, ou até terrenos na cidade*”.

Compreendendo a importância que a propriedade tem para quem vive no campo, especialmente às mulheres, questiono se ela tem irmãos. Responde, então, que tem apenas uma irmã, de 12 anos. A interlocutora fala da importância que a menina tem em sua vida, e diz que considera que o momento mais importante vivenciado até agora foi quando a irmã nasceu. Pergunto por que, e ela diz que pela companhia oportunizada pela irmã.

L: Eu tava... eu era muito sozinha, né? Que nem ali não tinha muita gente assim próxima de mim. E aí era uma coisa assim que me ocupava, sabe. Que eu gostava muito de cuidar dela. E como eu era menor eu brincava de boneca, né?

G: Era a tua boneca

L: Era a minha boneca, é. Então foi bem importante isso.

Lili assumiu várias responsabilidades no cuidado à irmã após o nascimento, quando tinha 9 anos, ficando sempre com a criança para os pais trabalharem. Ela conta que atualmente a criança gosta muito do interior, principalmente a lida com animais, mas que acha que isso ainda pode mudar. A partir dessa proximidade com a maternidade, também diz que pretende ter filhos.

Dou sequência à entrevista questionando se ela teria algum outro sonho sem ser algo material a ser comprado e ela diz que gostaria de viajar, desejo que, de certa maneira, necessita também de recursos financeiros.

L: A gente quer tanta coisa e agora a gente não lembra né... Um sonho que eu tenho... ah eu quero viajar. Eu gosto muito de sair, né.

G: Tem algum lugar assim que tenha vontade de conhecer?

L: O Rio Grande do Sul eu queria conhecer, todo o Rio Grande do Sul, Santa Catarina...

G: Pra lá tu nunca chegou a ir?

L: Não

Ela também relata que teria tantos desejos que ficaria impossível de lembrá-los para citar durante a conversa, reproduzindo novamente a sua posição de classe: os desejos são tão silenciados, a ponto de não serem lembrados.

No que diz respeito ao acesso e ao uso da mídia, Lili tem, como hábito, utilizar como meios de comunicação a televisão, o rádio e o smartphone, sendo que o aparelho mais acessado é o último, pois é a partir dele que ela utiliza a internet. Além da comunicação interpessoal, a jovem explica que sua principal motivação para utilizar o smartphone é como uma ferramenta de entretenimento. *“Lazer, é, descanso também... informação, a gente fica sabendo de muita coisa, né?”*. Também conta que ela e os outros moradores da casa pagam os custos do celular pré-pago, da rede de internet wi-fi da residência e do serviço de streaming, Netflix, utilizado apenas para assistir filmes.

O uso da internet costuma ser realizado dentro da residência, pois ela não tem costume de levar o celular para a lavoura. A jovem conta que costuma utilizar bastante a internet como ferramenta de pesquisa, entre elas, notícias e coisas relacionadas ao trabalho, além de dúvidas gerais. O acesso é feito diretamente pelo Google e os sites utilizados são os recomendados pela plataforma em cada busca.

Lili possui conta no Instagram e no Facebook e acessa as redes sociais todos os dias. Ela explica que no Facebook, gosta de olhar vídeos e ver notícias, enquanto no Instagram, prefere olhar stories. Ao mesmo tempo que gosta de ver o que é publicado, a interlocutora afirma que não tem costume de fazer publicações em suas redes sociais e, quando publica, é esporadicamente. Ela também utiliza os aplicativos de mensagem Messenger e Whatsapp, principalmente o último. É a partir dele que, todos os dias, costuma trocar mensagens com seus pais e o grupo da família, em assuntos relacionados à lazer e manutenção de laços.

Em caso de emergência, conta que buscaria, inicialmente, o respaldo de informações a partir da família. Em seguida, viria o Google e logo após, o Whatsapp ou o Facebook.

Ressalta-se o papel que as redes sociais, em específico o Facebook, tem em seu cotidiano para que ela mantenha-se atualizada com o que está acontecendo na região e no mundo.

Quando perguntada sobre o que mais tem lhe chamado atenção, neste sentido, diz que são os casos de violência, geralmente assassinatos, na cidade próxima de Camaquã; a polarização política, se referindo que atualmente “*tem dois partidos*”, além de melhoras sobre a pandemia.

L: Ultimamente a gente vê muito mais caso de violência, né? Toda hora a gente vem vendo isso e ainda mais agora com a questão da política, tem os dois partidos, né? Acho que é mais isso assim, mais a questão da violência assim, a pandemia melhorou um pouco, mas agora também a gente vai ver que tem novos casos de novo, né. Camaquã tinha bastante casos. Acho que mais é nesse sentido assim

G: E aí tu vê isso mais no jornal ou mais na internet?

L: Nos dois, é. Eu não assisto muita TV, o que eu assisto é o jornal. E aí eu mexo no celular, né no Face a gente vê bastante coisa no Instagram também.

(...) Em Camaquã toda hora tá tendo assassinato de pessoas.

Que nem no passado são engano foram 15, ou 16. Não sei ao certo.. uma cidade tão calma, agora tá bem violenta.

G: E tu acha que aqui fora, como é que tá?

L: Aqui acho que tá tranquilo. Acho que aqui ainda tá tranquilo, assim. Até de primeiro tinha muito caso de assalto, sabe, agora. Até que tá mais tranquilo.

G: E a função de política, assim, tu chega a postar alguma coisa sobre? Comenta?

L: Não, prefiro ficar quieta

G: Tens preferência de algum dos lados?

L: Não

Como Lili havia comentado que gostava de assistir vídeos no Facebook e stories no Instagram, também lhe questiono sobre os temas que lhe chamam atenção nesse tipo de conteúdo. Apesar dela afirmar ver os vídeos de qualquer temática, em geral, conta que o que mais lhe chama atenção são alguns com textos. “*Tem alguns bem legais, motivacionais, assim. Mais essas coisas assim*”. Também diz que vê vídeos de trechos de filmes, e o conteúdo chega até ela por seguir esse tipo de página.

Ela diz que geralmente acompanha conhecidos nas redes sociais, não tendo como praxe seguir famosos, e ressalta que “*sempre tem um e outro né? Mas poucos*”. Assim, cita como exemplos de pessoas famosas que segue a influencer Virgínia Fonseca¹⁰⁶, e os vídeos “daquela guriuzinha das palavras difíceis”, se referindo que segue o perfil da mãe de Alice, Morgana Secco¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Postando vídeos sobre a sua vida privada, a influenciadora tem mais de 40 milhões de seguidores no Instagram. Suas publicações giram em torno do seu cotidiano e dos filhos, danças e dicas de beleza. Tem uma marca de maquiagem. Perfil disponível em <<https://www.instagram.com/virginia/>> Acesso em 12 fev 2023

¹⁰⁷ Morgana é uma brasileira que mora em Londres e posta vídeos da filha, Alice, mostrando a rotina da criança e dando dicas sobre maternidade. Tem cerca de 4 milhões de seguidores no Instagram. Perfil disponível em <<https://www.instagram.com/morganasecco/>> Acesso em 12 fev 2023

Verificamos as postagens de suas redes sociais no último ano. No espaço de apresentação do Facebook, Lili diz que é lourenciana e que está em relacionamento sério. São poucas postagens, que giram em torno de: 1) marcações dos padrinhos de seu casamento, agradecendo pelo convite; 2) marcações de colegas sobre o tempo escolar; 3) fotos de um passeio feito com seus pais e o companheiro à última edição da Expointer¹⁰⁸, em agosto, com fotos junto a tratores e máquinas agrícolas; 4) fotos de encontros familiares ou com familiares em aniversários, como a mãe e a afilhada; 5) fotos com o companheiro com mensagens românticas; 6) selfie em salão de beleza, arrumada como madrinha de casamento; 7) postagem de agradecimento a amigos por ter sido convidada a ser madrinha. Já no Instagram, o número de publicações é ainda menor, sendo ou selfies sozinha, ou fotos com amigas.

No Facebook, Lili acompanha páginas de diversos segmentos. Entre as principais, estão páginas de notícias, companhias de pacotes de viagem, parques aquáticos, empresas nacionais e locais, paróquia, salões de baile do interior, salões de beleza, páginas de artesanato, mensagens motivacionais, informações sobre flores e suculentas, penteados, memes, decoração, emagrecimento, e marcas famosas, como *Jeep*, *Canon*, *Sprite* e *Risqué*. Também segue páginas de afirmação da cultura rural, como *Fumicultores unidos* e *Made in roça memes*.

O rádio é ouvido mais ao meio-dia, no horário em que prepara as refeições e tem o hábito de ouvir pontualmente o programa *O Mensageiro*, veiculado na Rádio São Lourenço AM, que traz lista de internados em hospitais, avisos de falecimento e informações em geral. Também diz que no inverno, quando estão no galpão de fumo, costuma ter a companhia do aparelho. Nessas ocasiões, ela dá preferência por ouvir música, e seu programa favorito é o do comunicador Flávio Luís, na Rádio Litoral Sul FM, que tem programação musical diversificada.

Lili conta que assiste filmes, mas confessa que "*pouco*". Assistia esporadicamente em casa na primeira vez que nos encontramos, a partir do Netflix. Com maior atividade social junto aos amigos após o fim do distanciamento motivado pela Covid-19, agora geralmente assiste em grupo, aos finais de semana. Seu gênero favorito são filmes de ação, lembrando que gosta muito de *Velozes e Furiosos*¹⁰⁹, mas não sabe explicar exatamente o que lhe chama atenção na produção. Séries diz que não costuma assistir. Não tem hábito de ler revistas e jornais, e diz que costumava ler livros, hábito que foi perdido.

¹⁰⁸ Em sua 45ª edição, a Expointer é uma feira agropecuária de destaque nacional e internacional, considerada a maior em exposição de animais da América Latina. Acontece anualmente no Parque Estadual de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS. Informações disponíveis em <<https://www.expointer.rs.gov.br/inicial>> Acesso em 12 fev 2023

¹⁰⁹ Franquia de filmes de ação que tem enredos sobre rachas ilegais, crimes de máfia, espionagem e terrorismo abordados a partir de corridas com automóveis. Ver mais em <<https://www.techtudo.com.br/listas/2023/02/onde-assistir-a-velozes-e-furiosos-relembre-filmes-ordem-e-historia-streaming.ghhtml>> Acesso em 15 mar. 2023

Ela costuma assistir televisão acompanhada da sogra e do parceiro na sala, geralmente no período da noite, mas segundo ela a sua frequência diminuiu consideravelmente desde a primeira vez que nos encontramos. Seu programa favorito é novela e o canal mais assistido é a Globo. Na primeira entrevista, Lili assistia a novela *Um lugar ao sol*¹¹⁰, que contava a história de irmãos gêmeos interpretados por Cauã Reymond, afirmando que não tem nenhuma atriz ou ator favorito. Já na segunda, quando pedi que ela me falasse um pouco mais do que lhe chamava atenção na história, disse que em seguida parou de assistir, e não se lembrava mais do enredo, nem de personagens.

No intervalo entre as duas visitas, também assistiu e gostou muito de *Pantanal*¹¹¹. Quando pergunto o que lhe chamou mais atenção na novela, diz que o próprio ritmo da trama, considerada mais calma.

L: Acho que era o estilo da novela assim, né. É uma novela mais tranquila assim, né? Não é tipo... como era antigamente assim.

G: Tu acha que o Pantanal era mais como eram as novelas antes?

L: É, era melhor, na minha opinião, eu preferia.

G: Pra ti hoje é muito rápido?

L: É, as novelas são mais rápidas e tipo acontece muita coisa sabe numa novela só. E ali não, ali contava toda uma história de uma vida assim. Tipo, desde o começo da adolescência até o final, né? Até a morte assim. Hoje em dia não, hoje em dia passa um pouco de cada assim nas novelas e aí tu nem, sabe... toda hora vai mudando as coisas assim.

Inicialmente, ela diz que não se identificava com nenhum personagem em específico, mas sim com o contexto rural trazido pela novela, que lembrava onde mora. Depois, quando pergunto sobre as mulheres da trama, qual mais tinha proximidade com o seu jeito, ela cita Irma. “*Eu acho que a Irma*¹¹². *Ela era muito, muito forte assim sempre. Tava ajudando todo mundo sabe*”.

Lili também relaciona o jeito da personagem com a sua tia, nascida no interior e que atualmente vive na zona urbana de Camaquã. “*É uma pessoa muito forte, sabe [a tia]. E saiu*

¹¹⁰ Um Lugar ao Sol conta de gêmeos que, por condições financeiras, foram separados no nascimento. Já adultos, Christian (Cauã Reymond) assume a identidade de seu irmão gêmeo Christofer/Renato (Cauã Reymond). Ver mais em <<https://gshow.globo.com/novelas/um-lugar-ao-sol/>> Acesso em 15 mar. 2023

¹¹¹ Versão exibida em 2022 é remake da obra original, que foi ao ar em 1990. A trama principal conta a saga familiar dos Leôncio e os Marruá, tendo como cenário um dos mais ricos ecossistemas do mundo, o Pantanal. Ver mais em <<https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/>> Acesso em 15 mar. 2022.

¹¹² “Irma (Malu Rodrigues/ Camila Morgado) vive uma vida sem grandes emoções. Primogênita da família Novaes, nasce sob os firmes cabrestos impostos pela mãe, Mariana (Selma Egrei), sem liberdade para muita coisa além de obedecer. Na juventude, tem um pudor extremo, sempre muito cordata, obediente. Esse recato auto imposto a faz sofrer, sem que as pessoas imaginem o quanto lhe custa toda essa repressão. O que ninguém percebe também é o fardo que Mariana impõe a Irma sempre que a usa de sarrafo para a caçula Madeleine (Bruna Linzmeyer/ Karine Telles). Forjadas sobre esse paralelo constante, e injusto, cada uma reage à sua maneira. Enquanto Madeleine responde com rebeldia, Irma se embrenha cada vez mais no jogo da mãe, sem notar que a vida escorre por entre os dedos sem que ela tenha sentido sequer o seu sabor”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/personagem/irma-novaes-jovem/>> Acesso em 15 mar. 2023

daqui vamos dizer sem nada, apesar que a Irma já morava na cidade. E conquistou família, conquistou muita coisa lá e é super feliz hoje em dia”.

Na primeira entrevista, em relação à representação feminina nas produções de mídia, Lili disse que nas coisas que vê, algumas vezes se sente representada e consegue enxergar a si própria em outras mulheres, sim, mas não consegue citar exemplos. Ela considera que a mulher urbana é representada “*quase sempre como uma figura frágil*”, enquanto a mulher rural é representada enquanto “*trabalhadora*”.

Tentando relacionar isso com a sua audiência à Pantanal, novela que dispunha dos dois núcleos (urbano e rural), pergunto de exemplos de personagens que se enquadrariam no que ela pensa ser uma mulher urbana ou rural, e ela cita *Filó*¹¹³ e *Madeleine*¹¹⁴, respectivamente, sendo que considera que a primeira lembra sua mãe.

G: Tu teria o exemplo de algum personagem que mora no interior assim, que tu lembra?

L: A Filó.

G: Tu acha que parece alguém que tu conhece?

L: Uhum, parece. Por exemplo, minha mãe, vamos dizer assim. É claro, minha mãe faz tudo na lavoura, né, mas que nem o serviço de casa, essas coisas, é tudo com ela, é bem puxado.

G: E também tua mãe que era a mais responsável pela parte de cozinha?

L: Sim, eu claro que ajudava com isso, mas quem mandava, vamos dizer assim.

G: Aham, ela comandava tudo?

L: É

G: Tu comentou que geralmente as pessoas que moram no interior nas novelas apareciam como mais fortes, mais trabalhadoras. Teria alguma personagem que tu lembra?

L: Da novela?

G: É, que tu acha assim que era uma pessoa do interior mais forte assim

L: É, eu acho que era a Filó, mesmo. Porque sempre dava conta de tudo, e como era muita gente na casa.

G: Sim. E aí na cidade tu comentou que na novela aparecem às vezes como mais frágeis. Teria algum exemplo de alguma personagem que tu acha que era assim?

L: Acho que era a irmã da Irma (...), a Madeleine.

¹¹³ “Filó (Leticia Salles/ Dira Paes) surge grávida de Tadeu (José Loreto) na fazenda de José Leôncio (Renato Goes/ Marcos Palmeira), onde passa a viver e trabalhar como empregada. Sempre foi, na verdade, muito mais que isso. Filó é a alma e o coração daquela casa. O esteio. Filó é uma mulher religiosa, apegada à sua fé. Após ser expulsa de casa pela mãe aos 12 anos, encontra abrigo em uma currutela, local onde conhece José Leôncio meses antes de procurar por ele na fazenda. Recebe dele emprego, carinho, abrigo e, acima de tudo, proteção. Vira fera para proteger seu Zé contra tudo e contra todos, disposta a trair até mesmo os seus sentimentos pelo bem do patrão”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/personagem/filo-jovem/>> Acesso em 15 mar. 2023

¹¹⁴ “Provocante, subversiva por natureza e sensual, Madeleine (Bruna Linzmeyer/ Karine Telles) arrebatava corações por onde vai, e por isso, embora a marcação acirrada da mãe, Mariana (Selma Egri), vive rodeada de amigos. E pretendentes. Madeleine não dá a mínima para normas ou qualquer convenção social que a mãe tenta ditar. É capaz de deitar-se com o primeiro que cruzar seu caminho só para deixar dona Mariana de cabelo em pé. Enquanto sua irmã Irma (Malu Rodrigues/ Camila Morgado) reza pela cartilha da mãe, Madeleine reza pela do pai, blefando, aqui e acolá, para conseguir o que quer. Não tem medo de nada, muito menos de jogar alto”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/personagem/madeleine-novaes/>> Acesso em 15 mar. 2023

Essa leitura inicial, onde Lili detém o seu olhar nas mulheres urbanas como frágeis poderia indicar um mecanismo de compensação para o fato dela gostar da cidade, querer morar na zona urbana e não poder, além de admirar o estilo da mulher urbana, uma vez que as novelas há uma diversa gama de representações de vidas de mulheres urbanas.

Chama atenção, no entanto, que na sequência, logo após citar Madeleine como um exemplo de mulher frágil, ela diz que sua concepção sobre as mulheres da cidade mudou. “*Hoje eu já penso que na colônia a gente cansa muito o corpo, mas na cidade cansa muito a cabeça. Eu acho que pode até não ser um serviço assim judiado, sabe [na cidade]. Mas a cabeça eu acho que cansa*”. Assim, considera que morar no campo propicia uma melhor qualidade de vida, principalmente em relação à saúde mental. “*Claro, tem coisas difíceis, né pra fazer. Mas no mais eu acho que é mais tranquila*”, ressalta.

Para ela, os pontos positivos do interior são a tranquilidade, a proximidade dos amigos e a liberdade em definir horários de trabalho. Já como pontos negativos, a necessidade de trabalhar em dias de calor escaldante e a dificuldade de produzir em épocas de estiagem. Ao longo da conversa, também citou que estava com muitas dores nas costas, causadas pela lida com o fumo.

G: Pra ti quais são os pontos positivos de morar no interior?

L: A tranquilidade. E mesmo estando aqui fora a gente tá perto de tudo também. A gente tem uns amigos aqui que a gente tá sempre juntos. Que nem, a gente faz o nosso horário. Claro que sempre tem um serviço que a gente tem que fazer primeiro. Mas tem dias que a gente pode parar cedo, ou de manhã dormir até um pouco mais tarde.

G: Tu acha que tem algum ponto negativo?

L: Tem, por exemplo, que nem hoje, a gente tava colhendo fumo de manhã, é muito quente na lavoura, mas a gente tem que ficar. E a chuva também, não tá chovendo. Nos outros lugares tá né? Aqui não.

A interlocutora também acredita que seja possível diferenciar a classe social de cada mulher que aparece na mídia pertence a partir do “*estilo de vida*” que mantém.

L: Acho que mais é o estilo de vida, né... o jeito de se vestir... porque a mulher rica tem muito mais condições, né?”

G: E aí a mulher pobre não teria?

L: É, uhum. Porque, vamos dizer, a mulher pobre ela prioriza comprar comida que falta né? Já a mulher rica não se preocupa com isso, né?

Já no que diz respeito à representação de mulheres de etnias/raças distintas, Lili entende que nem sempre elas são representadas da mesma forma.

L: Depende.... Depende do assunto, né? Muitas vezes sim, muitas vezes não.

G: Quando não aparece assim, por que tu acha que seria?

L: Ah, são mais discriminadas né

Anteriormente, na conversa, quando perguntei se alguma vez ela já se sentiu discriminada, afirmou que não.

4.1.4. Dulce

Dulce¹¹⁵ é uma mulher pomerana de 48 anos, que mora em um dos distritos rurais de São Lourenço do Sul. Ela vive com o esposo - também branco, de origem pomerana - e com o filho de 29 anos em uma propriedade distante aproximadamente 50km da zona urbana da cidade.

Há sete anos, o trio trabalha com a produção de alimentos agroecológicos e comercializa o que é produzido aos sábados em uma das quatro bancas agroecológicas da Feira Livre Municipal de São Lourenço do Sul. Além disso, também fornece alimentos ao Grupo de Consumo Responsável Jerivá, iniciativa vinculada ao campus da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) A renda média mensal da família é de aproximadamente dois salários mínimos.

Antes, Dulce trabalhava com a plantação de fumo. A alta carga de produtos químicos exigidos para a prática prejudicou sua saúde e ela passou a ter problemas nos rins. Assim, realizou a transição para a agroecologia, por incentivo de outro produtor rural que mora próximo e que já produzia alimentos sem agrotóxicos. A propriedade rural tem aproximadamente 20 hectares¹¹⁶, mas apenas quatro estão sendo utilizados no momento para a produção.

Minha aproximação com ela se deu por intermédio de uma amiga que enquanto estudava Agroecologia realizou um estágio junto à sua família. Enquanto realizava o estágio, essa amiga, junto de demais colegas e professores, investigava o problema de falta de nutrientes do solo. Dulce mencionou o que pensava que se tratava, mas logo disse que não devia estar certo, uma vez que ela “era burra”. Feita a avaliação, constatou-se que o que gerava o problema era exatamente o que foi dito pela agricultora no primeiro momento. A história me chamou atenção, principalmente pelo fato da estudante comentar comigo o quanto, ao longo do processo de um ano, Dulce foi se empoderando e valorizando o conhecimento que ela tem.

Desde o final de 2020, então, nos conhecemos, e como consumidora de seus produtos, passei a lhe encontrar quase todos os sábados na Feira Livre Municipal. Sempre que nos

¹¹⁵ Nome fictício. Como não conseguimos conversar desde a virada de 2022 para 2023, foi o único escolhido pela pesquisadora.

¹¹⁶ Utilizando a classificação adotada pelo Inca, consideramos que Dulce vive em uma pequena propriedade rural.

víamos, ela falava do que estava sendo plantado no momento e das perspectivas de colheita. Também estive em sua propriedade, conhecendo o espaço e um pouco de seu dia-a-dia.

Natural de São Lourenço do Sul, a interlocutora se autodeclara branca e se define como agricultora. Além do trabalho na lavoura, ela cuida dos animais da propriedade, e nas sextas-feiras produz grande quantidade de pães caseiros, que comercializa na feira aos sábados. Suas receitas criativas chamam a atenção de quem frequenta o espaço, principalmente pelo uso que faz de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) nos preparos. O conhecimento sobre as PANC foi potencializado com oficinas de formação com agricultores propostas pelo projeto Pancpop¹¹⁷, vinculado ao campus da FURG em São Lourenço do Sul.

Ela e o esposo estudaram até a quinta série, e o filho concluiu o ensino médio. Todos estudaram em escolas públicas. Os seus pais eram casados e trabalhavam com agricultura, assim como seus avós. Dulce começou a acompanhá-los na lavoura com dez anos.

Em um dia de semana típico, logo que acorda costuma tratar os animais da família, e logo após, vai para a lavoura, onde permanece até às 11h, quando retorna para casa e prepara o almoço. Após a refeição, descansa por uma hora, volta para as estufas de plantação e fica no local até escurecer. Quando vem para casa, trata novamente os animais.

Ao todo, diz que chega a trabalhar 14 horas por dia, sendo que dez horas são na lavoura e quatro horas nas tarefas do lar. No início da entrevista, ela afirma que gosta de trabalhar com o que faz hoje, seja na parte da agricultura, ou no cuidado com os animais (serviço que é realizado somente por ela), mas ao final, quando questiono qual é o maior sonho de sua vida, ela diz que seria abandonar o trabalho com o cultivo e conseguir atuar somente com a pecuária. *“O meu sonho um dia é... Eu sempre queria ir só trabalhar com os animal, não na lavoura, só com os animal mesmo. Sabe de criar gado e essas coisas”*, explica. O desejo seria motivado pela falta de valorização financeira e social da agricultura, e os prejuízos ao corpo causados pelo esforço contínuo.

Ainda durante a nossa conversa, Dulce disse que o seu sonho de consumo seria adquirir equipamentos industriais para a fabricação de pães. *“O sonho de um dia eu ter a minha padaria, sabe? Padaria caseira, aquelas pequenas assim que nem na cozinha, mas uma batedeira, um forno maior para fazer pão”*.

Dulce afirma que nunca desistiu de nenhum objetivo de vida, e que também não se arrepende de nenhuma decisão feita até agora. Quando questiono qual foi o momento mais importante que vivenciou até hoje, diferentemente da maioria das outras interlocutoras, que

¹¹⁷ Projeto que visa estimular o uso e popularizar informações sobre espécies de plantas comestíveis não convencionais. Ver mais em <<https://www.facebook.com/pancpop>> Acesso em 02 mar. 2023

relacionam isso a momentos como o casamento e o nascimento de filhos, ela conta que foi quando passou a participar da feira.

D: Como é que eu vou te explicar, como tu acha assim... Mais importante foi de fazer feira para eu poder, sabe? Se não a gente, eu, sempre tava em casa. Eu nunca saía, era bem caseira. Aí quando nós começamos a fazer feira, aí eu tenho bastante amigo que eu consegui. É, aquilo foi muito legal para mim, foi a melhor coisa.

G: Faz quantos anos?

D: vai fazer 7 anos agora. Foi uma coisa assim que ficou bem marcada.

Dulce diz que não costuma participar de eventos culturais, como shows, festas ou espetáculos. Também nunca foi ao cinema, não costuma viajar e não participa de atividades com outras mulheres da região. O único espaço que eventualmente frequenta, com exceção da feira e de eventos relacionados à agroecologia, são festas de igrejas.

Com a família, aprendeu que para ser mulher, precisava também constituir sua própria família. Assim, casou cedo e teve seu filho com 18.

D: Ah, ela sempre falava que vai ser mulher, né? Pra isso tu tem que ter tua família, né?

G: Sempre na função da família assim?

D: É, aham.

Hoje, considera que as mulheres que não se casam podem querer independência. *"Cada um é cada um né? Não sei porque... eles não querem ter incômodo né, pelo menos o que eu acho. Eles querem viver independente mesmo".*

No seu sistema familiar, é ela quem fica responsável pelos cuidados de limpeza da casa, realizando faxinas aos domingos. A alimentação dela, do esposo e do filho é também sua responsabilidade. *"Eles também fazem mas a maioria das coisas só eu que faço. Uma e outra coisa que eles fazem"*. Dulce relata que as compras costumam ser feitas por seu esposo, e quando o filho era criança, o cuidado com ele era dividido entre o casal.

Na residência, a família sofre com as faltas constantes de luz, principalmente no verão. *"Nós ficamos com todos os anos assim, é dois, três dias, sempre sem luz"*. Nesse período, para poder dar sequência à produção de pães, amigos próximos contam que ela chega a dormir no chão da cozinha, esperando a energia voltar, para não perder nenhum minuto sem os fornos ligados.

Quando tem tempo livre, gosta de assistir televisão ou realizar pesquisas na internet. O uso da internet normalmente acontece nas primeiras horas da manhã, quando o dia está clareando, antes de iniciar a lida, e à noite, quando finaliza suas tarefas. É o que considera o seu lazer e diz que se tivesse a oportunidade de comprar algo para si hoje, compraria um notebook

próprio. A partir de pesquisas realizadas na rede, ela aprofunda seus conhecimentos sobre agroecologia e panificação.

Eu gosto de olhar televisão ou noticiário das lavouras, essas notícias de Campo e Lavoura eu olho, e eu olho na internet, eu gosto de pesquisar sobre como fazer pão e como... tipo da lavoura, dos orgânicos, aí eu pesquiso algumas coisas na internet quando eu tenho uma hora de lazer, assim.

A família arca com os custos da mensalidade da rede de internet wi-fi e de uma antena que libera canais por assinatura. O acesso à internet acontece somente dentro da residência, a partir de um computador, e ocorre todos os dias. Além do aparelho, como outros objetos de comunicação dos quais Dulce tem acesso são televisão, celular sem internet (que divide com o marido) e rádio, sendo que o meio de comunicação mais acessado, segundo ela, é o computador, seguido da televisão.

Na residência, a televisão é localizada no espaço que divide a cozinha e a sala da família, e Dulce assiste aos programas televisivos em companhia do esposo. Seu programa favorito é o *Globo Rural*¹¹⁸, pois nele "*tem tudo da agricultura*".

A interlocutora conta que não tem costume de assistir novelas, filmes ou séries. Eventualmente, costuma ler o jornal impresso "O Lourenciano", e não tem o hábito de ler revistas. Já livros, costuma ler exemplares que tragam conhecimentos sobre o uso de plantas, como receitas de chá. Os exemplares que ela tem em casa são comprados.

Eventualmente, também escuta rádio, principalmente ao meio dia, horário do programa *O Mensageiro* na rádio São Lourenço AM. Aos domingos, também tem o costume de ouvir a mesma estação, pois a programação da manhã é religiosa. "*Tem a Hora Evangélica, que eu gosto*", explica. O Youtube costuma acessar geralmente aos domingos, dia em que a família não trabalha na lavoura, também para consumir conteúdos religiosos.

Não usa aplicativos de mensagens instantâneas, como Whatsapp e Messenger. Também não tem conta em redes sociais, mas quase todos os dias visualiza conteúdos na conta do filho, geralmente as notícias locais, apesar de nunca ter feito qualquer tipo de publicação. "*Ele passa pra mim ai eu, mas ai assim, eu olho só a parte dele eu não olho...*". O smartphone do filho também é um elo para que a família receba pedidos de consumidores.

Em caso de uma emergência, relata que buscaria informação em primeiro lugar através do rádio. Em segundo, no Google, e em terceiro, com os seus amigos.

¹¹⁸ Exibido aos domingos pela manhã, integra "notícias sobre agronegócios, agricultura, pecuária, sustentabilidade, previsão do tempo, como plantar, criar e fazer e o mundo do campo". Disponível em <<https://globorural.globo.com/>> Acesso em 15 mar. 2023

Na parte final da nossa primeira entrevista, pergunto se alguma vez ela já se sentiu discriminada, e Dulce responde que sim. O sentimento, segundo ela, seria ocasionado pela falta de valorização da agricultura orgânica.

Eu me sinto muito para baixo nessas produção de orgânicos assim.... porque o pessoal todo mundo só fala em Agro, Agro, Agro e o orgânico não é valorizado, sabe? Aquilo me deixa assim às vezes bem para baixo. Porque dá muito serviço, tu te mata trabalhando e ninguém te dá valor para aquilo, né?

Ela também diz que não se sente representada nos conteúdos midiáticos que consome, porque considera que estes passam uma falsa ilusão do trabalho desempenhado na agricultura.

G: Nas coisas de mídia assim que a senhora consome, seja na internet ou na TV, assim, a senhora se sente representada nas coisas que a senhora vê?

D: Não, acho que não.

G: Por que, assim, não?

D: Porque lá tu olha uma coisa que eu trabalho e se tu pensa assim vamos dizer, lá eles falam uma coisa e se tu olha lá nas mídia né eles falam que lavoura tudo OK, mas se tu tá lá trabalhando não é isso bem às vezes que eles falam. Não sei como é que vai botar ali, assim

G: É como se o trabalho que aparece na TV é diferente do trabalho?

D: É, porque não é bem assim. Lá eles falam que é tudo muito bonito, tudo muito fácil né, mas na... como nós fomos lá na agricultura que nem mais é no orgânico, porque não é assim bem como eles falam que é muito fácil, muito bom, traz muito dinheiro, e na verdade não é isso aí...

Ela entende que a forma como a mídia representa as mulheres rurais acentua coisas que, para ela, são consideradas vulnerabilidades, como a falta de acesso ao estudo, e acredita que para mudar a situação, as mulheres do campo precisam de mais valorização.

*Eu acho assim que a mulher não é valorizada assim como ela tinha que ser. Uma mulher da colônia. **Porque parece que uma mulher da colônia ela não leva jeito pra ser, sabe.** Ela é dum jeito e aqui eles tem... parece que os estudos também ajudam muito e eu concordo, porque lá a gente é criado assim sem estudo e sem nada, só as dicas que os pais nos foram passados.*

Em oposição a isso, ela acredita que a mulher urbana recebe maior prestígio.

A mulher da cidade sabe, ela é mais valorizada porque ela tem mais estudo, porque as mulheres lá da colônia eles não têm o estudo como nós, os antigos, né? Agora já todos as maiorias das coisas tem estudo, mas no nosso tempo não era isso aí, né.

Sobre mulheres de classes distintas, ela diz que a mulher pobre "não tem vez nunca". Em relação à representação, Dulce menciona que "a pobre ela não anda com os cabelos ajeitados como uma rica tem que ser e uma pobre não não tem unhas pintadas que a rica tem sabe, a maquiagem".

Já sobre a representação de mulheres brancas e negras na mídia, ela acredita que aparecem igualmente e diz que não pode discutir o assunto.

D: Eu não tenho nada que discutir, é. Porque na minha visão eu sou uma pessoa assim, eu não diferencio o branco contra o negro, pra mim é tudo a mesma tudo a mesma coisa. Eu não tenho... não sou uma racista assim "aquele é um preto, não não podia ser assim", eu não tenho diferença de cor, pra mim é tudo a mesma coisa

G: E aí na mídia a senhora acha que aparece igual?

D: Eu acho sim

A aplicação da primeira grade de entrevista da pesquisa de mestrado aconteceu em fevereiro de 2022 diretamente na feira, em um horário de menor movimento. Conversamos em um banco da praça, afastado de sua banca, e durante a entrevista perguntei à Dulce algumas vezes se precisava parar para atender. A feirante não se preocupou e disse que o marido atenderia.

Quando terminamos, agradei o tempo dela e pedi desculpa se tinha atrapalhado o andamento da banca, e ela afirmou que gostava de participar desse tipo de iniciativa e que sempre que precisasse podia procurá-la, porque em sua visão ninguém dá bola para agricultores.

Ao longo do ano, algumas informações que julgamos importantes também foram sendo questionadas nos finais de semana, quando nos encontrávamos em sua banca. Entre elas, a participação da agricultora em um evento sobre a produção de hortaliças PANC em Bento Gonçalves/RS, em que foram realizadas palestras com pesquisadores da área e socialização de experiências de unidades de produção familiar. A ida dela e de outros feirantes do município foi viabilizada pela atuação da FURG Campus São Lourenço do Sul e do Capa.

Na ocasião, uma das professoras da FURG foi palestrante do evento, e convidou Dulce a subir ao palco para que dividissem o tempo de fala. Assim, Dulce contou à plateia um pouco dos desafios da agricultura familiar agroecológica e sobre os pães que produz em sua propriedade.

A interlocutora afirma que foi importante ter a oportunidade de participar do evento para que ela e os demais dialogassem com pessoas reconhecidas no universo das PANC. *“Fomos trocando ideias diferentes das PANC. Como cultivar, como produzir e como comercializar, o que é in natura e o que é processado... Foi um dia de paraíso pra mim. Foi muito gratificante”.*

Após a qualificação, Dulce concordou em responder mais um bloco de questões que poderiam surgir, porém, em função de problemas de saúde da agricultora, foi inviável nos encontrarmos novamente. Desde a virada de 2023, ela deixou de trabalhar na lavoura, fazer seus pães e atuar na feira. Sem o trabalho da esposa, e com a estiagem que assola os municípios gaúchos no verão de 2023, o marido e o filho não têm conseguido plantar o esperado e escoar

o que é produzido. Assim, não têm mais montado a banca aos sábados na Feira Livre, sem saber se voltarão.

Em outubro de 2022, também na Feira, o seu esposo comentou que em função das mudanças climáticas, dificuldades na produção e falta de mão de obra, a família já estava cogitando a hipótese de voltar a plantar fumo, e considerava inviável continuar na agroecologia pelas dificuldades financeiras que estavam enfrentando.

Segundo informações obtidas com amigos próximos, com enjôos, mal-estares, emagrecimento repentino aparecimento de manchas e caroços no corpo, Dulce tenta, atualmente, descobrir qual a sua enfermidade, já tendo ido consultar na zona urbana de São Lourenço do Sul e sido levada à Pelotas por professores da universidade. Doações financeiras estão sendo arrecadadas para a família.

No final de janeiro, após quatro semanas sem encontrá-la na banca, tentei contato diretamente com Dulce, a partir do número de telefone que ela divide com o marido, mas o telefone não chamou em todas as tentativas. Em conversa com seu filho, no início de fevereiro, ele me informou que Dulce estava tomando antibióticos, se sentia indisposta e estava tentando se recuperar, ainda sem diagnóstico. Compreendendo o momento delicado vivido, não foram feitos mais contatos até a entrega deste trabalho.

4.2. Quilombolas: a busca por mudanças

4.2.1 NegraX

NegraX¹¹⁹ é natural de São Lourenço do Sul, se autodeclara negra, tem 45 anos e mora com o pai aposentado no interior do município, em um dos cinco quilombos situados na zona rural. Solteira, ela não tem filhos ou relacionamento amoroso. É a caçula de uma família de sete irmãos, composta por quatro meninos e três meninas, incluindo ela.

Trinta famílias vivem na comunidade quilombola de NegraX, ocupando uma área de 55 hectares, sendo que apenas 30 hectares possuem título de propriedade. A ocupação do espaço teve início há 150 anos, quando escravizados de um coronel local foram alocados na região e permaneceram lá após o fim da escravidão (BUCHWEITZ et al., 2010). A comunidade foi oficialmente reconhecida como Remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares em 2010.

¹¹⁹ Nome fictício escolhido pela interlocutora. Apesar dela afirmar que não tem motivação para a escolha, nota-se que busca fortalecer a identidade enquanto mulher negra a partir do nome. Além disso, entendemos que o acréscimo do X se relaciona com o ativista ligado aos direitos humanos, Malcon X. No primeiro encontro, a interlocutora afirmou que gostou do documentário que conta a sua história.

O pedaço de terra que hoje comporta sua casa tem cerca de um hectare¹²⁰, e dispõe do título de propriedade.

Sua mãe já é falecida e, no mesmo terreno de sua residência, em uma casa independente, vive também uma de suas irmãs, que sofreu um aneurisma. Como necessita de mais cuidados, quando está em casa NegraX fica responsável por auxiliá-la em tarefas diárias.

A interlocutora é graduada em Educação do Campo desde 2019 e, no momento da nossa primeira entrevista, realizada em março de 2022, se preparava para seleções de mestrado, enquanto dividia seu tempo com o artesanato, a agricultura e os cuidados domésticos. A aprovação veio em agosto de 2022, quando ingressou no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Sua pesquisa versa sobre o papel do conhecimento das mulheres negras mais velhas em sala de aula.

Ela e o pai têm uma renda, juntos, de dois salários mínimos. Ela paga as contas da casa, mas cada um fica responsável por gerenciar parte de sua aposentadoria, principalmente para dar autonomia ao pai idoso tomar suas decisões. "*Cada um cuida do seu mesmo, porque não pode ir tirando as coisa assim do... senão as pessoas depois não tem vontade de viver, né? Vai tirando, tirando. Ai eu acho que tem que deixar, cada um tem que cuidar do seu dinheiro*".

Os pais eram casados e trabalhavam como bóias-frias na agricultura, sendo que o pai atuava também em outros serviços requisitados por fazendeiros da região, como alambrador (fabricando fios de arame para cercas) e tosador de ovelhas. O mesmo tipo de ocupação era, anteriormente, desempenhada por seus avós maternos e paternos, e foi repassada à ela aos irmãos.

G: Qual era a profissão dos teus avós?

N: Era agricultor também e dona de casa, assim, plantavam fumo pelo que meu pai me conta assim também [...] Trabalhavam por dia, assim, essas coisas... O pai era tosava ovelha, alabrador e trabalhava na agricultura

G: O teu vô no caso?

N: Não, o pai, dai é assim que vai passando, vai de um pro outro.

Ela começou a trabalhar com a família quando tinha dez anos, época em que os pais atuavam como diaristas em lavouras de famílias pomeranas da região, nos períodos em que mais mão-de-obra se fazia necessária. Pelo tempo de serviços prestados, uma dessas famílias pomeranas, há alguns anos, doou poucos hectares (ela não sabe a medida exata) para que os pais de NegraX plantassem para si. Hoje esses espaços são utilizados por seus irmãos, homens, no cultivo do fumo.

¹²⁰ Utilizando a classificação adotada pelo Incra, consideramos que NegraX vive em um minifúndio.

NegraX explica que ao redor da sua residência há espaço apenas para cultivar uma horta com alimentos para a subsistência dela e dos que vivem consigo. A interlocutora também conta que gostava de trabalhar na lavoura, mas as dificuldades enfrentadas na venda de alimentos, e a dependência instituída entre os produtores e as indústrias fumageiras na venda do fumo, tem feito com que ela dê mais prioridade em terminar seus estudos, e por isso que vislumbra um futuro a partir da pós-graduação.

N: Eu até gostava bastante, muito, muito mesmo [de trabalhar na lavoura]. Agora até já eu queria mesmo assim era terminar assim meus estudos assim, que eu tô terminando, e trabalhar com comunidades assim [como educadora do campo], mas eu gosto de trabalhar na lavoura, não vou dizer que não gosto, mas que tá mais difícil tá.

G: Por que que tu acha que tá mais difícil?

N: Ah, o sol, tudo, como que é que eu posso te dizer, aqui fora mesmo só tem mais assim que dá dinheiro no modo de dizer, que também nem dá, né? Por causa que daí os colono ficam assim sempre quase devendo pras firma, né? Mas assim, que pelo menos o dinheiro gira, que a gente vê dinheiro girando na agricultura do fumo e a agricultura do fumo eu acho muito pesada, né. Por causa que batata e outros assim, vamos dizer, mandioca, batata-doce, essas coisas, daí é só para subsistência mesmo, né? Que seria assim uma coisa que não lidaria com veneno, né?

G: Não agride tanto né

*N: É daí assim é mais tranquilo, amendoim, essas coisas, mas daí não gera lucro, assim. O fumo, assim, pelo menos nos agricultores aqui, os colonos, pelo menos eles tão... não sei como é que eles tão nas contas, né? Mas assim pelos que falam assim, na volta, eles sempre tão dizendo, “Tenho conta, mas o dinheiro tá girando” **nas mão deles né**, tão conseguindo... compram que nem tem assim com empréstimo e coisa nas firmas. Mas **eles estão tendo as coisas, assim**. Pelo menos é o que eu entendo assim que eles falam, assim.*

Apesar de nos vermos em eventos da região ou de vez em quando dialogarmos por mensagens para elucidar alguma dúvida depois da primeira entrevista, realizamos a aplicação da segunda leva de perguntas da presente pesquisa em janeiro de 2023, quando ela me contou que ainda não havia conseguido bolsa de mestrado, e era a quinta na lista de espera, mas que naquele período tentava se candidatar a um outro tipo de bolsa, oportunizada por instituição ligada ao movimento negro.

A universidade teve um impacto significativo em sua vida. Foi a partir do ingresso na graduação, em 2014, que NegraX teve a possibilidade de conhecer mais lugares do estado e do país. Também foi na universidade, estimulada por uma professora, que ela fez do artesanato de bonecas negras uma fonte de renda e de militância dentro da região. É por isso que, para NegraX, o momento mais importante de sua vida, até hoje, foi a formatura no ensino superior. *“Nem pensei que ia ser tanto, mas foi. A gente fica pensando tudo que passa, né? Até chegar lá e até concretizar”*.

Seus estudos sempre foram realizados em instituições públicas e ela demonstra muita gratidão pela oportunidade, uma vez que tinha pais analfabetos. *“Analfabeto eles eram. O pai*

sabe assim ler devagarinho, mas a mãe não sabia. Devagarinho eu digo assim, ele lê algumas coisas, ele lê”.

Com a experiência vivida na universidade é ela quem, principalmente, tem estimulado outros homens e mulheres quilombolas de sua comunidade a seguirem pelo mesmo caminho. Em conversa realizada em 2021, antes da presente pesquisa, NegraX me contou que naquele momento onze pessoas de sua convivência estavam cursando o ensino superior a partir da sua movimentação, e o quanto aquilo representava para o futuro das famílias.

Dois anos depois, quando voltamos a nos ver em janeiro de 2023, ela continua na mesma tentativa, afirmando que vê a universidade como um horizonte para as novas gerações, e estimula que os sobrinhos, hoje adolescentes, ingressem em cursos superiores. Explica que, pela família não ter terras, é importante que eles tenham uma profissão. *“Pode ser veterinário, o que eles quiserem, mas que tenham uma profissão que não seja tão braçal... se não vão ficar sempre envolvidos no fumo”.*

Conta que, atualmente, com as melhores condições de acesso ao básico, ao menos a comida de quem vive na comunidade é garantida, algo que anos atrás não era. Assim, os filhos, que antes precisavam entregar aos pais o que recebiam, acabam ficando com os valores para eles próprios, gastando em bens de consumo para tentar equiparar suas realidades com a de amigos brancos. *“Eu falo, em vez de estudar, aí vão e compram uma moto, mas aí não tem dinheiro pra carteira, e é sempre isso, não sai disso. Eles veem os amigos brancos com moto e querem também. Também querem ir pra festa, são jovens né”.*

NegraX acredita que as maiores oportunidades de acesso aos estudos foi a principal mudança que ocorreu da sua geração em relação à da mãe. Conta que a mãe morreu analfabeta e os irmãos e a irmã, mais velhos, pararam de estudar cedo, deixando a escola entre o 3º e o 6º ano.

Antes os filhos eram obrigados a parar de estudar para ajudar os pais na lavoura. Ninguém me disse para eu parar de estudar. Às vezes sim, posso ter tido dificuldade, muitas vezes não tinha dinheiro para pagar o ônibus se eu fosse estudar em Pelotas. Mas ninguém disse para eu não estudar.

Antes de ingressar no mestrado, quando aplicamos a primeira grade de perguntas, ela se dedicava à criação de porcos e galinhas da propriedade, realizava as atividades de cuidado com a casa e dava atenção aos seus artesanatos. Agora, com a nova rotina, segue tendo as mesmas demandas, atuando nelas com menor intensidade, mas o artesanato segue sendo o que mais gosta de fazer em seu tempo livre.

Quando voltamos a nos encontrar, ela relata que são as vendas de bonecas de pano que têm auxiliado para arcar com os custos de deslocamento para as aulas do mestrado. Geralmente,

ela costuma confeccionar quatro por mês “*É com isso que eu pago minhas passagens para Pelotas e alguma coisinha que tenho que comprar*”, conta, dizendo que eventualmente também recebe ajuda financeira de seus irmãos, que apoiam seus estudos.

Com a pandemia, parte das linhas de ônibus da comunidade foram cortadas, assim são os irmãos de NegraX que lhe levam até a rótula de acesso de São Lourenço, onde dali pega uma van particular que lhe leva até Pelotas. Quando está em aula, permanece parte da semana da cidade vizinha, acolhida pela Casa do Estudante Quilombola, onde conseguiu uma vaga. Entre os desafios da nova rotina, diz que o principal é o fato de morar em conjunto com outras pessoas.

É um lugar compartilhado, então todos têm que cuidar, né, preservar. Por exemplo, tem uma menina que chegou depois de mim e não conseguiu mais cama, ela poderia ficar no quarto com um outro menino, mas não quis então dorme no sofá. Mas eu disse pra ela, quando eu não tiver ali, pra ela usar minha cama. Porque não é minha, é de todos, de onde já se viu ela dormir no sofá com uma cama parada ali sem ninguém usar? Mas não são todos que pensam assim, tem uns que não querem. Eu pelo menos acho que é uma coisa mesquinha, o lugar é de todos.

Antes de ingressar no mestrado, todas as tarefas relativas à manutenção da casa ficavam à cargo de NegraX, principalmente pelo fato do pai já ser idoso, com 97 anos. Agora, quando não está na propriedade rural, um dos irmãos fica responsável por dormir com ele, e a irmã que sofreu aneurisma consegue atuar em demandas simples de alimentação e limpeza diárias. Com mais tempo aos finais de semana, NegraX busca preparar coisas com antecedência, deixando feijão e pão pronto para a semana e realizando a limpeza pesada da residência.

Entre os objetos vinculados aos meios de comunicação, citados na grade de entrevista, NegraX diz que possui televisão, computador, smartphone e rádio. Ela conta que o mais utilizado é o celular, para lazer, "ver as notícias" e para fazer pesquisas de coisas que tem interesse em saber, e o notebook para pesquisas e trabalhos da faculdade. Peço alguns exemplos de notícias que ela tem o costume de acessar pelo celular, e ela mostra uma sobre Conceição Evaristo¹²¹, que há pouco havia encontrado enquanto rolava a tela inicial do Google. “*Vou abrir para ver que notícia se trata, por que ela é minha referência no mestrado. Vou abrir uma outra sobre INSS também, vou olhar, e as que não me interessam nem abro*”.

Ela não tem o hábito de ouvir rádio e que os serviços pagos mensalmente por ela são a rede de internet da propriedade, o celular pré-pago e o serviço de streaming Netflix. Desde que ingressou no mestrado, sua forma de se relacionar com a mídia mudou em partes.

¹²¹ "Conceição Evaristo é um grande expoente da literatura contemporânea, romancista, poeta e contista, homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti 2019 e vencedora do Prêmio Jabuti 2015". Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>> Acesso em 15 mar. 2023

O acesso à internet pelo celular continua acontecendo todos os dias, mas o acesso a partir do computador, que ocorria cerca de uma vez na semana, aumentou. As informações mais buscadas na rede continuam sendo ligadas a temas de estudo, e as pesquisas são feitas diretamente no Google.

Quando está em casa, costuma assistir os telejornais da manhã acompanhada de seu pai, por volta das 6h da manhã, enquanto toma chimarrão. Os telejornais matinais, inclusive, são os seus programas favoritos da programação. "*Eu olho porque eu fico costurando.. eu costuro aqui na sala né, daí mais é as notícias no geral mesmo*", explica, destacando que uma das coisas que gosta de assistir é a previsão do tempo. Também olha o *Jornal do Almoço* e o *Globo Esporte*¹²² enquanto almoça. Os canais mais assistidos são SBT e Globo, mas principalmente, o último.

A televisão geralmente ficava ligada em telenovelas enquanto ela costurava, apesar de frisar que as obras não tem sua preferência dentro da programação. "*Não assim que me faça falta, né, mas assisto*", afirma, contando que as telenovelas acabam ficando em segundo plano de sua atenção. Com a dedicação necessária ao mestrado, entretanto, a audiência diminuiu ainda mais.

Como obra preferida, cita *Avenida Brasil*¹²³, e diz não se lembrar de nenhum ator ou atriz que goste. Sobre *Avenida Brasil*, diz que lhe chamava atenção o enredo, onde a mocinha Nina se vingava após grande período de sofrimento. "*A outra enterrou ela viva, isso me assustou, tentar se livrar da outra enterrando... e ver até onde alguém pode ir por ganância*".

Costuma assistir filmes na Netflix nos finais de semana e períodos de descanso. Na TV aberta, segundo ela, não tem costume, porque os filmes seriam muito repetidos. Na primeira entrevista, disse que sua preferência era por filmes antigos. "*Esses quando tem espada e coisa, daqueles bem antigos*", explica, citando como exemplo o filme *Cruzadas*, e mencionou o documentário que conta a história do militante negro Malcom X.

Agora, procura restringir sua audiência a documentários e filmes que falem sobre a história da negritude, para que, segundo ela, seja possível compreender mais a sua história.

Assim, conta que assistiu recentemente o filme *O último navio negreiro*¹²⁴, disponível na Netflix, e que trata sobre uma das últimas incursões em busca de escravizados nos EUA.

¹²² "O programa apresenta a cobertura completa dos eventos esportivos do Brasil e do mundo, e acompanha o dia a dia dos atletas". Exibido de segunda à sábado, das 12h50 às 13h25. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/globo-esporte/>> Acesso em 15 mar. 2023

¹²³ "Avenida Brasil conta a história de uma jovem que, desde a infância, planeja um acerto de contas com a madrasta. Rita (Mel Maia), órfã de mãe, era criada, com muito amor, pelo pai Genésio (Tony Ramos). Tudo muda quando ele se casa com Carmen Lúcia, a Carminha (Adriana Esteves), uma mulher ambiciosa e dissimulada". Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/avenida-brasil/noticia/trama-principal.ghtml>> Acesso em 15 mar. 2023

¹²⁴ "Descendentes de africanos escravizados que chegaram ao Alabama em uma embarcação ilegal em 1860

Também conta que foi pela primeira vez ao cinema assistir o filme *A Mulher do Rei*¹²⁵. Diz que estava muito empolgada com o filme, e combinou com a porteira da Casa do Estudante para irem juntas em um dia que a amiga pudesse. Uma companheira de São Lourenço, porém, lhe convidou antes disso. Para não negar nenhum dos convites, foi nas duas vezes. “*Não tinha como eu dizer não né, eu já tinha combinado com a menina. Mas eu cuidei para não dizer nenhum spoiler*”¹²⁶. Na obra, lhe chamou atenção a violência sexual sofrida pela protagonista, Viola Davis, e sua coragem para lutar em busca de melhores condições ao lado da filha.

Antes do mestrado, NegraX também assistia séries, e afirma que gostava principalmente de enredos de "adolescente", citando como exemplo a série *Anne With an E*¹²⁷. “*É uma ruivinha, que tem uma guriuzinha ruiva que foi adotada lá por um irmãos, daí depois não parava mais tinha que ver o fim, e esperando a próxima temporada*”, conta. A série, que se passa no meio rural, tem como protagonista uma menina feminista, demonstrando que a escolha de NegraX (assim como os filmes que consome) é orientada a partir de produções que tenham tratamento mais crítico às questões identitárias. Como gostou muito da série, deixou de assistir novas temporadas para não ficar “viciada”, como diz. Lhe chamava atenção ver como a personagem principal “*ia se desenvolvendo, saia das situações, começou a estudar*”.

Pergunto se em alguma dessas histórias citadas ela viu personagens que lembravam sua própria vida, e comenta que nas histórias de negritude sim. Explica que no filme do navio, os negros foram deixados em uma área de pântano, e não chegaram a ser escravizados, mas que sabe que no Brasil as coisas foram mais difíceis. “*Eu fico olhando essas histórias e pensando como eram os antigos, os que vieram antes de mim, meus antepassados. De que países vieram, de onde eles eram*”. NegraX diz que se emociona ao pensar em seu passado. “*A gente sabe que na África tem muitos países pobres, que passam necessidades. Mas tem outros lugares que mesmo pobres, tem muita amorosidade*”.

Há um tempo, se dedica na busca de vestígios sobre seus antepassados. Conta que seus pais, antes de virem para São Lourenço do Sul, moraram no 5º distrito do interior de Canguçu.

buscam justiça e reconciliação quando os restos do navio são encontrados”. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/81586731>> Acesso em 15 mar. 2023

¹²⁵ “A Mulher Rei é uma história memorável da Agojie, uma unidade de guerreiras composta apenas por mulheres que protegiam o reino africano de Dahomey nos anos 1800, com habilidades e uma força diferentes de tudo já visto. Inspirado em eventos reais, A Mulher Rei acompanha a emocionante jornada épica da General Nanisca (a atriz vencedora do Oscar® Viola Davis) enquanto ela treina uma nova geração de recrutas e as prepara para a batalha contra um inimigo determinado a destruir o modo de vida delas”. Disponível em <<https://www.sonypictures.com.br/filmes/mulher-rei>> Acesso em 15 mar. 2023

¹²⁶ Expressão utilizada quando alguém revela algo importante sobre filmes, séries ou livros, a alguém que ainda não assistiu ou leu.

¹²⁷ “Neste filme baseado no livro ‘Anne de Green Gables’, uma impetuosa órfã é adotada por engano por um casal de irmãos solteiros do interior”. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/80136311>> Acesso em 15 mar. 2023

Há cerca de um ano, NegraX foi até lá e deixou nomes da família para saber mais sobre sua origem, mas até o momento não obteve resposta. Como é a caçula e nasceu quando o pai e a mãe tinham mais de quarenta anos, também relata que não chegou a conhecer nenhum de seus avós, e os mais antigos da família que tem conhecimento são alguns tios.

Ela não tem o hábito de ler jornais impressos e revistas. Já livros, costuma ler obras que abordem o feminismo negro, direcionando as leituras antes à seleção de mestrado, ou biografias, e agora à leituras que possam contribuir com sua pesquisa, apesar de preferir assistir filmes e documentários.

Eu leio porque eu tenho que ler assim, eu não... eu prefiro assistir documentário e coisa assim de ver ali, daí se eu tiver... por isso que eu acho que eu tô aí sem passar no mestrado, tanto que tem que ler bastante, né? Daí eu leio assim, mas... eu tenho uns que eu gosto de ler, quando é história, eu gosto ler a história de vida de uma autora assim, daí eu gosto de ler.

A opção por um viés de entretenimento mais crítico aparece também nos livros que lê. Assim, na primeira conversa me mostrou que estava lendo os livros: *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*¹²⁸, de Sueli Carneiro, e *Eu não sou uma mulher?*¹²⁹, de bell hooks. Ambos vinham sendo utilizados por ela para escrever o seu projeto de seleção de mestrado.

A interlocutora também conta que a maioria das obras lidas são compradas por si, mas que eventualmente também ganha algumas, principalmente de ex-professoras, evidenciando o papel que a universidade teve e tem na formação de uma posição mais questionadora.

Na segunda visita, mostra que recentemente adquiriu o livro *Um defeito de cor*¹³⁰, que também fala sobre a diáspora africana e a chegada do povo negro no Brasil. Conta que seu

¹²⁸ “Entre 2001 e 2010, a ativista e feminista negra Sueli Carneiro produziu inúmeros artigos publicados na imprensa brasileira. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil reúne, pela primeira vez, os melhores textos desse período. Neles, a autora nos convida a refletir criticamente a sociedade brasileira, explicitando de forma contundente como o racismo e o sexismo têm estruturado as relações sociais, políticas e de gênero”. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/Racismo-Sexismo-Desigualdade-no-Brasil/dp/858747846X>> Acesso em 15 mar. 2023

¹²⁹ “Clássico da teoria feminista, E eu não sou uma mulher? tornou-se leitura obrigatória para as pessoas interessadas nas questões relacionadas à mulheridade negra e na construção de um mundo sem opressão sexista e racial. Sojourner Truth, mulher negra que havia sido escravizada e se tornou oradora depois de liberta em 1827, denunciou, em 1851, na Women's Convention - no discurso que ficou conhecido como “Ain't I a Woman” - que o ativismo de sufragistas e abolicionistas brancas e ricas excluía mulheres negras e pobres. A partir do discurso de Truth, que dá título ao livro, hooks discute o racismo e sexismo presentes no movimento pelos direitos civis e no feminista, desde o sufrágio até os anos 1970”. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/n%C3%A3o-sou-uma-mulher-feminismo/dp/8501117404>> Acesso em 15 mar. 2023

¹³⁰ “Fascinante história de uma africana idosa, cega e à beira da morte, que viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas. Ao longo da travessia, ela vai contando sua vida, marcada por mortes, estupros, violência e escravidão. Inserido em um contexto histórico importante na formação do povo brasileiro e narrado de uma maneira original e pungente, na qual os fatos históricos estão imersos no cotidiano e na vida dos personagens, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves, é um belo romance histórico, de leitura voraz, que prende a atenção do leitor da primeira à última página”. Disponível em <<https://www.record.com.br/produto/um-defeito-de-cor/>> Acesso em 15 mar. 2023

objetivo é ler mais, tendo como meta finalizar um livro a cada dois meses e chegar a seis lidos por ano. Para isso, acorda bem cedo, por volta das cinco da manhã, para realizar as leituras exigidas em disciplinas do mestrado e deixou de ler livros de ficção.

Ainda sobre a forma que interage com as tecnologias de informação, NegraX conta que utiliza os aplicativos de mensagem Whatsapp e Messenger. O mais acessado é Whatsapp. Diz que é por meio dele que ela costuma trocar mensagens com irmãs e professores, exemplificando que uma professora da graduação costuma enviar, periodicamente, oportunidades de publicação e eventos.

Não costuma usar muito o Youtube e, quando usa, é para escutar músicas. Ela tem contas no Facebook e no Instagram, e acessa as redes sociais todos os dias. O uso do Instagram é menor, e restrito à divulgação dos seus artesanatos, com fotos das bonecas de pano negras, ou para seguir outras páginas de trabalhos artesanais para se inspirar. Já o uso do Facebook é mais intenso. *“Eu olho tudo, vejo as fofocas.. dou uma olhada assim geral (...)eu só puxo ali”*.

Verificamos as postagens de seu perfil no Facebook no último ano. No espaço de apresentação da rede social, NegraX indica a instituição de ensino onde concluiu a graduação e que é residente de São Lourenço do Sul. Ela praticamente não realizou postagens, as poucas que fez foi 1) uma foto do pai, agradecendo quem lhe cumprimentou pelo aniversário; 2) uma selfie sua, também agradecendo felicitações de aniversário; e 3) uma foto sua em frente ao mar da Bahia, compartilhando com os amigos que passou no mestrado, e escreveu *“#casa grande surta mas vai ter Negra kilombola no mestrado educação SIM!!! UFPel 2022!!!”*. A publicação recebeu 272 curtidas e 126 comentários.

A maioria das outras publicações de seu perfil são marcações de amigos, entre estas a participação de eventos com o movimento quilombola, como idas à Brasília, Pelotas, Rio Pardo e Paraná; vídeos de gatos, enviados por amigas; publicações de ex-professores, com resgate de atividades enquanto estava na licenciatura; músicas enviadas por amigas; e fotos de seus artesanatos, divulgadas por quem compra ou ganha os produtos.

NegraX não segue muitas páginas no Facebook, mas as que acompanha são, principalmente, vinculadas à afirmação da cultura negra (movimentos, bonecas negras e cabelo afro) e páginas religiosas e de mensagens bíblicas. Além disso, também segue páginas de letras de músicas, de mensagens motivacionais, de centros de ensino, de ideias criativas para o cotidiano, do Planeta Atlântica e de poucos empreendimentos locais e profissionais liberais. Também verificamos o Instagram de NegraX, mas este não tem nenhuma publicação.

Em caso de emergência, acredita que em primeiro lugar buscaria informações na televisão e em seguida, no celular, citando as notícias que aparecem na página inicial do Google. Em terceiro lugar, ficariam os grupos de Whatsapp.

Ela participa de vários encontros entre quilombolas. No período da primeira entrevista, época em que a pandemia de Covid-19 apresentava mais riscos, a associação de moradores do quilombo estava realizando reuniões virtuais para organização de atividades. Um deles tinha sido, recentemente, um encontro entre jovens quilombolas do Rio Grande do Sul, realizado em novembro de 2021, em alusão à semana da Consciência Negra. Organizado na própria comunidade, contou com a presença de jovens de Mostardas, Rio Grande e Pelotas.

Com as opções mais restritas no período de isolamento social, ela sentiu falta de sair mais, e diz que quando podia sempre estava com o "*pezinho na estrada*", sendo que as suas saídas, geralmente, aconteciam duas vezes no mês. "*A gente viaja muito por causa das coisas da escola [FURG] também né, gostava mesmo*", conta.

Ela não sai para festas e bares, e diz que ao invés disso prefere conhecer lugares novos, principalmente museus que contam histórias. "*Eu gosto de aprender, sempre que vou em algum lugar eu procuro*". NegraX diz que grande parte das viagens que fez foram proporcionadas pelo tempo que estava na graduação, mas que tem ido, também, sem a universidade. "*Fora a faculdade a gente ia igual, [...] a gente foi viajar também, a gente foi pra Bahia*", relembra. Na primeira entrevista, o último lugar que tinha ido havia sido Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha, em novembro de 2021. Já no nosso último encontro, recentemente tinha voltado de Brasília, após representar a comunidade quilombola no III Simpósio Nacional e II Internacional "Povos Indígenas, Negros/as, Quilombolas e Religiosos/as de Matriz Africana e Afro-indígena: Decolonialidade e Dívidas históricas do Estado Brasileiro no marco do bicentenário da Independência", que aconteceu na sede do Ministério Público do Trabalho (MPT).

A grande presença de diferentes povos tradicionais como quilombolas, ciganos, indígenas, pecuaristas familiares e pessoas vinculadas à religiões de matriz africana também foi o que mais lhe chamou atenção durante o evento no MPT.

Foi importante, foi um momento de escuta onde eles ouviram as demandas, o que a gente tinha para falar. Por exemplo uma menina de um quilombo de Porto Alegre que estava localizado em uma área com uma ordem de despejo contou o que tava acontecendo e eles conseguiram resolver.

No inverno de 2022, NegraX também se envolveu na construção de um evento do Teia dos Povos¹³¹ na comunidade, recebendo participantes de diversas regiões do estado em solo lourenciano. Para ela, o evento foi importante principalmente para quem não tem o costume de sair do quilombo, podendo ter ali, no lugar onde mora, discussões importantes acerca de comunidades tradicionais. Ela comenta grande a presença de povos indígenas na ocasião,

¹³¹ Articulação que congrega comunidades tradicionais e territórios autogeridos, movimentos sociais e grupos de apoio.

inclusive com a vinda da cacica Gãh Té¹³², que recentemente realizou uma greve de fome contra a reintegração de posse da terra hoje ocupada por povos indígenas no Morro Santana, em Porto Alegre.

Segundo ela, se tivesse recursos disponíveis, seu desejo era tirar a carteira de motorista, o que também se configura como seu sonho de consumo, junto com conseguir arrumar ou trocar de carro, já que o veículo que tem está parado na garagem. Agora, espera receber a bolsa de mestrado para tirar sua carteira, já que com sua independência não dependeria mais da boa vontade dos irmãos *“Muitas vezes é de noite, hora deles descansarem, e eles precisam me buscar na faixa por causa da carteira. Mas eles vão se revezando”*. Já o seu sonho de vida seria concluir o mestrado e o doutorado, e trabalhar com uma renda fixa mensal.

Considera que os pontos positivos de morar no interior são o contato direto com a natureza, a calma e o silêncio do cotidiano rural, junto à segurança. *“Aqui a gente tem espaço, mesmo não tendo terra, tem áreas grandes aqui perto, na cidade tu dá um passo já tá na casa do outro”*, e isso seria sua motivação para continuar ali. *“Eu gosto daqui, em Pelotas dá um tempinho, eu já venho correndo pra cá”*.

Como pontos negativos, considera a falta de serviços públicos como creches para as crianças. *“Na cidade tu para de trabalhar, busca teu filho na creche e sabe que ele tá sendo bem cuidado. Aqui não, ou tu precisa levar junto pra lavoura, ou o filho mais velho fica cuidando”*. Também comenta a falta de acesso a locais de estudo e de lazer e entretenimento. *“Por isso, eu demorei 45 anos pra ir ao cinema”*.

Quando pergunto se ela já desistiu de algum objetivo que desejava, conta sobre o tempo que teve que abdicar de estudar. Pergunto o que ocasionou essa decisão e ela explica:

No momento eu não tinha o dinheiro para poder continuar, né? E também para poder ficar aqui, mais com o pai. Vamos dizer se eu fosse para outra cidade, lá pra minha irmã que mora em Viamão, até poderia tentar continuar lá, né? Mas daí eu... como daí ia deixar o pai sozinho, né? Daí distante, tive que dá uma parada, pra estudar eu digo assim

Mesmo assim, diz que não se arrepende de nenhuma escolha de vida, porque *“tudo é momento”*. *“Tem que passar, não vai passar aqui, vai passar mais depois. Eu acho assim, não sei também. Cada um com a cabeça.. se não passar agora vou ter que passar mais adiante, tô passando agora porque teria que ser esse momento”*, me explica.

Segundo ela, algumas mulheres não se casam porque podem não ter encontrado quem queriam. Em seguida, justifica porque está solteira. *“Eu não casei porque eu acho que eu nunca*

¹³² Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/12/27/cacica-encerra-greve-de-fome-apos-justica-suspender-reintegracao-de-posse-de-territorio-no-rs>> Acessado em 10 fev 2023

encontrei quem eu queria, eu acho assim, não sei...”, se pergunta. Logo após, complementa: “Às vezes aparece a pessoa mas não tu acha que não é né? Depois quando tu vai ver daí já passou também, né? Não vai tá... Mas eu não sei, e eu não quero ir mais para trás, eu quero ir para frente”, enfatiza.

Já questionada sobre o que sua família lhe ensinou sobre ser mulher, NegraX diz que foi a importância de conquistar a sua autonomia financeira. *“Trabalhar, ter as... procurar ter... não depender dos outros, né, assim, pra conseguir as coisas sozinho”.*

Quando pergunto se já se sentiu discriminada, diz enfaticamente que sim. Pergunto por que e ela conta sobre a sua dificuldade, enquanto quilombola, de conseguir um serviço, e o quanto isso afeta não só a si, mas a toda a sua comunidade.

*Ah por causa que eu acho que no momento que tu vai num lugar pra pedir um serviço e tu ali tu não vê ninguém, né? Não sei se é nesse sentido assim que eu posso estar falando, né? Ou tu não vê ninguém ali igual a ti também lá, daí já é acho que é... já é um... **nota não discriminação não só a mim, mas todos os meus né, assim né.** Dai eu acho assim.. e nem é tanto [tempo], eu fui lá procurar um serviço, não dão nem oportunidade de ter ali, né, uma vaga. Ou então já bota algum empecilho antes de tu chegar por causa que na cidade... aqui mesmo aqui [no interior] abriu agora (...) uma farmácia, um laboratório. Daí já tava ali que era para ti falar alemão, daí como é que tu vai ir lá, né? Não tem nem como ir lá procurar serviço ali, eu vou deixar um currículo, né? Aí a minha sobrinha disse “ali tia, ali abriu uma vaga” (...). Mas daí já tinham botado ali que era, tinha que falar alemão, daí então **tu não consegue nem chegar a tentar botar o pé lá pra tentar pedir um emprego, deixar um currículo ou um acesso, acho que é assim.** Acho que daí tu já tá sendo discriminado, já tá sendo cortada já nesses, nesses detalhes assim.*

Em relação à representação midiática, NegraX afirma que não se sente representada nos conteúdos que consome. Explica que isso ocorre porque nos filmes os mocinhos costumam ser brancos.

G: Tu te sente representada quando tu olha as coisas da mídia?

*N: Não, por causa que os principal, geralmente... toda vez que tu vai ver um filme, geralmente o principal mocinho é branco, né. Dai histórias, que nem a ... uma história toda negra assim os principal ali os mocinhos, é difícil tu encontrar filme. Dai tu vai ver vai ter 20 né, que tenha assim, que fala sobre racismo, que fala sobre discriminação, que fala sobre alguma coisa assim... Nesse sentido que pelo menos tu vai olhar e vai te dar um conteúdo pra ti pensar depois, né? **Que não adianta também olhar ali e ser, como é que se diz, ter um representante ali, mas daí tem um palhaço assim, né?** Daí também não adianta, né? Que nem o Mussum¹³³, o Mussum quanto tempo trabalhou nos Trapalhães¹³⁴ né, mas daí botava só o lado ruim, né? Que era um lado ruim assim pra... até para as crianças ver... que era bêbado, né e coisas assim, né? Então tinha que ser um outro personagem assim, podia ser um cara, um*

¹³³ Personagem negro que integrava o quarteto principal do programa humorístico “Os Trapalhães”.

¹³⁴ “Os Trapalhães’ foi um programa de televisão humorístico brasileiro, criado por Wilton Franco e estrelado pelo quarteto cômico de mesmo nome, composto por Didi, Dedé, Mussum e Zacarias; cada um desenvolveu uma persona cênica distinta. O grupo já obtinha sucesso na televisão e no cinema desde meados da década de 1960”. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Trapalh%C3%B5es> Acesso em 19 mar. 2023

*personagem preto, mas pelo menos que... **que representava assim um modo mais bonito, né, uma coisa melhor.***

Quando pergunto sobre como, para ela, a mulher urbana é representada na mídia, ela diz que esse é outro problema, já que considera que os negros são apresentados apenas vivendo na zona urbana, e acredita que esse espaço, em relação ao rural, é bem mais representado.

*É, ainda tem mais esse problema, né, que além de a gente não ser representada, geralmente o meio rural nunca é representado, né? Então daí ainda, daí eu não sei, daí agora daí urbano ainda... Nem sei o que dizer, mas mas daí tem que pensar mais um pouquinho ainda, é, porque eu tava pensando ainda no modo de um personagem negro e ainda ia ser da cidade ou coisa parecida, daí **no rural menos, daí mesmo que nem tem, eu acho que nem tem.***

Peço, então, para ela detalhar para mim como considera que seria a imagem de mulher urbana na mídia, e NegraX começa dizendo que há mais representação.

O papel da mulher negra geralmente vai ser de doméstica, né? Se vai olhar no filme. O homem vai ser o garçom ou o.. como é o nome daquele quando é coisa mais chique tem aquele outro, o mordomo, quando é, ou senão, ou senão é... a mulher ainda às vezes nem é a preta ainda que aparece quando é essa mais chique. Ou senão quando aparece lá nos filmes lá, ou é aquele que tá lá, quando é nas fazenda, é o que tá cortando lenha lá no meio do... lá pra fazer alguma coisa lá, então... a mulher geralmente, mulher branca, aparece né. Daí com todos nós, só esse aí.

Já sobre a aparição de mulheres rurais na mídia, ela considera que geralmente surgem de forma estereotipada.

Não é discriminação, mas eles (...) fazem tipo uma chacota das pessoas da colônia, né. Não tem respeito assim, é assim uma coisa sempre que é pra rir, né assim é tipo comédia né, isso é... quando aparece assim alguma coisa assim, geralmente é algum tipo uma comédia, os personagens fazem tipo uma comédia, não fazem uma representatividade forte assim para dizer assim "o homem do campo", uma coisa do campo, realmente fico rindo, ou pelo sotaque, ou por aquilo que faz lá, acho que é mais isso assim.

Questiono NegraX se aparecem mulheres negras rurais. "*Quando aparece mais as mulheres negras geralmente é doméstica, quando tem as... Rural mesmo acho que até nunca vi, nunca, se eu vou falar mesmo, eu até acredito que eu nunca vi*", responde.

Sobre a representação de mulheres de classes distintas, ela considera que as ricas costumam ocupar posições mais altas, enquanto as pobres seriam posições mais subalternas, relacionando isso ao grau de instrução de cada uma. "*Geralmente uma é advogada.. é, mas é né, arquiteta quando vê né, daí aparece pelo menos é o que a gente vê né*" cita sobre as mulheres ricas, enquanto em sua concepção, as mulheres pobres estariam reduzidas a espaços periféricos. "*Geralmente eles tão morando lá nos bairros, né... no bairro Fulano, daí não fica... aquele empresário não pode ficar com aquela que mora lá no tal do bairro, daí já discrimina*".

Ela não considera que mulheres brancas e negras são representadas da mesma forma pela mídia.

N: Não, que não são representadas não são. Igual não.

G: E aí quais essas diferenças assim, seria na forma de mostrar?

N: É, acho que até os papéis né. Geralmente é... É difícil aparecer uma mulher negra como sendo a principal de uma novela, ou de um filme né assim, só se for pra tipo um documentário, ou um filme que conta aquela história que ela... Teve um outro filme que eu gostei muito (...) Daí era a história real, assim quando a história real daí aparece assim né. Mas aí tem que ser história com fatos reais assim, mas se não, não. Já começa já pelos personagem, né? O principal geralmente não... negro e negra geralmente não são né.

4.2.2 Ágata

Ágata¹³⁵ é uma mulher de 33 anos, natural de São Lourenço do Sul, que se autodeclara preta e vive na mesma comunidade quilombola de outra de nossas interlocutoras, NegraX, que é sua comadre. Ao contrário de NegraX, a família de Ágata não dispõe do título da propriedade.

Lhe conheci um ano antes da nossa entrevista, quando participei de um evento em sua comunidade que visava fomentar o ingresso da juventude quilombola na universidade. A atividade foi realizada em novembro de 2021, em alusão ao Novembro Negro, e foi promovida por lideranças locais, em parceria com quilombos urbanos de Rio Grande, Mostardas e da região metropolitana de Porto Alegre, contando com participantes de diferentes cidades do Rio Grande do Sul. No momento já percebi seu papel como liderança da comunidade, notando a importância que seria contar com sua colaboração como interlocutora na presente pesquisa.

Tentamos agendar diversos encontros durante o verão de 2022, porém, por ser época de safra, quando o trabalho de Ágata é mais intenso, foi inviável. Nos encontramos novamente em novembro de 2022, quando ela foi até a universidade onde trabalho pedir o auxílio da secretaria para inscrever-se no processo seletivo de ingresso em 2023. Conversamos e, por estar com a agenda liberada, prontamente sugeri me receber em 14 de novembro, uma segunda-feira. Como no dia seguinte, 15, seria feriado, os filhos estavam em casa, sem aula, mas não interferiram na entrevista. Me cumprimentaram empolgadamente e, depois, eventualmente, entraram no cômodo ou fizeram algum comentário.

Ela mora com o companheiro e os três filhos do casal, um menino mais velho com 16 anos, a menina do meio, com 11, e um menino caçula, de 10. Segundo Ágata, a família de cinco pessoas vive, em média, com menos de dois salários mínimos por mês. No mesmo terreno - um

¹³⁵ Nome fictício escolhido pela interlocutora, que explicou que seria um dos nomes que pensou dar para a filha.

espaço pequeno, de cerca de um hectare¹³⁶ - fica a casa de seus pais, local onde suas duas irmãs também moram. Além delas, Ágata tem outros quatro irmãos homens, que não vivem mais com a família. Ela é a mais nova.

Sua casa é oriunda de um programa habitacional do Capa e da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), tem três quartos, banheiro e sala e cozinha conjugada. Antes, Ágata morava em uma outra casa, no mesmo pátio, que atualmente foi desativada.

Faz dez anos que ela voltou a residir no distrito rural. Antes de seu filho mais velho nascer, por três anos tentou a vida em Sapiranga/RS, trabalhando em uma fábrica de calçados. Após o seu nascimento, regressou à zona urbana de São Lourenço do Sul, vivendo ali por dez anos. O retorno ao interior e à casa da família aconteceu com a chegada dos filhos mais novos.

Com exceção do tempo que viveu em Sapiranga, desde que começou a trabalhar, quando ainda era criança, até o presente momento, retira o seu sustento atuando como boia-fria na agricultura, recebendo pelo dia trabalhado em lavouras da região - principalmente de soja e fumo -, sem vínculos empregatícios. Seus pais também atuavam como diaristas, sendo chamados principalmente em épocas de colheita. Por um período, o pai também foi empregado de uma cachaçaria da localidade, onde tinha carteira assinada.

Ela conta que quando era criança, apesar da família vender batata-inglesa e cebola cultivadas ao redor da casa, e os pais oferecerem serviços como diaristas, lembra que a família chegava a passar fome. Atualmente, tanto o pai quanto a mãe são aposentados, sendo que o pai tem problemas de saúde que exigem cuidados, oferecidos, em sua maior parte, pelas outras duas irmãs, ambas solteiras.

O companheiro de Ágata é branco, estudou até a quinta série e trabalha como peão em uma fazenda próxima, sem carteira assinada, principalmente no cultivo da soja. Além do pagamento semanal pelo serviço, o dono cede um espaço para que ele e Ágata plantem para si. No local, o casal cultivava batata-inglesa e milho. Enquanto o milho é destinado a alimentação dos animais, a batata-inglesa é utilizada para consumo próprio, e o excedente, eventualmente, é vendido à cooperativa da região. A partir de uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) - Unidade Clima Temperado, firmada há mais de dez anos, a família também produz e vende mudas de batata. Desde o último ano, o filho mais velho também tem atuado como diarista em finais de semana ou no período de férias escolares.

Para auxiliar na subsistência da família, simultaneamente são cultivados diversos alimentos ao redor da casa, entre eles feijão, batata-doce, mandioca, cenoura, cebola, variadas hortaliças e frutas como banana, laranja, bergamota, pêssego e abacate. Em uma parceria

¹³⁶ Utilizando a classificação adotada pelo Incra, consideramos que Ágata vive em um minifúndio.

recente com o curso de Agroecologia do campus da FURG São Lourenço do Sul, Ágata também tem recebido os estudantes para a implantação de um projeto agroecológico no espaço.

Ela é beneficiária da Assistência Social, recebendo o auxílio antigamente chamado como Bolsa Família, e, nos últimos anos, como Auxílio Brasil. Segundo ela, planejamento financeiro é necessário, uma vez que o trabalho é cíclico: nos meses de colheita da safra, de novembro a fevereiro, recebem grandes valores em dinheiro, porém, de março a outubro, quase não têm entradas.

A família sofre com o acesso à água, uma vez que no terreno onde vivem não há nenhum ponto de acesso. A vizinha cedeu um pedaço de terra para que Ágata e o companheiro construíssem uma cacimba, porém, com a vertente fraca, não é possível acumular água suficiente para o consumo familiar. No verão, ela, o companheiro e os filhos ficam dias sem ter acesso à água, tendo que receber caminhões pipa da Prefeitura, geralmente nas sextas-feiras. Com o racionamento, a família toma banho de bacia e fica praticamente impedida de lavar roupas. Conta que muitas vezes já precisou escolher entre tomar banho, cozinhar ou dar água aos animais da propriedade. A produção de alimentos também é prejudicada.

Já a luz, que era um problema constante, agora está estabilizada. A partir de reivindicação da comunidade e ingresso de uma ação judicial contra a companhia de energia, movida pelo pai de Ágata, a rede elétrica foi trocada e problemas deixaram de acontecer.

Seu pai tinha problemas com alcoolismo, fato que potencializou-se no período em que trabalhava na cachaçaria. Nos sábados, também costumava frequentar bares da região e ser encontrado bêbado por conhecidos, fato que gerava brigas entre Ágata e os irmãos contra colegas de escola, em função das piadas.

Exceto isso, a escola era um ambiente em que gostava de ir. Até o quarto ano frequentou a escola multisseriada da localidade e destaca, várias vezes ao longo da entrevista, o apreço que tinha pela sua professora da época que, posteriormente, deu aula aos seus filhos, mas faleceu de câncer pouco tempo atrás. Após o quinto ano, passou a frequentar uma escola maior, em uma localidade próxima, onde cursou até a oitava série.

Para que ela seguisse seus estudos, alguns de seus irmãos tiveram que parar de estudar e se dedicar somente à lavoura, junto com os pais. Mesmo estudando, Ágata, entretanto, seguia trabalhando na agricultura no turno inverso das aulas. Lembra que nesse tempo a família não dispunha de luz elétrica, e era necessário que as tarefas de escola fossem feitas rapidamente após o almoço, quando ainda era dia, para depois acompanhar o pai na lida.

A: Se nós íamos de manhã, de tarde a gente chegava em casa. O pai já tava tirando a sesta do meio-dia, e nós tinha que fazer o tema ligeiro, porque nós não tinha luz, nós tinha que fazer o tema ligeirinho, aí quando o pai se levantava e o pai já falava

"vamo" pra lavoura porque o pai plantava batata, nós tinha que juntar a batata. Aí nós juntava tudo, nós juntava a graúda, a muda e os pirulitinho bem pequenininho nós juntava, o que tinha bem pequenininho nós juntava também pra dar pros porcos. Se o pai estava plantando fumo, nós tinha que tirar pra fora o fumo, colocar a lona no caminho para passarem para pegar, se plantava feijão nós ajudava a arrancar. Desde que eu me conheço por gente, depois que eu entrei no colégio, assim um pouquinho mais grandinha, nós tinha que sempre ajudar, mas não reclamo, né? Não reclamo. Mas tinha que sempre ajudar.

G: Todos vocês?

A: Todo mundo, todo mundo. Eu ainda, tive, de todos os meus irmãos assim, né? Eu ainda tive mais oportunidades de ir na escola. Porque a minha irmã mais velha, né? Ela pegou e ela só tem até a quarta série. Eu fiz até a oitava série normal na escola direitinho. Com muito sacrifício, mas eu fiz. Aí depois eu peguei e aí eu não quis mesmo, eu não quis. Aí eu peguei e falei, não, vou trabalhar para mim. E aí eu peguei e fui lá pra Sapiranga. Daí agora eu voltei e terminei a minha escolaridade. Mas é porque eu não quis, não era fácil para nós, porque nós tinha que fazer tema ligeirinho, nós não tínhamos... que nem eu digo, todos os anos agora eu compro mochila, essas coisas tudo direitinho, nós não tinha mochila. Nós colocava os caderninho dentro do saco de arroz, quando a Prefeitura dava uma mochila aquilo durava, durava uma mochila. Quando tinha um passeio na escola nós nunca íamos. As roupa eram assim: a minha irmã mais velha usava, depois passava pra outra, depois passava pra outra, chegava em mim.

Quando foi para a escola estadual, após a quinta série, era a diretora da instituição que lhe dava roupas. Ela que também incentivava Ágata a disputar torneios esportivos escolares.

A: Ela me dava as roupas aí ela pegava e me incentivava muito a participar, de jogar futebol, atletismo, essas coisas, eu tenho um eito de medalha, né. Aí para mim ir nas olimpíadas lá em São Lourenço, fazer essas coisas que tinha, ou lá em Pelotas que às vezes tinha, a diretora pegava e me dava comida, né? Assim, uma bolacha, um refri e me dava roupa pra mim participar, porque eu não tinha condições de fazer. Mas eu era boa, ela sabia que eu era boa. Realmente, eles investiam em mim porque eu era boa mesmo. **E aí eu tenho muito orgulho de falar disso.** Agora tô veia, mas jogo bola ainda.

G: Tu joga ainda?

A: De vez em quando sim, **eu gosto, eu tenho prazer.** Aí por isso que eu incentivo tanto o meu filho mais velho. Ó, os dele, aí [aponta para as medalhas expostas em um gancho perto da entrada da casa, em posição de destaque]. Ele tem mais em outros lugares lá, eu já tenho as dele... Aí eu às vezes brigo com ele assim "ai todos os sábados de noite, tem tá te buscando lá no ginásio". Mas eu digo "vai, vai".

Entre os irmãos é a que mais estudou. Em 2021, Ágata completou sua formação com a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). No início de 2022, prestou vestibular para Licenciatura em Educação do Campo, da FURG, e foi aprovada, porém não conseguiu realizar sua matrícula por prazos na liberação da documentação do Encceja. Agora, se prepara para ingressar na universidade em 2023. Realizou a prova em janeiro, que consiste em uma redação/memorial descritivo de suas vivências como quilombola, e atualmente aguarda o resultado.

Quando pergunto se, caso ela pudesse escolher, trabalharia em outra coisa, Ágata conta que gosta de trabalhar no que faz "mesmo", mas que tem pensado em sair do campo devido às dificuldades impostas à vida da família. Explica:

A: *Pra nós tá ficando difícil, né? Que a gente não tem terra, né? Se eu tivesse terra, aí era aqui que eu, acho que ia morrer a minha vida aqui, ó.*

Porque a faculdade fica na cidade. Aí nós temos só segunda, quarta e sexta que o ônibus passa ali na Adriana que tu entrou aqui na estrada de chão

G: *Pra ir pra cidade?*

A: *Pra ir para a cidade, só na parte da tarde. Aí vamos supor assim, pra ir no posto de saúde é longe. Aí nós dependemos de carro, essas coisas. Aí ninguém tem carteira, né*

G: *Carro vocês têm?*

A: *Carro nós temos, mas não temos a carteira. E outra coisa, que agora a maioria tem tudo o maquinário, né. Trator moderno com GPS, essas coisas. Aí **pra nós tá ficando difícil essa história de trabalhar assim por dia, já tá se acabando.***

A maioria aqui é soja, essas coisas tão se acabando, aí é o que eu digo pro meu filho mais velho "Tá na hora de começar a pensar num outro jeito de nós nos mantermos, né?" Já fico pensando se ele estudar ou pegar num mercado, ou numa loja assim, né? Já nem digo muito mais por mim, já digo mais por ele, mas eu também já tô pensando em mudar meu jeito, né? Porque eu tô vendo que tá cada vez mudando o jeito de trabalhar. E aí nós estamos ficando para trás, né?

***Não que eu queria sair daqui, mas se eu tiver que sair daqui, eu não tenho escolha, porque eu tenho três filhos para sustentar e eles vão ficando grandes, né?** E cada vez as coisas vão modernizando mais, aí não é que tem no nosso tempo, nós passávamos a calça pra outra, aí hoje em dia não tem essa história aí, ó, difícil a gente ganhar uma roupa. Só quando vem mesmo da Prefeitura assim, ninguém dá mais uma peça de roupa pra ninguém, mesmo estando bom, eles colocam para vender, eles não te dão mais. E no nosso tempo não, cada um dava, cada um vestia uma roupa cada um vestia um sapato, **hoje em dia não, agora é tudo assim, ó o dinheiro né.** E para ter o dinheiro tu precisa ter um trabalho, né?*

Ágata continua falando das perspectivas para o seu povo e contando que tanto ela, quanto o filho mais velho, pretendem entrar na universidade, "pra ter alguma coisa no futuro". Pergunto se seria só por esse motivo, e ela relata que não: sua comadre, NegraX, e outros diversos amigos da comunidade quilombola, incluindo o senhor que é presidente da Associação, cursaram ou estão cursando o ensino superior da FURG.

*Eu fico pensando no presidente da Associação [nome ocultado], velho, não que eu tô falando que ele é velho, mas ele é muito mais véio do que eu tá lá, por que eu também não posso né? Mas é mais pela NegraX mesmo, que me infernizava, me infernizava, "o que vocês querem aí, vão estudar, vão estudar". Aí também acho que **tenho que saber mais para defender os meus né?** Porque eu não sei o que acontece com os jovens que eles não querem estudar (...) **já são negros, que é difícil as coisas para nós, e ainda sem serviço assim de carteira assinada, a maioria não tem carteira assinada. A maioria tem que trabalhar por dia. Aí a gente sabe muito bem que agora já novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, tem muito serviço, mas aí depois não tem né? É só que ela é aquele tempo assim de fumo ali que a gente sabe muito bem, que aí tem serviço que tu não sabe para onde é que tu vai, mas aí depois quando chega o junho e o julho tudo tá parado. (...)** Eu fico pensando assim e também tem muitas e muitas e muitas que aí eu já tô há bastante tempo nessa função, de **políticas assim que a gente sabe que tem especificamente para a gente, mas que a gente não sabe nem como acessar, nem como se colocar lá para receber?** E aí? É um, dois que sabe, né? E aí às vezes tem os seus que querem ficar só pra si. E aí eu por isso que eu digo ó, **tu sabendo, tu sabe onde é que tu pode entrar né?***

O filho mais velho atualmente cursa o nono ano em uma escola estadual, mas por já ter 16 anos, realizou a prova do Encejea e espera o resultado. Os filhos mais novos estão na quarta e quinta série, em outra escola estadual, situada em um distrito diferente.

Ágata conta que a família foi afetada fortemente pela crise no ensino no ambiente rural: nos últimos anos, os dois filhos mais novos tiveram que trocar de instituição em função do fechamento da escola multisseriada que ficava na comunidade quilombola; redirecionados para uma escola maior, assim como o primogênito, os três enfrentaram as dificuldades geradas pela pandemia, principalmente pela família não ter, naquele momento, internet em casa para assistir às aulas. Com o retorno presencial, ficaram 84 dias sem ter como ir ao colégio, pela falta de transporte.

Atuante, Ágata deixou de trabalhar para participar de manifestação na BR 116 e em audiências na Câmara de Vereadores, cobrando o poder público pela resolução do problema do transporte. *“Fui em reunião, soltava do serviço, ia nas reunião dos pais também, faziam reunião, a gente ia tudo. Deixei um dia de trabalhar, fizemos manifestação, a gente ia, tudo direitinho”*.

Contra o fechamento da escola multisseriada da localidade, Ágata também esteve na Câmara de Vereadores, realizou abaixo-assinados e foi na Defensoria Pública. *“Não foi assim, não foi só a Associação, não, os outros pais também foram”*, explica, dizendo que a mobilização abrangeu toda a comunidade escolar, incluindo os pais de crianças não quilombolas, mas mesmo assim não tiveram êxito. Sua fala, onde ressalta a presença de outros pais além daqueles vinculados à associação quilombola, demonstra a percepção na legitimidade dada aos brancos espaços de poder.

Já sobre o período escolar na pandemia ela resume como o *“caos”*:

Eu tinha que ir lá no Boqueirão [distrito próximo] buscar as coisas das crianças [materiais impressos para as atividades da aula]. E aí quando vê o meu filho mais velho também tinha que ir lá na Boa Vista [outro distrito próximo], pegar as coisas dele [exercícios impressos], aí quando vê nunca dava certo os horários, essas coisas (...) eu fui obrigada a colocar a internet, meus R\$600 que todo mundo dizia “Bolsonaro vai pagar R\$600 pra comida”, foi pra mim colocar a minha internet (...) Eu chegava do serviço e a professora já tava mandando coisa, aí tinha o horário pra mandar as atividades. Aí às vezes eles não entendem que a gente não tá em casa pra tá mandando as atividades, mesmo com as crianças fazendo. Mas quem tinha o acesso ali das professoras, tudo direitinho, era eu. Aí às vezes eu chegava em casa, a professora já tava... já tinha mandado mensagem que era pra mim ter mandado as atividades, não sei... Ou queria fazer a tal das aula online e eu nem em casa tava, aí eu ficava completamente perdida. (...) No domingo, que era o meu dia de descanso, eu pegava e ia lá na casa de um pai que ficava bem pertinho da casa da professora e levava os cadernos. Aí ele pegava no outro dia aí e largava para a professora, aí a professora analisava, olhava tudo, aí ela mandava de novo o caderno pra ele. Aí eu tive que ir lá nele, buscar pra eles fazer. Era um desastre.

Ágata diz não costuma participar de atividades específicas somente com mulheres da região, mas está envolvida em ações que envolvem outras mulheres da comunidade, como a Associação Quilombola. A interlocutora é ativa politicamente, sendo, junto com NegraX, uma

das principais vozes da comunidade onde moram em reuniões e encontros realizados junto à Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul; em cidades gaúchas como Pelotas, Porto Alegre, Maquiné e Santa Maria; e em outras regiões do país, como Brasília.

Na segunda-feira em que aconteceu nossa entrevista, ela se preparava para ir à Porto Alegre três dias depois, onde seria realizada uma reunião da Assistência Social, onde seriam definidos os delegados que iriam para Brasília, em uma conferência maior sobre o tema. Na reunião, além de representar a si mesma, como usuária do Bolsa Família, Ágata também iria representar as demandas da Associação Quilombola.

Ela também conta que agora ela e NegraX estão retomando a participação nas reuniões municipais, que acontecem na zona urbana, após terem parado por um período motivadas tanto pela pandemia, como pela reivindicação do pagamento dos custos com a participação.

*Tanto eu como a NegraX nós já fizemos parte, mas nós demos uma parada por causa da pandemia e por causa que também nós colocamos em pauta quando nós fomos em algumas reuniões lá em São Lourenço que a gente queria o valor da nossa passagem, que nós tava tirando sempre no nosso bolso, né? Falo da nossa passagem e do nosso almoço, porque eles marcavam sempre a reunião pras 9 horas, lá em São Lourenço. E aí eu a NegraX tínhamos que pegar o quinze pras sete que é lá na Boa Vista (...) Aí nós ia pra lá, assistia a reunião, aí pra nós voltar de volta, só uma hora [13h]. E aí nós pegava, pagava do nosso dinheiro a passagem e mais assim alguma coisa depois quando terminasse a reunião pra nós comer, né? Até nós voltar. Aí a gente pegava o ônibus das 13h, aí chegava 14:15, 14:30 aqui na Boa Vista, ainda tinha que caminhar lá da Boa Vista até chegar em casa. Aí quando vê eu falei pra NegraX, não, **nós temos direito, nós vamos dar um gelo neles**. Aí nós começamos a não ir mais. Aí agora eles voltaram com essa história que vai ter... agora decidiram que vai ter uma pessoa quando tiver a reunião, que é uma vez no mês, reunião, e eles vão vir aqui pegar nós e trazer nós.*

Como citado no retrato de NegraX, em agosto a comunidade que ela e Ágata vivem sediou o encontro regional da Teia dos Povos, recebendo participantes de diversas regiões do estado. Para viabilizar a acomodação dos visitantes, Ágata hospedou 26 pessoas, que foram alocadas entre a casa atual e a casa desativada. Pela falta de espaço, Ágata e o companheiro chegaram a dormir dentro do carro. “*Pior que era daqueles dias que tava frio, frio, ainda bem que trouxeram umas cobertinhas lá da escola, aí eu dormi eu e meu marido dentro do carro*”, relembra, dizendo que não se incomoda com isso. “*Eu sou dessa parte assim, quando vem visita, a gente cede a cama da gente e principalmente quando é pessoa de idade eles têm prioridade aqui em casa*”.

Pergunto se ela gosta de participar desses eventos e ela afirma que sim, tanto pela oportunidade das pessoas conhecerem onde ela mora, como dela ir e conhecer outros lugares e culturas.

Uma coisa é eu chegar e ir lá onde é que tu tá e falar, as pessoas vão ter aquela visão, mas não quer dizer que vão acreditar no que eu tô falando. Outra coisa é tu vir com

teus olhos e ver, e aí eu penso também a mesma coisa de eu ser convidada pra ir pros outros lugares, é troca de experiência tanto da parte boa, como da parte ruim porque tem os dois lados, né? Tu pode ver as coisas boas que acontecem lá e querer trazer pra cá pra ti implementar aqui do que tu tem e eles vêem as coisas ruins que faltam aqui pra eles, vamos supor, ajudar, essas coisas sabe... porque sempre tem aquela coisa do ajudar né. Eu acho bom.

É notável o grau de independência que ela tem na relação com o companheiro, demonstrando ao longo de nossa conversa o quanto se posiciona em situações recorrentes do dia-a-dia e o quanto zela por sua autonomia. Vivendo juntos há mais de dezoito anos, eles nunca se casaram por decisão dela, apesar da insistência do padre da comunidade católica para poder batizar os filhos.

G: Nunca teve desejo de casar?

*A: Não, não, Deus me livre, a pessoa que fala assim que eu vou entrar de vestido, essas coisas bonitinha, lá, fazer festa, esquece, **nunca, nunca**. Não penso nisso, não, não me passa pela minha cabeça, **nunca, nunca, nunca**. Acho bonito pros outros, pra mim não.*

G: Mas por que pros outros?

A: Ah, não sei, se me convidam eu vou no casamento, mas dos outros, não meu.

(...)

G: Por que tu acha que algumas mulheres não se casam? E por que tu não se casou, né? Por exemplo tu.

*A: Eu não me casei porque **eu não quero me casar mesmo** (rindo). Eu não quero casar. É tão bom assim sabe... não é que a gente não tem compromisso um com o outro, mas nos damos muito bem assim, **foi a nossa escolha**, eu sempre disse para ele, "ó, eu não quero me casar" e aí ele também falou que não, tá ótimo assim. (...) Muitas das vezes eu fico pensando assim. Ah, mas vamos supor se acontece alguma coisa tanto comigo, tanto com ele, como é que vai ficar com as crianças? Vamos supor, pra receber um benefício, vamos supor, por que às vez os casados realmente tem mais mais privilégios do que a gente mas aí em relação às crianças sendo de menor eu fico pensando cá comigo, não sei se é verdade, eu fico pensando cá comigo. Tá comprovado ali na certidão, tudo direitinho, aí eu não me preocupo muito com isso, mas se por um acaso um dia. se eu for obrigada, obrigada mesmo, a me casar, vai ser só se acontecer alguma coisa assim que eles não vão receber, as crianças*

G: Mas por que tu acha que não é necessário assim, né?

A: Não, não

G: Não vai mudar a relação de vocês?

A: Não, é. E aí depois eu também fico pensando, depois quando vê até porque aí se separa aí tem que tá correndo aqui, correndo ali. Assim não tem problema nenhum. Separou, ele pega as coisas dele, eu pego as minhas e deu. Ah, e tem gente que não quer mesmo. As minhas irmãs não se interessam, não quer dizer que elas não gostam de homem, é que elas não se interessam em se casar.

Pra elas tá bom assim do jeito que elas tão.

Ela diz que apesar do companheiro não gostar de participar de reuniões e atividades culturais, ele nunca fez com que ela deixasse de ir em algum lugar. “*Não participa literalmente todas as 24 horas ali do meu lado ali, mas também não me impede de ir a lugar nenhum, né? Aí eu vou representando a associação e a minha família, né? E aí incluo ele também*”, explica.

Como aparelhos vinculados aos meios de comunicação, a família dispõe de televisores, celulares smartphones e rádios. Além disso, de um tablet, atualmente estragado. O que é mais utilizado para Ágata se informar é o rádio, que é ligado logo pela manhã e ao final da tarde.

Ela conta que gosta de ouvir o programa *São Lourenço Repórter*. "*Eles dizem que eu sou meia careta, eu escuto Ruy Fernando sim, eu escuto Ruy Fernando*". Sua motivação seria saber "*o que está acontecendo na cidade*" e ficar por dentro do horário, enquanto realiza suas atividades. Quando o programa termina, por volta das 11h30, ela altera a estação para a Atlântida, principalmente pela programação musical do veículo. Seu gosto é eclético, porém, diz não gostar de músicas românticas, por não ser afeita a romance, e gauchescas, por considerar músicas de velho.

G: Que tipo de música que tu mais gosta assim?

A: A mãe moderna, eu já tô na vibe das crianças né e do meu filho mais velho que agora já é de... adolescente. Eles colocam funk, eu escuto funk.

G: E tem algum outro tipo de música que tu lembre que tu gosta?

A: Ah, eu gosto das internacionais que dá na Atlântida. Eu não gosto de romântica. Eu não gosto de gauchesca. É difícil, meu marido... ele é apaixonado, ele é fã dessas gauchescas. Ele se levanta de manhã e já coloca gauchesca, eu não gosto de gauchesca não.

G: E por que tu não gosta, é assim de alguma coisa da letra da música ou da batida da música?

A: Eu não sei ele gosta de Teixerinha, coisa velha, eu gosto assim, vamo supor "Perigosa", eu gosto assim mais atualizada, umas músicas até posso até ter gostado, não vou dizer que eu não gosto nada, mas é umas músicas gauchescas mais atual assim, mais conforme tá, não assim muito, muito velho, "Velho Casarão", ai não, isso é do tempo do pai.

A família também arca com as mensalidades do serviço de streaming Netflix, pago pelo filho mais velho; rede de internet wi-fi e antena de canais por assinatura. Não costuma ler jornal impresso, principalmente pelos exemplares não chegarem até à zona rural da cidade. Já livros e revistas, quando tem acesso - principalmente, livros infantis, enviados pelas professoras para as crianças, como tarefas de aula - costuma ler.

A internet é utilizada todos os dias, dentro da residência. Atualmente, baseia seu uso na procura por editais para ingresso no campus da FURG em São Lourenço do Sul, acessar notícias e diariamente buscar lançamentos de músicas que vê nas publicidades da televisão, a partir do Youtube. Ágata utiliza o Whatsapp todos os dias para dialogar com os integrantes da associação quilombola, falar com os filhos e receber recados das escolas onde eles estudam. Além disso, como tem conta no Facebook e no Instagram, no período eleitoral utilizou as redes sociais para se atualizar sobre a disputa, demonstrando grande conhecimento sobre os tensionamentos existentes naquele momento.

G: Da política assim, tu acha que tu mudou tua opinião das coisas que tu viu na internet ou não? Tu ia lendo o que tava para formar tua opinião?

A: Não, eu já tava com a minha cabeça prontinha que eu ia votar no Lula. Ai eu pensei que Olívio ia ganhar, não ganhou, infelizmente. Ai eu não ia, de jeito, eu sou bem sincera, eu não ia votar no Eduardo Leite de jeito nenhum, porque eu sempre disse, foi uma afronta ter dois anos de pandemia aí depois ficar os 84 dias sem escola, eu achei um absurdo, eu não ia votar nele, de jeito nenhum, de jeito nenhum, de jeito

nenhum. Aí eu tava torcendo pro Edegar Preto, né? Aí ele não entrou, aí entre o Onyx e o Eduardo Leite eu falei vou ter que me desfazer do meu pensamento porque eu achava que o Onyx era muito ruim. Aí eu falei "E se eu colocar em branco, o meu voto vai pra ele igual", aí então então eu votei, mesmo contrariada.

Verificamos as postagens de Ágata no Facebook no último ano. Ela não escreve nada no espaço de apresentação da rede social. O perfil não tem muita movimentação, e as postagens giram em torno de: 1) agradecimento pelas mensagens recebidas na passagem de seu aniversário; e selfie sozinha, no local onde experimentava a peruca que comprou, informando os amigos sobre a data, onde escreveu “*Mais 1 ano se passa e eu estou aqui pra comemorar meu aniversário. É hoje!*”; 2) fotos dos dois filhos mais novos realizando tarefas domésticas, que valiam pontos em uma gincana promovida pela escola rural onde estudam; 3) compartilhamento de montagens de páginas com mensagens de resiliência que afirmam o seu papel como uma mulher batalhadora, com dizeres como “*a única coisa que cai do céu é chuva, o resto é luta*” e variações dentro do mesmo tema; 4) várias marcações feitas por amigas em salões de festas do interior, incluindo transmissões ao vivo dançando, com mensagens que falam sobre o dia. “*Nesse vc estava super doida e eu também kkkkk*” escreveu a amiga em uma publicação; 5) Marcações de outros participantes sobre a sua presença em encontros quilombolas regionais, como na cidade de Canguçu/RS; 6) Marcação feita pela revenda de carros com uma foto dela e de seu companheiro segurando as chaves em frente ao automóvel adquirido; 7) Marcações da filha em publicações enaltecendo seu papel como mãe e mulher. No dia das mães, a menina fez um vídeo com montagens de várias fotos das duas, onde escreve “*Mae vc e guerreira e batalhadora*”; já no Dia Internacional da Mulher, ela escreve a seguinte mensagem e marca Ágata na publicação.

Feliz dia das mulher que todas as mulheres fique bem e trabalhe muito nem uma mulher depende do homem todas as mulher sabem se cuidar e dar todas as coisa pra seu filhos nunca esquece que a mulher pode fazer mais que o homem te amo mãe 🤗🤗🤗🤗🤗🤗🤗🤗🤗🤗

Ágata segue apenas seis páginas no Facebook, entre elas páginas de artesãs, da Delegacia Municipal, frases de cantores e uma página sobre energia solar. Também verificamos o seu Instagram, mas o perfil não tem nenhuma publicação na linha do tempo. Ao longo do ano, percebemos um grande fluxo de postagens de Ágata nos stories, em publicações que se apagam por 24h, tanto do Facebook, quanto do Instagram. Geralmente são selfies, onde ela está sozinha, com lace¹³⁷ no cabelo.

¹³⁷ Peruca de cabelo natural.

Em caso de emergência, ela acredita que acionaria primeiramente junto aos seus vizinhos, em seguida no rádio e por fim, ligando para alguma pessoa próxima.

Na entrevista, quando pergunto se alguma vez ela já se sentiu discriminada, Ágata diz que isso é o que mais acontece. Pergunto por que, e ela explica:

O principal porque eu sou negra, né? E outra que eu não sou muito de ficar quietinha, né? Ah se eu tô achando que tão falando mal de mim ou se tão achando que... eu falo, pra falar a verdade eu falo, gostando ou não gostando, eu posso tá errada (...) mas mesmo assim eu falo, depois se eu tiver realmente errada, eu peço desculpa, porque eu não tenho essa coisa de não pedir desculpa, eu peço desculpa, mas que eu falo, eu falo, eu falo.

Dá como exemplo, então, o fato de que recentemente a cooperativa de produtores da qual é associada estava recrutando jovens aprendizes. Segundo ela, entre os selecionados, estariam "*todos os tipos de pessoas*", exceto negros. Assim, logo foi tirar satisfações diretamente com o presidente da entidade. "*Eu falei 'tá, mas vocês não vocês não tão sabendo que o jovem aprendiz é pra menor, que tem que ter negro também, deficientes' expliquei direitinho*". A situação nos faz lembrar da filha de Janaína, interlocutora pomerana, que ao se inscrever para a seleção como menor aprendiz de um mercado, logo foi chamada.

No caso envolvendo o filho de Ágata, a interlocutora conta que ponderou com o responsável pela cooperativa que, enquanto diversos jovens selecionados viriam de localidades distantes, exigindo gastos com deslocamento, seu filho mora perto e poderia ir de bicicleta, em um trajeto que ele faz constantemente para buscar produtos no local para a família. Conta sobre o diálogo:

*Ele vem aqui ó, quando a gente pede, ele vem aqui e busca a gasolina, ele vem aqui e busca farelo, ele vem e busca milho, todo mundo na volta conhece ele, por que não dá uma oportunidade pro meu?" Ah, mas por causa disso, por causa daquilo. "Não, não querem negro, não é?", deixei bem claro. "Não querem negro, é esse é o critério de vocês. Vocês não querem negro. Vocês querem os negros é só para estar ali ó na máquina carregando e descarregando, pra tá tirando e enchendo o caminhão, é para isso que nós servimos, porque aqui dentro do escritório ou na frente, de recepcionista, vocês não querem os negros". Aí o homem ficou todo sem graça, "não, mas não é assim, coloca no outro ano, tenta no outro ano", eu falei "não, é esse ano, tá aberta as vagas ainda". Aí o homem pegou, escutou, me escutou e se fez de besta porque ele tava sabendo que eu tava com a razão, se fez de besta. Aí eu falei assim, agora quem não quer sou eu. Aí depois ele até ligou e falou "ai não, quem sabe ele vem", falei não, antes quando eu fui lá, falei numa boa, aí não quis, **agora quem não quer sou eu, porque eu também não preciso tá me humilhando.***

Pergunto se ela se sente representada nos conteúdos midiáticos que consome, e ela diz que quando é relacionado aos negros, sim. Porém, ressalta que isso geralmente só acontece em novembro, em função do mês da Consciência Negra. "*Chega em novembro tudo acontece, né, mas não é só o novembro, mas e os outros mês, os outros anos, as outras coisas assim, né. Agora quando chegar novembro, eles colocam só filme de negro, só mostram coisa bonita, mas*

aí depois né?". Assim, conta que quando foi à Brasília, descobriu que quando for fazer alguma palestra ou atividade representando o dia 20, deve ser remunerada, demonstrando a importância da mobilização social.

*A: Nós **não precisamos ir de graça**, falar lá bonitinho, de graça, tem remuneração. Aí eu até disse pra professora lá na escola da mana [filha], se tiver alguma coisa aí ó, já vamos abrindo o bolso, que eu não vou vir fazer mais nada de graça, ainda mais agora que eu soube que eu não preciso estar falando de graça, **não vou tá fazendo mais nada de graça** porque eu perco meu dia, eu dou uma explicação, alguma coisa, só naquele dia, só naquele mês, depois ninguém me chama mais pra nada. Aí eu falei para ela.*

G: E tu acha que assim os eventos ou filmes, essas coisas, no resto do ano não tem tanto?

A: Não, não. Sim, a maioria às vezes muito dos filme tem os negros ali, mas a gente sabe muito bem que eles puxam realmente quando é novembro. Aí eles colocam ali homenagem, pra representar, ou quando tem um evento realmente, é sempre em novembro. Aí depois em dezembro, janeiro, fevereiro, não acontece mais nada.

Pergunto como ela considera que a mulher urbana é representada na mídia, e ela cita que elas estariam sempre "arrumadinhas" e "na boa". "*Com uma bolsa, mas **não quer dizer que nós moramos pra fora, nós também não podemos estar numa boa de uma bolsa que a gente não sabe tá bem arrumado***" destaca.

*Se eu vou num evento grande, vamo supor que nem lá pra Brasília. Eu peguei minha melhor roupa e coloquei na bolsa, que eu tava indo num lugar diferente também com um eito de gente, todo mundo bem arrumadinho, eu peguei minha melhor roupa, mas se é pra mim ali em São Lourenço. **A maioria é que nem eu, às vezes até pior do que do que eu.** Ah, eu pego e coloco uma roupa normal, não vou dizer que eu vou esculhambada, toda mal arrumada. Mas é só ali em São Lourenço, olha São Lourenço pra Brasília, eu tava lá com a minha roupinha bonitinha, arrumadinha.*

Já em relação à presença da mulher rural, Ágata considera que a mídia costuma sempre fixar a imagem junto à lavoura, como se só existisse isso.

*Sempre colocam na colônia mesmo, tu já viu? Eu não sei se tu viu, mas **eu sempre fico cuidando**. Quando é do colono mesmo, ele sempre colocam na lavoura, capinando ou fazendo alguma coisa com os bichos assim, aí eles nunca também... fico pensando assim, que mesmo a gente morando na colônia, podia colocar, ah tá lá na colônia, mas tá numa bela de uma casa, e aí na colônia tem umas casas boas, né? Tem muita gente que trabalha de sol a sol e tem uma boa de uma casa, mas eles não, eles colocam uma casinha mais simplezinha, mexendo na horta, essas coisas.*

Pergunto então se as pessoas do interior que aparecem nos telejornais ou telenovelas são mais negras ou mais brancas, e ela acredita que seriam mais brancas, ressaltando a escolha da mídia também por grandes produtores.

A: Mais brancas, sempre. Porque os alemão, mesmo que tenham as terras mesmo pra produzir, quando tem uma reportagem de uma estiagem ou vamo supor se ganhou alguma coisa, fez um projeto, eles sempre vão nos grandão, que tem terra, que tem trator, que tem tudo. Eles nunca procuram uma casa mais simples, uma pessoa negra assim que não tem, que nem eu sempre digo, ó, eu não tenho terra, eu só tenho um pedacinho, mas o meu pedacinho aqui ó, eu tô com ele tudo plantado, tudo produzido. É basicamente o pessoal da Emater, do Capa que vem aqui, nunca um pessoal numa reportagem veio fazer uma reportagem comigo aqui no meu pedacinho pequenininho. Ninguém, tirando o pessoal da Emater, do Capa e da FURG sabe que nós passamos necessidade com água, mas mesmo nós passando necessidade com água, nós temos aqui plantadinho as nossas coisas, plantadinho. Ai nessa parte assim, muita das vezes ninguém sabe que a gente... nem que falta água, nem que a gente planta num pedacinho pequeno, porque ninguém ninguém fica assim querendo saber. Eu digo que eles às vezes nem te procuram porque tu não dá mídia.

G: Tu acha que se aparecer não vai chamar tanto...

A: Atenção como de um grande produtor, não. Do que tem bastante terra, do que tem uma boa de uma casa, não.

Como ela afirma assistir bastante telejornal, questiono se em alguma oportunidade já viu reportagens sobre comunidades quilombolas da região. Diz que comunidades quilombolas não, mas que recentemente viu uma reportagem sobre a Escola Comunitária Família Agrícola, de Canguçu/RS, que oferece ensino médio e técnico em Agroecologia simultaneamente, e pensou em matricular seu filho. O plano foi interrompido em função da indisponibilidade de ônibus e da falta de água e terra da propriedade, uma vez que, em sua concepção, as coisas aprendidas pelo primogênito não poderiam ser implementadas no local. Pela mesma razão, conta que também perdeu a oportunidade de vender alimentos para a merenda escolar de onde os filhos estudam, e dar início à produção de pepinos e morangos, um desejo antigo.

Ainda em relação à representação midiática, pergunto como Ágata define quem é pobre e quem é rica dentro de uma trama de telenovela, e ela diz que “*A rica tá sempre lá sentadinha tomando a champanhe bem arrumada e quando é o pobre, não, o pobre ou é empregado, ou tem uma casinha miserável e toma um refrizinho vagabundo*”. Completa dizendo que “*o rico anda no carrão, só os carrão e na boa da roupa, e o pobre não*”, demonstrando o papel da mídia na construção de ideais de consumo a partir da classe ocupada por cada personagem.

Pergunto, então, se ela considera que mulheres brancas e negras são representadas da mesma forma, e ela diz que não, pois os negros, em sua concepção, estão direcionados a papéis subrepresentados.

O negro é sempre lá pra ser o empregado, é a maioria. Eu fiquei contente quando a Maju¹³⁸ começou a noticiar o Jornal Hoje antes, eu falei quando uma nega vai tá no

¹³⁸ “*Maria Júlia Coutinho, também conhecida como Maju Coutinho, é jornalista. Ficou famosa como garota do tempo no Jornal Nacional, na Globo, a primeira mulher negra a ocupar esse posto. Em 2019, tornou-se âncora do Jornal Hoje. Em 2021, deixa o telejornal para assumir a apresentação do Fantástico ao lado de Poliana Abritta, substituindo Tadeu Schmidt*”. Disponível em <<https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/maju-coutinho>> Acesso em 15 mar. 2023.

jornal hoje, aí ela apareceu aí eu falei bah, olha ali, pelo menos uma. Aí depois tiraram ela, agora colocaram lá pro Fantástico¹³⁹. Aí Fantástico já é domingo, o pessoal já sai ou às vezes nem olha (...) O Jornal Hoje não, maioria às vezes quando tá calorão mesmo, estão em casa, ligam ali o Jornal Hoje para olhar... ou quem tá trabalhando assim, dá uma olhadinha no Jornal Hoje, aí a gente via todos os dias a Maju ali.

Questiono Ágata se o fato de ver Maju na tela da TV estimularia as pessoas e ela diz que "queria ser ela". "**Eu queria ser ela, queria ser a Glória Maria também, queria ser elas, mas... aí já esconde a pessoa que é pra gente não pensar muito em já tá sabendo não. Pra essas coisas, tu não vai aparecer muito não**".

A partir dessa fala, Ágata ressalta a importância da representatividade negra nas imagens da televisão, e demonstra uma leitura crítica apurada. Nesta oportunidade, além de diversas outras vezes ao longo da entrevista - como quando fala da intenção da mídia na escolha por determinados entrevistados para representar as pessoas do campo, ou na construção de imagens sobre pessoas pobres e ricas - Ágata demonstra estar atenta a tudo que consome.

Assim, questiono se ela lembra de algum personagem da televisão em que ela veja sua vida representada, que faça ela se lembrar de si.

*Ah, eu gosto da Taís Araújo e do Lázaro Ramos, porque olha o Lázaro, ele começou ali, ó, só com a novelinha e agora já é diretor. Ele grava, ele faz filme. E a Taís Araújo, ela também ó, ela a gente vê, quando eu vejo ela na novela, eu fico encantada com ela. Por ela ser uma **boa profissional, ter um marido bom também e é negro que nem a gente**. E aí também tô naquela fase assim que nem ela, ó, dos cabelo... porque ela também troca toda hora os cabelo. O "nego" meio a única coisa que nós, que é o meu defeito total dos cabelos, eu não posso com o tal dos cabelos. Agora já comprei a lace. Aí agora tá tô meio desgostosa da lace. Até já perguntei pra NegraX quando ia ser as últimas aulas dela, pra ela colocar as tranças. [rindo] Ai quando eu enjoio das tranças, aí eu já vou lá na farmácia e compro pra alisar, aí como ela também faz essa muita troca de cabelo [Taís Araújo], **a gente se identifica, né? Que nem agora, na novela das sete. Ela tá com os cacheadinho, tá com liso. Eu já falei ó, fui lá comprei um cacheadinho, agora já tô pensando em colocar as tranças***

Ágata deixa evidente o papel das imagens da televisão no posicionamento que tem no cotidiano e na forma que se relaciona com sua beleza, principalmente a partir dos cabelos. Além disso, cria paralelos entre a sua vida e a da atriz, que segundo ela, é uma boa profissional e casada com um bom marido. Chama atenção que mesmo casada com um homem branco, Ágata ressalta que Taís é casada com um homem "negro que nem a gente". A interlocutora também se identifica ao ver o avanço profissional de Lázaro Ramos, que começou "com a novelinha e agora já é diretor", indicando que acredita que seu avanço se dá porque é trabalhador, assim como ela.

¹³⁹ "Em forma de revista eletrônica, o programa mistura jornalismo, denúncia, esporte, humor, dramaturgia, música e ciência". Exibido aos domingos à noite. Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/>> Acesso em 15 mar. 2023

Quando trabalha fora, Ágata tem costume de acordar pela madrugada e voltar para casa por volta das oito da noite, realizando períodos de descanso na fazenda que está. Assim, a limpeza da casa e alimentação da família, assim como a gestão dos animais da propriedade, é dividida entre todos os integrantes. O marido apenas não cozinha quando a família recebe visitas.

Quando as crianças eram pequenas, Ágata e o filho mais velho dividiam os cuidados com os mais novos. Como não há creches no interior, eles acompanhavam a mãe na lavoura.

Aí tinha vez assim quando era inverno aí essa aí [filha] era 'Maria Berrona', aí ela chorava porque às vezes tinha geada aí quando vê mesmo colocando bastante roupa e sapato, essas coisas, eu sempre cuidei muito bem deles dessa parte de roupa, sapato essas coisas. Aí eles logo de começo assim, eles ficavam meio parados, né? Quando cai geada tu tem que se movimentar, né? Aí eles ficavam meio parados, sem brincar, sem nada. Daí ela chorava, 'Maria Berrona' chorava "aí, tá frio", depois vinha o sol, ou começava a brincar e já esquecia.

O dinheiro recebido tanto por ela, quanto pelo companheiro, é guardado no mesmo local, onde os dois têm livre acesso. Eles costumam ir às compras juntos, geralmente uma vez por vez no supermercado grande do interior.

Em seu tempo livre, Ágata conta que gosta de mexer no celular e assistir filmes. Enquanto os filhos e o esposo preferem os filmes de ação, que ela também assiste, ela gosta de filmes de música, como todos da sequência *Ela dança, eu danço*¹⁴⁰. Diz que a escolha é porque gosta realmente de dançar. Entretanto, ressalta veementemente que não gosta de filmes de romance.

Eu só não gosto de romance, pelo amor de Deus, eu não sou, eu não sou daquela.. se me derem tudo bem, mas eu não sou daquelas que ah, Dia dos Namorados, ganhar bombom, flor não... esquece essas coisas. Colocar uma música romântica, aí, aí, meloso. Quando tá dando essas músicas meio assim, aí, Marília Mendonça, essas coisas, aí meu Deus, já tá dando essas música melosas.

Também cita como um filme que gostou a obra *Estrelas Além do Tempo*¹⁴¹, que retrata a realidade de mulheres negras que trabalhavam na Nasa, em um período de segregação racial nos Estados Unidos. O filme foi assistido em um encontro do movimento negro, em Pelotas.

¹⁴⁰ É uma franquia de filmes que tem como enredo principal a música e a dança. O primeiro foi lançado em 2006, mostrando o universo do hip-hop e do balé clássico. Ver mais em <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-111632/> Acesso em 15 mar. 2023

¹⁴¹ “Em plena Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética disputam a supremacia na corrida espacial ao mesmo tempo em que a sociedade norte-americana lida com uma profunda cisão racial, entre brancos e negros. Tal situação é refletida também na NASA, onde um grupo de funcionárias negras é obrigada a trabalhar à parte. É lá que estão Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughn (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), grandes amigas que, além de provar sua competência dia após dia, precisam lidar com o preconceito arraigado para que consigam ascender na hierarquia da NASA”. Disponível em <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-219070/> Acesso em 15 mar. 2023

A: *Esse aí eu adorei aquele filme, nós olhamos lá. Aí a mulher nunca podia usar o banheiro, nunca podia usar o banheiro, ela tinha que sair do serviço dela, ela andava, andava uns quarteirão, descia uma descida, ia num metrô, ela fazia as necessidades dela, aí ela voltava pro serviço, aí um dia ela criou coragem aí o patrão perguntou porque que ela demorava às vezes uns minutos, aí ela falou. "Tá, mas eu não posso usar o banheiro que é só para os branco, aí quando vê o homem pegou e foi lá e quebrou, "agora o banheiro é pra todo mundo"*

G: *aí esse tu viu lá em Pelotas, num encontro assim?*

A: *É, dois dias nós fizemos um encontro né? Aí nós até ficamos por lá, aí até ficamos num hotel por lá, aí nós pegamos e fizemos assim de janta assim meio um lanche e assistimos um filme que era esse.*

Eventualmente, assiste a seriados, dizendo que gostou de *Verdades Secretas*¹⁴². Na televisão, costuma assistir telejornais (*Jornal do Almoço* e *RBS Notícias*¹⁴³), junto com todos os integrantes da família. Sem companhia, é a única do grupo que costuma ver novelas, geralmente enquanto mexe no telefone, simultaneamente. O momento do telejornal é esperado ansiosamente. *"Quando chegou ali 19:10, se eles tão olhando no SBT ou em outro lugar eu digo 'Coloca lá, vai dar o RBS Notícias, depois pode olhar', ou até um filme mesmo, 'Vamos olhar o RBS Notícias, depois coloca um filme'".* Entre o tipo de informação que lhe interessa, estão as notícias diárias e a previsão do tempo, essencial para a lida na lavoura.

Os canais mais assistidos são Globo, SBT e Record e, como telenovela favorita, cita *O que a vida me roubou*, obra que, segundo ela, assistiu integralmente três vezes no SBT. O enredo tratava de questões de classe.

G: *E o que que te chamava mais atenção nessa novela assim? O que que da história que tu gostava?*

A: *A história era que o ator principal ele pegou ele era pobre e aí depois o pai dele era rico, mas ele nem sabia que o pai dele era rico, né? E aí depois a guria que ele gostava ela era rica, né? Mas ela gostava de um pobre, mas só que ele era marinheiro, né? E o pai dela e a mãe dela não queria que ela namorava ele. Aí depois acabou que ela não ficou com ele, com o marinheiro, ela ficou com o outro que era o pobre, o Alessandro que era pobre, depois ficou rico*

(...) ele era capataz, aí o velho, o pai dele que era rico. Aí depois caiu o avião, aí ele ficou 15 anos em coma aí quando ele acordou do coma, quando ele se lembrou de verdade, quando ele voltou para o Brasil, era bem no dia do casamento da Monserrat com o outro, aí ele viu ela se casando com outro, aquela novela era boa

Pergunto se ela tem algum personagem favorito de alguma trama, e ela cita as personagens da atriz Taís Araújo e os participantes do *Big Brother Brasil*, Arthur Aguiar¹⁴⁴ e Gil do Vigor.

¹⁴² "Abandonada pelo marido, Carolina se muda para São Paulo com a filha Arlete, uma linda jovem que sonha em ser modelo. Porém, por trás do glamour do mundo da moda, está o tentador e perigoso submundo da prostituição de luxo". Disponível em <<https://globoplay.globo.com/verdades-secretas/>> Acesso em 15 mar. 2023

¹⁴³ Telejornal noturno RBS TV, exibido às 19h15. Ver mais em <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/videos-rbs-noticias/>> Acesso em 18 mar. 2023

¹⁴⁴ Participante do BBB 22.

G: *Big Brother tu costumava ver?*

A: *O Big Brother e A Fazenda¹⁴⁵, mas não dessa temporada, que essa temporada tá péssima. É o que eu eu perco meu tempo, olhando*

G: *Mas o que que tu gosta de ver assim quando tem esses programas? que tipo quando tem as provas? ou quando tem brigas?*

A: *Não, eu gostava do Gil e daquele que era professor (João¹⁴⁶). (...) Eu gostava do Gil porque aí os outros sempre falavam que ele era gay, o gay, o gay louco, escandaloso, isso e aquilo. Aí eu falei, quer ver que é esse que eu vou gostar, aí eu gostava do Gil.*

Como atividades de lazer, diz que gosta de sair com as crianças, em atividades como jogos de futebol e festas de igreja. Com exceção das viagens que realizou como representante da comunidade, nunca conseguiu viajar por lazer com a família. Eles pretendem fazer a primeira saída em conjunto após o final de 2022, com destino à Sapiranga.

Em algumas oportunidades, Ágata foi ao cinema e a feiras, como a Fenadoce¹⁴⁷, em Pelotas, em excursões organizadas pelas escolas dos filhos. “*Se tem uma excursão esse é baratinho aí dá pra ir, é que a gente gosta de sair todo mundo. O meu marido até que pode ficar pra trás, né? Mas das crianças eu sempre digo, todo mundo vai ou ninguém vai*”, explica.

Quando pergunto o que sua família lhe ensinou sobre ser mulher, ela conta que a criação dada pela mãe era “puxada”, pois a matriarca cobrava disciplina e precisão na realização das tarefas da casa e artesanatos. Apesar disso, ela não se identificou com algumas partes desse tipo de trabalho, muito vinculadas socialmente ao universo feminino. Ela também lembra que nunca teve o costume de brincar de boneca, preferindo brincadeiras na rua.

A mãe sempre fazia nós aprender assim, na parte da cozinha assim, manter uma casa limpa, essas coisas. Saber costurar, não sei costurar, a mãe até tentou, não sei nem colocar um botão, não me interessa também nessa parte da costura, fazer crochê, essas coisas, não, não conte comigo. Essas coisas são muito paradeiro para mim. Eu sou muito elétrica, pra tá fazendo essas coisas. Esses tempos eu fui obrigada a colocar um botão, ficou tudo errado.

Ainda assim, diz que como ela a mãe não diferenciava por gênero entre os filhos e filhas as atividades que cada um desempenharia.

A: A mãe sempre falava que todo mundo tinha que fazer alguma coisa, meus irmãos também, eles faziam as coisas, cozinhavam, varriam, essas coisas tudo. É que nem aqui em casa, não tem dia. “Ah, a mana é menina, ela tem que fazer as coisas aqui dentro”. Não, ela pode fazer tanto aqui, dentro como lá fora, e os guri também no entanto o mais velho faz tudo, ele faz comida, ele faz pão, ele lava a roupa, ele só

¹⁴⁵ “O reality show mostra um lado desconhecido dos participantes que serão testados em tarefas típicas do meio rural. Esses novos caipiras, que antes só faziam esforço físico na malhação da academia, terão que acordar com as galinhas, enfrentar o trabalho na roça e ainda provar que são inteligentes e fortes o bastante para aguentar as armadilhas de um confinamento. Eles têm que lidar com questões comuns ao meio artístico, como vaidade e opinião pública, além de temas bem pessoais, como amizade, amor, raiva e a saudade de casa”. Disponível em <<https://afazenda.r7.com/a-fazenda-14>> Acesso em 15 mar. 2023

¹⁴⁶ Participante do BBB 21.

¹⁴⁷ Feira Nacional do Doce. Evento gastronômico que valoriza a cultura doceira da cidade de Pelotas/RS.

estende mal (rindo) (...) É, eu sempre digo, não tem essa história de menina isso e menino aquilo, é igualmente pra todo mundo e a mãe também, a mãe ensinou nós também.

A única coisa que, segundo ela, a mãe impunha mais restrições às meninas, era sobre a sexualidade. "*Não fosse muito assanhadinha, essa parte assim, aí fica com um, fica com outro, fica com outro. Agora é diferente, mas nosso tempo não era assim, né?*".

Questionada se tem alguma escolha de vida da qual se arrependa, Ágata diz que às vezes reflete se ter deixado a casa alugada em São Lourenço, dez anos atrás, e voltado ao interior, foi a escolha correta.

A: Agora eu fico pensando assim lá em São Lourenço, quando precisava ir no hospital era bem pertinho, quando precisava ir numa farmácia, era bem pertinho quando precisava ir no mercado, o mercado trazia em casa, essas coisas. Aí às vezes eu fico pensando assim, aí não era pra ter vindo pra colônia, às vezes

G: Mas tem umas coisas boas daqui também?

A: A única coisa que é ruim aqui fora é vamo supor se tu ficar realmente doente. Tu tem que pedir pra alguém te levar pra ir lá pra São Lourenço pra ir no médico. E outra coisa depois quando veio essa pandemia, porque antes a gente tinha bastante horário de ônibus, até domingo tinha horário de ônibus. Agora não, agora eles cortaram assim drasticamente os horários de ônibus, a gente quase fica a mercê, sempre, que nem nós, nós temos o carro, mas aí a gente não tem carteira. A gente pede pra uma pessoa levar quando a gente realmente precisa que não tem horário de ônibus, mas é sempre aquela coisa de tá dependendo dos outros, né?

G: E tem um lado bom assim que tu acha de morar aqui fora?

A: Lá eu não tinha casa própria, e aqui eu tinha uma e ganhei essa outra (...) Já participava da associação, mas não tanto que nem agora, né. É, dessa parte assim, né? E aí aqui eu planto minhas coisinhas, tenho minhas coisinhas.

Para ela, entre os momentos mais importantes da sua vida, até agora, estão a formatura do primogênito no prezinho e a festa de sua primeira comunhão.

A: Eu gostei quando o meu filho mais velho fez a primeira comunhão e quando fez a formatura, tava tão bonitinho, aí era meu primeiro, né? Aí eu comprava tudo de bom que tinha lá na Pompéia de roupa, essas coisas, era tudo pra ele

G: A formatura do prezinho tu diz?

A: É, era pra ele. E aí depois quando ele fez a primeira comunhão lá na igreja lá nós fizemos uma festa bem legal assim para ele, vestimos embonecadinho, bonitinho. Eu gosto dessas coisas, assim. Aí tinha bastante gente. Eu fiz festa, mas eu não pedi nada pra ninguém assim, né? Todo mundo deu que o que queria dar

Se tivesse a possibilidade de comprar algo nesse momento, buscaria trocar seu sofá e, como sonho de consumo, tirar a carteira de motorista, considerado por ela, também, seu maior sonho da vida.

Sabe aquele recurso que veio da estiagem, aí eu e o meu primo fomos os únicos da associação que nós não recebemos. Até recorri, aí agora dia 16, não sei, eles iam mandar uma resposta, mas eu queria pra ontem meu dinheiro. Se sáisse esse dinheiro eu ia pegar e já ia sair amanhã mesmo desabalada (...) lá pra São Lourenço pra pagar a minha carteira

Com a permissão de dirigir, Ágata já pensa no próximo ano, quando possivelmente estará matriculada no ensino superior e precisará se deslocar até a cidade para as aulas. Diz que tem medo de dirigir e só é habituada à bicicleta, assim como os pais, que nunca tiveram acesso a carro e moto. Hoje, ela e o marido têm os dois veículos, mas nenhum deles dispõe de carteira de habilitação, mesmo assim o marido dirige nas estradas do interior, sem fiscalização.

4.2.3 Pérola Negra

Pérola Negra¹⁴⁸ tem 43 anos, é natural de São Lourenço do Sul e mora em um dos distritos rurais do município, distante cerca de 50km da zona urbana, vivendo com o marido e a filha de nove anos em uma propriedade rural que também comporta a casa da sua mãe, que mede aproximadamente dois hectares¹⁴⁹. Ela se autodeclara negra, filha de pais também negros. Seu companheiro tem origem pomerana e é branco.

A Fundação Palmares reconheceu a comunidade onde Pérola Negra vive como Remanescente de Quilombo em 2010. A comunidade é composta por 17 famílias que dividem uma área de 48 hectares, que foi originalmente ocupada por famílias de escravizados fugidios (BUCHWEITZ et al., 2010). Atualmente, os moradores não possuem documentos de propriedade da terra, assim como Pérola Negra, que relata que possui posse individual da área onde mora, embora não possua o título de propriedade.

Nossa primeira entrevista aconteceu em uma tarde de março de 2022, enquanto a filha estava na escola e a segunda em janeiro de 2023, época em que o marido estava em casa, de férias, e a filha passava alguns dias na cidade, na casa da tia, para aproveitar a praia.

Atualmente, a renda principal da família é gerada pelo esposo, que trabalha como representante comercial de produtos agrícolas, recebendo mensalmente R\$1.500. A renda é complementada com a venda de animais e alimentos excedentes produzidos por Pérola Negra na propriedade. Ela afirma que, ao todo, a família vive com rendimentos mensais que não ultrapassam dois salários mínimos.

O marido fica fora durante a semana, visitando produtores da região, vendendo rações e insumos. Ele terminou o ensino médio e por um tempo, cursou enfermagem à distância, mas está com a graduação trancada desde a primeira entrevista pela indisponibilidade de cursar os estágios necessários para a finalização do curso.

¹⁴⁸ Nome fictício escolhido pela interlocutora. Questionada sobre sua motivação para a escolha, disse que gosta muito desse nome. Evidencia-se o seu desejo de trazer a temática racial na nomenclatura.

¹⁴⁹ Utilizando a classificação adotada pelo Incra, consideramos que Pérola Negra vive em um minifúndio.

Já Pérola Negra é formada em Educação do Campo pela UFPel e já atuou na área, em contratos temporários. A falta de concursos e a dificuldade de inserção no mercado formal, porém, tem lhe mantido atuando na agricultura. Todas as instituições em que ela estudou até o momento foram públicas, incluindo a universidade.

Ela costuma plantar na propriedade familiar e em terras próximas culturas de feijão, milho, batata-doce e verduras. Ressalta, porém, que em virtude das más condições climáticas e da dificuldade de acesso à água pela família (uma vez que as cacimbas secam no verão) as hortaliças nos últimos anos não têm se desenvolvido e ficam restritas à subsistência da família.

*P: **Eu sou agricultora, mas sou formada como professora, só que não sou concursada, né? Mas eu tô sempre na volta, né? Trabalho na agricultura.***

G: Tu planta só aqui na volta ou tu planta em outros lugares também?

P: Eu planto de sócio com outras pessoas assim, né?

G: Aham

P: Às vezes eu planto um pouco lá no meu sogro, aí aqui com o vizinho da frente ali também a gente planta também, milho, feijão, né... e planto sozinha aqui para nós, nós plantamos também, só que do ano passado para cá as coisas tão difícil, né? Não choveu no tempo certo. Até que colheram um feijão, mas aqui na volta não conseguimos colher milho, né?

G: Sim

P: A gente sempre planta milho sozinha, mas não deu essa vez.

G: É mais o feijão e o milho que tu planta?

*P: É, feijão, milho, batata-doce, as verduras né... Bah, verdura do ano passado pra esse ano também não deu porque não choveu no tempo certo, aí a horta tá sem nada assim... mas mais é para consumo assim né (...) **tá difícil, pra vender mesmo não tá dando, é só pro consumo.***

A seca, que foi pauta de nossa primeira conversa, no verão de 2022, voltou a assolar a região em 2023, preocupando a agricultora. No momento, a família já estava fazendo racionamento. “*Não dá pra lavar roupa quase, a gente lava quando junta bastante pra depois lavar. Tá complicado, é uma época bem difícil*”, explica, contando que tentou articular a implantação de um poço artesiano com o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), mas ainda não obteve sucesso.

É complicado, né, conseguir esses poços artesanais. E não é só eu né? Porque aí tem mais pessoas da comunidade que também não têm. Tem uns que ali agora essa época já não deve de ter [água], porque há bem mais tempo eles já não tinham água. E aí muitos mesmo tem que às vezes buscar na casa do vizinho de litrão e trazer para casa.

No intervalo das nossas entrevistas, Pérola Negra participou de um projeto viabilizado pelo Capa e pela Emater, que instalou em uma propriedade um quintal de frutíferas que estão em desenvolvimento. A iniciativa, realizada em outras residências, tem o intuito de fomentar a segurança alimentar das comunidades. Ela explica que a articulação do quilombo em que vive com as entidades diminuiu muito em função da pandemia, mas nos últimos tempos, estão

tentando retomar as atividades. “É pra vir projetos e aí inclui outras comunidades, mas os projetos demoram muito, né? E aí enquanto eles não têm alguma solução aí, eles dão uma parada. Teve algumas reuniões online também”, relata.

Seus pais eram casados e trabalhavam também com a agricultura, assim como seus avós. “Os dois [avós], da parte da minha mãe, e do meu pai, convivi bastante até com eles assim. E trabalhavam direto, né? Só que eles trabalhavam de peão, naquela época pra outras famílias assim, pra poder se sustentar né”, fala Pérola Negra sobre os avós.

Ela tem um único irmão que mora em Viamão e três primos homens - filhos de uma tia que era muda - que foram cuidados pela mãe de Pérola Negra. “A mãe pegou de responsável por eles, pela escola, era mesma coisa que irmãos, três meninos, e aí a gente né, tem eles como irmãos”, explica. Entre os primos, um mora na zona urbana de São Lourenço e os outros continuam na zona rural.

Quando as cinco crianças eram pequenas, seus pais trabalhavam como bóias-frias, mas com o tempo, o casal passou a plantar por conta própria, principalmente feijão. Alguns anos depois, seu pai se envolveu com plantações de fumo, o que, segundo ela, originou o câncer que o levou à morte há dois anos. Hoje, a sua mãe é aposentada e cuida da horta da família.

G: A tua mãe e teu pai no caso, eles já conseguiam trabalhar por eles, assim, de sócio?

P: É, uma época sim. Logo quando nós eramos pequenos, eles trabalhavam de peão. Aí depois nós fomos crescendo, aí tinha os meus primos. Aí a gente conseguiu trabalhar assim pra nós né? Plantar bastante feijão, o pai gostava muito de plantar feijão. E aí onde a gente foi se reerguendo assim, né, pra poder comprar as coisas, arrumar a casa. Aí ele trabalhou bastante com essa questão do feijão com nós, né, a turma toda ajudando. Mas sempre, a vida dele foi sempre trabalhar assim para fora. Por último ele trabalhava de... no fumo com o pessoal, até foi onde ele adoeceu, né? Porque ele teve câncer em função de trabalhar com esses produtos tóxicos, né? E aí ele já tinha tendência... ele já fumava, ele já bebia, né? E aí aquilo agravou bastante.

O ingresso de Pérola Negra no mundo do trabalho se deu cedo, quando ela ainda era criança e já acompanhava sua mãe. A interlocutora conta que apesar de atuar junto na lida, não recebia nada pelo que desempenhava, e hoje considera isso errado. Relata também que depois de um tempo, já adolescente, passou a trabalhar como babá.

P: Eu acompanhava a mãe, a mãe não me deixava mais sozinha quando eu tava com 11, 12 anos, né, ela não me deixava sozinha assim, né? Aí eu ia junto com ela, pra acompanhar ela no serviço que ela trabalhava na lavoura assim, e aí depois eu trabalhei fora, aí eu tinha 16 anos, aí eu comecei a trabalhar de empregada doméstica com 16 anos, de babá assim. Babá, empregada doméstica...

G: Antes tu só ia, assim, acompanhava a lavoura, mas não chegava a trabalhar?

P: Trabalhava sim, trabalhava sim. Acompanhava junto, assim. É claro, eu até talvez eu nem ganhasse porque eu não tinha né? Era muito novinha, né, mas deveria de ter ganhado. Hoje a gente sabe que deveria ter ganhado e não ganhou nada, né? Eles não me pagavam, eu só acompanhava a mãe

G: No caso era a lavoura dos outros e tu acompanhava

P: Isso, eu ia com a mãe, eles mexiam comigo. Apanhavam fumo assim, né? Aí eu também queria apanhar fumo, ajudava e tudo, né? Aí me dava calo na mão, claro, mão de criança tão sensível, né? Aquilo ficava com calo, com isso, com aquilo, eles mexiam muito comigo.

Atualmente a filha de Pérola Negra está no quarto ano do ensino fundamental e estuda em uma escola municipal próxima. Suas aulas são no turno da tarde, por isso pela manhã costuma ficar em casa com a mãe e a avó. Enquanto Pérola Negra incentiva sua filha a estudar agora, relembra que o ensino formal, para ela, nunca foi um caminho óbvio e sim, conquistado duramente.

Após a formatura no ensino fundamental, a interlocutora e o irmão foram para a cidade. Nesse período, ele morava com uma tia, enquanto Pérola Negra trabalhava como babá e vivia no serviço. Como o irmão era menor, ela era responsável por sustentar os dois, mas acabou não conseguindo conciliar a escola com o trabalho e as dificuldades que surgiram ao longo do caminho.

Após rodar, Pérola Negra começou a namorar com seu primeiro marido e largou os estudos quando decidiu casar. Com o fim do relacionamento, ela voltou ao interior e passou a trabalhar como empregada doméstica na casa de professoras da região. Foi uma delas que lhe incentivou a finalizar o ensino médio, a partir do Encceja, e ingressar na universidade.

*P: Eu nunca tive muito jeito pra lavoura, eu sei que já pensava em crescer. Aí depois o pai foi trabalhar fora, o meu pai trabalhava fora, né? Ficava toda semana fora, ganhava mais até por empreitada assim, aí ele disse não... acho que vocês vão estudar e aí onde ele colocou nós na escola e a gente, eu e meu irmão, os dois, chegava época da safra, de trabalho assim, terminava as aulas o meu irmão ia com ele e eu ficava com a mãe... aí se formamos na escola. Naquela época era oitava série dai. **E aí depois formamos, daí bah, foi uma grande alegria, né? Mas foi tão difícil pra nós ir pra cidade... a gente até foi, mas não conseguimos porque tinha que trabalhar e estudar e aí né?** O meu irmão mesmo era de menor, não podia trabalhar, né? E aí eu tinha que sustentar eu e ele, não dava dai.*

G: Quando tu foi pra estudar que tu começou a trabalhar de babá?

P: Isso, eu comecei a trabalhar de babá, é.

G: E aí tu alugava um lugar para ficar lá em São Lourenço?

*P: Não, eu até morei, eu morava no serviço. E aí o meu irmão morava com a minha tia naquela época, né? Ele morava com a minha tia e eu no serviço. Só que aí ele teve que desistir porque não dava... não né? Ele saiu e aí eu também né? Aí um ano eu ainda rodei. **E aí a gente fica muito desacorçada. Faz tanto esforço e aí não deu.** E aí depois no próximo ano "Ah vai, vai, vai". Mas aí eu já tava arrumando, querendo arrumar namorado, aquela coisa toda, aí fui um pouco e aí depois desisti. Aí resolvi casar e casei e aí também não deu certo, aí vim morar pra fora de novo com meus pais daí né? Aí fiquei aqui com eles. Aí trabalhei aqui fora, daí assim, né? Trabalhava de empregada doméstica nas casas das famílias, das professoras, né? Um bom tempo... aí uma das famílias até que era onde eu trabalhei e ela disse "Ah, quem sabe que faz uma faculdade.. Tu né? Conversa bastante e tal", aí naquilo já tinha também o projeto do quilombo, né, da pastoral do negro, né, sempre tavam na nossa volta. E aí elas "Aí quem sabe tu agora dá a alfabetização pros adultos". Bah, daí eu pensei, será que eu consigo... eu tinha só a oitava série né. Aí fiz o Encceja. E aí consegui. Aí eu comecei a dar alfabetização, o pessoal aqui na comunidade, aí já me empolguei, já fiz um vestibular, aí também passei, aí eu fiz faculdade. Daí fiz a distância, daí uma faculdade.*

G: E aí que ano tu que terminou a faculdade?

P: Aí eu fiquei né? Eu completei, eu fiz né a licenciatura em educação do campo em 2013 eu me formei, daí. Ah, foi uma alegria muito grande.

Quando Pérola Negra se formou, sua filha recém tinha nascido. Quando a criança tinha pouco mais de um ano, ela prestou um concurso, mas não passou. Com as responsabilidades de mãe aumentando e dificuldades financeiras surgindo, conta que deixou de estudar para outras seleções e passou a trabalhar em contratos temporários nas escolas da região. Conforme os contratos se encerraram e com o marido trabalhando fora, se adaptou à vida doméstica.

Só não consegui concurso, o concurso não foi fácil pra mim ... porque aí eu já tinha criança pequena, a minha filha já tava com um ano e pouco quando eu fiz o concurso, aí não consegui passar. E aí os anos foi passando, foi difícil também, bastante difícil, né? Foi uma época que era bem complicada assim, aí não fiz mais o concurso, trabalhei de contrato na escola um tempo, né assim. Mas aí fiquei na volta e agora a gente se adaptou mais a criação daí né, aí meu marido trabalha e eu crio da criação, porcos galinha, né, a gente cria pra vender... aí tem uma renda mais ou menos assim.

Pérola Negra diz que o seu sonho de consumo é tirar a carteira de motorista e aprender a dirigir, tendo a licença. Em seguida, fala sobre o desejo de trabalhar fora. "*Eu quero muito trabalhar fora. Não sei, eu ainda penso que no futuro ainda vou trabalhar fora assim (...) com 16 anos quando eu comecei a trabalhar eu sabia o que era meu dinheiro assim, né*". Dessa forma, diz que o marido não deixa faltar nada à família, mas que ela gostaria de ter mais autonomia dentro do sistema familiar. "*Ele não me deixa nada faltar, mas eu também queria contribuir, assim com o meu dinheiro (...) No caso, ele que me traz, aí eu que gerencio pra comprar as coisas. Mas é sempre em comum acordo né, o dinheiro tá ali, cada um pega pro que precisa no caso né*", explica.

A interdependência do trabalho reprodutivo e produtivo fica bem evidente quando pensamos na vida de Pérola Negra. Isso porque o marido, representante comercial, só consegue exercer sua função e ter uma família, simultaneamente, com a abdicação de Pérola Negra ao trabalho fora do lar. Apesar de, segundo ela, a situação ser causada pela falta de oportunidades na área da Educação, o que tem lhe impedido de ingressar no mercado de trabalho, a forma de organização atual privilegia o companheiro. Com Pérola Negra em casa, cuidando da manutenção da vida do casal e educando a filha, ele tem liberdade para viajar na região durante a semana.

Considerando a inexistência de creches públicas do interior do município, hipoteticamente, caso Pérola Negra viesse a assumir um cargo em sua área de formação, ela acredita que a probabilidade é que em sua ausência a criança seria cuidada pela avó, hoje aposentada, gerando sobrecarga em outra mulher que não recebe qualquer tipo de remuneração pelo serviço realizado.

Na nossa primeira entrevista, pergunto se ela gosta de trabalhar no que está trabalhando agora, ou o que escolheria, se pudesse. Ela responde que gosta, mas que “*gostaria sim de trabalhar como professora*”, e conta que estava fazendo cursos na internet de assistente social. Quando nos encontramos novamente, havia desistido das certificações. “*Eu fui empurrando. Quem sabe uma hora dessa*”. Um ano antes, relatou:

P: Era esse né o meu objetivo, né, mas não deu e agora faz o que, dois meses para cá, eu coloquei na cabeça que eu quero fazer alguns cursos. Antes eu não queria investir, porque investi muito pra faculdade, né? E aí eu não tive esse retorno. Mas aí eu disse agora como eu tenho internet, já tem dois anos agora né que eles vão ter internet, a pandemia exigiu isso tudo da gente. Meu marido tava fazendo enfermagem aí teve que colocar a internet, né, minha filha, por causa da escola. Aí eu comecei agora, na semana retrasada, comecei um curso de assistente social. Não sei como é que vai ser né

G: Coisa boa

P: Nunca gostei de tá parada, de ficar assim. Eu disse assim tô bastante enferrujada ainda, mas eu gosto dessa correria

G: Sim

P: Porque na época de faculdade mesmo foi uma correria muito grande.

G: E aí tu morava aqui e tu ia sempre para as aulas? Por semana [a faculdade era em Pelotas]

P: Sim, aí eram sempre sextas-feiras, aí eu trabalhava de segunda à quinta na casa de uma professora (...) Aí ela me deu né [a sexta -feira livre]? Ela me deu assim... eu trabalhava de segunda a quinta e quinta de noite eu vinha embora pra sexta poder ir pras minhas aulas, daí sexta de noite eram as minhas aulas.

G: Aí tu ficava na casa dessa pessoa direto..

P: Direto, de segunda à quinta, e aí depois quinta de noite eu vinha pra casa, aqui na mãe né, e no pai, aí sexta de manhã eu saía para a cidade. Aí eu ficava lá e na época o meu irmão tava casado, aí eu ficava na casa dele pra dormir. Sábado eu voltava de novo pra cá, era assim

Ela conta que atualmente, todos os dias, logo após acordar, costuma preparar o café. Em seguida, cuida da criação de porcos, galinhas e cachorros da propriedade e, ao terminar, dá atenção à mãe. “*No decorrer do tempo que eu vou tratar minha mãe mora sozinha, né? Aí eu vou lá, tomo um chimarrão com ela*”. Quando retorna, dá sequência às atividades domésticas e cuidados com a filha. Diariamente, também precisa cortar o pasto para os animais, atividade que chega a ocupar cerca de uma hora.

E aí assim durante o dia... aí tem limpeza de pátio, né, alguma coisa, se tiver alguma coisa na lavoura pra capinar e aí a gente vai. Mas eu prefiro ir mais acompanhada, aí eu alugo meu primo, aí eu digo pra ele se ele não tá trabalhando pra fora né [...] aí convido ele pra me ajudar... daí se tem alguma coisa pra capinar na lavoura, feijão, milho, aí ele me ajuda.

Como o esposo trabalha longe de casa durante a semana, Pérola Negra acaba ficando encarregada por todas as tarefas necessárias à manutenção da vida doméstica e é a principal responsável pela educação da filha do casal. A filha também é estimulada pela mãe a ter responsabilidades com a lida da casa. “*Já tô ensinando ela a arrumar o quarto dela assim,*

porque eu desde nova também já fazia as coisas aí eu também incentivo ela muito a fazer as coisas". Nota-se que, ao relatar a ausência do companheiro na rotina diária da família, a interlocutora procura justificar a participação dele no cuidado com a menina.

P: Ele não vem quase, ele sai segunda e volta quarta de noite daí né. Depois ele vai na quinta de manhã e volta sexta.

G: Sim

P: Aí então mais é eu, assim, né. Mas ele tá sempre prestando atenção né nela, brinca, conversa... Ele liga todos os dias, aí ela conversa com ele, né? Desde bebezinha a gente sempre teve essa dele ligar aí, né? Que ele sempre trabalhou fora.

G: Sim

P: Até quando ela nem falava, ela falou primeiro papai, acho que porque de tanto a gente ligar pra ele, fiquei tão chateada [rindo]. Eu que cuidava dela e ela chamou primeiro papai, pra depois mamãe.

As compras também são ela que costuma fazer, geralmente em ranchos realizados uma vez por mês na zona urbana, com o dinheiro entregue pelo marido. Como a filha é intolerante à lactose, ela também aproveita esse dia para retirar o leite especial da menina na Secretaria de Saúde do município. Além disso, conta que por ser quilombola, a família também recebe cestas básicas de alimentos disponibilizadas eventualmente por ações de articulações negras, e que o subsídio, quando vem, ajuda muito na alimentação deles.

Em seu tempo livre, Pérola Negra conta que gosta de assistir televisão e ler livros. Além de ler histórias infantis para a filha, conta que depois que a criança dorme, Pérola Negra costuma focar em suas leituras, o que na primeira entrevista acontecia geralmente três vezes na semana. Quando nos vimos novamente, havia dado uma pausa nas leituras, pois não estava se identificando com nenhum enredo.

Além de romances e obras de auto-ajuda, ela cita que lê livros religiosos porque atua como catequista na Igreja e livros de gramática/português, e autores ligados à educação, como Paulo Freire. Pergunto qual foi o último livro lido por ela e ela busca *Quem Ama Educa*¹⁵⁰, de Içami Tiba. "*Eu tava lendo esse aqui, porque eu disse, às vezes a gente precisa de uns livros pra educar essas crianças*", justifica. Também diz que gosta de livros de histórias quilombolas.

P: Eu leio esses livros de catequese, porque eu sou catequista né. Aí eu né, pego e preparo as aulas de catequese

G: Que tipo assim que tu mais gosta de ler?

P: Ah, eu gosto assim de ler mais esses de histórias cantadas, né? Histórias quilombolas... Nós temos bastante livros dessa parte assim né, livros de português.

¹⁵⁰ “Esta obra trata de importantes assuntos como - caminhos para uma nova educação, diferentes relacionamentos familiares, incluindo um capítulo no qual o autor selecionou algumas perguntas que foram encaminhadas para ele por pais e mães aflitos ou preocupados em educar melhor seus filhos. Este livro tem o objetivo de devolver para a família a responsabilidade de educar os filhos, hoje atribuída à escola, dada a nova dinâmica familiar e profissional da sociedade ocidental. Içami Tiba se propõe a ajudar os pais nessa empreitada reforçando a importância de valores e atitudes como limites e diálogo. Ressalta também que os pais devem se sentir tranquilos em relação à educação dada a seus filhos na medida em que lhes transmitem a responsabilidade pela própria felicidade dando-lhes a autonomia de que eles certamente precisarão na vida adulta”. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/Quem-Ama-Educa-Içami-Tiba>> Acesso em 15 mar. 2023

Pela gramática, eu gosto muito também de ler esses livros assim, ideologia eu gosto também, tô sempre na função de olhar...

G: Aham

P: E livro de contação de história, esses livro que contam história assim, gosto muito

Quando fazia faculdade costumava comprar exemplares, mas com o fim da graduação, não adquiriu mais nenhum. A parada se deu porque a comunidade quilombola da qual faz parte ganhou muitos exemplares, e ela fazia trocas. Ela explica também que a sede da associação - local onde os livros estavam - ficava muito suja entre cada encontro, por isso os participantes concordaram em repassar todos os livros para ela. *"Aí alguém quando quer ver, vem, aí eles vêm e pegam um livro pra ler assim, né. Aí os livros tá geralmente comigo"*, diz.

Entre os objetos relativos a meios de comunicação, Pérola Negra possui televisão, notebook, smartphone e rádio. Ela acredita que o mais acessado seja o celular. Explica:

P: Porque o celular a gente tá sempre olhando alguma informação, aí tem WhatsApp que alguém manda uma coisa, aí tem ligação, né? Mais eu acho que é o celular. Claro, a televisão quando é de manhã tem que tá sempre ligada, assim, né. Mas mais é de noite, de tarde eu até nem ligo muito assim, né? Mas é de noite mesmo que a gente liga a televisão, daí porque eu gosto também de olhar o jornal, essa parte toda. É para falar com as pessoas, né, daí? Ligar para alguém, às vezes uma mensagem pras pessoas, comunica. Graças a Deus que tem o celular, que a gente se comunica com todo mundo, né, agora. [rindo]

G: Facilitou né

P: Facilitou né, bah... porque antigamente não era assim, né?

G: Sim

P: Bah, quando me criei não era assim.

Ela acaba utilizando o telefone mais para se comunicar e manter laços afetivos. *"Ligar para alguém, às vezes uma mensagem pras pessoas, comunicar. Graças a Deus que tem o celular, que a gente se comunica com todo mundo, né, agora"*.

Ela costuma assistir televisão mais no período da noite, acompanhada da filha. Explica que prefere que a criança não olhe as novelas da Globo, porque as considera muito pesadas. *"Ela gosta muito da 'A Escrava Isaura'¹⁵¹, eu nem olho as da Globo assim, né, as da Globo eu não gosto muito que ela olhe né, aí a gente olha umas programação assim que dê, que é mais suave assim, né"*.

Pérola Negra diz que as duas também gostam de assistir *A Casa das Sete Mulheres*¹⁵², por contar histórias da região, apesar de considerar que a minissérie também seria "forte" para

¹⁵¹ "Isaura (Bianca Rinaldi) nasce em 1835, na fazenda do Comendador Almeida (Rubens de Falco), em Campos. Ela é filha da bela Juliana (Valquiria Ribeiro), escrava do Comendador, e do feitor da fazenda, seu Miguel (Jackson Antunes). Juliana morre pouco depois do parto, e Isaura é criada e educada por Gertrudes (Norma Blum), esposa do Comendador, que sempre quis ter uma filha. Apesar da excelente educação e de ter a pele clara, Isaura é escrava do Comendador, por ter nascido filha de sua escrava". Disponível em <<https://recordtv.r7.com/a-escrava-isaura/conheca-a-historia-da-novela-a-escrava-isaura-02102019>> Acesso em 15 mar. 2023

¹⁵² "As mulheres da família de Bento Gonçalves vivem as dificuldades e os dramas da guerra durante o conflito

a pequena, e que não permite que ela assista as obras da faixa das 21h, por considerá-las impróprias a sua idade. Entre os canais mais assistidos, estão a Globo, a Record e o SBT.

Na época em que a primeira entrevista foi realizada, estava na expectativa pela estréia de *Pantanal*, que aconteceu em abril de 2022. “*Agora essa Pantanal a gente tá bem na expectativa dela, parece que vai ser bem boa, né? Ai a gente, nós todos estamos na expectativa, acho que vai contar umas histórias boas*”. Quando retornei em 2023, após o fim da novela, diz que se decepcionou com a obra, por ser muito agitada. Nota-se a diferença da sua percepção com a de Lili, que considerou a novela mais lenta.

P: Ah, o Pantanal eu me decepcionei. Eu achava muito agitada, muito né? Que nem aquela cobra que tinha, aquelas coisas assim E aí eu disse que como é de noite, a minha filha tava sempre na minha volta também e aí a gente não olhava

G: Não gostava dessas coisas meio de ficção?

P: Isso, aí aparecia, ela já tinha ideia. Nós ficamos sozinhas de noite, né? O meu marido trabalha, ele vem às vezes só quarta-feira ou final de semana, sexta-feira, e a gente não gosta de olhar essas coisas, me dava medo. (...)

G: Sim

P: Não gostei, era uma expectativa bem grande, mas acabei depois não gostando

Ela também costuma assistir telejornais, principalmente o *RBS Notícias*. Já o *Jornal Nacional*¹⁵³, vê só os blocos iniciais, pois troca de canal no horário em que inicia a novela *A Escrava Isaura* na Record. Com a filha fruto de um casamento interracial, se sentia contemplada pela história da trama, não vendo problemas na personagem principal ter pele clara, uma vez que sua filha também tem.

Ela era misturada no caso, que nem é minha filha, né? A mãe era negra e o pai era branco, A Escrava Isaura, né? E aí ela saiu pela pele do pai assim, mais a pele do pai, ela era branca, mas ela se considerava uma negra, né em todas as partes que ela sempre passava por ali ela dizia né isso, e na época da escravidão também, tinha muito essa questão das crianças serem né? As escravas tinham filhos com os patrões e depois tinham as crianças, saíam muito clarinhas

Também achava a novela interessante por demonstrar a resistência negra frente à escravidão.

Eu gostava de ver né? O que nem o povo negro mesmo se defendendo, montaram o quilombo, né? Assim foi bem interessante aquela parte. Aí depois a Escrava Isaura ela sofreu, sofreu, e depois no final ela ficou de dona da fazenda. Aquilo foi bem, bem legal, gostei de ver isso aí.

dos Farrapos”. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/a-casa-das-sete-mulheres/>> Acesso em 15 mar. 2023

¹⁵³ Veiculado às 20h30, é considerado pela Globo o principal telejornal brasileiro. Segundo o site da emissora, o *Jornal Nacional*, “traz as principais notícias do Brasil e do mundo. Exibido no horário noturno, de segunda-feira a sábado, estão em sua pauta atualidades, matérias de denúncia e investigação, séries especiais, os fatos mais importantes do dia e os acontecimentos que terão repercussão no dia seguinte”. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/>> Acesso em 18 mar. 2023

A relação com o período escravocrata aparece igualmente em *Amor de Mãe*¹⁵⁴, outra obra que ela gostava. A partir da história de Regina Casé, que teve um filho roubado, lembrava das mulheres negras escravizadas, que eram separadas de seus filhos anos atrás.

P: Ah no Amor de Mãe, eu lembro que era Regina Casé que fazia né? E aí eu sei que no início daquela novela ela ganhou uma criança e aí ela chegou em casa, ela já tinha mais crianças e o marido tinha doado uma das crianças, né? E aí ela saiu bem louca atrás e no meio do caminho, ela encontrou uma outra criança que uma mãe já tinha largado também e aí ela acabou ficando com aquela neném que ela encontrou e aí foram para cidade, passou anos, e aí ficaram adultos, e aí depois a filha que ela encontrou na estrada assim casou com o filho dela que o marido tinha vendido na época, né? E aí ela ficou anos sem saber quem era e aí depois ela descobriu assim. Eu achei bem interessante aquela novela do "Amor de Mãe".

G: Sim. Tinha algum personagem nas duas histórias, tanto na "Escrava Isaura", o quanto no "Amor de Mãe", que lembravam a tua vida?

P: Ah do meu povo, né o povo negro, né assim, pelo que eu sempre ouvi falar das minhas avós que eles perdiam muitos filhos, né? Não digo assim que era bem assim, como no caso daquela novela que o pai levou, mas aí as crianças iam pra trabalhar ou então tiravam delas, né? Ou então tinha muitos filhos tinham que doar, essas coisa assim que aconteciam

G: Gostou mais por isso?

P: Eu acho que sim, talvez né? Deve ter sido, na hora a gente não se dá conta, mas agora tu conversando comigo. Aí eu acho que é isso mesmo.

Como nomes de atores ou atrizes que ela lembra gostar, cita Carolina Ferraz, Lázaro Ramos e Regina Casé. Apesar de comentar que não tem como hábito frequente assistir filmes, na primeira entrevista Pérola Negra diz ter visto e gostado de *Ghost - Do outro Lado da Vida*¹⁵⁵. "Aquele filme eu gostava de olhar, olhei várias vezes". Não sabe explicar, no entanto, exatamente qual a motivação que faz ter essa preferência.

Quando estávamos ainda falando sobre os livros que lê, perguntei se havia algum personagem de alguma história que lembrasse da sua própria vida, e ela diz que de livros não, mas fala de um documentário que não lembra o nome, mas que retrata a trajetória e as barreiras enfrentadas por uma professora negra.

Eu não sei o nome do documentário, só sei que era um documentário que veio pela faculdade daqui, era de Pelotas, eu acho. Era uma professora que ela era negra, ela começou a estudar e depois né? Ela já trabalhava na área. E aí uma pessoa bastante carente.. A casa dela era de tábuas. Eu sei que eu lembro que os alunos dela muitas vezes diziam "professora, ali que tu mora", não sei o quê, faziam bastante perguntas

¹⁵⁴ "Lurdes, Thelma e Vitória são mulheres que exercem a maternidade em toda sua plenitude, cada uma à sua maneira. Apesar de viverem em realidades diferentes, com trajetórias distintas, elas descobrem um elo que liga suas vidas para sempre". Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/amor-de-mae/>> Acesso em 18 mar. 2023

¹⁵⁵ "Sam Wheat (Patrick Swayze) e Molly Jensen (Demi Moore) formam um casal muito apaixonado que tem suas vidas destruídas, pois ao voltarem de uma apresentação de "Hamlet" são atacados e Sam é morto. No entanto, seu espírito não vai para o outro plano e decide ajudar Molly, pois ela corre o risco de ser morta e quem comanda a trama, e o mesmo que tirou sua vida, é quem Sam considerava seu melhor amigo. Para poder se comunicar com Molly ele utiliza Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg), uma médium trambiqueira que consegue ouvi-lo, para desta maneira alertar sua esposa do perigo que corre". Disponível em <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-6122/>> Acesso em 18 mar. 2023

*assim, pra ela. Eu lembro desse documentário, eu até teria guardado em algum lugar, mas eu não sei aonde. Eu olhei várias vezes aquilo, que eu achei bem interessante, né? **Me chamou pra minha vida real**, porque quando eu comecei o estágio assim... Eu também morava numa casa bem simples, não era tanto que nem essa professora, mas né? A minha casa era a casa dos meus pais, assim de tijolo. Aí depois que a gente casou que nós fomos morar de aluguel, era uma casa boa, aí depois nós queríamos essa outra aqui. Aí a gente morou nesse galpãozinho, mas aí né? Era uma coisa de momento que eu sabia que depois mais adiante eu ia vim morar aqui.*

Ela também conta que assistiu recentemente um filme alugado pelo companheiro que contava a história de uma pessoa negra que foi escravizada.

P: Teve um assim que era esses afro, contando um pouco sobre a história do negro assim que a gente olhava, agora não lembro o nome do filme.

(...)

G: Assim por exemplo dos filmes que contam a história negra. Tu lembra de alguma história que tu gostou, algum nome de uma história, ou como é que era a história?

*P: (...) Era de um negro que ele tinha estudos, mas aí ele foi pego no mercado assim, né no Mercado Livre [negreiro] assim, né? Eles pegaram ele, os capangas lá e levaram ele e ele ficou muitos anos trabalhando em fazendas de café e passando de um lugar para outro. E aí ele queria sempre sair, não conseguia, aí ele depois conseguiu alguns privilégios. **A gente sabe da história**. Aí depois ele anos depois ele conseguiu sair de lá. Ele tinha deixado a mulher e filhos, aí quando ele voltou já tinha até neto. **Isso que eu gostei assim de ver que ele conseguiu sair né**. Ele apanhava muito naqueles cativeiros, naquelas fazendas lá, **mas ele tinha conseguido sair né?** Isso que eu lembro assim, mas a gente não depois não locou, não pegou mais filmes.*

Pérola Negra diz que, atualmente, perdeu o costume de ler jornais impressos e revistas principalmente pela dificuldade das edições chegarem ao local onde ela mora. "*Sempre tinha lá na minha cunhada, mas aí aqui para fora é difícil assim, às vezes quando tinha alguma novidade aí eu até peguei por costume, sempre quando eu era na cidade comprava o jornal*". Quando comprava, era o jornal impresso *O Lourenciano*. "*Era bem importante, às vezes tinha algumas coisas até das Comunidades, assim pra gente se ver, tiravam fotos e postavam ali*".

Segundo ela, o principal uso da internet é para se inteirar de notícias e novidades da região, e acessa todos os dias. Além disso, é pela rede que ela busca conteúdos que lhe auxiliem a explicar coisas da escola para auxiliar a filha. Pérola Negra diz que quando busca informações na internet, geralmente realiza a pesquisa no Google e acessa os sites recomendados pela plataforma.

P: Algumas coisas de aulas né, os videozinhos de aula pra minha filha, ano passado mesmo eu tive que acessar bastante, porque aí parece que a mãe não faz efeito... às vezes ela ficava né... não conseguia fazer aquilo, eu não conseguia explicar direito.

G: E foi muito pesado para ela a função da pandemia, online, assim com as aulas online?

P: É, até que não foi tanto. Ela né, conseguia, ela pega rápido assim, né? Mas foi difícil assim pela questão de tarem só em casa, né? Ficava mal humorada. Tava cansada muitas vez né, nessa parte assim foi bem complicado daí. E o primeiro ano mesmo da pandemia foi um tumulto assim, aí teve aquelas aulas, mas parece que eles não conseguiram aprender, até se encaixar, né? Agora o ano passado sim. Aí já foi mais pra ensinar mesmo, mais pra ela aprender.

Todos os dias, para se comunicar, Pérola Negra utiliza os aplicativos de mensagem Whatsapp e Messenger. *“De manhã sempre é com meu marido. Ele dá bom dia pra nós né, aí é minhas tias... e tem esses grupo, e a gente dá os grupo dos primo, a gente dá bom dia, bota essas piadinhas né, essas coisa pra sorrir assim, pra rir”*, pontua.

Os aplicativos também lhe auxiliam a receber avisos e informações encaminhadas pela escola da filha, a partir do grupo feito pelos professores com os pais. *“A escola quase todo, todos os dias também, manda né? Algum cronograma, alguma coisa ali”*. Segundo ela, algumas mães também se comunicam com ela para tirar dúvidas sobre atividades. *“Se a minha filha já fez atividade, como é que fez, tem umas um pouco insegura”*. Assim, pergunto como se dá a comunicação escolar em caso de alguma família da região não ter acesso ao whatsapp, e ela diz que nesses casos as professoras enviam bilhetes e materiais impressos.

Pérola Negra tem conta no Facebook e no Instagram, mas explica que o Instagram está apenas instalado, ela não faz qualquer tipo de uso. Já o Facebook ela costuma acessar todos os dias, que ela utiliza para acompanhar publicações de amigos e cumprimentar quem está fazendo aniversário. Conta também que as coisas que publica também são vinculadas a datas comemorativas e que gosta de salvar mensagens para ler depois.

P: Eu salvo às vezes assim, né? Às vezes alguns dizeres, algumas frases bacanas que eu gosto pra mim ou então “ah um certo momento eu vou usar” eu penso assim, né?

G: É mais coisa pra ti ler assim, para ti ficar bem ou pra mandar pros outros?

P: Não, pra mim ficar bem assim é. Mais são frasezinhas assim de autoestima assim, isso eu gosto.

Afirma não gostar de acompanhar pessoas famosas ou quem não conhece, e restringe a rede apenas a quem se considera bem próxima, com exceção de amigos do esposo, adicionados por ele quando ainda não tinha conta no Facebook e utilizava a dela.

Na segunda vez que nos vimos, Pérola Negra conta que utilizou a rede social para se posicionar contra discussões nas eleições, sem revelar sua orientação política.

P: Eu até andei brigando. Brigando assim não, mas dizendo o meu ponto de vista de algumas coisas, né? Porque antes quando teve essa época da políticas as pessoas falavam tanta coisa feia, botavam todo mundo no bolo, ou coisa assim, né? Parece que queriam escolher partido pra gente, aí eu fiquei meio chateada com isso daí até aí assim.

G: E tu chegava a postar alguma coisa assim com a tua opinião, ou só olhava dos outros?

P: Uma vez só eu postei. Porque aí como eram familiares, né? Aí chamam de burros, não sei o que, um monte de coisinhas assim e aí eu postei que tinha que ter cuidado, né? Nessa maneira de falar porque os políticos moram lá longe, né? Nem conhece a gente que tão brigando por eles muitas vezes né? E aí eles tentam brigar com os de casa no caso assim, né? Por causa de política, aí isso eu postei uma vez.

Verificamos as postagens de suas redes sociais no último ano. No espaço de apresentação do Facebook, Pérola Negra informa que trabalhou como professora da rede municipal, finalizou o curso de licenciatura em Educação do Campo e é casada.

Em síntese, as publicações dela na rede social consistem em: 1) muitas fotos da filha, sendo que as mais recentes são fotos da menina em férias de verão na praia; encontros familiares; viagens (excursão do colégio à Porto Alegre e ida com marido e filha para a Serra Gaúcha); 2) agradecimento por felicitações recebidas no aniversário da filha e fotos de festa realizada para a menina, com tema do personagem de mangá Naruto¹⁵⁶. No dia do aniversário, também escreveu uma mensagem para a filha: “*Você não tem medo de mostrar a sua personalidade e o que faz você feliz; é por isso que sabemos que o seu futuro vai ser brilhante e repleto de momentos únicos!*” e “*Nosso coração se enche de orgulho em ver tua dedicação com os livros, leituras, pinturas, costuras...*” 3) felicitações a pessoas próximas e familiares na passagem de seus aniversários; 4) registros da comitiva de Canto de Reis no final do ano, na qual seu esposo participa e é um costume da região; 5) atividades junto à igreja da comunidade; 6) mensagens motivacionais/religiosas; 7) atualização aos amigos sobre as condições de saúde da sua mãe, quando ela esteve internada; 8) trilha feita com a família em estradas do interior do município; 9) venda de porcos da propriedade; 10) mensagem contra briga nas eleições; 11) duas publicações sozinha, em selfie, uma delas agradecendo mensagens recebidas pela passagem de seu aniversário; 12) compartilhamento de montagem com mensagem que cita coisas que se abdica ao ter um filho e fala das renúncias da vida de mãe. Na legenda acima da imagem escreveu “faria tudo de novo”. Já no Instagram, não há nenhuma publicação no período analisado.

No Facebook, Pérola Negra acompanha páginas de artesanato, sobre formação docente, avisos sobre concursos, de Igrejas e/ou com mensagens religiosas, empreendimentos locais e regionais, profissionais liberais como advogados, médicos e fisioerapeutas, de exaltação da cultura negra, capoeira e quilombos, de notícias, de bandas germânicas, de supermercado e do Capa.

Quando acessa o Youtube, é mais por influência da filha, que pede para assistir determinados conteúdos, assim como ocorre nas outras famílias participantes, onde crianças são os principais usuários da plataforma dentro do sistema familiar. Pérola Negra também diz que amigas lhe recomendaram que ela buscasse no Youtube aulas de artesanato, como o bordado, mas ela não chegou a consultar.

¹⁵⁶ Série japonesa que traz como personagem principal um jovem ninja.

Em caso de emergência, Pérola Negra diz que primeiro buscaria informações presencialmente junto à família. Em segundo lugar viria o Google e em terceiro, grupos de amigos. Ela também diz que ela tem o costume de consultar suas amigas quando está em dúvida em relação a alguma coisa. *“Se tem alguma coisa pra resolver, ou se bah, eu tô indecisa com alguma coisa, aí eu tenho muito a minha comadre ali, a minha sogra, e aí a gente se...manda mensagem uma pra outra”*.

Pérola Negra tem o hábito de ouvir programas musicais de rádio dentro da residência. Seus gêneros musicais favoritos são bandinha e forró, que escuta, principalmente, no programa do comunicador Flávio Luis, na Rádio Litoral Sul FM. Além disso, durante a manhã, também tem o costume de ouvir parte do programa informativo São Lourenço Repórter, veiculado na Rádio São Lourenço AM e apresentado pelo comunicador Ruy Fernando Holz. A audiência acontece quando ela se desloca até a residência de sua mãe, que é ouvinte fiel. *“A gente chega lá, a mãe tá sempre escutando, sempre tem novidade. Aí ela, às vez ela diz, liga lá no Ruy Fernando, tá falando, informando coisa e vocês não escutam”*.

A interlocutora conta que costuma utilizar o computador para acessar cursos que têm interesse em fazer, hábito que foi perdido nos últimos tempos. Antes do trancamento da faculdade, o companheiro também utilizava muito o aparelho para os trabalhos das disciplinas.

Pérola Negra conta que antes da filha nascer costumava participar de encontros entre comunidades quilombolas.

Muitas vezes eu fui. Agora depois que a minha filha nasceu, aí ficou mais difícil, porque eu tenho que né, aí criança... aí não pude sair. Em épocas anteriores eu sempre participava, era bastante ativa. (...) Fui em vários lugares com eles, com o pessoal dos quilombos... ia viajar, fui pra Porto Alegre... a gente podia saber as políticas públicas, direito, foi bem, foi bem interessante, aprendi bastante coisa assim né.

Atualmente, diz que o que mais costuma frequentar, fora de casa, são as missas da igreja católica do distrito, realizadas uma vez por mês, no local onde ela também dá aulas para turmas de catequese. Em épocas de verão, em alguns finais de semana também vai às praias de São Lourenço do Sul, na zona urbana.

Eventualmente, continua a se reunir com pessoas da comunidade quilombola em grupos de conversa e reuniões organizadas para tratar da destinação de benefícios sociais. Explica, no entanto, que as atividades estão em menor proporção do que em tempos comuns, em virtude da pandemia da Covid-19, sendo que a crise econômica fez com que muitos moradores migrassem do campo. Além disso, a necessidade de trabalhar como diarista impede que os que continuam na comunidade deixem seus locais de trabalho para se dedicarem ao movimento social.

Ano passado a gente teve algumas coisas, algumas reuniões online e a nossa comunidade ela né... pessoas aqui foram muitas pessoas embora, foram trabalhar em outros lugares, aí tem poucas famílias, né. E as famílias que tem durante o dia é brabo para fazer uma reunião porque eles trabalham de dia para comer de noite que nem eu digo, trabalham fora assim, né? Uns trabalham de peão, e aí eles não querem largar o serviço pra ir numa reunião, né? Já foram feitas algumas vezes aos sábados, né? Mas igual, nem todos ainda tão.

Quando pergunto sobre sua participação em eventos culturais, Pérola Negra diz que costuma ser atuante, lembrando de uma época em que tocava violão em outras comunidades quilombolas da região, geralmente uma vez por mês, mas que nos últimos tempos isso foi inviabilizado pela pandemia.

Há cerca de dois anos, ela já foi ao cinema na cidade próxima de Pelotas, junto à escola onde atuava. *"Fomos olhar a "Malévola"¹⁵⁷, eu nunca esqueço daquilo [rindo]. Eu disse, eu nunca tinha entrado, aí é tão grande aquelas tela que parece que tá em cima da gente",* relembra. Na nossa primeira entrevista, disse que o lugar mais longe até onde viajou tinha sido a região metropolitana de Porto Alegre. As saídas, geralmente, são motivadas por consultas médicas ou festas familiares. Em outro encontro, alguns meses depois, ela havia ido com o marido e a filha para a serra gaúcha e teve a oportunidade de conhecer os municípios de Gramado e Canela. Em outra ocasião recente, Pérola Negra e a mãe também acompanharam a filha da interlocutora em uma excursão da escola para Porto Alegre, onde visitaram o Museu de Tecnologia da PUCRS e pontos turísticos da capital.

Para ela, os momentos mais importantes de sua vida foram quando a filha nasceu e quando ela casou. Na sua avaliação, mulheres que não se casam podem ter sofrido decepções amorosas. Como exemplo, cita o exemplo de uma tia que tem sua idade e quando mais nova engravidou, mas que por decepções acabou preferindo criar o filho sozinha.

Eu tenho uma tia que né? Que teve muitas decepções amorosas, né. E aí ela fica sozinha, ela tem a mesma idade que eu. Hoje mesmo, ela tá fazendo 43 anos, a minha tia, e ela é sozinha assim, ela tem um filho, mas ela não quis arrumar mais companheiro. Eu acho que é decepção amorosa, assim.

¹⁵⁷ "O filme conta a história de Malévola (Angelina Jolie), a protetora do reino dos Moors. Desde pequena, esta garota com chifres e asas mantém a paz entre dois reinos diferentes, até se apaixonar pelo garoto Stefan (Sharlto Copley). Os dois iniciam um romance, mas Stefan tem a ambição de se tornar líder do reino vizinho, e abandona Malévola para conquistar seus planos. A garota torna-se uma mulher vingativa e amarga, que decide amaldiçoar a filha recém-nascida de Stefan, Aurora (Elle Fanning). Aos poucos, no entanto, Malévola começa a desenvolver sentimentos de amizade em relação à jovem e pura Aurora". Disponível em <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-201429/>> Acesso em 18 mar. 2023

A partir dessa história Pérola Negra diz que o fato dela própria ter se casado novamente, após o seu divórcio, é expressado por ela em forma de mérito, evidenciando que se considera com maior valor por ter, atualmente, um casamento exitoso.

*P: **Eu já fui além**, eu já fui casada uma vez, aí depois fiquei 10 anos sozinha, aí depois casei de novo*

G: Aham

P: Eu não deixei abater. Fiquei 10 anos, assim, bem complicados assim, né. Mas depois passou. Eu disse ué, vamo botar isso pra trás, né. Seguir em frente.

Ao longo da entrevista, ela lembra que os valores repassados pela família eram conservadores e fomentavam que ela preservasse o seu valor enquanto mulher, relacionando o seu prestígio com o "respeito" que se dava.

G: O que que tua família te ensinou sobre ser mulher?

P: Ah, que a gente tinha que se dar valor, né... valor, tinha que se dar o respeito, né... Essa questão, assim. De não, né, não ficar né na rua, aí se bobeando, botando o corpo fora, assim, essas coisa assim que eles dizem, diziam pra nós né.

Questiono, então, se ela acredita que a criação dela e do irmão tiveram diferenças, e ela acredita que sim.

P: Acho que um pouco sim. Porque né, naquela época mesmo, eles diziam. Ah, ele é menino, né? Eu já fui mais... eles foram bastante firmes comigo. Mas eu até nem me queixo, porque eu penso que hoje em dia eu sou o que sou porque eles estavam firmes ali comigo, né?

G: Sim

P: Me explicando... e nem tudo que a mãe né? Como são pessoas de mais idade, eles não conseguem dizer tudo pra gente

G: Aham

P: Aí a mãe disse pra mim, na escola tu vai aprender. Na escola foi onde as professoras me ensinaram mesmo, né. O que era ser mulher, aquela parte toda da sexualidade, que ela não conseguia falar, isso tudo foi a escola que me ensinou.

G: Sim

P: Daí eu acredito que aquilo que ela não me falou, a escola me ajudou a falar aquelas partes. Aí acredito que foi isso assim, né. Que me deu firmeza, mais. Mas ela sempre vivia dizendo as... as metáforas para cima

Pergunto à Pérola Negra se ela acha que hoje a relação que mantém com a filha teve mudanças em comparação com a relação que ela teve com sua mãe, e ela responde que sim.

*Ah, sim, eu converso bastante com ela e até criança, ela mesmo... Eles são muito curiosos, né? E aí eles perguntam muita coisa. Eu penso, eu digo às vezes pra ela, espera um pouco, não tá na tua idade de saber, ou então, às vezes eu tenho que dizer alguma coisa pra ela não procurar fora. **Eu tenho medo, muito medo que ela pergunte pra outras pessoas [...]** E aí alguma coisa eu digo. Ai eu digo, mas tu não pode ficar falando, né, tem que ficar guardando para ti, às vezes assim, né?*

Apesar de considerar que hoje dialoga mais com a filha do que sua mãe dialogava consigo, fica perceptível que a forma com que Pérola Negra aborda a sexualidade ainda é

permeada por vergonhas e tabus. Alguns exemplos são quando ela diz que tem medo da criança fazer perguntas para outras pessoas e que o assunto deve ficar restrito ao ambiente doméstico. Assim, nota-se o quanto procura, a partir da socialização da menina, instituir a visão entre a esfera pública e privada.

Também é notável, ao longo da primeira entrevista, que Pérola Negra repete muitas vezes que hoje em dia procura não ficar sozinha ou deixar a filha sozinha. Quando a interlocutora era criança, sua mãe lhe levava junto à lavoura, e hoje, é Pérola Negra que leva a sua filha à casa de sua mãe enquanto trabalha no pátio. Quando precisa trabalhar na plantação, Pérola Negra busca a companhia do primo. Também não deixa a filha esperar o ônibus escolar sozinha, apesar do veículo passar na frente da sua residência. Quando nos vimos novamente, lhe questionei a motivação para esse comportamento.

G: Por que tu tem esse medo de deixar ela sozinha, assim?

P: Ah, eu penso que é menina, né. Eu fui criada assim com a mãe também. A mãe sempre trabalhava e a mãe me levava junto, né? Até eu ter 13 anos, eu sempre ia junto com a mãe. E a gente né, que nem esperar o ônibus ali embaixo né, esse eu não sei como é que vai ser. Mas eu acho que eu não consigo ainda deixar tudo em função de... né de estrada e outras que a gente né? A gente tem medo das pessoas aqui. A gente quase nunca ouve casos de abuso e coisa, mas a gente tem medo. Ter tem, até na volta, por isso acho que também né, mas não é tão perto, mas eu tenho medo sim, até explicar.

G: Mas chegou a acontecer alguma coisa assim na tua família ou não?

P: Não, na família assim não. A questão só que eu disse. Ah, é por ser menina, né? Ela é tão delicada, a gente fica com medo, tem que cuidar, né? Eu disse até a gente explicar tudo para ela.

A partir do gancho trazido por ela sobre a temática de abuso, pergunto sobre a situação citada que aconteceu na região, e ela conta sobre o caso de um homem que abusou da filha e batia em sua esposa. A mulher conseguiu buscar ajuda e mora em outro local, já o homem foi preso. A situação teve intervenção da escola, que percebeu que a menina passava por problemas, e atuação da polícia, após ser acionada, demonstrando a importância do atendimento de redes de segurança pública no interior.

P: Era uma mulher ali do Quilombo, né? Ela teve um problema com violência, o marido batia nela, até abusou da guria dela, mas agora eles moram no Cristal, daí ela largou dele, ele até tá preso

G: Conseguiu buscar auxílio?

P: Ajuda.... sim, conseguiu buscar ajuda. Demorou um pouco, mas buscaram ajuda. Acho que um pouco é isso, que a gente sempre tem que ficar alerta daí, né? Porque a menina me lembro que quando eu tava no estágio, a menina chegava na escola era ela tinha uns sete anos porque era o primeiro ano que eu tava fazendo estágio. Ela faltava muito e depois ela chegava às vezes na escola, "eu amo meu pai" ela dizia. "Eu amo meu pai" e chorava muito, não queria brincar. (...) eu não sei exatamente quem delas foi que denunciou né? Mas era bem visível que ela alguma coisa tava acontecendo em casa.

Quando questiono se ela acha que há mais perigos no interior ou na zona urbana em relação aos abusos, ela diz que o principal problema seria a falta de informação das crianças.

Pois é, eu acho que né? As crianças elas precisam ser informadas, eu acho, bem informadas, porque às vezes muitas crianças nem sabem o que tá acontecendo, né? Eu acho assim que quando acontece essas coisas assim as crianças têm que saber se defender para poder conversar com alguém, né? Eu mesmo sempre converso com a minha filha. "Ah a pessoa não pode passar a mão na tua bunda, não pode passar a mão no seio, não pode te dizer uma palavra feia, né?". Essas coisas assim, nada, a pessoa, um adulto, não pode dizer essas coisas assim, né? (...) Essa questão de abusos, não sei se as crianças não sabem ou se demoraram pra dizer pros pais, pra entender. Fico com medo assim, meio preocupada, né? Mas eu acho que... espero que nunca aconteça, mas eu tô sempre dizendo não fica sozinha.

No início da segunda conversa, quando perguntei se a filha tinha se adaptado bem à volta das aulas presenciais, ela mencionou que sim, mas que os colegas estavam muito agitados e encontrando dificuldades no processo, creditando o fato de que eles não estavam preparados pelas novas demandas trazidas pela tecnologia. Assim, disse que em revolta pela boa desenvoltura da filha, alguns colegas brigavam com ela, sendo que um chegou a lhe dar um tapa.

Sim, se adaptou bem, né, claro, a gente encontrou bastante dificuldade na escola essa questão. Alguns colegas não estavam preparados assim ainda, né? Que eu acho que quem não teve internet foi bem complicado, né? E eu acho que teve bastante revolta nessa questão, porque ela sofreu bastante revolta na escola, os alunos, os colegas brigavam muito com ela. Teve até tapa no rosto que eu tive que ir lá... eu achei assim um absurdo umas coisas, né? A gente ficou bastante chateado esse ano assim. Antes era bem mais tranquilo, mas acho que as crianças voltaram tudo mais agitadas. E aí ficou bem complicado assim... mas ela né? Como a gente já sempre tinha internet, ela sempre foi uma criança muito esperta e sempre teve ali com aquilo em mãos, né? (...) E aí tinha uns que mexiam com ela que ela era nerd era, não sei o quê, essas coisas de dizer que é né? Ser tachada de sabe tudo, ela sabe as coisas e ela responde né? (...) Mas no final do ano deu tudo certo.

Mas quando aprofundamos o diálogo sobre violência, ela se sente à vontade para dizer que o tapa teve como principal motivação a questão racial, uma vez que sua filha é uma das únicas estudantes negras da escola, que atualmente só tem professores brancos.

P: Esse tapa no rosto que foi um colega que deu, a gente ficou aqui em casa tudo louco, porque né? Eu disse o menino dá no rosto da menina, o que vai ser esse menino... e colegas que vão sempre seguir junto, o homem não bate em mulher

G: Ela ficou bem abalada?

P: Ela ficou bastante abatida, bem chateada, até porque né, já tinha acontecido um fato antes, (...) eles tinham dito pra ela que o menino mexia com ela, aí o outro disse assim pra ela "ah tu não sabe porque que ele mexe contigo? tu não é de cor?". Ai nossa, ela disse assim "como assim?", ela tinha dito pra ele.... "ué, tu não é negra?"..."Eu sou sim", Ai ela demorou um tempo pra me dizer aquilo, ela se defendeu sozinha, aí depois ela me contou, eu disse "filha, mas isso aí é racismo que ele tava querendo fazer contigo, porque que vão implicar contigo só porque tu é negra, não é assim". Aí tá, expliquei isso pra ela, aí eu tinha vontade na escola e a gente conversava outras coisas, né? Bah, e fiquei bastante chateada, mas sempre naquela,

observando né? Ela chegava em casa, "como é que tá meu coração, como é que foi a aula e tal?" Aí ela contava. Aí um dia quando vê, "Mãe, ele me deu um tapa no rosto, eu dei nele de volta, ele me chutou os garrãos, não sei o quê". Ah não, aí no outro dia eu fui na escola bem doída, né?

G: E aí foi o mesmo menino da situação anterior?

P: Sim, o mesmo menino.

Pérola Negra conta, no entanto, que a família não obteve respaldo da escola, sendo que esta buscou invisibilizar a questão. Também relata a falta de vontade dos docentes em tratar a temática racial até mesmo em novembro, mês em que é celebrado o Mês da Consciência Negra. Acompanhamos situação semelhante com Ágata, que relatou os tensionamentos vividos dentro da escola dos filhos em razão da data.

P: A escola não deu o apoio que a gente queria, eu cheguei na direção a ela disse aí, mas ela era para ter falado ontem, era para ter falado em aula, "mas tu tem certeza?" aí começou tipo, né? Forçar uma situação com a gente, mas eu disse "ela não vai mentir, um tapa no rosto, quem é que vai dizer que ganhou um tapa no rosto?", "É, mas nós não vimos", não sei quê, mas depois uma colega disse que tinha visto, mas aí eles acharam que não sei o quê, queriam chamar os dois pra conversar e aí acabaram enrolando, não chamaram. Aí depois teve uma reunião na escola e aí eu perguntei se ele tinha feito e o que eles iam fazer e a professora disse pra mim "não, eu conversei com ele e não sei que, ele disse que não que não fez, que se não se lembra". A gente ficou bastante chateado que eles não fizeram nada, né?"

G: E ela [a filha] consegue compreender que é errado?

P: Sim, isso sim, ela consegue entender.

No início ela até ficou bastante chateada com ele e tudo, mas aí eu disse para ela olha, né? "Não, continua a amizade, mas a mãe ainda vai resolver". Aí um dia eu encontrei com a mãe do guri e aí comentei, se não eu não ia conseguir ficar mais tranquila, eu disse "eu não quero mais que faça isso, eu sei que sem querer ela se defendeu e bateu de volta, mas menino não bate em menina e se acontecer isso de novo a gente vai pra frente, nós vamos mais esperar pela escola"

Porque a escola não fez nada. A mãe ficou um pouco com medo porque ela também já sabia dessa história, né de racismo que as crianças tinham feito na escola com ela.

G: Ela já tava sabendo?

P: Sim, porque ele disse pra ela na escola "a minha mãe disse que isso até é um crime, que isso até dá cadeia"

G: E ele é pomerano?

P: Sim, ele é pomerano(...)

G: A maioria é pomerana?

P: É, a maioria é pomerana. A gente ficou meio assim, porque nunca tinha acontecido até então. Esse ano passado foi bem complicado. Vamos ver esse ano, esse ano ela parte pra parte da manhã, e aí disse que são alunos maiores, dizem que é pior ainda. Tomara não seja né? Ela sabe se defender, que nem ela diz "mãe, eu sei me defender", eu disse "eu sei que tu sabe", mas a gente não quer que fiquem botando ela pra baixo por morar no quilombo, que a gente sabe que a maioria das crianças não conseguem ir avante, não conseguem estudar. Eles não têm as oportunidades assim de ter uma internet em casa, apesar que a minha filha e a outra menina que também é aqui do quilombo elas têm. (...) Bem difícil esse ano passado aí na escola, eu espero que esse ano não seja assim, a gente não quer tomar providências tão fortes, né, porque eu disse antes, ela tem tantos anos ainda nessa mesma escola, que ela recém passou para o 5º ano. (...) Eu gostaria que dessem mais apoio, vamos ver, teve o dia da Consciência Negra em novembro e eles não fizeram nada porque a escola tem 95% de origem pomerana. Mas igual não poderia deixar, esquecer, né?. Eu tava junto nas reuniões e tem uma professora que é preparada pra isso e não fez nada, né?

Pérola Negra diz que não tem nenhuma escolha de vida na qual se arrepende e quando pergunto se ela já desistiu de algum objetivo que desejava, conta sobre sua insegurança de persistir na carreira de professora, por considerar que não está atualizada.

P: Eu acredito assim que eu fico insegura na questão de que eu me formei na professora, né e faz agora... entrei em 2013 e aí nós estamos em 2022 e aí eu me acho insegura, porque eu não tô atualizada, né? Mas e se alguém me convidasse pra trabalhar hoje, aí eu não sei, aí eu acho que eu não ia aceitar... porque eu ia me sentir insegura, porque pra mim parece que eu fiquei pra trás né...

G: Aham

P: Essa é a minha insegurança no caso

G: Sim

P: Mas é por isso que eu tô procurando outras áreas, que aí eu vou me né, me firmar em outras áreas..

Ela diz que tem muitos pontos positivos em morar no interior, sendo que os principais são o fato de poder plantar e colher seus próprios alimentos, além da tranquilidade. “*Tem tanta coisa, né? É bem tranquilo morar aqui fora assim, né? A gente pode plantar, colher, ter os bichos, as galinhas para comer ovos, né? Que a gente come ovos e os bichos para carnear, a gente tem porco*”. Assim, afirma que considera a qualidade de vida melhor, principalmente pela possibilidade de relações ainda não-comodificadas. “*Porque na cidade tem que se comprar tudo né? (...) Tudo é comprado, né? E aí eu acho que o custo de vida é muito mais difícil*”. Já como ponto negativo, relata as grandes distâncias para caminhar a pé caso o marido esteja trabalhando com o carro, e a falta de médicos nos postos de saúde.

Em uma das vezes que estivemos juntas perguntei o que gostaria de comprar na hora, caso pudesse, e cita uma cômoda que fazia semanas que queria e recentemente conseguiu. Assim, fala da estante da casa, que estava avariada e ela gostaria de trocar. “*A gente sempre tá precisando de alguma coisa, né, assim... eu quero muito trocar a minha estante, ainda vou trocar. Mas tudo tem que ser, que nem a gente se organiza pra comprar as coisas, né?*”.

Ela explica então que as compras da família precisam ser bem pensadas, uma vez que o dinheiro é contado e pode faltar mais adiante.

Não é assim pensar “ah, vou comprar hoje”, né? Mas a gente tem que pensar porque aí o dinheiro tá ali, mas a gente pode precisar pra outra coisa, então aí a gente compra quando sobra. Ah, isso aqui vai dar pra comprar tal coisa...O meu marido sempre diz para mim não compra prestação, mas eu digo para ele a prestação eu consigo comprar e pagar, à vista parece que a gente fica sem dinheiro, aí não dá pras outras coisa

Pergunto se alguma vez ela já se sentiu discriminada e ela confirma que sim. Ela diz que “*é uma luta*” e eu questiono por qual razão. Explica:

P: É uma luta aqui fora assim, né? Essa questão mesmo do trabalho, não é tão fácil pra quem, pra quem é negro aqui.. não é fácil. Eles acham que a gente não é capaz

assim, né? Eu... isso foi... agora não lembro o ano bem certo, mas eu lembro que eu queria ser agente de saúde, né. Aí até então não tinha ninguém pra fazer a inscrição para agente de saúde, aí eu fiz a inscrição e aí depois quando eu cheguei lá, tinha mais gente e aí a pessoa né? Fizemos a entrevista tudo, fizemos as provas, dizem que a gente tirou as mesmas notas e aí ficaram com ela não ficaram comigo.

Aí uma outra gente de saúde disse assim pra mim "Sabe por que eles não ficaram contigo?". Ela me mostrava assim, não me dizia mas mostrava. [esfregava o braço] Isso né, isso não se faz assim, aí foi, foi, eu não consegui mesmo. Aí eu acredito que aquilo me afetou muito e eu fiz agora outros concurso para agente de saúde, mas igual também ainda não consegui, aí é tudo bastante complicado assim, né. Aí uma época eles dizem "Ah porque tu não sabe falar em pomerano", mas eu disse, ninguém me perguntou na entrevista se eu sabia porque aqui é uma área pomerana, né. Ah, mas eu disse Ninguém me perguntou se eu sabia, porque aqui é uma área Pomerana, né.

G: Sim

P: Aí eu disse, ah, mas ninguém me perguntou se eu sabia falar em pomerano. Eu acredito que não foi uma reprovação por não saber falar em pomerano, porque eles não me perguntaram.

G: Sim

*P: **Eu poderia saber**, porque meu pai sabe, sabia, né? Meu pai sabia falar em pomerano*

G: Aham

*P: E aí não, não foi por isso assim. Eu acho né, **eu acho não, eu tenho certeza** que sim né. Essa questão da discriminação tem muito assim mesmo.*

Pergunto então como se dá a relação dela com os vizinhos, e ela diz que é tranquila.

*P: Com os vizinhos são tranquilos, né? Eu mesmo né? Depois agora, eu sou casada com uma pessoa de origem pomerana, o meu marido é de origem pomerana. No início **o pessoal levou um susto** porque ele... a gente ia em festa e eles ficavam olhando, a gente ia no lugar e tal, todo mundo sempre olhando... Aí foram se acostumando, né, mas assim a questão dos vizinhos são tudo tranquilo, porque aqui mesmo, aqui embaixo, a guria é de origem.. o pai é negro assim também, casado numa família ali, e aqui a minha vizinha, que a minha madrinha né, de casamento assim, são até pessoas bem tranquilas assim né. Essa parte aqui na volta é difícil de se ter. Essa questão de discriminação, né? **Pelo menos na frente da gente ninguém mostra né?***

G: Sim

P: Mas eu digo assim. Ah, vai, você vai dizer. Ah, vou casar com Fulano. Vou casar com teu filho. Aí eu acho que já é diferente, né? Eu pelo menos imagino isso.

Como Pérola Negra traz à tona sua inserção na família do companheiro, de origem pomerana, pergunto como se deu o início do relacionamento do casal.

G: E quando vocês começaram a se relacionar assim, as duas famílias assim, aceitaram bem?

*P: Sim, sabe que sim... a minha sogra mesmo, né? Ela, ela, ela era professora, né? E aí eu ficava um pouco assim, apreensiva, porque né, eu fiquei meia preocupada com isso, aí quando eu conheci meu sogro mesmo, **ele chegava sempre a fugir de mim, e ele nunca conseguia falar comigo**. Mas aí depois foi, foi, um dia o meu marido pegou ele e aí ele né, dali para frente ele né? Conversou assim, conversou começou a conversar comigo, mas ele sempre fugia, ele nunca dizia, nunca chegava a me cumprimentar*

G: Sim

P: Aí depois um dia quando eu fui na casa dele, aí sim, ele me cumprimentava. Então falou, perguntou coisinha em pomerano, aí eu respondi em brasileiro, né? E aí ele viu que um pouquinho eu sabia né?

G: Entender tu entende?

P: Entendo, é, um pouco eu entendo, assim né.

G: Aham

*P: E aí eu disse bah, ele tinha os avós ainda né? As avós dele... eu pensei como é que vai ser, são senhoras de 80 e poucos anos, mas a avó por parte de pai me aceitou assim que olha, **eu disse, incrível, né?** E por parte da mãe dele também assim, são bem tranquilos, né.. Pra mim né, ela sempre me tratou muito bem*

G: Sim.

*P: Mas aí então eu não tive... **pelo menos na família deles nunca mostraram nada de discriminação comigo***

Apesar de afirmar que a família dele nunca a discriminou, Pérola Negra menciona que o sogro, inicialmente, "*fugia dela*", e que a aproximação de ambos só se deu quando ele percebeu que ela compreendia o dialeto pomerano, onde relativiza as violências raciais sofridas.

Em relação à representação midiática, pergunto se Pérola Negra se sente representada pelos conteúdos midiáticos que consome, e ela diz que gosta de ver outras mulheres negras nas obras, desde que não seja em papéis subalternos. Também expõe um pouco mais de como a filha se percebe enquanto negra, tendo um pai branco.

P: Eu gosto de ver as negras assim, eu me sinto sim, eu gosto de ver os negros ali. Mas eu não gosto quando eu vejo os negros só lavando louça, né? Só na parte da cozinha, aí eu não gosto. Mas eu gosto quando tem uma empresária, eu disse, ah, a gente já fica assim, ah, olha ali, ó, né.

G: Sim

*P: Que nem a Maju mesmo, ah, **eu adoro vê a Maju lá onde ela tá, né? É uma grande coisa pra nós assim, né? Bah, um grande incentivo.** Eu disse, eu mesmo, eu falo sempre pra minha gurria, que eu disse... "**tu vai chegar aonde tu quiser, sempre assim, a gente tem que batalhar pelo que a gente quer**". Ela saiu mais clarinha assim, né? Mas eu digo para ela, tu tem o nariz de negro daí né? Ela saiu, puxou bastante o pai, né? E aí a gente sempre mexe assim com ela. Mas ela se considera, ela né, ama toda a minha parte da família também, se considera negra, e tudo. "Ô mãe, eu sou as duas coisas, eu sou negra e sou branca" ela diz, às vezes quando ela era menorzinha, ela dizia "eu sou misturada mãe".*

Pergunto então como ela percebe a representação das mulheres urbanas e rurais na mídia. Assim como as outras interlocutoras, Pérola Negra relaciona a figura da mulher rural ao trabalho e as mulheres urbanas, à estética. A questão de classe também é inerente à sua fala, onde diz que as mulheres do interior são "*bastante simples*".

*As mulheres do interior são bastante simples. Nem todas são né? Mas é maior parte assim, **são pessoas bastante simples, sofridas, trabalham muito né?** Bastante afazeres, né. Da cidade elas já se cuidam mais, a gente não tem tempo de se cuidar muito, né? E aí nas cidades com mais representada, mais maquiada, mais essa parte toda de unha bem pintada, essa coisa assim, né? Eu acredito que é por aí que eu vejo*

Já em relação à distinção de classe entre representações de mulheres pobres e ricas, Pérola Negra afirma que na novela "*procuram diferenciar muito*". Para isso faz um paralelo entre duas personagens da novela *O Cravo e a Rosa* e interpretavam governantas, sendo que uma era vinculada ao núcleo urbano, e outra ao núcleo rural, vinculando o rural à uma classe inferior.

*P: A pessoa pobre geralmente, que nem tem uma novela ali, essa O Cravo e a Rosa, aí tem a Neca¹⁵⁸ e tem a Mimosa¹⁵⁹, as duas são governantas da casa, só que uma trabalha no interior né, na fazenda no interior, e a outra trabalha na cidade numa casa de família né, tradicional. E aí aquela uma **não sabe né, bem simples, até na maneira de conversar... E a outra já sabe se esclarecer mais.***

G: Sim

P: É isso que eu vejo, assim na novela. Se bem que hoje em dia não é mais isso a base né.

G: Sim

P: Mas na novela é o que eu vejo.

Questiono então se ela considera que mulheres brancas e negras são representadas da mesma forma pela mídia, e ela diz que não. A questão da classe retorna, com ela visualizando as mulheres brancas ocupando postos mais elevados.

*Ai eu acho que não. Não tão não. Mas é aquela questão quando.. como é que é, mulher branca tá onde ela né? **Um patamar mais alto assim, diferenciado.** É assim, né. A gente briga muito para chegar lá, né? Mas são poucos negros, poucas negras que chegam onde querem. Onde muitas querem, né? Muito pouco. Mas a gente já fica contente por esse pouco que tá lá.*

4.2.4 Tia

Tia¹⁶⁰ é natural de São Lourenço do Sul, tem 58 anos, e se declara como uma mulher preta, com origem quilombola. Desde seu casamento, há 37 anos, ela vive em um dos quilombos situados na zona rural do município, que fica a 25km de distância do centro urbano, em uma área de menos de um hectare¹⁶¹. Antes disso, residia em uma propriedade próxima, mas que não estava inserida no quilombo.

Ela é casada e divide a residência com seu marido, também quilombola. A edificação é grande, de alvenaria e tem dois andares, se firmando como uma das maiores da comunidade. Apesar da casa de Tia e todas as demais terem pátio, nenhuma delas, no entanto, dispõe de espaço para plantações em larga escala.

A comunidade em que Tia vive é composta por 70 famílias e possui uma área total de 50 hectares, tendo sido certificada como Remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares

¹⁵⁸ “Neca (Ana Lúcia Torre) é criada de Petrushio (Eduardo Moscovis). Servidora fiel, sente pena da maneira com que Petrushio trata Catarina (Adriana Esteves), e procura ajudá-la. Ou seja, faz parte do “time” das mulheres. Gosta de Calixto (Pedro Paulo Rangel), e fica com ciúmes quando ele se aproxima de Mimosa (Suely Franco)”. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-cravo-e-a-rosa/noticia/personagens.ghtml>> Acesso em 18 mar. 2023

¹⁵⁹ “Mimosa (Suely Franco) é empregada fiel da casa de Batista (Luís Melo). Criou Bianca (Leandra Leal) desde que o pai ficou viúvo. Adora Bianca e tem medo de Catarina (Adriana Esteves). Ao longo da trama, vive um romance lírico com Calixto (Pedro Paulo Rangel), o dedicado empregado de Petrushio (Eduardo Moscovis) na fazenda”. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-cravo-e-a-rosa/noticia/personagens.ghtml>> Acesso em 18 mar. 2023

¹⁶⁰ Nome fictício escolhido pela interlocutora. Questionada sobre a motivação para escolha, disse que é como era chamada em seu antigo emprego.

¹⁶¹ Utilizando a classificação adotada pelo Incra, consideramos que Tia vive em um minifúndio.

em 2010. A área foi doada a uma família negra escravizada após uma batalha ocorrida durante a Revolução Farroupilha¹⁶², na atual Vila do Boqueirão, no município. Na época, as tropas lideradas por Manoel Lucas de Oliveira, que contavam com a participação de escravizados, venceram o exército de Francisco Pedro de Abreu (BUCHWEITZ et al., 2010). Atualmente, Tia explica que possui apenas um termo de posse da área onde vive e paga impostos, mas não dispõe da matrícula junto à Prefeitura, assim como as outras famílias da região.

A interlocutora relata que o acesso à água é um problema na localidade. Realizamos nosso primeiro encontro em fevereiro de 2022 e no dia da entrevista o seu esposo tinha ido arrumar a cacimba da família, que estava com problemas. Ela afirma que com a cacimba é difícil faltar água, mas o recurso exige manutenção constante. A luz também costuma faltar, principalmente no verão.

O casal só tem uma filha, que vive no mesmo terreno, em uma outra casa menor, junto das três netas de Tia. A filha é divorciada e trabalha em um comércio próximo como atendente, sem carteira assinada. Ela tem formação como Técnica Agrícola.

Hoje aposentada, Tia trabalhou grande parte de sua vida como cozinheira. O esposo também já é aposentado, tendo trabalhado por muitos anos em um posto de gasolina e atualmente, para complementar a renda, presta serviços como peão de fazenda. Já Tia realiza serviços eventuais de costura, o que, segundo ela, é algo que gosta de fazer para passar o tempo e também resulta em uma receita extra. O casal vive com uma renda mensal aproximada de dois salários mínimos e meio, sendo que cada um gerencia seu dinheiro. “*Aqui é cada um é o seu. Eu gerencio o meu e ele gerencia o dele*”, enfatiza.

Além dos custos que os dois têm consigo, também auxiliam financeiramente a filha, prestando apoio a ela e às netas após a separação. Apesar da casa de sua filha ter sido construída em seu terreno, e a maior parte dos custos da obra terem sido pagos por Tia e o esposo, com o divórcio o ex-genro tem direito a R\$50.000 na partilha de bens. Sem recursos para pagar o montante, a filha cedeu a ele sua parte no automóvel do casal e fez um acordo para que o valor devido fosse descontado proporcionalmente no que ele deve pagar de pensão às filhas. Dessa forma, por um determinado tempo, o ex-marido está isento legalmente de qualquer responsabilidade financeira com as meninas.

Já falecidos, os pais de Tia foram casados e trabalhavam em uma fazenda próxima. Enquanto o pai cumpria a função de capataz de granja, a mãe era avicultora. “*Ela trabalhava na lavoura, trabalhavam junto, né? Trabalhavam junto os dois*”, explica. O mesmo, se repetia com as gerações que os antecederam. “*O meu vô era a mesma coisa que meu pai, era a mesma*

¹⁶² Também conhecida como Guerra dos Farrapos, foi uma guerra regional, de caráter republicano, contra o governo imperial do Brasil. Aconteceu entre 1835 e 1845.

coisa. (...) E a minha avó também... era a mesma coisa. Se trabalhava sempre juntos”. O pai ficava responsável pelas tarefas junto à lavoura de arroz, e a mãe, das demandas próximas à casa da propriedade. Ela relembra que a mãe atuava “*mais em casa, mais fazendo serviço para os peão*”.

Aquela época faziam muita comida para os peões, capinavam milho, abóbora, essas coisas... feijão. As mulheres levavam as crianças pequenas, nós pequenos e faziam esse tipo de serviço, né? E os homens já não, já iam para lavoura mesmo de arroz, né?

Um momento de mudança brusca em sua vida foi quando sua mãe faleceu. Ainda criança, e já habituada a trabalhar com a família na granja, ela precisou assumir responsabilidades e deixar alguns objetivos pelo caminho. Apesar de ter irmãos homens de idade mais avançada que a sua, como a filha menina mais velha, com 12 anos assumiu as funções que eram desempenhadas pela matriarca. “*Era fazendo comida, fazendo pão, capinando, cuidando das crianças, né? Claro, eu não entrei como mulher, né, do pai, mas o resto eu fazia tudo*”.

Tia e o esposo estudaram até a quinta série, em escolas públicas. Apesar de ter trabalhado ao longo de sua vida como cozinheira, relata que o seu grande sonho sempre foi ser advogada.

Meu sonho mesmo era sempre ser uma advogada. ***Meu sonho*** desde criança. Eu subia em cima dos palanques e inclusive eu sou defensora até hoje, só que eu não pude estudar, né? Não tive oportunidade. Mas até hoje, se eu tiver que defender... ***eu sempre sonhei*** em ser uma advogada assim, né de pequenas causas. Sempre tive [o sonho] mas eu trabalhava como cozinheira porque tinha que trabalhar. Eu tinha meus netos né, eu tinha meus... para fazer. Eu sempre lidei com criança. Desde os meus 12 anos aí ficamos quatro irmãos menor, e aí eu venho criando eles. Depois casei, eles vieram morar comigo. Aí depois tive minha filha e continuei sempre nessa função... função de criança.

A repetição de Tia do quanto a advocacia era um sonho, e de como ele foi interrompido com as imposições que a vida lhe apresentava, naquele momento, evidencia o sacrifício que isso lhe custou. Hoje, diz que o seu sonho de vida é ver todas as netas formadas, demonstrando, novamente, a importância que dá ao estudo e o que o acesso à educação formal representa para ela e para sua comunidade.

Quando a filha engravidou, ainda adolescente, deu suporte para que ela terminasse o ensino técnico, e hoje fomenta que a neta mais velha busque os seus objetivos. A menina, que trabalha como menor aprendiz em uma escola, recentemente concluiu um curso de modelo, e busca por oportunidades, mas enfrenta dificuldades.

T: (...) Ela fez o curso, ela foi lá, fez, pagou, mas ficou só no curso. Até agora não chamaram

G: E chamaram outras pessoas da turma?

T: Chamaram, chamaram. Se é o sonho dela, se é o sonho dela, a gente incentiva. A gente acha legal (...) mas eu acho que é muito competitivo pelo seguinte: ela não tem tamanho, né? Que tu vê que ela fez o curso e tudo, o dia que foram fazer a apresentação, o desfile, ela foi para o infantil.

Aposentada há três anos, questiono como ela tem o costume de organizar o seu dia. Tia conta que suas tarefas envolvem a limpeza diária da casa, que é iniciada pela manhã, a preparação de todas as refeições e o cuidado das netas pequenas. Uma pausa é feita após o almoço, antes de dar sequência nas atividades da tarde. Nesse momento, costuma assistir televisão. *"De tarde eu dou uma descansadinha, vejo o jornal na televisão (...), aí eu vou para rua, fazer o serviço da rua, assim como vou dizer... juntar lenha, capinar, né, tratar os bichos, a criação"*, explica. Às seis horas da tarde, já é o momento de retornar para dentro de casa e iniciar a preparação da janta. Ela é a única responsável pela limpeza, preparação de comida e pelas compras.

"Tem dias que eu me levanto às sete, seis horas, e deito dez horas. Às vezes, quando assim, agora mesmo que eu tô meio ruinzinha [em função de sequelas da Covid-19], eu tiro uma hora para mim de descanso meio-dia", relata. No restante do tempo, fica envolvida com as casas e as crianças. *"Tô com as crianças, é com a casa, é com as coisas, é com as coisas... com roupa, com as coisas (...) não tá se fazendo uma coisa, tá se fazendo outra"*.

Pergunto se quando a sua filha era pequena, ela também era a única responsável, e Tia explica que como trabalhava fora do lar, chamava alguém para cuidar dela. *"Sempre tinha uma pessoa que fazia as coisas, que eu tinha junto comigo. Era a minha sogra que cuidava ela né? Quando a minha sogra não podia, eu arrumava uma guria para ficar com ela"*, conta. Hoje, a interlocutora é avó e repete o mesmo padrão, monitorando suas netas para a filha trabalhar. Tia também cuida da alimentação da filha e das netas, fazendo almoço para todos juntos em sua residência. Entre a geração dela e a da filha, percebe-se que quando a figura da mãe não tem tempo disponível para se dedicar integralmente à criança, a figura paterna não assume esse compromisso, e o trabalho de cuidado é terceirizado para outra mulher.

Em seu tempo livre, ela diz que *"gosta de ir para horta, capinar, varrer terreno, e ir para rua assim, na rua, fazer as coisas da rua"*, atividades que consegue se dedicar quase todos os dias. Se pudesse gastar em alguma coisa no momento, Tia conta que faria um quintal. *"Eu gostaria de fazer um quintal para mim, um quintal bem bonito, sabe, uma coisa bem bonita"*. Questiono então se esse seria seu maior sonho de consumo, e ela afirma que sim.

Seria esse quintal. Seria esse quintal pra mim. Porque aqui do lado aqui eu quero fazer um quintal assim, né? E eu já tô... a gente já tá... tem laranja, já tem coisas para

lá. Então aqui eu queria botar uma coisa com flor, fazer umas árvores baixinhas que tem um bom espaço aqui do lado para a gente fazer e não tá dando.

Em sua casa, Tia tem disponível como meios de comunicação a televisão, o celular com acesso à internet e o rádio. Ela afirma que utiliza mais a televisão e o rádio, sendo que o último seria indispensável no dia-a-dia. A família paga pelo celular de conta e pela internet wi-fi, e Tia relata que antigamente também tinha em casa um sinal com canais abertos, mas diz que atualmente, em virtude do custo, isso está fora de cogitação.

Ela conta que o seu consumo de mídia aumentou significativamente desde que se aposentou. Antes, como ficava fora o dia todo, chegava cansada e não tinha tempo. Agora ela tem o hábito de assistir televisão sozinha, geralmente na cozinha, enquanto prepara as refeições. *"fazendo janta, vou olhando aqui, fazendo..."*. A interlocutora costuma assistir mais a Globo, e tem entre seus programas preferidos as novelas e os telejornais da emissora, como o *Jornal Nacional* e o telejornal local, *RBS Notícias*. *"Primeiro era uma vida corrida, agora é uma vida mais calma, aí eu faço minhas coisas de manhã, meio-dia eu já tenho um tempo de olhar um jornal, às sete horas também, o jornal daqui da RBS, né? Então eu já tenho mais esse tempo, e depois o Jornal Nacional"*.

Quando nos encontramos novamente em janeiro de 2023, para a realização da nossa segunda entrevista, ela também comenta que desde o resultado das últimas eleições presidenciais, em outubro de 2022, tem se sentido mais motivada a acompanhar os telejornais.

*T: Agora o negócio da política né? Eu tenho assistido bastante jornal agora né? Bastante jornal. Porque essa política aí que agora a gente tem... continuo gostando do meu rádio, mas **com essa política, com essa virada que deu** ... [pensa e completa]. A gente não sabe se o Bolsonaro saiu, se foi bom, se foi ruim, se o Lula vai ser... Com o Lula eu acredito que vai ser melhor, eu acredito. Mas vamos ter que ver, né.*

G: Sim. Antes a senhora não tava assistindo tanto, por que não se identificava assim?

T: Não me identificava, não me identificava. É que a vida assim como eu te falei, eu trabalhei muito, né? (...)

G: Além dessa parte de política tem alguma outra notícia assim que a senhora goste?

T: Eu gosto mais da política, sim. Claro que como um todo que eu assisto, né? Mas mais é da política, né?

G: Ver se vai mudar alguma coisa?

T: É, pra ver se vai mudar alguma coisa, pra melhor, né.

G: Sim

Tia também diz que lhe chamam atenção as reportagens que tratam sobre luz solar. *"É uma coisa assim também que eu me interessei muito mesmo de saber (...) É uma coisa que me chama muito a atenção"*. Ela diz que conhece uma professora que mora perto e que instalou painéis de captação de energia solar em sua propriedade, e que pretende colocar o sistema em sua casa. Para isso, no entanto, precisa se organizar financeiramente. *"Eu vou fazer, se Deus quiser agora, porque a minha neta tá trabalhando, minha filha também... e eu meu marido*

estamos pretendendo fazer um empréstimozinho, não muito grande, né, pra colocar aqui em casa”, relata.

Quando pergunto qual suas novelas preferidas, na primeira entrevista, Tia cita *Nos tempos do imperador*¹⁶³, obra veiculada às 18h, que chamou sua atenção por trazer informações sobre a história do Brasil. “*A do imperador, a que eu mais gostei. Porque muita coisa do Brasil que a gente não sabia foi de foi dito naquela novela. Que eu não sabia, eu não sabia, né? Porque eu estudei pouco, né? Então muita coisa que eu não sabia, eu aprendi ali, né?*”.

Um ano depois, quando voltamos a nos encontrar, fala do quanto gostou de *Pantanal*, que foi veiculada no intervalo das visitas.

T: O Pantanal eu acho que não teve quem não gostasse

G: A senhora chegou a olhar a primeira versão da novela?

T: Não, eu nunca tive tempo de olhar antes, nunca tive. Não dava, a gente trabalhava muito, não dava. Agora sim, assisti do começo ao fim.

G: E gostou?

T: Amei, amei, amei.

G: O que mais lhe chamava atenção?

T: Sabe o que mais me chamava atenção, assim? É quando aquele senhor virava... [Velho do Rio] pro lado de prevenir, de não desmatar. Não desmatar, sabe. O rio lá, eles mesmo quando eles falavam assim (...) uma coisa que também me interessou foi uma escola de criança, que eu gostei. E que eles queriam manter o rio sempre limpo. Aquilo ali eu achei, bah... aquilo ali me interessou bastante. E as árvores, os animais.

Por ter sido ambientada no espaço rural, pergunto se ela conseguia relacionar algo tratado na novela com o cotidiano de onde vive, e ela fala sobre as novidades implementadas no campo.

G: E tinha alguma coisa assim que a senhora conseguia relacionar com morar aqui no interior assim?

*T: Sim, como a criação de gado, como eles faziam aquilo, né? Eu gostei também quanto aquele guri [Joventino], o filho do coisa, foi lá e **trouxe as novidades para o interior**, né? Porque o pai dele [José Leôncio] só queria saber do troço no câmbio aquele né, aí de repente o guri foi lá e trouxe um computador, trouxe a luz elétrica, trouxe um monte de coisa para a fazenda. (...) O que que eu quis dizer com aquilo... que aí nem sempre, claro que eu acho que o dinheiro a gente tem que olhar pessoalmente, mas nem tudo poderia ir pra cidade, poderia né? De repente há várias coisas que a gente pode fazer aqui no interior mesmo, mudando né? **Ficar no interior, mas mudar muitas coisas.***

A partir disso, fala que anos atrás fizeram uma consulta pública na sua comunidade pedindo ideias do que poderia ser instalado ali, e ela sugeriu uma escola, que mais tarde foi

¹⁶³ “A novela das 6 da TV Globo, *Nos Tempos do Imperador*, conta a trajetória de Pedro II, à frente da Corte brasileira. Ao mesmo tempo em que o Brasil busca a sua identidade poucos anos após a independência, Pilar, Jorge, Dom Pedro II, Thereza Cristina e Luísa enfrentam momentos importantes em suas vidas, estabelecidas no Rio de Janeiro”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/nos-tempos-do-imperador/>> Acesso em 18 mar. 2023

construída. Assim, é possível entender porque a construção da escola para as crianças pantaneiras também foi algo de destaque para ela na novela.

T: Fizeram uma enquete pra todas as pessoas ali que estavam trabalhando, o que seria melhor ali. um botou venda, outro botou alguma coisa, botaram isso, botaram uma farmácia, que é uma coisa interessante também, e eu disse uma escola. (...) aí eles me perguntaram por quê? Porque os nossos jovens terminam né? Aquela época acho que era até a sétima, terminava a sétima aqui e tinha que ir para São Lourenço, né? E agora não, agora eles fazem quase todo aqui, depois que terminam, aí que eles vão mais para São Lourenço. Aí teve gente que disse é, mas tu tá sonhando com uma escola aqui e eu disse "mas sonhar é bom", agora se vai realizar ou não, sabe. E o sonho se concretizou a minha neta mesmo estudou nela. Aliás, a minha filha estudou nela. A minha neta estudou nela. E agora tá trabalhando nela. E as outras [netas] estão estudando lá. Tu vê, não precisa sair daqui, né? Porque antigamente tinha que ter um ônibus meio-dia para levar todos os jovens daqui pra São Lourenço. E tu vê quanta coisa se perde, né? Isso que aqui é uma cidade pequena, né? Mas assim ó, como não tem muitos jovens que vão pra estudar, vai ter outros jovens sabe, que já pegam pra outro caminho, né? E quanto mais a gente mantém eles aqui fora, né, ao nosso alcance das nossas vistas, né? A gente tentando educar eles: olha, vamos chegar em casa, vamos dar uma comida para um porco, uma comida pra uma galinha, isso tudo eu acho que eles vão levar a vida toda, depois que eles vão para a cidade bom, eles podem até pegar outro caminho, mas o básico, ele sabe.

G: Sim, e a senhora acha importante saber essas coisas?

T: Eu acho muito importante, eu acho muito, muito, importante essas coisas. Eu gosto de passar muita coisa para os jovens. Eu gosto sabe, eu gosto de passar.

Ela diz que gostava de ver passagens de *Pantanal* com o *Velho do Rio*¹⁶⁴, pois lembrava de uma história contada pelo avô antigamente, nos dias de chuva e quando não havia televisão, de ele teria visto um amigo se transformar em lobisomem. Também relaciona a importância do personagem na conscientização sobre a natureza e contra o desmatamento, e o papel como ancião da comunidade, o que hoje considera que é ocupado por ela no quilombo, pois é uma das mais velhas. “*A mais velha sou eu aqui agora então eu tô tentando passar o que eu sei pros netos, para os sobrinhos. Tentando passar as coisas, deixar o que a gente sabe pra eles, né? Espero que eu deixe para eles, né? A gente sempre espera isso, né?*”.

Assim, a partir de uma longa história que conta de quando ensinou as mulheres mais jovens da comunidade a como fazer massas de bolos de aniversário é possível perceber que além de alguns laços de sangue, as mulheres que ali residem nutrem entre si uma espécie de irmandade, fomentada pelos processos de reconhecimento, formando uma grande rede de apoio.

T: (...) Eu disse pra elas, na nossa vida, eu espero que vocês me enterrem, não eu enterrar vocês, né? Então eu espero assim, mas eu acho que todos nós temos uma capacidade de fazer as coisas, só que tem alguém que tem que ter paciência, né? Teve uma professora aqui que ensinou nós. Eu reaprendi muitas coisas, né? "Ah, porque eu não vou conseguir", consegue, vamos lá. Aí eu fiz passo-a-passo, sentei,

¹⁶⁴ “Ponto de contato entre o mundo físico e espiritual e a síntese de uma consciência ecológica coletiva, o Velho do Rio (Osmar Prado) é um encantado. Uma espécie de guardião deste paraíso em terra que se chama Pantanal. Apresenta-se às vezes em forma de gente, às vezes em forma de sucuri, a maior de todas que já se viram pelo Pantanal”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/personagem/velho-do-rio/>> Acesso em 19 mar. 2023

dei a bateadeira pra elas, eu sentada ali e ela fazendo. Eu digo vocês botam o ovo assim, bota todo o ovo na bateadeira, bate, pega um copo de água morna, bota no ovo, ele vai subir, aí vocês pegam um copo de açúcar, despejam lentamente e batem e depois vocês abaixem a bateadeira e vão botando dois copos de farinha lentamente também Olha, tem três mulheres agora aqui. Três gurias aprenderam a fazer. Ensinei o merengue, tudo na calma, eu gosto desse tipo de coisa

Aí assim agora precisa tu ver. Se tem um filho de aniversário cada um faz o seu bolinho, cada um faz a sua tortinha. Do jeito delas, uma eu ensinei o glacê cozido já achou que o meu glacê cozido ela já não gostou. Mas ela já foi com chantilly, quer dizer que não interessa, né? O interessante é a massa, e o resto, recheio, as coisas, elas que coloquem do jeito delas, mas elas fazem bolos maravilhosos agora

G: Coisa boa

T: É, é umas coisas assim, sabe. A bolachinha de Natal também foi a mesma coisa, então eu gosto desse tipo de coisa e vai passando de geração em geração.

Pergunto então se ela se identificava com alguma das personagens femininas de *Pantanal*, e ela diz que sim, citando *Maria Bruaca*¹⁶⁵ e *Filó*, pela relação delas com as tarefas domésticas e o lar.

Era aquela uma que só cozinhava, só cozinhava, só ficava em casa. A Bruaca. Mas sim, só que eu não fiz tanta coisa que nem a Bruaca fez né? Mas eu falo assim na época de casa, ela morava ali sozinha, ela cuidava da casa, ela fazia tudo nela. Depois sim que a Bruaca ficou Bruaca mesmo né? Mas é assim... outra também que eu que eu achava assim era aquela, a Filó, a Filó também. É que as mulheres do interior elas faziam né? Cuidavam da casa, cuidavam. Eu me identifiquei muito com elas.

Pergunto se ela acha que alguma coisa mudou com o tempo, ou se essas tarefas continuam restritas somente à mulher, e ela responde que sim, mas de forma mais geral, citando transformações de anos anteriores para agora, relacionando com o acesso a bens de consumo.

Atualmente, Tia considera que tem acesso a mais bens de consumo que antigamente eram inacessíveis à sua família e disponíveis apenas para famílias mais abastadas, exemplificadas por ela como fazendeiros.

Mudou, mudou muita coisa, meu Deus mudou! Como na época que eu fui criada mesmo, tinha fogão a gás, mas o gás era só para o final de semana e quando chegasse visita. Hoje não, meu fogão [à lenha] tá ali precisando de uma lixa. Há quanto tempo que eu não ligo ele agora no calor. Se fosse naquela época que eu fui criada, uns tempos atrás, não se tinha pra comprar o gás toda hora, como se tem hoje né? Não se tinha. Eu tinha, agora nem tenho mais força para pegar um machado. Nem tenho mais força de pegar o machado e cortar, e fazer como eu fazia antigamente, hoje eu

¹⁶⁵ “Maria (Isabel Teixeira) é uma mulher feita, madura e maltratada, tanto pela vida quanto pelo marido, Tenório (Murilo Benício), que a chama de Bruaca, marcando a falta de apreço e respeito que tem pela esposa. Sua relação com a filha, Guta (Julia Dalavia), é seu esteio. Por isso sofre quando ela parte para São Paulo para estudar, e seu retorno é motivo de alegria e companhia para Maria, que vive de forma muito solitária. Maria casa grávida com Tenório e, embora seja filha de um cafeicultor muito próspero ao casar, vê suas terras ficarem devastadas após uma grande geada. Quando seu pai morre, Tenório vende as terras - e se pudesse teria vendido Maria junto. Ela se torna um fardo para o marido e quanto mais ele viaja sozinho por esse país, mais culpada ela se sente. Por isso se submete a tudo sem imaginar que seu casamento está pela beira. Maria não desconfia que Tenório tem uma amante em São Paulo, muito menos que tenha filhos com ela”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/personagem/maria-bruaca/>> Acesso em: 19 mar. 2023

não tenho mais. A coluna me estragou, não tem mais. Então mudou bastante, em tudo, em tudo e tudo, tudo. Capaz que a gente ia ter uma geladeira. Até tinha gás, mas quem tinha eram os fazendeiros, a gente não. Nas fazendas tinham. Mas a gente não tinha. Hoje não. Hoje a gente toma refri a hora que quer e antigamente não, a gente tomava só Natal, Ano novo, Páscoa e só. Só via refrigerante no outro ano. Hoje não, até o contrário, que até tem que afastar ele da gente. Aqui em casa mesmo, às vezes eu digo pra minha neta "Não, não traz, não traz refrigerante, leva para casa de vocês".

Em relação à sua identificação com a personagem de *Maria Bruaca*, pergunto qual sua opinião em relação à personagem ter se divorciado, e ela diz que hoje concorda. Mais adiante, relaciona as violências sofridas por *Maria* com a história da própria filha, que foi traída e vítima de um relacionamento abusivo.

*T: Eu concordo hoje. Eu acho assim, ó, eu acho que vale é o amor, é se querer bem porque assim ó, **antigamente elas casavam e ficavam ali apanhando, ficavam ali, né, definhando, o marido traindo e elas ali.** Hoje, eu acho que é de igual para igual. Né, é igual para os homens, é igual para as mulheres também. Eu penso assim hoje.*

G: E a senhora acha que tem assim a questão de violência doméstica? A senhora sabe de algum caso que tem assim no interior? Acha que tem aqui na volta ou já ficou sabendo de alguma coisa?

*T: Eu fiquei sabendo sim. Eu já fiquei sabendo assim de casos de violência assim e coisa, eu até presenciei com meu até com o meu próprio genro. O meu ex-genro. **Ele era muito machista, muito machista,** teve filho fora, e aí queria chegar em casa, queria que a minha filha tava... E aí bebia. Ele só não batia nela, porque ele sabia que a gente tinha ouvido. Mas no final, no final das contas mesmo, ele teve que ir embora. Porque pra ti ter uma ideia ela foi trabalhar em uma venda e ele chamou a polícia pra dizer que ela não tava trabalhando, ela tava se prostituindo. Pra ele, uma pessoa que trabalha como caixeiro [caixa da venda/comércio], vende álcool, vende essas coisas, conversa com outras pessoas diferentes pra ele tem o nome de ser prostituta. Bem que eu acho assim que prostituta é uma coisa bem diferente, né? Ela não vendia o corpo dela e não dava o corpo dela. Ela tava ali tentando... pra não estar toda hora brigando, ela tinha as crianças pra dar comida, né? Que ele já tava naquele ponto de bebida que ele não comprava mais nada pra casa. A casa tava caindo. (...) **Eu não sei que tipo de amor era aquele dele e é até hoje.** No momento que que ele foi embora, ele já arrumou outra esposa, beleza, nada contra, a esposa dele vem aqui, traz a outra guriazinha, brinca junto com a com as nossas neta, mas se ele vê a minha guria com um namorado [está namorando há seis meses], ele passa nos pés dela e nem adeus dá.*

Tia deu apoio financeiro e emocional para filha sair do casamento, abrigando ela e as netas por dois meses em sua casa, até que o ex-genro fosse embora de onde eles moravam; e evidenciando para a filha que a situação que estava vivendo não era aceitável dentro de um relacionamento. Atualmente, também procura auxiliar a filha ao cuidar das meninas e cozinhar para todos.

Em relação ao seu consumo midiático, quando questionada se ela tem algum ator ou atriz que mais gosta, fala que se agrada de ver casais contracenando.

*Ah, sim, Tarcísio Almeida [Meira] que eu acho assim, que eles foram.... eu gosto deles assim como casais, entendeu? Eu não acho assim, não por ele ser artista, **casamento não deu certo. Tudo bem, separa né.** Mas eles continuam ali, né? Eu gosto assim de ver o Tarcísio Almeida [Meira], a Glória Menezes, né? Aqueles casais, né.*

Tia não tem costume de assistir filmes, mas diz que quando olha, prefere os de comédia, trazendo como exemplo os filmes de *Mazzaropi*¹⁶⁶ e *Os Trapalhões*, por serem “antigos e engraçados”. Sobre seriados, diz que gostou de assistir *Hoje é dia de Maria*¹⁶⁷, que lhe chamava atenção por trazer trabalhos artesanais em cena. “Era umas partes reais e outras partes era tipo aqueles bonequinhos de que faz assim de cordão”, explica. “Como é que a gente chama fantoche, né? (...) eu gostava de ver, gostava de ver né? Que né, mexia com artesanato, mexia com os dedos, com os músculos, né?”, complementa.

Também gostou de *A Casa das Sete Mulheres*. “Achei bonita aquela coisa... Anita, Anita Garibaldi, eu gosto dessas coisas que é do Brasil, entendeu? Mais assim, as coisas do Brasil que eu gosto”, relata, falando sobre a minissérie que relata o período da guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul.

Ela relata que não tem o hábito de ler revistas e jornais, mas que gosta de ler livros de romance, levando cerca de um mês para finalizar cada obra. Tia diz que faz cerca de um ano e meio que leu um livro pela última vez, mas não lembra o seu título. Ela conta que tem acesso aos exemplares a partir da arca de literatura disponível na associação do quilombo. “A gente vai lá e pega os livros para ler e depois devolve”.

O rádio é um companheiro contínuo, e escutado geralmente na parte interior da casa. Sua estação predileta é a São Lourenço AM e o programa favorito é *O Mensageiro* (que ela cita pelo nome antigo, Mensageiro Rural, que simboliza o papel que o programa cumpre para a população que mora no campo).

Tia não acessa computadores, não tem redes sociais e não entra no Youtube. A internet do celular é utilizada apenas para troca de mensagens pelo aplicativo Whatsapp, o que acontece diariamente, em conversas com suas irmãs, geralmente por áudio. Ela também não tem o costume de procurar outras coisas na internet. “Eu sou meia leiga. Eu só tenho WhatsApp porque aí eu vou ali no nome das minhas irmãs, se eu tiver que passar uma mensagem ou receber, né? Eu olho a mensagem, elas mandam por escrito e eu respondo por voz. (...) É mais com as minhas irmãs, o resto não, o resto não.

¹⁶⁶ Amácio Mazzaropi foi um ator, diretor e produtor brasileiro, fez grande sucesso entre as décadas de 60 e 70, principalmente com obras situadas na zona rural e com personagens considerados “jeca” ou “caipira”. Ver mais em <<https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-544057/biografia/>> e <<https://memoria.ebc.com.br/cultura/2016/06/ha-35-anos-morria-o-cineasta-e-humorista-amacio-mazzaropi>> Acesso em 19 mar. 2023

¹⁶⁷ “Maria é uma garota órfã que sofre com as maldades da madrasta. Ela decide fugir em busca das franjas do mar e faz um longo passeio pelos contos populares brasileiros. Em sua viagem, Maria encontra vários personagens fantásticos”. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/hoje-e-dia-de-maria/noticia/hoje-e-dia-de-maria.ghml>> Acesso em 19 mar. 2023

Caso precise de uma informação urgente, diz utilizar o rádio, e se for algo que necessite de uma contextualização maior, acompanha o desdobramento da pauta à noite, no telejornal.

Sabe como é que eu faço? Eu procuro no rádio. Geralmente se é uma notícia ela já... na Rádio São Lourenço, ela já se comunica, né? Vamos supor, vai dar guerra né. Se tu tá na Rádio São Lourenço... porque na verdade o Rui Fernando ele tem um rádio repórter, eu passo geralmente o dia inteiro na São Lourenço. Aí tu já vê. Vai dar, vai dar uma guerra, como agora... tomara Deus que não saia, né, mas tão lá brigando, essas coisas, aí eu procuro a informação com o Rui Fernando e o resto eu pego na televisão de noite, né. O resto eu pego na TV, eu procuro sentar, olhar na TV...

A interlocutora não se sente representada nos conteúdos midiáticos que consome. "*Pra se sentir representada falta muita coisa, eu acho que para ser ator tu tem que ter um bom estudo, tem que saber falar direito, né, te comportar direito, e a gente sem não sabe fazer*". Ela conta que seria impossível trabalhar como atriz, porque não se considera alguém que tem capacidade de se comunicar bem e se portar socialmente como o esperado, questões que, para ela, seriam potencializadas caso tivesse tido acesso ao estudo formal.

Nota-se o quanto a questão do estudo atravessa sua trajetória e impacta sua auto-estima. Ela afirma que durante sua vida já se sentiu discriminada em virtude da falta de escolaridade. "*Por muitas vezes não saber ler... direito*", explica. Vale destacar que a população negra, por muitos anos, foi privada do acesso à educação formal. Apesar dela ter nascido em um espaço de tempo onde a educação para todos e todas era um direito constituído, isso não se efetivou, uma vez que os atravessamentos de raça e classe, junto à morte precoce da mãe impediram que ela avançasse, terminando ao menos o ensino fundamental.

Perguntada sobre como a mulher urbana aparece na mídia, Tia diz que as representações mostram algo "*falso*". Explica:

*T: Eu sempre assim, como é que vou explicar, é tudo... Não é dizer assim que é tudo falso. Mas é uma coisa parecida com tudo [falso]... Na minha mente não é dizer assim, ela é falsa. Não, tem pessoas que não é falsa, **mas eu acho assim que a mídia faz a pessoa ser falsa, entendeu? Faz a pessoa fazer ser falsa, né?** Porque assim vamos supor algumas coisas assim, tem que pintar, tem que representar outra pessoa que tu não é... é o que eu acho. Eu não sei qual é a palavra adequada seria, mas eu não sei, falsa.. coitada da mulher, mas seria, para mim seria né? Porque assim, hoje ela tá de um jeito. Amanhã, ela tá do outro. Eu não sei como certo seria.*

G: A senhora diz assim, de coisa de vestir?

T: De tudo, é vestir, é se programar, é tudo. Vamos supor assim, nós aqui fora mesmo. Nós podemos usar uma coisa que a gente... Hoje já se vê calça aí, a gente já se vê gente calça rasgada, mas antigamente a gente botava um remendo e se tivesse que ir para um lugar a gente iria, né? Mas da cidade já foi educada para não ser aquilo ali, né? Já foi, já teve a educação para não ser aquilo ali. Mas a gente, não. A gente se tivesse que ir à São Lourenço de pé no chão, desde que tivesse a passagem. Eu nunca fui de pé descalço, mas de chinelo, muitas vezes com pé embarrado, muitas vezes eu cheguei a ir, né? Então o que que eu acho assim da cidade... já é diferente, a educação é outra, entendeu? Eu acho que seria a educação seria outra né? Para não dizer falsa. Eu acho que a educação seria outra.

Ela reage à importância que a sociedade dá para a aparência pessoal. Defende uma naturalidade na apresentação social que revela uma herança de uma cultura tradicional e popular, ao contrário da cultura urbana e burguesa baseada na estilização.

Já sobre a mulher rural, Tia aponta a ausência de representações. "*Ela quase não aparece. Risos. É difícil, né. É difícil*", enfatiza Tia. Pergunto como ela sabe que alguém mora no campo, em uma produção midiática, e ela responde que esse reconhecimento se dá a partir da forma da pessoa falar e vestir. "*Olha tu vê no jeito de falar, tu vê no jeito de se vestir, né. A gente vê nisso aí, né? Porque é completamente diferente a vestimenta da Colônia. Hoje já é, tudo assim... né? Mas no jeito de se expressar vamos supor assim, a gente já vê...*".

Questionada sobre como seria possível identificar em produtos midiáticos mulheres pobres ou ricas, Tia ao invés de se atentar somente à questão de renda, responde trazendo a questão racial.

Eu acho que nessa mídia aí (...) agora tão dando né, serviço para as mulheres negras. Mas antigamente tu podia ver que a mulher negra era para lavar, era para passar, era para atender seu senhor. Hoje já tá, né, já não tá tanto. Mas geralmente eu acho assim a cor, né?

Questiono, então, se ela acredita que mulheres brancas e negras são representadas da mesma forma nos produtos midiáticos, e ela diz que não. Quando perguntada sobre qual seria essa diferença, ela menciona o fato de os negros, na mídia, geralmente ocuparem papéis subalternos, em que são culpados por coisas erradas, que na maioria das vezes não fizeram. Menciona também que o "*preto não tem cultura*", dizendo que as representações, em sua maior parte, são de pessoas "*não estudadas*". Ela gostaria que os conteúdos midiáticos não atuassem estigmatizando a população negra e sim, colocando os personagens em posições de maior reconhecimento social. Partindo para a vida real, cita o caso de seu marido, que em seu entendimento, por ser negro e acanhado, nunca conseguiu ser promovido onde trabalhava.

*T: Vamos supor na mídia, né? Um preto faz... umas vezes ele nem fez aquela coisa errada. Pode ter feito, né? E eu acho que o preto também não tem cultura, né. (...) Meu marido trabalhou 40 e tantos anos ali, nunca deram uma chance para ele, porque ele era negro. Ele é negro, né? E tem gente que chega hoje e já tem uma chance maior. Tá, aí eu te pergunto: é por falta do estudo? É por ser acanhado? É pela cor? **Eu acho que é pela cor** e um pouco de interesse da pessoa também, eu acho... mas não adianta eu acho que se a pessoa pode ter interesse e se for pela cor, eu acho que... [paralisa]*

G: Já dificulta...

T: Já dificulta porque a vida inteira botaram ele de noite, né? A vida inteira nesses 40 anos, ele trabalhou quase a noite.

G: Que é o pior horário?

T: É o horário que não tem muito movimento, que não tem muito assim. Eu não discrimino assim, eles lá, eu acho que ele também tinha que ter chegado, tinha que ter falado, tem que ter né? Porque eu assim, lá no serviço mesmo. Eu trabalhei 10 anos lá e mais 10 anos aqui de cozinheira. Mas eu sempre procurei o meu lugar, entendeu? Era a única mais morena, mais negra que tinha ali era eu. Mas é assim, ó,

*eu tratava todo mundo com respeito, me respeitava, queria ser respeitada como eu tinha que respeitar, né? Conversava com qualquer um né? E me impor. Às vezes eles diziam "não eu vim aqui fazer outra" coisa na minha cozinha, digo não, "Vocês podem fazer o café de vocês, pode fazer o que vocês quiserem, mas limpem. Porque se era a outra vocês limpavam, porque a outra era alemoa né, vocês limpavam". **Eu nunca disse porque eu sou negra vocês não querem limpar.** Eu digo, "eu, porque eu moro mais perto, saio mais cedo vocês acham que eu não tenho meus direitos, eu tenho" mas **eu nunca me expressei porque eu era negra, porque não.** Eu digo uma coisa, se eu dizer que eu fosse você negra, ai eles vão né? **Vai ser pior para mim. Então eu sempre procurei também, né fazer tudo bem feitinho para não ter reclamação. Foi uma das coisas que eu sempre tive e passo para minha filha, passo para as minhas netas fazer...** porque vamo supor se tu vai fazer um serviço, o **mérito é o teu.** Essa pesquisa aqui, as perguntas [respostas] são minhas né? Mas o teu trabalho é o teu trabalho, entendeu? Eu sempre passo isso para minhas irmãs, agora para minha filha, para minhas irmãs que eu criei eu digo: "Olha, o teu trabalho, é o teu trabalho".*

Trazendo a si própria como exemplo, ela tenta diferenciar o seu comportamento do que era adotado por seu marido, que em sua concepção aceitou a situação de opressão. Ela relata que onde trabalhava estabeleceu limites para que não fosse explorada pelos outros trabalhadores. Tia acredita que, por ser negra, alguns se aproveitavam, deixando louças sujas a serem lavadas, ao contrário do que acontecia com a outra cozinheira, de origem germânica. Apesar de compreender que as violências que sofria tinham origem também questão racial, na busca por "seu lugar" com as pessoas brancas, ela não mencionava o fato.

Tia conta que não costuma participar de eventos culturais, como shows, peças de teatro ou festas. Também nunca foi ao cinema e não costuma viajar. Diz que tem o costume de sair mais para visitar parentes, que geralmente moram próximos.

Ela também conta que o quilombo tem tentado, lentamente, promover reuniões após o período de pausa, motivado pelo isolamento social imposto pela Covid-19. Antes da pandemia, costumava ir em encontros e cursos na associação do quilombo. "*Tinha curso de pão, essas coisas, pão caseiro. Tinha curso de crochê, tinha curso de macramê, tinha curso de lã crua*", conta, lembrando que por vezes, algumas dessas reuniões eram feitas na sua própria casa. Todos os cursos eram gratuitos, geralmente promovidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), mas foram paralisados.

No intervalo de nossas entrevistas, nos encontramos na atividade "Kilombo Literário", uma atividade desenvolvida por alunos e professores FURG que busca valorizar o protagonismo de estudantes quilombolas e a produção de autores e autoras negras. O encontro aconteceu em sua comunidade, na casa de uma das outras moradoras. Além dos encontros presenciais, ela conta que eventualmente tem participado de cursos online, também promovidos pela universidade, como uma aula de fazer mudas de flores.

Recentemente, conta que também passou a integrar um grupo de idosos que se reúne semanalmente no salão de uma paróquia de seu distrito rural, fruto de uma iniciativa do Centro

de Referência da Assistência Social da Prefeitura Municipal. Ela costuma frequentar os encontros a cada quinze dias, e diz que a maior parte de quem participa também são mulheres. “*A gente vai lá e conversa, né? Conversa com ela, aí ela faz exercício com nós. Vamos supor assim, se eu tenho um problema, ela chama nós numa salinha particular, né?*”, explica, dizendo que tem gostado muito de participar. “*Eu gosto que aí tu vai lá, a gente aprende a fazer crochê, a gente aprende a conviver com outras pessoas*”.

Além do espaço de integração, a profissional que ministra os encontros também auxilia os presentes orientando sobre algumas demandas geralmente relacionadas ao acesso a direitos. Segundo Tia, a trabalhadora explica, por exemplo, quais são os passos para reivindicar algum auxílio (como invalidez), ou como solicitar a isenção de transporte para idoso.

Tia considera que os pontos positivos de morar no interior são o contato com a natureza e a segurança. “*A primeira coisa que eu acho é o ar né? O ar puro. E aqui no interior ainda tu pode sair pra lá, pode sair para cá, tu não tem aquela... que nem na cidade, né? Que tem que tu tem que ligar as câmeras. Aqui no interior a gente não precisa usar ainda. Mas ainda né?*”, ressalta. Considera como ponto negativo a distância para procurar auxílio médico, caso necessário, e as redes de transporte escolar.

Quando a gente precisa, quando adoecer, até a ambulância vir é um caso. É tudo muito longe da cidade (...) Acesso a tudo, tu vê, quando minhas netas tão estudando eu tenho que ir lá (...) pegar ela todos os dias para elas descerem para cá. Elas têm o ônibus na estrada estadual, pra Municipal pra cá, não tem ônibus, então a minha filha leva meio-dia e eu busco de tarde. Então esse também já é um... não tem escolar assim, né, perto de casa, um ônibus escolar assim que pegue de casa em casa.

Segundo a interlocutora, a família não lhe ensinou nada sobre ser mulher. Como a mãe morreu muito cedo, desde nova Tia precisou assumir responsabilidades e tomar decisões em nome dos irmãos. Para ela, o momento mais importante de sua vida foi o nascimento da filha. Questionada se tem alguma escolha de vida da qual se arrependa, Tia fala sobre o quanto se desgastou trabalhando. “*Eu me arrependo de ter trabalhado demais. Não sei se tu vai me entender, mas eu me arrependo, disso. Porque a gente fazia o serviço do homem, fazia o serviço da casa, a gente fazia isso. Hoje eu tô com 58 anos e tô um bagaço*”.

Sua fala demonstra o quanto a jornada contínua imposta às mulheres dentro do sistema capitalista esmaga e oprime parte de suas existências. O cenário é ainda mais difícil para as mulheres negras, direcionadas, em sua maior parte, a cargos que exigem o uso da força braçal, em busca de subsistência. Por isso, quando pergunto por que ela acha que algumas mulheres não se casam, ela fala sobre o fardo que recai sobre as mulheres. “*Eu acho que a responsabilidade geralmente sempre fica para mulher, né. Sempre fica*”.

4.3. Perfis das interlocutoras

TABELA 3 - Perfis das interlocutoras

	Fernanda	Janaína	Lili	Dulce	Negra X	Ágata	Pérola Negra	Tia
Idade	40	41	21	48	45	33	43	58
Profissão	Comerciante	Cabelereira/ Costureira/ Agricultora	Agricultora	Agricultora	Pesquisadora/ Artesã/ Agricultora (subsistência)	Boia-Fria / Agricultora	Agricultora (subsistência)	Aposentada/ Agricultora (subsistência)
Escolaridade	8ª série fundamental	5ª série fundamental	3º ano ensino médio	5ª série fundamental	Graduada em Educação do Campo/ Mestranda em Educação	3º ano ensino médio	Graduada em Educação do Campo	5ª série fundamental
Estado civil	Casada	Casada	Solteira (noiva)	Casada	Solteira	União estável	Casada	Casada
Naturalidade	Canguçu	São Lço do Sul	São Lço do Sul	São Lço do Sul	São Lço do Sul	São Lço do Sul	São Lço do Sul	São Lço do Sul
Autodeclaração	Branca	Branca	Branca	Branca	Negra	Negra	Negra	Negra
Filhos	3	2	0	1	0	3	1	1
Renda familiar	3 a 4 salários	3 a 4 salários	Acima de dois salários	1 a 2 salários	1 a 2 salários	1 a 2 salários	1 a 2 salários	Acima de dois salários
Espaços de lazer/interação	Festas de Igreja/ Parques aquáticos/ jogos de carta/ visitas a amigos e parentes/ alguns shows	Festas de Igreja/ shows/ bailes germânicos/ encontros Igreja	Encontros com amigos/ Parques aquáticos/ praia (menos frequente) / festas e shows	Festas de Igreja/ Eventos Agroecologia	Mestrado/ atividades associação / atividades culturais	Atividades associação / excursões da escola/ jogos de futebol/ festas de igreja	Atividades associação/ excursões da escola/ Eventos culturais/ Igreja/ praias	Grupo de idosos, atividades associação, visitas a parentes
Atividades tempo livre	Ficar na frente da casa, cortar grama, olhar TV, costurar, caminhadas	Acessar as redes sociais	Visitar os pais e os avós	Assistir televisão e realizar pesquisas na internet	Artesanato / assistir filmes	Mexer no celular / assistir filmes	Assistir televisão e ler livros	Assistir televisão, cuidar do pátio
Programas televisivos	Novelas, telejornais	Programas de	Novelas	Globo Rural	Telejornais	Telejornais	Novelas e telejornais	Novelas e telejornais

	, BBB e filmes	receita e artesanato						
Já foi ao cinema	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não
Costuma viajar	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não
Canais mais assistidos	Globo	Século XXI	Globo	Globo	SBT e Globo	Globo, SBT e Record	Globo, SBT e Record	Globo
Seriados/mi-nisséries	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Novelas preferidas	Vamp, A Favorita, O Cravo e a Rosa	O Rei do Gado	Um Lugar ao Sol, Pantanal	Não tem	Avenida Brasil	O que a vida me roubou	A Escrava Isaura, Amor de Mãe	Nos tempos do imperador, Pantanal
Filmes preferidos	Garfield, American Pie	Não tem	Velozes e Furiosos	Não tem	Malcom X (Documentário)/ A Mulher Rei/ O Último Navio Negreiro/ Filmes épicos/ Filmes sobre história negra	Ela dança, eu danço	Ghost, Filmes sobre história negra	Mazzaropi / Os Trapalhões
Escuta rádio	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Lê livro/jornal/ revista	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaborada pela autora

5 AS MEDIAÇÕES EM PRÁTICA

Com base em todo o percurso que foi apresentado até este momento, com destaque para a aproximação com as interlocutoras, trazida anteriormente, neste capítulo procedemos à análise do material coletado utilizando as mediações de sociabilidade, identidade e redes, elaboradas por Martín-Barbero (1997, 2008). Inicialmente, realizamos a análise de cada grupo de mulheres de forma separada e, por fim, elaboramos uma síntese geral sobre a parte empírica.

5.1 Sociabilidade

5.1.1 A sociabilidade das trabalhadoras rurais pomeranas

As quatro entrevistadas pomeranas foram iniciadas no mundo do trabalho ainda cedo, seja nas propriedades rurais de suas famílias, ou no comércio familiar, como é o caso de Fernanda. Os pais das quatro eram casados e trabalhavam com agricultura, sendo que os de Fernanda aliaram essa atividade à venda. Já entre os avós, imperava somente a ocupação agrícola.

Anos depois, a relação das pomeranas com o trabalho continua se dando diretamente dentro da família. Todas estão em relacionamentos estáveis, sendo que três são casadas e uma é noiva, com casamento agendado para os próximos meses. Os companheiros das quatro são brancos, com origem pomerana. Entre as que são casadas, todas têm filhos.

Nos relatos, nenhuma menciona a contratação de mão-de-obra para a realização das tarefas, que ficam restritas aos próprios integrantes do núcleo familiar. Todas se envolvem em maior ou menor grau na agricultura e, quando realizam trabalhos concomitantes, como o comércio familiar (no caso de Fernanda) e os serviços de cabeleireira e costura (oferecidos por Janaína), ainda são dentro da propriedade rural em que vivem. Ou seja, as relações se estabelecem no âmbito privado, impossibilitando que essas mulheres se relacionem com mais pessoas. Ainda, os limites são borrados, uma vez que se misturam laços de parentesco e afeto com o trabalho produtivo.

A única que rompe parcialmente com isso é Dulce que, apesar de trabalhar em conjunto na lavoura com o marido e o filho, e contar com a presença do companheiro na banca da família da Feira Livre Municipal, consegue, a partir disso, entrar em contato com diversos consumidores, construindo laços de amizade, em um espaço público. Por isso, chama atenção que, ao contrário das outras três interlocutoras, que relacionam os momentos mais importantes

de suas vidas com o nascimento de crianças e/ou casamento, Dulce diz que o mais marcante foi ter começado a fazer feira, o que inclusive está ameaçado, devido aos problemas de saúde que enfrenta e impactam a mão-de-obra familiar, e ao desejo do seu esposo em voltar a plantar tabaco.

A indissociabilidade entre casamento e patrimônio, trazida por Carneiro (2001), Woortmann (1995) e Siliprandi (2004), fica evidenciada neste grupo. É necessário lembrar que, nas regras consuetudinárias de herança entre teuto-brasileiros (WOORTMANN, 1995), apesar das mulheres terem o direito formal à terra, isso acaba não se efetivando na prática, e o patrimônio tradicionalmente é direcionado aos filhos homens, em especial ao que pretende seguir cuidando dos negócios da família.

Assim, como comentamos anteriormente, em nossa discussão teórica, a constituição da família tende a aparecer como uma alternativa de permanência no espaço rural (SILIPRANDI, 2004). Entre as participantes da pesquisa, todas pomeranas casaram (ou no caso de Lili, está casando) cedo e nenhuma continua em terras que eram de sua família de origem. Todas vivem em propriedades rurais que foram herdadas ou ainda são da família de origem de seus companheiros, dividindo o espaço, por vezes, com seus sogros e sogras. As áreas variam de 20 a 50 hectares.

Considerando as articulações entre produção e parentesco, onde quem dita as regras é o a figura masculina (CARNEIRO, 2001), apesar da busca da autonomia, com fontes de renda própria, como é o caso de Janaína, percebe-se a autoridade que a interlocutora confere ao seu marido, e as justificativas que precisa realizar para não se envolver em tarefas da lavoura que possam interferir no andamento dos seus atendimentos no salão de beleza. Ainda, a valorização que confere à atividade do esposo, considerado por ela empresário, e a falta de reconhecimento que recebe em troca, onde o que Janaína faz parece ser invisibilizado.

Com exceção de Dulce, que se vincula à Agroecologia e afirma ter uma renda mensal familiar menor que dois salários mínimos, e que relata, ao longo da entrevista, sobre as dificuldades econômicas que passa para seguir produzindo alimentos orgânicos, as outras três participantes da pesquisa - apesar de também ocuparem frações da classe trabalhadora - buscam se vincular ao exercício do agronegócio. Suas famílias se envolvem em plantações de fumo, milho, produção de silagem e transporte de cargas, o que implica em melhores condições financeiras: as três mulheres indicam que a renda mensal dos núcleos familiares que compõem está entre dois a quatro salários mínimos. Vale destacar, nesta conta, que Janaína e Fernanda ainda têm várias de suas despesas pagas pelo sogro das duas, desonerando-as com grande parte dos custos mensais de suas residências.

A partir do contato com suas realidades e das conversas que realizamos, é possível dizer que o trabalho, para as pomeranas, é visto como um fim em si mesmo, e o maior valor para elas, é o patrimônio. Esse prisma está presente nas falas das quatro mulheres, e evidencia-se bem quando Fernanda diz que na colônia, quanto “*mais o que tu fizer é mais que tu vai ganhar*”, reafirmando a importância do dinheiro e do trabalho contínuo. Em paralelo, a interlocutora desvaloriza o trabalho da população da zona urbana, quando comenta que os trabalhadores só cumprem seus horários e já estão com o sustento garantido.

A escolaridade entre as pomeranas é menor do que entre as quilombolas e nenhuma das entrevistas pretende seguir estudando, justificando “não ia adiantar mais”, ou que se habituaram às vidas que têm. Como citamos na escrita dos Retratos Sociológicos Individuais, nota-se que, por vezes, elas contam como se “acostumaram” a determinadas situações, silenciando seus desejos ou necessidades para não interferir nas expectativas dos outros sobre si.

É o caso de Lili, que inicialmente disse que gostaria de estudar e trabalhar na cidade, e de Janaína, que tinha o sonho de ser professora. Ambas descartaram as ideias devido à rotina junto às suas famílias e às imposições da cultura tradicional. Em uma sociedade que considera o auge da feminilidade a capacidade de doação e autossacrifício das mulheres (LAGARDE, 2011), firmar suas posições, nesse caso, poderia implicar em consequências, como a perda do papel que ocupam no sistema familiar, bem como o prestígio social que têm nas suas comunidades.

Já Dulce, mesmo sendo a mais velha, tenta romper, de certa forma, com isso, mantendo alguns desejos: promoveu a transição de sua propriedade rural para um modelo agroecológico, aprendeu sobre usos de plantas e novas receitas e tem como sonho a abertura de uma padaria própria. Tudo isso, também, porque foi se percebendo enquanto indivíduo, ou seja, apesar de contar que por muito tempo não valorizou o seu trabalho, hoje sabe da importância, apropriando-se de seu conhecimento.

Duas entrevistadas não têm acesso direto ao dinheiro do seu trabalho, tendo o montante gerenciado em uma situação pelo esposo e em outra, pela sogra. Apesar de afirmarem que têm livre acesso quando quiserem, precisam solicitar a quem gerencia. Acontece o contrário entre as quilombolas: todas gerenciam sozinhas ou junto com alguém o dinheiro de suas famílias.

Para as pomeranas, ainda que haja variação de palavras, a resposta para a pergunta “O que sua família lhe ensinou sobre ser mulher?” foi sempre a mesma: mulheres devem ter família, serem educadas, “se darem o respeito” e se encarregarem da rotina da casa e dos filhos.

As quatro interlocutoras são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, que por vezes são divididas com os filhos, mas entre a primeira e a segunda entrevista, a filha mais

velha de Janaína e o filho primogênito de Fernanda migraram para a cidade. Nesse processo, as tarefas não foram renegociadas com quem permanecia em casa, sobrecarregando ainda mais as mulheres. Também são (ou foram) elas as encarregadas pelo cuidado com os filhos, quando crianças. Já a tarefa de ir às compras, quando necessário, costuma ser dividida com as figuras masculinas da casa.

Com exceção de um dos filhos de Fernanda, que recentemente entrou na escola, todos os outros filhos e filhas já superaram o grau de escolaridade de suas mães. Em suas falas, elas dizem incentivar que sigam estudando, mas na prática isso é relativo, como no caso de Janaína, que dá apoio à filha desde que isso não implique em mais custos para a família, ou mudanças de cidade. Fernanda, que recebeu forte amparo familiar da família do companheiro, incluindo a casa e as terras que cultivam, reproduz isso com o filho mais velho, tentando direcionar os seus passos no futuro: adquiriu uma casa na cidade para ele e arca com os custos dele e da namorada, incentivando que primeiro ele consiga um trabalho, para depois decidir se e como seguirá estudando.

Como espaços de lazer e interação, as pomeranas mencionam que frequentam festas de igreja; shows e bailes germânicos; eventos sociais (como casamentos e aniversários de quinze anos); parques aquáticos, jantares com amigos e partidas de futebol. Gostam de dançar, comer e beber junto dos amigos, geralmente outros casais também pomeranos. A partir da análise das postagens em redes sociais digitais e dos relatos das entrevistas, percebeu-se o grande valor dado pelas mulheres à forma que estão vestidas nessas atividades.

A religiosidade das populações do campo, já abordada por Ronsini (2004) e Gall (2019) se evidencia entre as pomeranas: a maioria delas frequenta a comunidade luterana de seu distrito e as festas promovidas pelas igrejas, como citado acima, acompanhando as paróquias pelas redes sociais; compartilham mensagens de cunho religioso no Facebook e consomem conteúdos relacionados à temática seja em canais de televisão ou em programas de rádio.

Nota-se que as atividades que gostam estão intrinsecamente ligadas ao ambiente doméstico e à família. Quando têm tempo livre, citam que preferem acessar as redes sociais, brincar com os filhos pequenos, costurar, fazer bolos, passear com animais, visitar pais e avós e fazer pesquisas na internet. Nunca foram ao cinema e não costumam viajar. Nenhuma delas também pensa em morar na cidade.

A audiência à televisão, na maior parte das vezes, acontece junto aos outros familiares, em um espaço compartilhado, como a sala. Nos relatos, contam que se habituaram com o barulho da televisão em segundo plano, enquanto em primeiro plano, realizam atividades do lar ou acessam o celular.

Entre as opções preferidas na grade de programação da televisão, as telenovelas são citadas em duas ocasiões pelas pomeranas, que mencionam uma vez cada um dos seguintes programas: Globo Rural, Big Brother Brasil, filmes, telejornais e programas de receitas e artesanatos. Das quatro, três indicam a Globo como o canal mais assistido e uma o canal religioso Século XXI.

Nenhuma delas assiste a seriados e minisséries. As novelas que mais chamaram a atenção das pomeranas foram *Rei do Gado*, *Vamp*, *A Favorita* e *O Cravo e a Rosa*, *Um Lugar ao Sol* e *Pantanal*, sendo que a última obra também foi mencionada por uma interlocutora quilombola. Já filmes, as pomeranas citam *Velozes e Furiosos*, *American Pie* e *Garfield*. Entendemos que o objetivo maior para o consumo, a partir de suas falas, é a busca pelo entretenimento. Apenas uma das interlocutoras tem o costume de ler livros, com o intuito de aprender mais sobre plantas.

5.1.2 A sociabilidade das trabalhadoras rurais quilombolas

Assim como as entrevistadas pomeranas, as entrevistadas quilombolas também foram iniciadas cedo no mundo do trabalho. As quatro são filhas de ex-bóias-frias, e contam que ainda crianças acompanhavam os pais em diárias em lavouras de pessoas próximas, de origem pomerana, sem receber nada em troca.

Ainda que as quatro participantes da pesquisa vivam em três diferentes quilombos do município e que todos sejam reconhecidos pela Fundação Palmares, apenas a família de uma interlocutora possui o registro do espaço onde está localizada sua residência, no nome de seu pai. As demais famílias possuem apenas o termo de posse.

Todas as participantes vivem em minifúndios que medem de um a dois hectares, o que impede que aumentem a produção de alimentos. Assim, elas realizam apenas o cultivo para subsistência de suas famílias ao redor das residências. Além da indisponibilidade de espaço, todas relatam a dificuldade do acesso à água nas localidades, que em alguns casos, é escassa inclusive para tratar os animais, fazer comida e tomar banho em épocas de estiagem.

Quando Jaeggi afirma que “o capital não é nada que não trabalho passado congelado, transformado num poder hostil que domina o trabalho vivo”, onde “o passado domina o presente” (FRASER e JAEGGI, 2020, p.154), podemos relacionar com a história das nossas interlocutoras. Todas elas já atuaram como bóias-frias e/ou diaristas em serviços de limpeza em algum momento de suas vidas, prestando serviços a famílias brancas de fazendas próximas para garantir a própria sobrevivência. E essas mesmas funções foram desempenhadas por seus pais e avós, sendo que estes não alcançaram ou pouco alcançaram qualquer tipo de mobilidade

econômica e/ou social com o passar do tempo, o que tem sido a luta da geração atual, que contempla as interlocutoras. Isso reverbera o que é trazido por Jaeggi (FRASER e JAEGGI, 2020), que diz que o “o capitalismo nega nosso acesso àquilo que a sociedade produziu num sentido histórico” (p.153), desfazendo propositalmente a relação entre passado, presente e futuro.

Entre as interlocutoras, uma ainda permanece na função de bóia-fria, trabalhando sazonalmente por dia em lavouras de fumo e soja da região sem garantias trabalhistas; uma é Licenciada em Educação do Campo, mas não conseguiu se inserir no mercado de trabalho formal e atua como dona-de-casa, plantando alimentos para subsistência e vendendo o excedente para complementação da renda familiar, que tem como principal fonte o salário do companheiro, que atua como vendedor; uma é aposentada, tendo trabalhado ao longo de sua vida como cozinheira; e a última, que também é formada em Educação do Campo, no momento se mantém a partir da venda de artesanatos com bonecas negras e cursa mestrado em uma universidade federal, à espera de bolsa.

A partir das entrevistas, foi possível perceber que a renda de suas famílias atualmente é menor do que a maioria das famílias pomeranas que integram a pesquisa. As quatro participantes quilombolas relatam sobre as dificuldades para elas e outras pessoas da comunidade em que vivem empregarem-se em oportunidades que não estejam vinculadas ao trabalho braçal. Porém, chama atenção que tanto Pérola Negra, como NegraX, destacam as barreiras encontradas por elas nas seleções para cargos na área da saúde, sejam em vagas oferecidas pela Prefeitura Municipal (agente de saúde), ou pela rede privada (atendentes de farmácias e laboratórios). Segundo as interlocutoras, os empregadores lourencianos descartaram-nas das seleções por pressupor que ambas não falariam o dialeto pomerano¹⁶⁸ e por terem o fenótipo negro.

As desistências que relataram ao longo de nossas conversas na maioria das vezes estão relacionadas a ter ou não recursos financeiros: por motivos econômicos, duas mencionam o fato de ter deixado de estudar, e uma de não ter concluído o processo para obter a carteira de motorista. Já outra fala da falta de confiança que tem em insistir na área de formação após muitas negativas ao tentar se inserir no mercado de trabalho, o que também não deixa de ser motivado por sua condição racial/de classe.

Percebemos que o capital cultural das entrevistadas quilombolas é maior, seja com o maior nível de escolaridade delas, ou pelos filmes que assistem e livros que lêem. Vale destacar,

¹⁶⁸ A situação lembra uma das histórias narradas no livro *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba (2008). A menina, que era negra e alemã, morava na Alemanha e era sempre considerada estrangeira pelos alemães de pele clara, que pressupunham que ela também não compreendesse o idioma.

no entanto, que a tendência demonstrada entre as interlocutoras da presente pesquisa vai contra os números do Censo de 2010, que evidencia a baixa escolaridade entre a população negra rural lourenciana, inclusive indicando que, até aquele momento, nenhum homem ou mulher negra rural havia se formado no ensino superior no município. Ao mesmo tempo, no mesmo ano, instalou-se em São Lourenço do Sul um campus da FURG, com cursos voltados à realidade do campo e com políticas de acesso a vagas para populações tradicionais, o que pode ser fator preponderante na alteração deste panorama.

As duas interlocutoras que têm filhos em idade escolar demonstram que a relação com os locais de ensino é ambígua: ao mesmo tempo que é a escola que oportuniza acesso a passeios e excursões às crianças e, em extensão, a elas próprias; é um dos primeiros locais onde as crianças são expostas a violências em função de sua cor. A violência se manifesta tanto em palavras ou agressões físicas, como sofreu a filha de Pérola Negra, como na invisibilidade geral dada à temática negra, tendo em vista que a comunidade escolar é composta, majoritariamente, por pessoas brancas.

Ao contrário das pomeranas que enxergam o trabalho braçal como um fim, as quilombolas entendem isso como um meio. Já o estudo é fortemente estimulado e valorizado, sendo visto por elas como uma possibilidade de emancipação não só de suas próprias existências, mas também das gerações seguintes. Em relação às gerações mais novas, demonstram ter um apego à tradição no sentido de repassar valores da coletividade, mas se demonstram abertas às mudanças geracionais.

Os sentidos aprendidos com a família sobre ser mulher varia entre as quilombolas. Uma interlocutora menciona apenas as restrições impostas pela mãe à sua sexualidade; outra, fala disso, mas também diz que a matriarca buscava equilibrar igualmente as tarefas domésticas entre todos os integrantes da família; uma cita a busca pela autonomia financeira; e a última diz que não aprendeu nada, pois a mãe morreu cedo.

Ao contrário das pomeranas, que procuram transmitir imagens de vidas tranquilas e bem-sucedidas, as quilombolas reconhecem mais facilmente as opressões vivenciadas, principalmente no trabalho, ou até mesmo na família, como Tia, que fala da situação envolvendo a filha. Ainda que busquem não reproduzir padrões de gênero na geração seguinte no que diz respeito às tarefas domésticas e de cuidado, na geração delas ainda não foi possível acabar com as imposições: três das interlocutoras são as responsáveis pela alimentação, limpeza e cuidado com crianças de suas famílias, fomentando o que Fraser (FRASER e JAEGGI, 2020) define como relações sociais não mercantilizadas, necessárias à reprodução da vida e uma das condições de fundo para a existência do capitalismo.

A única que busca uma distribuição igualitária das tarefas domésticas entre todos os integrantes da família é Ágata, citando que isso foi ensinado por sua mãe, quando criança, que dividia as demandas entre os filhos homens e mulheres sem qualquer diferenciação.

Duas quilombolas têm uma imagem mais romantizada do casamento: enquanto a primeira se sente sortuda por ter casado novamente, dizendo que “foi além” e “não se deixou abater” pelo insucesso do primeiro relacionamento, constituindo uma família e concebendo uma filha com o segundo companheiro; a segunda acredita que pode não ter chegado “a hora certa” de encontrar alguém.

Uma das participantes é aposentada e a outra é beneficiária do Bolsa Família/Auxílio Brasil, demonstrando a importância das garantias estatais para efetivação da autonomia financeira das mulheres do campo, questão ressaltada por Scott e Cordeiro (2013). Todas as quilombolas gerenciam o dinheiro de suas famílias ou dividem a incumbência com seus maridos/pai. Apesar disso, uma delas, a que não conseguiu oportunidades em sua área de formação, não dispõe de renda fixa, dependendo financeiramente do trabalho formal do companheiro para arcar com as despesas da casa.

É importante destacar que, ao contrário das pomeranas, que se envolvem somente com homens também de origem pomerana, entre as quilombolas as estruturas de relacionamento diferem: apesar de ter interesse, uma de nossas interlocutoras não tem companheiro; duas vivem em relacionamentos interracialis, sendo que uma é casada formalmente e a outra não; e apenas uma é casada com um homem também negro¹⁶⁹.

Entre as três quilombolas que estão se relacionando no momento, apenas Tia (casada com um homem negro) mudou-se de sua casa de origem para a casa do companheiro, após o casamento. As outras duas, que mantêm relacionamentos interracialis, vivem nas propriedades rurais de sua família de origem. Uma dessas, inclusive, relativiza violências raciais a que foi submetida pela família do companheiro quando os dois começaram a se relacionar, demonstrando que a aceitação ao relacionamento é uma linha tênue.

Com exceção de Pérola Negra, que frequenta a comunidade católica, é catequista e gosta de ler livros religiosos, a religiosidade em si não se sobressai tanto nas entrevistas das quilombolas, apesar de algumas acompanharem páginas sobre religião católica ou compartilharem mensagens com a temática nas redes sociais.

¹⁶⁹ Claudete Alves da Silva Souza explorou essa situação a partir do conceito de “solidão da mulher negra”, que trata-se da rejeição que por vezes mulheres negras sofrem de homens negros ao tentarem se relacionar afetivo-sexualmente. Ver mais em: SOUZA, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - PUCSP, São Paulo, 2008. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3915>> Acesso em 01 mar. 2023

Assim como as pomeranas, as atividades que as quilombolas apreciam fazer quando têm tempo livre se vinculam ao ambiente doméstico: elas citam cuidar do quintal, fazer artesanato, costurar, assistir televisão, assistir filmes, mexer no celular e ler livros.

Já como espaços de lazer e interação, têm um trânsito maior em âmbito público. Elas mencionam que frequentam encontros quilombolas, reuniões da associação, viagens motivadas pela militância, jogos de futebol, espaços culturais e realizam visitas a amigos e parentes. Apenas uma interlocutora nunca foi ao cinema. Aquelas que viajam, geralmente fazem isso a partir de eventos promovidos pela militância.

Nas atividades relacionadas ao movimento negro/quilombola, por vezes as mulheres são acompanhadas pelos filhos ou pelo companheiro, mas muitas vezes, participam sem a presença de familiares, indo sozinhas ou com a companhia de outras mulheres quilombolas.

Entre as opções preferidas na grade de programação da televisão pelas quilombolas, os telejornais são mencionados por todas as quatro entrevistadas, seguido pelas telenovelas, mencionadas por três. A audiência aos programas noticiosos se dá por interesse em geral nas notícias, com especial atenção à previsão do tempo e à reportagens relacionadas à agricultura; às novas tecnologias, como a luz solar; e à política. A audiência geralmente acontece em um espaço compartilhado da casa, como a sala, mas ao contrário das pomeranas, que assistem às notícias em segundo plano, as quilombolas demonstram dedicar mais atenção ao que está sendo veiculado, solicitando inclusive que familiares troquem o canal quando chega o horário dos telejornais.

A maioria das telenovelas que as quilombolas relatam ter chamado mais sua atenção envolvem a questão racial, seja em enredos que expliquem como se deu o período escravocrata, ou na busca por histórias inspiracionais. Citam como novelas preferidas Avenida Brasil, O que a Vida me Roubou, Amor de Mãe, A Escrava Isaura, Nos Tempos do Imperador e Pantanal. Já filmes, citam A Mulher Rei, O Último Navio Negroiro, Estrelas Além do Tempo, Se Ela Dança eu Danço, Ghost, o documentário de MalcomX, filmes épicos, filmes antigos de Mazzaropi e Os Trapalhões, além de enredos citados por elas, mas que não lembram o nome das obras, como a vida de um escravizado que passou trabalhos e a de uma professora negra que passou dificuldades até se estabilizar.

Todas as quilombolas costumam assistir minisséries, sendo que com exceção de uma das interlocutoras, que assistiu a série canadense “Anne with an E”, a preferência geral das outras por produções nacionais. Entre as obras assistidas, “A Casa das Sete Mulheres” foi mencionada duas vezes, e “Verdades Secretas” e “Hoje é dia de Maria” uma vez cada.

As quatro, em maior ou menor grau, também costumam ler livros, por vezes comprados, emprestados da associação quilombola que integram, ou que foram ganhados de

professoras. As temáticas, no entanto, variam: teóricas do feminismo negro, biografias, romances, livros religiosos, de auto-ajuda, de folclore, ou sobre pedagogia, gramática e educação.

5.2 Identidade

5.2.1 A identidade das trabalhadoras rurais pomeranas

A forma com que as pomeranas estabelecem sua sociabilidade, exemplificada acima a partir da relação delas com o trabalho, a família, a religião e o estudo, interfere, diretamente, na forma como elas constroem a sua identidade.

Assim, a identidade pomerana é reafirmada a partir do dialeto próprio, no cultivo da religiosidade, e nas formas de interação que valorizam a cultura do grupo: na realização de eventos sociais como casamentos que levam em consideração os costumes; no comparecimento a festas de paróquias nos finais de semana; na participação de festas típicas, como a Südoktoberfest, ou acompanhando bandas pomeranas, por exemplo.

Três das pomeranas afirmam que nunca se sentiram discriminadas. A exceção é Dulce, que se sente com a auto-estima baixa com a grande valorização do agronegócio e a desvalorização da agroecologia, que é com o que trabalha.

Com a pesquisa, notou-se que o eixo central das vidas das pomeranas é a classe, seja na compreensão da sua condição como trabalhadora que lida com a falta de recursos financeiros, expressada por Dulce; ou no medo de perder a posição ocupada, no intuito de alcançar mais bens materiais - principalmente propriedades -, e na tentativa de pertencer a posições sociais mais elevadas e prestigiada, expressada pelas outras três.

Dois pomeranas apresentam explicitamente a visão política conservadora (Fernanda e Janaína), e as outras duas não manifestam claramente seus posicionamentos.

Para as pomeranas, a distinção de classe aparece entre as representações do urbano e do rural, onde as mulheres urbanas configurariam uma classe mais elevada, e as rurais, uma classe inferior.

Segundo elas, a mulher rural na mídia é aquela que "não leva jeito", não tem estudo, nunca está maquiada ou bem vestida. Como abordado por Ronsini (2016), em relação à audiência de classe popular, esta pode se manifestar "pela desidentificação com a própria classe, pela vergonha em parecer pobre" (p.46). É o que notamos a partir da desidentificação delas com o que consideram ser a imagem das trabalhadoras rurais.

Quando Fernanda diz que “a vida é tão difícil, precisa da novela para distrair”, é notável o ressentimento que tem do trabalho pesado na lavoura. Para conviver com essa realidade dura, a mídia surge como um campo de entretenimento e distração, onde elas buscam com filmes de comédias ou ação, ou na escuta de programas musicais no rádio, uma forma de esquecer das dificuldades.

Enquanto Dulce se percebe enquanto pobre, e diz que não se sente representada nos conteúdos midiáticos que, em sua concepção só valorizam os grandes produtores; Janaína diz que não se enxerga porque acredita que a mídia só expõe o lado ruim da colônia, relacionando isso a ser pobre. Já Lili e Fernanda dizem que eventualmente se sentem representadas, mas desconversam, evidenciando que na prática isso não se efetiva.

Quando pedimos exemplos sobre como se dá a representação de mulheres pobres e ricas nas produções da mídia, Fernanda então vincula ser pobre às imagens do interior, evidenciando que atrela as trabalhadoras rurais à uma classe inferior.

Já Lili, na primeira entrevista, diz que considera as mulheres urbanas mais frágeis, valorizando o papel de trabalhadora das mulheres do campo, consideradas mais fortes por ela. Na segunda entrevista, já tenta se vincular à imagem da mulher urbana, dizendo que entre todos os personagens da novela, se identificou mais com Irma.

Lili, talvez por ser mais nova, ou por sua maior escolaridade, também é a única pomerana que vê diferenças na forma com que mulheres brancas e negras são representadas pela mídia, considerando que as negras sofrem maior discriminação.

As três pomeranas que buscam se vincular ao agronegócio são as participantes que assistem telenovelas. Elas citam obras que têm o universo rural como foco de seus enredos (O Rei do Gado, O Cravo e a Rosa e Pantanal). Chama atenção que, entre as três, nenhuma delas diz se identificar com nenhuma personagem feminina. Apenas Janaína diz que se identifica com Bruno Mezenga, o homem protagonista, que é latifundiário, e Lili confere a representação de Filó à mãe, por considerar que ela é do interior e está sempre envolvida com as tarefas domésticas. Assim, percebe-se a tentativa delas em não se vincular a uma imagem que consideram ruim.

Ao mesmo tempo, se identificam com vídeos da internet sobre o cotidiano do campo, geralmente de humor, onde são veiculadas imagens mais relacionadas ao agronegócio, com a presença de máquinas e implementos agrícolas.

É no espaço das redes sociais que Lili, Fernanda e Janaína também têm a chance de escolher a forma como querem se autorrepresentar. As três interlocutoras mencionadas, apesar de configurarem uma fração um pouco mais elevada da classe trabalhadora, buscam transmitir uma imagem de pertencimento à classe média rural.

Isso acontece, principalmente, a partir de seus perfis no Facebook, em dois grandes eixos: a identidade como mulheres rurais, onde evidenciam a presença da família em eventos da região, e seguindo páginas, consumindo vídeos ou produzindo conteúdos diretamente ligados ao agronegócio; e a identidade como mulheres pomeranas, onde acompanham páginas acerca da cultura da comunidade, seguem bandas germânicas e compartilham mensagens e atividades junto às paróquias das comunidades pomeranas.

O uso das redes sociais das pomeranas se assemelha ao retratado por Barbosa (2020), com mulheres da zona rural de Dourados/MS, onde as mulheres entrevistadas buscam acompanhar grandes marcas internacionais pelo Facebook. Barbosa (2020) também notou diferença no teor das publicações de mulheres solteiras e casadas, apesar de ambos os grupos demonstrarem na rede a busca por um padrão de beleza ideal, como notamos em nossa análise. Assim como Lili, as mulheres solteiras que integraram a pesquisa de Barbosa (2020) tinham mais atenção ao cenário das fotos, à maquiagem, e ao próprio local de moradia, com o intuito de estabelecer uma estética rural, principalmente a partir de selfies.

Já entre as casadas foi notado um menor compartilhamento de imagens de si mesma e mais fotos da família, como acontece com Janaína e Fernanda, que exaltam o papel que ocupam como mães e trabalhadoras. No estudo de Barbosa (2020) notou-se também uma preocupação delas com o envelhecimento e mensagens que tratavam da rotina cansativa de cuidados desempenhados com a casa e com os filhos, como percebemos em algumas publicações de Fernanda e Janaína.

5.2.2 A identidade das trabalhadoras rurais quilombolas

Entre as mulheres quilombolas, a identidade delas enquanto mulheres negras se evidencia mais do que a ruralidade. Todas já se sentiram discriminadas, sendo que três vinculam isso à condição de ser negra, e uma delas, por não saber ler direito.

A identidade quilombola de firma entre as interlocutoras, principalmente, a partir do cultivo de relações que elas estabelecem com a sua comunidade e com os outros quilombos da região, nos espaços de liderança que ocupam nas suas respectivas associações e no envolvimento com o movimento negro. Além disso, na valorização da cultura negra em geral, traduzida no seu consumo literário e midiático, como veremos na sequência.

As quilombolas também viram na escolha dos nomes fictícios para a pesquisa uma oportunidade de reafirmar sua identidade: Pérola Negra e NegraX optaram por nomenclaturas que valorizam a negritude e Tia reforça seu papel como anciã da comunidade.

Três interlocutoras apresentam explicitamente a visão política progressista (NegraX,

Ágata e Tia). Somente Pérola Negra não expressa claramente o seu posicionamento.

Com a pesquisa, notou-se que o eixo central de suas vidas é atravessado pelas relações étnico-raciais, o que, indissociavelmente, pela forma com que se estrutura a sociedade, implica em condições de classe. Por isso, para elas, a distinção de classe aparece entre as representações de pessoas negras e brancas, onde por muito tempo os negros ocuparam classes inferiores e os brancos, classes mais elevadas, em um panorama que passa por alterações.

Com a impossibilidade de se manterem por conta própria na agricultura e com a falta de recursos materiais, as entrevistadas acreditam que as melhores condições econômicas para suas vidas serão sempre adquiridas a partir do estudo. Assim, visualizam nas mulheres negras da mídia as representações de pessoas que estudaram e conquistaram os lugares que almejavam. Com base nisso, se movimentam em busca de outros espaços onde negros não ocupem posições subalternas, mas estejam em equidade. Pelo fato de terem poucos exemplos, também, entendem que precisam se movimentar e elas próprias serem exemplos para as gerações mais novas, incentivando umas às outras nos desafios que se propõem.

A leitura das quilombolas sobre os conteúdos midiáticos é oposta a das pomeranas: mais crítica, com percepção das desigualdades sociais e “reações de ressentimento e de inconformidade com as chances desiguais às quais as pessoas pobres e remediadas estão submetidas” (RONSINI, 2016, p. 46).

Nenhuma das quilombolas considera que há equivalência entre as representações de mulheres negras e brancas na mídia, pois acreditam que a presença de pessoas negras ainda é menor perto das pessoas brancas. A partir de conversas realizadas, todas criticam produções com negros em posições estereotipadas, de subalternidade e/ou criminalizados, mas se identificam quando vêem enredos com histórias que valorizam o papel do negro, apontando diversos exemplos recentes de atores e jornalistas considerados por elas bem-sucedidos, e que lhe inspiram.

Entre os nomes mais citados, estão os atores Lázaro Ramos e Taís Araújo, e as jornalistas Glória Maria e Maria Júlia Coutinho (Maju). As mulheres mencionadas, principalmente, são fontes de inspiração na ocupação de espaços, sendo que uma das participantes da pesquisa diz, inclusive, que queria “ser” elas, se referindo a Taís Araújo, Glória Maria e Maju.

Assim, entendem que o reconhecimento ou não-reconhecimento em filmes, noticiários e telenovelas têm ênfase na condição racial, e aspectos como gênero, classe e a própria ruralidade se interligam, em segundo plano: 1) A mais velha gosta de novelas antigas e minisséries que retratem o período do Brasil Colonial, para que possa compreender a história e as relações que se davam naquele espaço de tempo; 2) a mais nova, que gostaria de “ser” Taís

Araújo (além de Glória Maria e Maju), busca novelas com núcleos negros, que lembrem de si própria, e se inspira em Taís para reproduzir formas de embelezamento dos cabelos: já pintou, alisou, fez tranças, cachos e comprou *lace*, sempre motivada por tendências trazidas por personagens da atriz; além disso, mantém uma leitura atenta aos filmes veiculados ao longo do ano nos canais que assiste, ressaltando sua indignação em relação à grande exaltação à cultura negra pela mídia apenas em novembro, em função do Mês da Consciência Negra. A partir dessa reflexão, reivindicou que houvesse mais espaço sobre a temática na escola dos filhos todos os meses do ano. 3) A que cursa mestrado, há um tempo se dedica na busca de vestígios sobre seus antepassados e, a partir de documentários e filmes que falam sobre a história da negritude, diz que tenta compreender mais a história de líderes de movimentos, como MalcomX. Pela incerteza de não saber de qual país africano veio, também tenta, a partir das histórias que vê em filmes e documentários, pensar como era a vida de gerações anteriores de sua família. 4) Por fim, a última participante, que tem uma filha fruto de um casamento interracial, via a novela “A Escrava Isaura” e se sentia contemplada pela história, não vendo problemas na personagem principal ser branca, uma vez que sua filha é. Também via “Amor de Mãe” e relacionava a história de Regina Casé, que teve um filho roubado, com as mulheres negras escravizadas, que eram separadas de seus filhos.

Das três que estão cadastradas no Facebook, todas acompanham páginas de valorização da cultura negra em suas diversas formas, seja a partir de movimentos sociais, exaltação da beleza negra, artesanato com bonecas negras e/ou práticas culturais, como a capoeira. Além de postagens junto a amigos e família, geralmente publicadas em alusão à alguma data comemorativa, e mensagens motivacionais e/ou de cunho religioso, algumas utilizam o espaço para reforçar seu espaço de identidade negra, compartilhando fotos em encontros do Movimento Negro/Quilombola e viagens realizadas a locais do país em função da militância.

Ainda que no geral sejam assuntos de interesse público da cidade, as notícias que acessam a partir do Facebook por vezes também se relacionam com a temática racial. Um exemplo é a busca de notícias sobre a autora Conceição Evaristo pela participante mestranda, e que tem na escritora negra um dos temas de pesquisa de sua dissertação. O meio também foi utilizado para que algumas buscassem informações sobre as últimas eleições presidenciais e governamentais, realizadas em outubro de 2022, por compreenderem que o processo traria reflexos ao seu cotidiano; e para que se atualizassem, de forma corrente, sobre a abertura de editais de processos seletivos de universidade e oportunidades de trabalho.

5.3 Redes

5.3.1 As redes das trabalhadoras rurais pomeranas

Quando abordamos teoricamente o conceito de redes, salientamos o quanto o termo é amplo. Por isso, utilizamos o conceito aqui na tentativa de explorar as conexões nas quais as mulheres pomeranas e quilombolas, participantes da pesquisa, estabelecem junto e para além da sua família nuclear e a propriedade rural em que vivem.

No caso das pomeranas, percebemos que suas redes são bastante restritas, principalmente pelo fato de não estudarem ou trabalharem fora. Os laços de amizade e afeto são cultivados, principalmente, dentro da família, seja entre o núcleo que constituíram junto aos seus companheiros e seus filhos, ou às suas famílias de origem.

A partir das entrevistas, foi possível notar o protagonismo que Janaína e Fernanda têm, respectivamente, uma na vida da outra, formando assim uma rede de apoio mútuo. As cunhadas, com praticamente a mesma idade, têm filhos da mesma faixa etária, vivem dentro da mesma comunidade e estão habituadas a rotinas parecidas, apesar de suas individualidades. Suas casas têm apenas 500 metros de distância, e são cortadas pela estrada responsável por dividir as duas propriedades. Assim, esse elo se firma presencialmente, sem grande uso da tecnologia, a partir do contato diário e de atividades de lazer, como caminhadas.

Fora isso, os poucos amigos que têm são encontrados aos finais de semana em festas promovidas nas comunidades religiosas ou em eventos sociais, mas não se estruturam como redes fortalecidas de apoio. Também não desenvolvem atividades específicas com mulheres da região, que quando encontram, também são em reuniões ou palestras promovidas pela igreja.

A exceção é Dulce, que ao integrar redes de agroecologia, consegue transitar em outros núcleos fora do ambiente familiar. A agricultora dialoga com instituições de pesquisa, ensino e extensão rural como Capa, Emater e FURG. A partir disso, passou a participar de eventos e cursos sobre segurança alimentar e agricultura orgânica. Com a aproximação, também se apropriou do conhecimento acerca das PANC, teve a oportunidade de conhecer a Serra Gaúcha e de falar em público em um evento sobre hortaliças não convencionais. Na feira, também estabeleceu amizade com consumidores e outros produtores, considerando este como um dos momentos mais significativos de sua vida.

Em relação às interações online, as quatro interlocutoras utilizam a internet, sendo que as três mais novas têm acesso ao Whatsapp e às redes sociais Facebook e Instagram, com exceção de Dulce, que não deixa de interagir com as plataformas, mas a partir da conta de seu filho.

O trabalho de Pinheiro (2017), que compõe o nosso estado da arte, se assemelha muito com a rotina virtual das pomeranas que participam da nossa pesquisa. No trabalho, a autora relata que mulheres da zona noroeste do Rio Grande do Sul, moradoras da zona rural de Joia/RS, passam grande parte do dia conectadas e utilizam o Facebook como um suporte para memórias, principalmente de momentos de lazer (festas e bailes, por exemplo) e trabalho (manejo do campo, fotografias trabalhando), assim como as mulheres que entrevistamos.

O uso que as pomeranas fazem da tecnologia, em grande parte, é para estabelecer contatos com parentes que moram longe, com destaque às irmãs e primas. Além disso, utilizam os dispositivos para acompanhar informações necessárias à lida do campo, notícias, fazer pedidos, ver e postar sobre os eventos que participam, ou para aprender novidades para seus trabalhos artesanais. Dulce também utiliza a internet para aprender cada vez mais sobre aspectos relacionados à agroecologia e a panificação.

Em relação às redes de transporte, três pomeranas têm carteiras de motorista, mas isso não é tratado com ênfase por elas em nossas entrevistas, visto como algo habitual. O uso do direito à dirigir se dá dentro da colônia, no manejo eventual de máquinas agrícolas, ou em eventuais idas à zona urbana, geralmente motivada para compras. A redução de linhas de ônibus do interior, em função da pandemia, não impactou diretamente as suas rotinas, pois não utilizam o serviço. Além disso, a crise do transporte escolar rural em 2022 também não atingiu nenhum de seus filhos.

5.3.2 As redes das trabalhadoras rurais quilombolas

A forte participação das mulheres em posições de liderança dentro do Movimento Negro/Quilombola, relatado Fonseca (2020) é percebido empiricamente em nossas entrevistas. Isso demonstra que, ainda que as quilombolas não realizem atividades específicas com mulheres da região, a militância se configura como uma grande rede de fortalecimento, trocas e apoio coletivo.

Em uma análise realizada junto Movimento de Mulheres Camponesas no Rio Grande do Sul, o trabalho de Martins (2010), que integra o nosso estado da arte, exemplifica como o engajamento no movimento social pode ser uma forma de combate às discriminações de gênero, fortalecendo a presença de mulheres nos espaços público e privado, bem como de articulação política.

No caso de São Lourenço do Sul, todas as quilombolas entrevistadas buscam, a partir da militância, uma forma de enfrentarem o panorama vigente. As quatro integram as respectivas associações quilombola de suas comunidades, sendo que as duas mais velhas atualmente têm

participado de ações e eventos realizados no próprio município, e as duas mais novas costumam representar a região em eventos sediados em diversos pontos do estado ou do país, indo inclusive à audiências junto ao Ministério Público em Brasília/DF, em busca de políticas públicas que atendam as demandas do povo quilombola.

Além disso, compreendendo o papel do acesso à terra, da preservação de recursos naturais e da segurança alimentar para manutenção da vida nas comunidades negras, estabelecem um diálogo constante com iniciativas de ensino, pesquisa e extensão que buscam o fortalecimento da agroecologia em solo lourenciano, como o Capa, a Emater/RS, A Embrapa Clima Temperado e a FURG, participando de cursos, formações e aplicação de projetos.

Nos últimos anos, a internet também têm sido uma ferramenta fundamental nas lutas do Movimento Negro/Quilombola de São Lourenço do Sul. Atualmente, todas as participantes têm rede de internet wi-fi em suas residências. A maioria sentiu maior necessidade e passou a pagar pelo serviço nos últimos anos, principalmente a partir da pandemia de Covid-19, especialmente aquelas que têm filhos em idade escolar.

Entre nossas quatro interlocutoras, as três mais novas utilizam as redes sociais Facebook e Instagram. Embora o uso do Instagram seja quase nulo, o uso do Facebook apresenta relevância no cotidiano delas, onde divulgam eventos e atividades de militância em que participaram.

Todas elas também se comunicam pelo aplicativo de mensagens Whatsapp. Ainda que os usos sejam diversos, é um denominador em comum entre as quatro a troca de mensagens referentes às associações quilombolas que integram. A ferramenta é útil para agendar reuniões, organizar eventos e otimizar o processo de entrega de doações de cestas básicas recebidas pelas lideranças, assumindo papel semelhante ao retratado por Bargas e Maia (2017), onde os participantes da pesquisa apropriaram-se do Whatsapp como um caminho fundamental no aprendizado coletivo sobre um processo seletivo que dava acesso ao ensino superior de uma universidade federal paraense.

A partir de seus relatos, verificamos que as redes de segurança pública, quando acionadas, ampararam as mulheres do campo, garantindo direitos das quilombolas.

Em relação às redes de transporte, as quilombolas foram as mais impactadas pela redução geral nas linhas de ônibus no interior depois da pandemia, pois necessitam utilizar o serviço para estudar ou ir até à cidade. No que diz respeito ao transporte escolar, entre todas as famílias que integram a pesquisa, apenas os filhos de Ágata foram afetados, pois a linha deixou de passar onde moram, deixando-os 84 dias sem aulas. As crianças também foram as únicas, entre os filhos das entrevistadas, que sofreram com o fechamento da escola próxima à residência onde vivem.

Nenhuma das quilombolas têm carteira de motorista, e três delas citam a carteira como um de seus maiores desejos. A carteira é vista como um passaporte para a concretização de sonhos, principalmente relacionados ao acesso a estudos.

5.4. Ecos do campo

Iniciamos este estudo com o intuito de analisar qual a leitura das mulheres pomeranas e quilombolas sobre como é a imagem da mulher rural na mídia e como as interlocutoras se autorrepresentam como trabalhadoras rurais, a partir das imagens provenientes da televisão e da internet.

Após um longo percurso teórico e metodológico, constatamos que tanto pomeranas, como quilombolas, acreditam que a imagem da rural veiculada pela mídia tende a ser de uma trabalhadora desgastada pelo sol, geralmente branca, onde a classe é expressa tanto na forma de vestir, na falta de apreço à estética, bem como na dificuldade de se expressar e comunicar.

As pomeranas não se identificam com personagens da mídia televisiva porque têm atrelado a si a questão de classe onde não se percebem como a imagem da trabalhadora rural sofrida, e, ao mesmo tempo, por mais que haja a tentativa - a partir de roupas, idas a eventos, maquiagens - não conseguem se sentir semelhante às imagens das mulheres urbanas, que admiram. A identificação, neste caso, se dá a partir dos vídeos da internet, onde tratam do cotidiano do campo valorizando o agropecuarista.

Entre as quilombolas, há maior identificação com os conteúdos midiáticos, mas não pela ruralidade e sim, pela condição étnico/racial, que também implica em condições de classe. As quatro interlocutoras buscam por enredos que expliquem como se deu o período escravocrata, para compreenderem seu passado, ou tramas inspiracionais sobre histórias negras, onde os personagens estejam atrelados a histórias de superação. Elas não se identificam como mulheres rurais no que diz respeito às representações na mídia em parte por que não existem mulheres negras trabalhadoras rurais na televisão: em geral, as representações são empregadas domésticas ou mulheres negras com acesso aos estudos que tiveram mobilidade social ascendente.

Todas as participantes da pesquisa compartilham da ideia de que é só a partir do esforço (RONSINI, 2012) que conseguirão atingir os seus objetivos. Enquanto as pomeranas atrelam o seu sucesso - traduzido na manutenção da vida que têm ou na aquisição de mais bens materiais, sejam eles terras ou casas - ao trabalho braçal, e as quilombolas vinculam o seu sucesso - traduzido na ruptura com as condições de submissão a que vivem e a busca por autonomia financeira e social - ao estudo.

Assim, articulam os eixos em que constituem suas vidas: constatamos que entre as pomeranas, evidencia-se a busca pela manutenção do padrão de vida ou mobilidade social; e entre as quilombolas, na valorização de sua condição étnico/racial, o que implica, em conjunto, na busca pela mobilidade social.

De maneira geral, as pomeranas apresentam posicionamento político mais alinhado ao conservadorismo, e as quilombolas, a projetos progressistas.

Ainda em relação à problemática inicial, onde tínhamos o intuito de compreender como as interlocutoras se autorrepresentam como trabalhadoras rurais, a partir da avaliação dos perfis delas nas redes sociais, constatamos que as pomeranas se autorrepresentam como trabalhadoras rurais, compartilhando o cotidiano de trabalho no campo, conteúdos sobre lavouras, e acompanhando páginas que tratam sobre o tema. Nas redes sociais, também evidenciam o seu pertencimento à comunidade pomerana, divulgando fotos dos eventos que comparecem e acompanhando páginas de valorização à cultura pomerana/germânica.

Já as quilombolas não se autorrepresentam como mulheres rurais nos espaços online, apenas enquanto mulheres negras. Caso alguém acesse os seus perfis rapidamente, chega a ser impossível saber que elas moram no campo, mas fica evidente o papel que têm de militância no movimento negro, a partir de fotos de eventos que participam em diversas regiões do estado e do país. Também utilizam o espaço para acompanhar páginas de valorização à cultura negra.

Apesar de todas as interlocutoras estarem expostas a opressões de gênero, tendo ou não consciência dessas, chama atenção que não é isso que fomenta a identificação primária delas com os conteúdos televisivos. Já nas redes, a relação com o gênero se dá na conformação: em geral, compartilhamento de mensagens do quanto a mulher é batalhadora, uma mãe dedicada e uma esposa comprometida (e sobrecarregada) com as questões domésticas. Também buscam nas redes um espaço de autoajuda, com predileção por mensagens inspiracionais.

Em relação aos objetivos específicos da pesquisa, também tínhamos o intuito de esboçar o consumo de mídia das participantes, o que em parte, já ocorreu na construção dos Retratos Sociológicos Individuais e na parte de análise com as três mediações propostas. Entretanto, alguns dados nos chamaram atenção, por isso trazemos aqui.

Se dez anos atrás o uso da internet por mulheres rurais ainda era incipiente (SCHWARTZ, 2012); e há quatro anos aparecia mais fortalecido (GALL, 2019), agora, em 2023, demonstra-se consolidado. Todas as participantes da pesquisa possuem rede de internet, televisão e rádio em suas residências; sete têm smartphones e a única que possui celular sem acesso à internet por vezes utiliza o smartphone do filho ou o computador para se inteirar dos assuntos discutidos online. Quatro delas têm computador, e apenas uma (a que trabalha no comércio colonial) dispõe de telefone fixo.

O celular aparece como o meio de comunicação mais importante e acessado por quatro das participantes; seguido do rádio, mencionado por três, e do computador, mencionado por uma. A televisão é vista por elas como uma ferramenta também necessária, que está sempre “ali”, mas em segundo plano, e recebe duas menções como o segundo meio de comunicação mais importante.

Entre as que elencam o celular como peça-chave do cotidiano, dizem que a motivação para o uso se dá tanto principalmente para obterem informações do que está acontecendo e se comunicarem, seja ligando, trocando mensagens pelo Whatsapp, acompanhando publicações de amigos ou portais de notícia nas redes sociais ou fazendo pesquisas no Google. Além disso, o aparelho é visto como uma forma de lazer, utilizado quando as entrevistadas estão em seu período de descanso. Seis das interlocutoras possuem perfis em redes sociais. As que não têm conta são as duas mulheres mais velhas, uma de cada comunidade. Ainda assim, se interam do que acontece a partir do uso junto aos filhos.

Já o rádio, que surge como o segundo meio de comunicação mais mencionado, é utilizado enquanto elas realizam suas atividades, e os programas mais escutados são *O Mensageiro* e *São Lourenço Repórter*, da rádio São Lourenço AM, ou a programação musical da rádio Litoral FM. Receberam menções únicas também o programa *Hora Evangélica*, veiculado aos domingos, e a programação musical diária da Rádio Atlântida. Vale ressaltar, ainda, que algumas apropriam-se das novas tecnologias que chegam ao campo e alteram suas rotinas com o meio de comunicação já consolidado: relatos demonstram o uso habitual do rádio a partir da internet, seja no site das emissoras, ou nos aplicativos de celular disponibilizados.

Com a pesquisa, também percebemos que o hábito de ler jornais impressos, que já era raro entre as interlocutoras, agora é praticamente nulo. Com exceção de uma interlocutora pomerana, que vem semanalmente à zona urbana fazer feira e eventualmente têm acesso às edições semanais do jornal do município, as demais participantes da pesquisa relatam que não utilizam mais esse meio de comunicação, pois as edições demoram muito a chegar na zona rural e, quando chegam, estão desatualizadas.

Por isso, as oito interlocutoras contam que adquiriram o hábito de se informarem pelos portais de notícia online, acessados por suas respectivas páginas nas redes sociais. Também não há, entre elas, o costume de ler revistas, sendo que apenas uma interlocutora quilombola relata que lê algumas edições enviadas pelas escolas dos filhos. Já o consumo de livros difere entre as duas comunidades: entre as quilombolas, todas lêem livros, e entre as pomeranas, apenas uma.

Cinco interlocutoras assinam o serviço de streaming Netflix, sendo duas pomeranas e três quilombolas; e três pagam canais por assinatura, sendo uma pomerana e duas quilombolas.

A maioria delas assiste televisão acompanhada dos familiares, e afirma que eventualmente olha telenovelas, indicando que a frequência atual é bem menor do que no passado. Apenas uma pomerana afirma que nunca gostou de assistir nenhuma trama. Todas as quilombolas afirmam que os programas televisivos preferidos são os telejornais, já as pomeranas citam programas diversos.

Pedimos para que cada uma citasse três exemplos de fontes primárias de informação a que recorreriam em caso de emergência, e as respostas variaram bastante entre os dois grupos. As fontes mais citadas, entretanto, foram a internet e os amigos/vizinhos, com seis menções, e a família, cinco vezes. O rádio aparece com quatro menções e a televisão com duas.

No que diz respeito ao gênero, apesar de algumas mudanças na condição das mulheres serem perceptíveis, principalmente com o avanço da escolaridade entre as gerações mais novas, nota-se que, de maneira geral, a estrutura familiar e as expectativas das mulheres quanto a relacionamentos não têm alterações significativas.

Com as conversas, percebemos que continua cabendo às filhas mulheres de ambas as comunidades o cuidado com os seus pais, seja este trabalho desempenhado pelas próprias interlocutoras ou por suas irmãs, em alguns casos, solteiras. As mulheres também continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidado.

Seja pela falta de documentação para obter o registro oficial de suas terras, no caso das quilombolas, ou pelo costume familiar de direcionar o patrimônio aos homens, no caso das pomeranas, o fato é que nenhuma das oito interlocutoras é proprietária do espaço onde vive, não tendo a terra em seu nome.

Em relação à dinâmica que se estrutura com o casamento, percebemos que as quatro pomeranas saíram do seu núcleo de origem, indo morar com os companheiros e, por vezes, com seus familiares. Já entre as quilombolas, a dinâmica não segue um padrão: uma interlocutora é solteira; a outra, casada com um homem negro, deixou a casa da família de origem e passou a morar com ele no quilombo; e em dois casos, ambos de mulheres negras casadas com homens brancos, foram eles que mudaram-se para os quilombos, passando a viver com as famílias de origem delas.

Também faziam parte de nossos objetivos de pesquisa entender de que forma se caracterizava a sociabilidade das interlocutoras, especialmente no que diz respeito a família, trabalho, escola e religião, e como ou se elas formam redes, sejam presenciais ou digitais, e em que medida essas redes atuam em seu cotidiano e concepções de mundo.

Percebemos que, no geral, a sociabilidade das pomeranas é restrita ao ambiente privado, onde há uma valorização do individualismo e um desapego da coletividade.

Já as quilombolas têm um trânsito mais intenso em âmbito público. Percebemos entre

elas um apego à coletividade, onde a sociabilidade é fortemente atravessada pelo Movimento Negro, que se configura como um dos principais locais de aprendizado e fortalecimento coletivo.

Assim, notamos a importância das redes, que se estruturam como fontes de apoio à existência dessas mulheres. Quando aparecem, as tentativas rupturas com estruturas pré-estabelecidas surgem ou do movimento negro/quilombola, ou do movimento agroecológico, que proporcionam maior criticidade às envolvidas e, de alguma forma, reverberam nas posições que as mulheres passam a reivindicar e ocupar na sociedade. Evidenciou-se também o importante papel de instituições de pesquisa, ensino ou extensão rural, como Capa, Emater, Embrapa, e FURG na mudança das percepções das mulheres que integram a pesquisa e na implementação de políticas públicas que tragam alterações ao seu cotidiano.

Durante a análise das mediações, pudemos ver o que aproxima e afasta cada grupo estudado. Pomeranas e quilombolas apresentam diferentes formas de sociabilidade, seja na maneira com que foram criadas por suas famílias e/ou na maneira que se relacionam com o trabalho, a escola e a religião. Junto disso, também reafirmam a sua identidade de formas diversas e apresentam variações na forma com que estruturam suas redes. Tudo isso altera a maneira como elas enxergam e se posicionam perante a realidade e, por consequência, diante dos produtos midiáticos.

Assim, a mídia adquire significados distintos: enquanto para as pomeranas a mídia surge principalmente como um campo de distração; as quilombolas utilizam os produtos midiáticos para valorização da cultura negra e como incentivo na busca por ascensão social.

Apesar de não estar entre os nossos objetivos iniciais, a pesquisa também nos alertou para as condições contemporâneas da agricultura e o êxodo das populações tradicionais. Quando uma de nossas interlocutoras comentou sobre o processo de escassez de recursos naturais no campo e de avanço do agronegócio, onde o trabalho dos peões - geralmente quilombolas - estava sendo deixado de lado em função de máquinas adquiridas pelos proprietários de terra - que na região se restringem, principalmente, entre os pomeranos - foi possível visualizar na prática a fase atual do capitalismo, denunciada por Fraser e Jaeggi (2020), que exaure a natureza e comodifica a vida, como condições de fundo para sua perpetuação. Dessa forma, tudo acaba tendo um valor monetário, aumentando assim a desigualdade entre quem detém os meios de produção e a classe trabalhadora.

A precarização dos serviços públicos também está alinhada com esse projeto capitalista em curso. Isso é perceptível quando a mesma interlocutora fala da crise do transporte no campo, que deixou os filhos sem aulas 84 dias, e o fechamento das escolas multisseriadas dispostas na zona rural, mais acessíveis às famílias e que prestavam cuidados às crianças

pequenas antes da idade escolar regular. Junto a isso, os empregos ficam cada vez mais escassos e precários, sem qualquer tipo de garantia trabalhista. Como indicam Fraser e Jaeggi (2020), esses postos de trabalho cada vez mais subalternizados, acabam sendo ocupados por quem está na base da pirâmide social, ou seja, mulheres, migrantes e povos racializados.

Dessa forma, entendemos que no campo, classe, gênero e aspectos étnico-raciais estão profundamente imbricados nas condições de vida e expectativas de futuro, e é o que define quem pode continuar ou não na zona rural: as quilombolas afirmam gostar de onde moram, mas as condições materiais impossibilita que continuem e dessa forma buscam alternativas zona urbana. Já as pomeranas, apesar do trabalho pesado, encontram maiores condições materiais de seguirem no campo, e não pretendem sair.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sempre ter gostado de ler sobre feminismo e a vida de mulheres, é engraçado que durante a graduação e em eventuais trabalhos científicos realizados após a formatura, eu sempre fugi do gênero como tema de estudo, por considerar desafiador e dolorido demais trabalhar com a opressão feminina.

Isso mudou quando alguns anos depois, a partir de um projeto cultural, senti pulsar a necessidade de direcionar meu olhar especificamente para as mulheres do município onde vivo e para o território rural, onde eu cultivo muitas memórias queridas. Exatamente esse lugar, que apesar de muito caro, é ambivalente: um espaço que ainda é palco de muitas desigualdades, sejam elas de classe, de gênero ou por motivações étnico-raciais.

A ação de levar essa temática para uma pesquisa científica foi natural. Entendi o interior lourenciano como um local de disputa, de transformação e de muita potência. Nesse movimento, me enxerguei nas histórias de algumas mulheres, ao mesmo tempo que cultivei pontes dentro de mim para que pudesse me conectar com realidades que eram muito distantes do que já vivenciei.

É preciso dizer que o percurso dessa investigação foi bastante árduo. Afinal de contas, eram diversas coisas que se interligavam e faziam com que as realidades entre as participantes da pesquisa fossem tão próximas e tão distantes: enquanto o gênero e a ruralidade as unia; a consciência ou a negação de sua classe, seus aspectos étnico-raciais e a própria cultura de cada comunidade tradicional as separava. Logo, a dúvida que se impunha para mim, como pesquisadora, era como unir teoria e empiria em um tema tão complexo, desenhando a pesquisa de forma que fosse realizável e mantivesse sua relevância?

Para tentar dar conta da problemática de pesquisa, eu e Veneza, minha orientadora, optamos em focar teoricamente no gênero, aprofundando as outras questões empiricamente; e pela utilização de Retratos Sociológicos de Lahire (2004), junto a recursos como pesquisa bibliográfica e documental, bem como observação participante e observação de seus perfis em redes sociais digitais. Após a realização dos oito perfis, consideramos que a escolha por Retratos Sociológicos proporcionou aprofundamento e cuidado com as individualidades de cada interlocutora, ao mesmo tempo que possibilitou que encontrássemos as marcas do social na vida cotidiana de cada participante.

Junto a isso, utilizamos as contribuições de Martín-Barbero (1997, 2018) na parte interpretativa do trabalho, lançando mão das mediações de sociabilidade, identidades e redes, sugeridas pelo autor. Feitas as análises, entendemos que as três mediações se relacionam e explicam as diferentes formas com que as interlocutoras interagem com os meios de

comunicação, compreendem as representações veiculadas na mídia e possibilitam diferentes formas de autorrepresentação a partir das redes sociais digitais.

Na fronteira imaginária que se coloca entre pomeranas e quilombolas na zona rural lourenciana, percebemos o quanto de ontem ainda existe no hoje, onde as condições materiais de sobrevivência estão profundamente ligadas com as circunstâncias oferecidas ou impostas às gerações anteriores de quem atualmente ocupa o território.

Ainda que as mulheres das duas comunidades estudadas reproduzam papéis de gênero e sofram opressões por serem mulheres, os atravessamentos econômicos e étnico-raciais fazem com que as experiências e os posicionamentos delas frente à realidade sejam diferentes: ocupando uma posição mais confortável, as pomeranas optam pela conformação com o panorama vigente, ainda que isso implique na negação de seus desejos e aspirações; já as quilombolas, pela trajetória que já têm de luta e resistência, se opõem fortemente contra um sistema que busca direcioná-las somente a um espaço de subserviência.

Como denominador comum, percebemos a sobrecarga física e mental vivenciada integralmente pelas participantes da pesquisa. Ainda que reconheçam a importância da divisão de tarefas e busquem ocupar espaços fora do âmbito privado (especialmente as quilombolas), todas as interlocutoras são as que mais atuam no trabalho doméstico em suas residências e é notável que esse cuidado em excesso com os outros, por vezes, suga energia vital destas em investirem em coisas para si próprias.

A partir dos relatos trazidos pelas interlocutoras especificamente acerca de suas próprias vidas, notamos que as violências sofridas pelas interlocutoras quilombolas¹⁷⁰ costumam acontecer de forma mais recorrente em âmbito público, e pelas pomeranas, junto ao espaço privado. Nesse aspecto, a participação das quilombolas em associações de suas respectivas comunidades possibilita o compartilhamento de experiências e a elaboração dessas situações em grupo; enquanto as pomeranas, por não integrarem grupos que fomentem o diálogo, lidam com as situações sem redes de apoio.

Evidenciaram-se também os diferentes usos que a mídia pode ter para elas, considerando a forma que se posicionam frente à realidade: para aquelas que preferem silenciar as opressões em que vivem, a mídia é um campo de distração. Já para aquelas que se permitem indignar e reivindicar posições, a mídia traz informações necessárias que dão subsídio ao pensamento crítico e servem como inspiração.

Ao mesmo tempo, a mídia também estabelece significados partilhados entre os dois grupos: ambos têm a mesma visão sobre a imagem da mulher rural e consideram ínfima a

¹⁷⁰ A maior parte dos relatos sobre violências em âmbito privado trazidos pelas quilombolas são das interlocutoras contando casos envolvendo pessoas próximas, não elas mesmas.

representação de mulheres do campo, utilizam as redes sociais digitais como motor de informação e reproduzem aspectos similares relacionados à família e à maternidade em seus perfis no Facebook. Além disso, a partir de personagens ou de jornalistas de telejornais, as entrevistadas reiteraram a importância da representatividade na afirmação de suas identidades; e o papel ocupado pelas tramas de telenovelas na compreensão de suas próprias vivências.

Notamos também a importância de iniciativas de ensino, pesquisa e extensão que buscam o fortalecimento da agroecologia em solo lourenciano no aumento da autoestima e no fomento ao pensamento crítico das mulheres que participam das atividades. Pensamento crítico este que, entre as quilombolas, especificamente, também é estimulado com o amplo repertório de capital cultural destas, que é mais amplo do que o das pomeranas entrevistadas. Igualmente, o papel fundamental da militância no movimento negro para as entrevistadas quilombolas como um espaço de fortalecimento, acolhimento e resistência.

Junto a isso, evidenciou-se a importância de ampliação e fortalecimento das políticas públicas que atuam garantindo os direitos das mulheres do campo e de suas famílias, como o acesso à água, à educação, ao transporte, à segurança alimentar e à autonomia financeira.

Em uma entrevista concedida em 2015¹⁷¹, Martín-Barbero disse que procurava pesquisar o que lhe dá esperança. Na ocasião, o autor explicou que não buscava produzir estudos apenas para satisfação pessoal ou que lhe trouxessem desalento, mas que lhe estimulassem a pensar em transformações. *“Pesquisa para buscar o que me dá energias para continuar acreditando que este mundo é mutável, porque caso contrário dou um tiro em mim”*.

Considerando a zona rural como um espaço complexo e de disputas, ainda que as permanências das opressões sejam evidentes, todas as mulheres rurais com quem conversei apontaram maiores ou menores rupturas com a ordem vigente em suas falas. As microrrevoluções que cada uma é capaz de fazer em seu cotidiano, às vezes de forma mais silenciosa, outras vezes, com barulho estrondoso, demonstram que todas elas têm uma força muito grande, e o quanto as suas dores lhes constituem, ao mesmo tempo que também são ferramentas de mudança.

Finalizamos o trabalho mais convictas de que aspectos como gênero, classe e relações étnico-raciais devem ser considerados simultaneamente nos estudos de recepção. Ainda, atentas à necessidade indispensável que as pesquisas contemplem as zonas rurais do Brasil, que se reinventam continuamente a partir da interação e incorporação das novas tecnologias ao seu cotidiano.

¹⁷¹ Disponível em <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/610415-jesus-martin-barbero-pesquisava-para-acreditar-que-este-mundo-e-mutavel>> Acesso em: 01 mar. 2023

Temos certeza de que a discussão trazida pela dissertação não se encerra aqui. Tendo em vista a amplitude da temática de estudo, entendemos que lacunas que não foram supridas totalmente podem ser melhor aprofundadas em desdobramentos da pesquisa. Isso só demonstra a relevância do tema, que continuará sendo investigado em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Eduardo. **Ruralidades midiáticas: uma análise sociológica da construção de perfis no Facebook por mulheres do campo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.
- BARGAS, Janine; MAIA, Rousiley. Quilombolas no WhatsApp: o papel do aprendizado coletivo nas lutas por reconhecimento. **Comunicação, Mídia & Consumo**, v. 14, n. 41, 31–52.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; LEAL, Alessandra. Comunidade tradicional: conviver, criar, resistir. **Revista da ANPEGE**, v. 8, n. 09, p. 73-91, 2012.
- BRIGNOL, L.; COGO, D.; MARTÍNEZ, S. L. Redes: dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. In: RINCÓN, O. (ed.); JACKS, N.; SCHIMITZ, D.; WOTTRICH, L. (orgs). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Tradução: Fabrícia Reginatto. Quito: CIESPAL, 2019.
- BUCHWEITZ, Susanne et al. **Revelando os Quilombos no Sul: um novo olhar no diálogo e convivência com as diversas culturas que compõem o mosaico da agricultura familiar brasileira**. Pelotas: CAPA, 2010.
- CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 22-55, 2001.
- CASTRO, Elisa Guaraná De. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- COULDRY, Nick. Descobrimo a contnua realidade das mediações, ou redescobrimo a história de nosso campo de investigação. In: **MATRIZES**, v. 12, n. 1, p. 35-38, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizetes/article/view/145683>> . Acesso em: 19 ago. 2021
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Editora Elefante, 2019.
- FONSECA, Leandra Ribeiro. **Mulheres quilombolas: trajetórias de luta e identidades em construção**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2020.
- FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula Guimarães. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica**. Boitempo Editorial, 2020.

GALL, Joana. **Mulher rural: consumo e comunicação nas roças de Camboriú/SC**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

GROSSI, Patrícia Krieger; BOHN, Simone; OLIVEIRA, Simone; DUARTE, Joana (Org.). **Mulheres quilombolas, interseccionalidades e políticas públicas**. 1ed.FAITH: Porto Alegre, 2021, v. 1

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, p. 68-75, 1996.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JACKS, Nilda. **Querência. Cultura regional como mediação simbólica. Um estudo de recepção**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1999

JACKS, N. et al. (Coord. e Org.) **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____ (Coord. e Org.) **Meios e audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____ (Coord. e Org.) **Meios e audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. In: **MATRIZES**, v. 12, n. 1, p. 115-130, 2018.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos Cebrap**, 2010. v86: 93-103. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100005>
Acesso: 24 jul. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 4ª ed. México: UNAM, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Artmed Editora, 2004.

LIBARDI, Guilherme; JACKS, Nilda. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. In: **Signos do Consumo**, v. 12, n. 2, p. 3-13, 2020.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. . A teoria barberiana da comunicação. in: **MATRIZES**. v.12. n.1. p. 39-63, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145750/139740>> Acesso em: 3 de fevereiro de 2023.

MACHADO, Gabriel Moraes; OLIVEIRA, Simone Barros de.; COFFI, Maria Fernanda Ávila; GROSSI, Patrícia Krieger. Identidade étnica e territorialidade nos quilombos do Rio Grande do Sul. In: GROSSI, Patrícia Krieger; BOHN, Simone; OLIVEIRA, Simone; DUARTE, Joana (Org.). **Mulheres quilombolas, interseccionalidades e políticas públicas**. 1ed.FAITH: Porto Alegre, 2021, v. 1

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidade da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

_____. La pertinencia en el horizonte de las nuevas tecnologías y de la sociedad de la comunicación. In: Hoppenhayn, M., & Sojo A. (Orgs.). **Sentidos de pertenencia en sociedades fragmentadas: América Latina en una perspectiva global**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

_____. Introducciones a De los medios a las mediaciones. In: RINCÓN, Omar (org.). **Pensar desde el Sur. Reflexiones acerca de los 30 años de De los medios a las mediaciones de Jesús Martín-Barbero**. Bogotá: Fes Comunicación, 2018. p.16-54

MARTINS, Vera. **Desperta mulher: cartografia sobre comunicação e engajamento no jornal do Movimento de Mulheres Camponesas do RS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2010.

MIGUEL, Luis Felipe, BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Site oficial do Ministério da Cidadania e da Secretaria de Desenvolvimento Social**. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidadestradicionais>> Acesso em: 06 fev. 2021

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Portal Ypadê**. Site oficial do Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <<http://portalypade.mma.gov.br/>> Acesso em: 14 fev. 2022

PEREIRA, Carmem Rejane Antunes. **TV e mulher rural: o programa Globo Rural nas apropriações e produção de sentido geradas por telespectadoras do Assentamento Nova Ramada e Localidade de Santa Teresinha**. 2004. Dissertação (Mestrado em comunicação). Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2004.

PINHEIRO, Naira Leticia Giongo Mendes. **A memória do presente—entre o trabalho e o lazer—na rede social virtual Facebook de mulheres camponesas do município de Joia/RS.** 2019. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS. 2019.

QUADROS, Waldir J. de; ANTUNES, Davi J. N. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos do CESIT**, n. 30, out. 2001. Disponível em <www.eco.unicamp.br/publicacoes.html> Acesso em 20 mar. 2023

RECUERO, Raquel. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. In: **E-Compós**. 2005. Disponível em <<https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/57/57>> Acesso em 28 fev. 2023

RESENDE, Olívia Érika Alves. **A dialética rural-urbano em visualidades de mulheres caipiras, em "Chocolate com Pimenta", "Alma Gêmea" e "Êta mundo bom!"**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.

RINCÓN, O. (ed.); JACKS, N.; SCHIMITZ, D.; WOTTRICH, L. (orgs). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero.** Tradução: Fabrícia Reginatto. Quito: CIESPAL, 2019.

RONSINI, Veneza Mayora. **A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela no horário nobre.** Porto Alegre: Sulina, 2012

_____. A etnografia crítica da recepção: miniaturistas em campo. In: **Comunicação & Sociedade**, v. 24, n. 39, p. 33-50, 2003.

_____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: **ENCONTRO DA COMPÓS**, 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf. Acesso em: 14 ago. 2021

_____. **Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras.** 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos.** EDIPUCRS, 2004.

_____. **Telenovelas e a questão da feminilidade de classe.** Matrizes, v. 10, n. 2, p. 45-60, 2016.

ROSA, Graziela R.; FERREIRA, Adriana S. Vivências e Narrativas de Vida de Mulheres das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Sul. In: GROSSI, Patrícia Krieger; BOHN, Simone; OLIVEIRA, Simone; DUARTE, Joana (Org.). **Mulheres quilombolas, interseccionalidades e políticas públicas.** 1ed.FAITH: Porto Alegre, 2021, v. 1, p. 37-60.

RUBERT, Rosane A. **Comunidades Negras Rurais do Rio Grande do Sul: um levantamento socioantropológico preliminar.** Porto Alegre/Brasília: RS Rural/IICA, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A; BRUSCHINI, Cristina (orgs). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SCHNEIDER, Maurício. **Identidades em rede: um estudo etnográfico entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes**. – Pelotas : Ed. UFPel, 2017. 217 p.: il. – (Pós-Graduação, v.2)

SCHWARTZ, Clarissa et al. **Relações de Gênero e Apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação na Agricultura Familiar de Santa Maria-RS**. 2012. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide Meira. Mulheres no campo: polarização de gênero e sinais de ascensão. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privados: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Editora Perseu Abramo/Edições Sesc. 2013. p. 129-139.

SEIBEL, Ivan. Os pomeranos brasileiros. In: SEIBEL, I. et al. In: **O povo pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2016, p.31-45.

SIFUENTES, L.; ZANINI, M.C.C. Las identidades en el contexto de las mutaciones tecnológicas. In: RINCÓN, O. (ed.); JACKS, N.; SCHIMITZ, D.; WOTTRICH, L. (orgs). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Tradução: Fabrícia Reginatto. Quito: CIESPAL, 2019.

SILIPRANDI, Emma. Urbanas e rurais: a vida que se tem, a vida que se quer. In: VENTURI, G; RECAMAN, M; OLIVEIRA, S. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2004

TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. Consumo Midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In: **XXII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal da Bahia, 2013.

VENTURI, G; RECAMAN, M; OLIVEIRA, S. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2004

VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privados: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Editora Perseu Abramo/Edições Sesc. 2013.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. São Paulo: Brasília: HUCITEC, Ed. UnB, 1995. 336 p.

APÊNDICE A - GRADE DE ENTREVISTA 1 - MULHERES RURAIS

- 1) Nome:
 - 2) Idade:
 - 3) Autodeclara-se:
 - 4) Naturalidade: ***Se for de outro lugar, perguntar há quanto tempo mora em São Lourenço**
 - 5) Localidade:
 - 6) Quantas pessoas residem com você? Quem são?
 - 7) Sua profissão, onde trabalha?
 - 8) Estado civil:
() Solteira () Casada () Divorciada () Viúva () União estável
 - 9) Profissão do marido, se tiver: Trabalha onde?
 - 10) Tem filhos? Quantos? Com quantos anos teve seus filhos?
 - 11) Profissão dos filhos, se tiver:
Trabalham onde?
 - 12) Seus pais são/foram casados?
 - 13) Profissão dos pais:
 - 14) Profissão dos avós:
 - 15) Com quantos anos começou a trabalhar? Com quem?
 - 16) Você gosta de trabalhar nisso? Se pudesse escolher outra coisa, com o que trabalharia?
 - 17) Na sua casa, como é o acesso à água e luz?
 - 18) Qual a sua escolaridade?
() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo
() Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo
() Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo
() Pós-graduação
- *Se não está mais estudando, perguntar em que ano parou de estudar**

19) Escolaridade família

Escolaridade	Marido	Filhos
Ensino Fundamental Incompleto		
Ensino Fundamental Completo		
Ensino Médio Incompleto		
Ensino Médio Completo		
Ensino Superior Incompleto		
Ensino Superior Completo		
Pós-graduação		

***Em caso de graduação ou pós-graduação, perguntar qual o curso**

- 20) Você estudou em instituições de ensino públicas ou privadas?
- 21) O que gosta de fazer em seu tempo livre? Com que frequência consegue fazer?
- 22) Quais são suas atividades diárias, em um dia comum?
- 23) Quem é responsável pelos **cuidados de limpeza** da casa? *Se responder que é ela, perguntar se mais alguém se envolve

- 24) Quem é responsável pelos **cuidados com os filhos**? *Se responder que é ela, perguntar se mais alguém se envolve
- 25) Quem é responsável pela **preparação da comida da casa**? *Se responder que é ela, perguntar se mais alguém se envolve
- 26) Quem é responsável pelas **compras** da casa? *Se responder que é ela, perguntar se mais alguém se envolve
- 27) Quantas horas você trabalha fora do lar?
- 28) Quantas horas você trabalha dentro do lar?
- 29) Você participa de atividades com outras mulheres da região? Se sim, qual?
- 30) Quais destes objetos você possui em casa?
 Televisão Computador Telefone fixo Celular Smartphone Rádio
 Tablet Outro. Qual? _____

31) Qual o meio de comunicação que você mais acessa ou assiste:
 TV Rádio Celular Computador Jornal Livro Revistas etc...

- 32) Qual a sua principal motivação para utilizá-lo?
 lazer
 informação
 descanso
 falta de opção
 trabalho
 comunicação
 outros: _____

33) Você ou sua família paga por algum destes serviços?
 Internet pré-paga (celular) Internet ilimitada (celular) Rede de Internet residencial
 Jornal Impresso Jornal Online Revista Impressa Revista Online Televisão (a cabo, ou satélite) Serviço de streaming (Netflix, Globoplay, etc). Qual? _____

34) TV

Habitualmente você costuma assistir TV:

- Sozinho, onde? _____
 Acompanhado, de quem: família amigos. Onde? _____

Qual o seu programa preferido? _____

Quais canais você mais assiste? _____

Assiste telenovelas: não sim

Cite telenovelas que você mais gostou:

Cite atores e atrizes que você gosta:

Assiste filmes na TV: diariamente mais de 3 vezes por semana entre 1 e 3 vezes por semana raramente

Qual o tipo de gênero de filme que mais gosta de assistir: comédia romântica ficção científica drama aventura comédia Outros: Quais _____

Cite um o nome ou a história de um filme que você gosta:

Assiste séries/seriados? Não Sim. Quais? _____

35) Jornais

Hábito de ler jornais:

diariamente de 2 a 3 vezes por semana 1 vez por semana raramente nunca.

Onde lê jornais: casa trabalho outro: _____

Quais são os Jornais lidos? _____

36) Revistas

Hábito de ler revistas: () diariamente () semanalmente () mensalmente () raramente () nunca

Onde lê: () casa () trabalho () Outros. Qual?

Quais revistas você lê?

37) Livros

Hábito de ler livros: () diariamente () às vezes () raramente () nunca

Qual o tipo/gênero de livro preferido:

Qual e quando foi o último que você leu:

Como você tem acesso aos livros que lê?

() Não leio () Compro () Ganho () Pego emprestado

38) Rádio - Música

Onde escuta rádio? (ex: em casa, no trabalho, no carro)

Programas de rádio preferidos: () Notícias () esportes () entrevistas () musical

() Humorístico () qualquer um () outros: _____

Qual emissora você mais escuta?

39) Computador-internet

Você utiliza mais o computador para: () trabalho () lazer () informação () relações pessoais () não usa

Principal local de acesso: () domicílio () trabalho () faculdade () locais públicos

Hábito de acessar internet: () diariamente () mais de 3 vezes por semana () entre 1 e 3 vezes por semana () raramente () nunca

Tipos de informações buscadas na Internet: () notícias em geral () trabalhos de aula () trabalho () cinema, shows () Vagas de emprego e estágios () Festas, baladas, bares

Outros: _____

Quais os sites você mais acessa?

Utiliza aplicativos de mensagem (Whatsapp, Messenger)? Se sim, qual/is?

Com qual frequência você utiliza os aplicativos de mensagem?

() diariamente () Mais de 3x por semana () De 1 a 3x por semana

() Raramente () nunca

Com quem você costuma trocar mensagens nos aplicativos de mensagem?

Sobre o que costuma falar? (Ex: trabalho, laços sociais, mensagens religiosas)

Você tem conta no **Facebook**: () sim () não

Acessa o Facebook: () diariamente () Mais de 3x por semana () De 1 a 3x por semana

() Raramente () nunca

O que gosta de olhar no Facebook?

O que costuma publicar no seu Facebook?

Você tem conta no **Instagram**: () sim () não

Acessa o Instagram: () diariamente () mais de 3 vezes por semana () entre 1 e 3 vezes por semana () fins-de-semana () raramente

O que gosta de olhar no Instagram?

O que costuma publicar no seu Instagram?

Você acessa o **Youtube**? () sim () não

Acessa o Youtube: () diariamente () mais de 3 vezes por semana () entre 1 e 3 vezes por semana () raramente
 O que gosta de olhar no Youtube?

40) Se quiser saber o que está acontecendo (no país, seu estado ou sua cidade), onde você busca informações? (Indicar três principais).

- () Grupos de amigos
- () Familiares
- () Sindicato ou organizações do governo
- () Sites e portais de notícias
- () Facebook
- () Whatsapp
- () Instagram
- () Youtube
- () Jornais Online
- () Jornal impresso
- () Procuo no Google
- () TV
- () Rádio
- () Revista impressa
- () Revista online
- () Outro. Qual? _____

41) Você participa de eventos culturais? Se sim, que tipo (ex: show, teatro, festas). Com que frequência?

42) Você já foi ao cinema? Se sim, quando? Em caso recorrente, qual é a frequência?

43) Você costuma viajar? Se sim, para onde foi a última viagem que fez e quando foi?

44) Qual é aproximadamente sua renda familiar mensal?

- () Até dois salários mínimos por mês (R\$ 2.200,00)
- () Acima de dois e até quatro salários mínimos por mês (R\$ 2.201,00 – R\$ 4.400,00)
- () Acima de quatro e até dez salários mínimos por mês (R\$4.401,00 – R\$11.000,00)
- () Acima de dez e até vinte salários mínimos por mês (R\$11.001,00 – R\$22.000,00)
- () Acima de vinte salários mínimos por mês (+ R\$22.001,00)

45) Quem gerencia o dinheiro em sua casa?

46) O que você mais gostaria de comprar hoje?

47) Qual seu sonho de consumo?

48) Qual seu maior sonho?

49) Você já desistiu de algo/objetivo que desejava? Se sim, o quê?

50) Qual foi o momento mais importante da sua vida?

51) Por que algumas mulheres não casam?

52) O que sua família lhe ensinou sobre ser mulher?

53) Tem alguma escolha de vida que você se arrepende?

54) Você já se sentiu discriminada? Por qual razão?

55) Você se sente representada nos conteúdos midiáticos que consome?

56) Como você considera que a mulher urbana é representada na mídia?

57) E a mulher rural? Como é representada?

58) Para você, como mulheres de classes distintas são representadas pela mídia?

59) Para você, mulheres brancas e negras são representadas da mesma forma pela mídia? Se não, quais são as diferenças?

APÊNDICE B - GRADE DE ENTREVISTAS 2 - Tópicos a serem abordados

1. Desde a última vez que a gente conversou, tem assistido, ouvido?
2. Teve algum filme, seriado, novela que tu gostou nesse tempo?
3. Viu alguma outra novela que iniciou ou reprisou no período? (Pantanal, Mar do Sertão, Cara e Coragem, Rei do Gado)
4. Tinha algum personagem que lembrava a tua própria vida?
5. Na primeira entrevista, falou sobre xxxx programas. O que te chamou atenção na história?
6. Tinha algum personagem que gostava bastante? Se sim, por quê?
7. Se acessa o Netflix, o que tem visto nessa plataforma?
8. O que gosta de ver nas redes sociais? Tem algum exemplo que tu possa me dar de algo que te chama atenção?
9. Se vê notícias pelas redes sociais, lembra de alguma que interessou? Que tipo de notícia tu gosta de ver, costuma clicar?
10. Tem exemplos de vídeos que gosta de ver na internet?
11. Quem são as pessoas mais próximas de ti? Além da família e do possível companheiro?
12. Quais são os pontos positivos de morar no interior?
13. Quais são os pontos negativos de morar no interior?
14. Como foi a safra do último ano?
15. Qual o tamanho das terras?
16. Quais são os pontos positivos de morar no interior?
17. Quais são os pontos negativos de morar no interior?
18. O que tem feito de atividades de lazer?
19. Tem alguma sugestão de nome fictício?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Título do estudo: Consumo de mídia e identidades de mulheres rurais: revelações através da etnografia

Mestranda responsável: Gabriela Schmalfluss Borges

Orientador responsável: Dra. Veneza Mayora Ronsini

Instituição/Departamento: UFSM/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática

Telefone para contato: (53) 984071273

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A pesquisa intitulada “Consumo de mídia e identidades de mulheres rurais: revelações através da etnografia” sob minha responsabilidade, a ser desenvolvida com mulheres rurais, residentes de São Lourenço do Sul/RS, tem como objetivo identificar o acesso e o uso dos meios de comunicação por mulheres que vivem no interior do município.

Para conseguir as informações necessárias, será preciso que a pesquisadora realize entrevistas presenciais e a observação das rotinas das mulheres entrevistadas. A colaboração com a pesquisa se dá através da participação voluntária em entrevistas, e do consentimento da presença da pesquisadora nas propriedades das informantes, em ocasiões previamente combinadas. Todas as informações coletadas servirão para tentar compreender como as mulheres rurais de comunidades tradicionais consomem e interagem com a mídia.

Expressamos o compromisso de utilizar os dados somente para fins acadêmicos relacionados com esta investigação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros dados e não será divulgada a identificação dos entrevistados.

Fica ciente, ainda, que a veiculação dos dados, em qualquer meio de comunicação, será exclusivamente para fins acadêmicos, de pesquisa e divulgação do conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Em qualquer etapa do estudo, a interlocutora pode entrar em contato com a pesquisadora

para esclarecimento de eventuais dúvidas ou para indicar seu desejo de não colaborar mais com a pesquisa.

Eu, Gabriela Schmalfluss Borges, responsável pela pesquisa declaro que estou à disposição para qualquer esclarecimento em qualquer momento durante a realização dos estudos.

Sendo assim, declaro que ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em colaborar como entrevistado neste estudo.

São Lourenço do Sul, __ de _____ de 2022.

Eu _____ estou ciente e aceito os termos.